



 Livros

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe [Le Livros](http://LeLivros.com) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprar

ela. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer

contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.

A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este

livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de

adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de

novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite

nosso site:

[Le Livros](http://LeLivros.com)

<http://LeLivros.com>

1

É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, possuidor de

uma boa fortuna, deve estar necessitado de esposa.

Por pouco que os sentimentos ou as opiniões de tal homem sejam conhecidos, ao

se fixar num a nova localidade, essa verdade se encontra de tal modo impressa

nos espíritos das famílias vizinhas, que o rapaz é desde logo considerado a propriedade legítima de uma das suas filhas.

— Caro Mr. Bennet — disse-lhe um dia a sua esposa —, já ouviu dizer que Netherfield Park foi alugado afinal?

Mr. Bennet respondeu que não sabia.

— Pois está —, assegurou ela. — Mrs. Long acabou de sair daqui e me contou

tudo.

Mr. Bennet não respondeu.

— Afinal não deseja saber quem é o locatário? — gritou a mulher, impaciente.

— Você é quem está querendo me dizer e eu não faço nenhum objeção a isto.

Este convite foi suficiente.

— Pois, meu caro, você deve saber que Mrs. Long disse que Netherfield foi

alugada por um rapaz de grande fortuna, oriundo da Inglaterra. E que além disso

ele chegou segunda-feira num elegante caleça a fim de visitar a propriedade.

Ficou tão encantado que entrou imediatamente em negócio com Mr. Morris; Mrs.

Long disse também que ele entrará na posse do prédio antes do dia de S. Miguel.

Alguns dos seus criados devem chegar já na próxima semana.

— Com o que se chama ele?

— Bingley .

— É casado ou solteiro?

— Oh, solteiro, naturalmente, meu caro. Solteiro e muito rico! Quatro ou cinco

mil libras por ano. Que boa coisa para as nossas meninas, hein?

— Com o que assim ? De que modo pode isso afetá-las?

— Meu caro Mr. Bennet —, replicou a sua esposa —, com o que você, às vezes, é

enfadonho! Deve saber que ando pensando em casar uma delas...

— Será este o projeto do homem ao se instalar aqui?

— Projeto? Tolice... Com o que é que você pode dizer uma coisa destas? É até muito

provável que ele se apaixone por uma delas. Portanto, assim que chegue você

deve ir visitá-lo.

— Não vejo motivo para isto. Você pode ir com as meninas, ou pode até mesmo andá-

elas sozinhas, o que talvez ainda seja a melhor, pois com você é tão bela quanto

qualquer uma delas, Mr. Bingley pode preferi-la.

— Você está melisando. Decerto já tive o meu quinhão de beleza, mas não

ambiciono ser nada de extraordinário agora. Quando uma mulher tem cinco

filhas crescidas, deve deixar de pensar em vaidades.

— Em casos como esses, em geral, uma mulher não tem muito que pensar em

beleza.

— Mas meu caro, você deve realmente ir ver Mr. Bingley, quando ele chegar.

— Não quero tomar esse compromisso.

— Mas lembre-se das suas filhas. Pense que partido seria para uma delas! Sir

William e Lady Lucas estão decididos a ir. E exclusivamente por motivo idêntico, pois você sabe que em geral eles não visitam recém-chegados. Deve ir,

pois a nós, mulheres, será impossível fazê-lo, se antes você não o fizer.

— Creio que isto é excesso de escrúpulos da sua parte. Tenho certeza que Mr.

Bingley terá muito prazer em vê-la. Além disso eu lhe enviarei algumas linhas

por seu intermédio, assegurando-lhe que darei o meu consentimento para que ele

se case com qualquer das meninas que escolher, em bora devesse acrescentar

um elogio para a minha pequena Lizzy .

— Desejo que não faça tal coisa. Lizzy não é melhor do que as outras. Estou

convencida de que não tem nem metade da beleza de Jane. E nem sequer metade do bom humor de Lydia. Mas você não cessa de manifestar a sua preferência por ela.

— Nenhum a delas tem muito o que se lhes recomende —, respondeu Mr. Bennet

—; são tolas e ignorantes como as outras moças. Mas Lizzy é realmente um

pouco mais viva do que as irmãs.

— Com o que pode falar mal assim dos próprios filhos, Mr. Bennet? Você se

compraz em aborrecer-me; não tem nenhum a pena dos meus pobres nervos.

— Está enganada, minha cara. Tenho muito respeito pelos seus nervos. São meus

velhos amigos. Venho escutando você falar a respeito deles com grande consideração, pelos meus durante esses últimos vinte anos.

— Ah, você não sabe o que eu sofro!

— Espero que você se restabeleça e viva bastante tempo para ver muitos rapazes

com quatro mil libras anuais de rendimento se instalarem na vizinhança.

— Pouco nos adiantará que venham vinte deles se você se recusar a visitá-los.

— Pode ficar certa, minha querida, de que quando chegarem os vinte eu os visitarei a todos.

Mr. Bennet era um homem tão curioso de vivacidade, humor sarcástico, reserva e

capricho, que a experiência de 23 anos tinha sido insuficiente para que a sua esposa lhe conhecesse o caráter. O espírito de sua mulher era menos difícil de

compreender; tratava-se de uma senhora dotada de inteligência mediocre, pouca

cultura e gênio instável. Quando se aborrecia imaginava que estava nervosa. A

única preocupação da sua vida era casar as filhas. Seu consolo, fazer visitas e

saber novidades.

2

Mr. Bennet foi uma das primeiras pessoas que visitaram Mr. Bingley. Sempre

fora esta a sua intenção, embaraço continuasse a assegurar até o fim à sua esposa

que não iria de forma alguma; nada lhe disse até à noite do dia em que fez a

visita. Só aí ele o revelou, da seguinte maneira: vendo a sua segunda filha ocupada em reformar um chapéu, dirigiu-lhe de súbito estas palavras:

— Espero que Mr. Bingley goste do chapéu, Lizzy .

— Não tem o menor modo de saber as preferências de Mr. Bingley já que não

podem os visitá-lo — interveio a mãe, ressentida.

— Mas você se esquece, mãe — disse Elizabeth —, de que nós o encontraremos os em reuniões e que Mrs. Long nos prometeu apresentá-lo.

— Não creio que Mrs. Long faça tal coisa. Ela tem duas sobrinhas e é uma mulher egoísta e hipócrita. A minha opinião sobre ela não é boa.

— Nem a minha tão pouco — disse Mr. Bennet. — Alegro-me saber que você

não depende dos serviços dela.

Mrs. Bennet não se dignou responder. Incapaz de dominar-se por mais tempo,

entretanto, pôs-se a ralar com uma das filhas:

— Não tussa desse modo, pelo amor de Deus, Kitty . Tenha um pouco de piedade

dos meus nervos... Você está dilacerando-os!

— Kitty não sabe tossir discretamente — disse o pai. — Não tem noção do

momento oportuno.

— Não tussos para distrair-me — respondeu Kitty, irritada. — Quando será o

nosso próximo baile, Lizzy?

— De amanhã a 15 dias.

— É verdade — gritou a mãe. — E Mrs. Long só estará de volta na véspera desse

dia. Logo, será impossível fazer a apresentação do estranho, pois ela tão pouco o terá conhecido.

— Portanto, minha cara, você poderá adiantar-se à sua amiga e apresentar Mr.

Bingley a ela.

— Impossível, Mr. Bennet, impossível! Se eu não tenho relações com ele! Com o

pode você ser tão provocante?

— Respeito a sua descrição. Quinze dias de conhecimento decerto não são suficientes. Não se pode conhecer realmente um homem em tão curto espaço de

tempo. Mas se não arriscarmos, outra pessoa o fará. E afinal de contas, Mrs.

Long e as suas sobrinhas devem ter também a sua oportunidade. E com o tempo será

fácil pensar que é um ato de caridade da sua parte recusar tal incumbência, eu

assum irei a responsabilidade.

As meninas olharam fixamente para o pai. Mrs. Bennet disse apenas:

— Toliçe, tolice.

— Qual é o significado dessa exclamação enfática? — perguntou o pai. —

Considera tolice as formas de apresentação e a importância que lhes

em prestamos? Neste ponto não posso concordar com você. Que é que acha,

Mary? Sei que é uma moça de juízo; lê grandes livros e faz resumos de tudo o

que lê.

Mary quis fazer uma observação sensata mas não pôde.

— Enquanto Mary ajusta as suas ideias — continuou Mr. Bennet —, voltem os a

Mr. Bingley.

— Estou enojada de Mr. Bingley —, exclamou Mrs. Bennet.

— Causa-me pena saber isto. Por que não me disse antes? Teria assim evitado

que eu me desse ao trabalho de visitá-lo. Foi pouca sorte. Mas com o tudo está

feito, não podem os agora evitar relações.

O ar estupefato das senhoras era exatamente o que ele desejava causar. O de

Mrs. Bennet talvez sobrepujasse os outros. Entretanto, ao desvanecer-se o

prim eiro tum ulto de alegria, ela com eçou declarando que era aquilo m
esm o o

que esperava.

— Que bondade da sua parte, caro Mr. Bennet! Tinha certeza que acabaria
por

convencê-lo, pois estava certa do seu amor pelas suas filhas. Sabia portanto
que

não iria desprezar assim uma tão grande oportunidade. Nem sabe a alegria
que

sinto... E com que espírito você nos enganou até o último momento!

— Agora, Kitty, pode tossir à vontade — disse Mr. Bennet, ao deixar o
quarto,

enfasiado pelas demonstrações exageradas da esposa.

— Que excelente pai vocês têm, minhas meninas — continuou ela, logo que a
porta se

fechou. Não sei com o poderão já mais com pensar tamanha bondade.
Nem eu

tam pouco, aliás. Posso assegurar-lhes que na nossa idade não é tão
agradável

assim travar novas relações todos os dias... Entretanto, por vocês, faríamos os
todos

os sacrifícios. Lydia, meu bem, embora seja a você a mais moça, ousou
profetizar

que Mr. Bingley dançará com você no próximo baile.

— Oh — exclamou Lydia, orgulhosa — não tenho medo. Em bora seja a mais

moça, sou tão bem a mais alta.

Passaram o resto da noite conjecturando qual seria o dia provável em que o estranho viria pagar a visita de Mr. Bennet e procurando determinar aquele em

que o convidariam para jantar.

3

Entretanto todas as perguntas que Mrs. Bennet, com auxílio das suas cinco filhas,

fez sobre o assunto foram insuficientes para extrair do marido uma descrição

satisfatória de Mr. Bingley. Atacaram-no de vários modos, com perguntas diretas, engenhosas suposições e hipóteses distantes. Ele desafiou a habilidade de

todas elas. Afinal foram obrigadas a aceitar as informações de segunda mão da

sua vizinha Lady Lucas. O relatório desta última foi altamente favorável. Sir

William tinha ficado encantado com ele. Era jovem, elegantíssimo,

extremamente agradável. E para coroar tudo, tencionava ir ao próximo baile em

companhia de grande número de conhecidos. Nada poderia ser mais delicioso.

Gostar de dança era o primeiro passo para se apaixonar. E vivas esperanças de

conquistar o coração de Mr. Bingley foram bafejadas.

— Se eu pudesse ver uma das minhas filhas instalada em Netherfield, alegre e

feliz — disse Mrs. Bennet ao marido —, e todas as demais igualmente bem -

casadas, nada mais teria a desejar.

Daí a poucos dias Mr. Bingley veio retribuir a visita de Mr. Bennet. Conversaram

na biblioteca durante dez minutos. Mr. Bingley tinha alimentado a esperança de

ver uma das moças, sobre cuja beleza tanto ouvira falar. Mas viu apenas o pai.

As senhoras tiveram mais sorte: olhando por detrás de uma janela do sobrado,

conseguiram saber que ele usava casaco azul e montava um cavalo preto.

Pouco depois, um convite para jantar foi-lhe enviado. Mrs. Bennet já tinha

planejado os pratos à altura da fama da sua cozinha, quando chegou uma

resposta adiando tudo. Mr. Bingley se via obrigado a partir para a cidade no dia

seguinte e portanto não podia aceitar a honra daquele convite, etc. Mrs. Bennet

ficou desolada. Não sabia que negócio poderia tê-lo atraído à cidade, tão pouco

tem po depois da sua chegada no Hertfordshire. Com eçou a tem er que Mr. Bingley estivesse sem pre em trânsito de um lugar para outro, e que nunca se

dem orasse em Netherfield, com o devia. Lady Lucas acalm ou um pouco os seus

receios, sugerindo a ideia de que Mr. Bingley tinha partido para Londres apenas

para buscar conhecidos que o acom panhassem ao baile. As m eninas lam entaram

a vinda de tão grande núm ero de senhoras. Mas, na véspera do baile,

consolaram -se ao saber que em vez de doze, Mr. Bingley tinha trazido apenas

seis senhoras de Londres, cinco irm ãs e um a prim a. E quando o grupo entrou no

salão, consistia apenas em cinco pessoas: Mr. Bingley , suas duas irm ãs, o m arido

da m ais velha e outro rapaz.

Mr. Bingley era sim pático e fino de m aneiras. A sua aparência era agradável, os

seus gestos sem afetação. Quanto às suas irm ãs, era visível que se tratava de

pessoas distintas. Vestiam -se à últim a m oda. O cunhado, Mr. Hurst, era o que se

pode cham ar um gentlem an, sem outras características. Mas o am igo, Mr.

Darcy , atraiu desde logo a atenção da sala, pela sua estatura, elegância, traços

regulares e nobre atitude e tam bém pela notícia que circulou, cinco m inutos

depois da sua entrada, de que possuía um rendim ento de dez m il libras por ano.

Os cavalheiros declararam que ele era um a bela figura de hom em , as senhoras

foram de opinião que era m uito m ais elegante do que Mr. Bingley . Todos o

olharam com grande adm iração durante m etade do baile, até que finalm ente a

sua atitude provocou um certo desapontam ento que alterou a sua m aré de popularidade, pois descobriram que era orgulhoso, perm anecia afastado do seu

grupo e parecia im possível de contentar. E nem m esm o toda a sua grande propriedade, no Derby shire, pôde salvá-lo da opinião que com eçava a form ar-se

a seu respeito, de que ele tinha m odos antipáticos e desagradáveis, e de que era

indigno de ser com parado ao am igo. E Mr. Bingley em pouco tem po travou

relações com as principais pessoas da sala. Era anim ado e franco, dançava todas

as vezes e m ostrou-se aborrecido por ter o baile term inado tão cedo. Chegou

mas não o a falar em dar outro em Netherfield. Qualidades tão amáveis
falavam por

si mas não as. Que contraste entre ele e seu amigo! Mr. Darcy dançou apenas
uma

vez com Mrs. Hurst e outra com Miss Bingley . Recusou-se a ser
apresentado a

qualquer outra moça e passou o resto da noite andando pelo salão,
conversando

ocasionalmente com uma ou outra pessoa do seu próprio grupo. Seu
caráter

estava fixado. Era o homem mais orgulhoso, mais desagradável do mun-
do. E

todos pediram a Deus que ele nunca mais voltasse. Entre as pessoas que
estavam

contra ele, a mais violenta era Mrs. Bennet, a cuja antipatia pela sua
conduta se

somava o despeito de ver uma das suas filhas desprezada por ele.

Devido à falta de pares, Elizabeth Bennet fora obrigada a ficar sentada
durante

duas danças; e parte desse tempo ela o passou suficientemente próxima a
Mr.

Darcy para ouvir uma palestra entre ele e Mr. Bingley . Este último, que
acabara

de dançar, vinha animar o amigo a imitá-lo.

— Venha, Darcy — disse ele —, você precisa dançar. Incomode-me e vê-lo
aí

sozinho, de um modo tão estúpido. Seria muito melhor que você dançasse.

— Por coisa alguma deste mundo; bem sabe como eu detesto dançar, a não ser

conhecendo intimamente o meu par. Num festa como esta seria insuportável.

Suas irmãs estão ocupadas e não existe outra mulher na sala com quem eu dançaria sem sacrifício.

— Jamais eu seria tão exigente — exclamou Bingley —; palavra de honra, eu

nunca encontrei tantas coisas interessantes na minha vida... E você está vendo

que algumas são excepcionalmente belas!

— Você está dançando com a única coisa realmente bonita que existe nesta sala

— disse Mr. Darcy, olhando para a mais velha das irmãs Bennet.

— Oh, é a mais bela coisa que já vi na minha vida, mas bem atrás de você está

uma das suas irmãs, que é muito bonita e agradável. Deixe-me pedir ao meu par

que o apresente a ela?

— Qual? — perguntou ele, voltando-se e detendo um momento a vista em

Elizabeth até que, encontrando os seus olhos, desviou os seus e disse, friamente:

— É tolerável, mas não tem beleza suficiente para tentar-me. Não estou disposto

agora a dar atenção a mulheres que são desprezadas pelos outros homens. É melhor

você voltar ao seu par e se deliciar com os seus sorrisos, pois está perdendo tempo com isso.

Mr. Bingley seguiu o conselho. Mr. Darcy se afastou e os sentimentos de Elizabeth para com ele não permaneceram muito cordiais. No entanto, ela contou a história com muita graça às suas amigas, pois era de espírito alegre e

brincalhão e se deleitava com tudo o que era ridículo.

De um modo geral a noite decorreu agradavelmente para toda a família. Mrs.

Bennet virava a sua filha mais velha ser muito admirada pelo grupo de Netherfield.

Mr. Bingley tinha dançado duas vezes com ela. E as irmãs dele a tinham tratado

com muita amabilidade. Jane ficou tão contente quanto a sua mãe, embora

manifestasse os seus sentimentos de maneira mais discreta. Elizabeth se alegrou

com o prazer de Jane. Mary ouvira o seu nome mencionado por Miss Bingley

com o ser o da mulher mais dotada da reunião. Katherine e Lydia tinham tido a

sorte de nunca ficarem sem par, a única coisa que elas consideravam importante

num baile. Todos voltaram, pois, de bom humor para Longbourn, aldeia onde

residiam e da qual eram os principais habitantes. Encontraram Mr. Bennet ainda

acordado. Com um livro na mão ele perdia a noção do tempo. Naquele momento

manifestou grande curiosidade em saber a causa de tão grande alegria. Antes de

sua mulher sair para o baile, julgara que as esperanças dela seriam destruídas,

mas verificou logo que a história era muito diferente.

— Meu caro Mr. Bennet — disse ela, entrando na sala —, tivemos um a noite

deliciosa, um baile excelente! Pena é que você não estivesse lá. Jane foi tão

admiração! Nada podia ter acontecido melhor... Todos disseram que ela estava

muito bonita. Mr. Bingley achou-a linda e dançou duas vezes com ela. Imagine,

meu caro! Dançou com ela duas vezes! Foi a única moça na sala com quem ele

repetiu uma dança. Primeiro dançou com Miss Lucas. Fiquei desapontada, mas

no entanto ele não pareceu muito entusiasmado com ela. Aliás ninguém o pode...

Mr. Bingley parecia muito impressionado com Jane, ao vê-la dançar com outro

rapaz. Foi aí que ele perguntou quem era ela, pediu que o apresentassem e solicitou as duas próximas danças. Depois dançou com Miss King as duas primeiras, com Maria Lucas as duas quartas, as duas quintas com Jane novamente, as duas sextas afinal com Lizzy e a Boulanger.

— Se ele tivesse tido qualquer espécie de paixão por mim — exclamou o

marido, eu paciente —, não teria dançado nem sequer a metade! Pelo amor de

Deus, não continue a lista dos pares de Mr. Bingley. Antes ele tivesse torcido o pé

na primeira dança.

— Oh, meu caro — continuou Mrs. Bennet —, fiquei encantada com ele. É um

lindo rapaz e as suas irmãs são encantadoras. Nunca na minha vida vi nada tão

elegante quanto os vestidos que elas usavam. A renda do vestido de Mrs. Hurst...

Aí foi ela novamente interrompida. Mr. Bennet protestou contra qualquer descrição de toilettes. Mrs. Bennet foi então obrigada a procurar outro aspecto do

assunto e relatou com muita acrimônia e algum exagero as chocantes implicações de Mr. Darcy.

— Mas eu lhe asseguro — acrescentou ela —, que Lizzy não perde muito por não

corresponder às preferências deste homem, pois ele é desagradável, horrível;

pouco adianta cativá-lo. Tão orgulhoso e tão convencido que é impossível aturá-

lo. Andava de um lado para outro, pensando na sua própria importância. Não é

suficientemente simpático para que se tenha prazer em dançar com ele. Queria

que você estivesse lá e lhe desse uma das suas respostas. Detesto aquele homem.

4

Quando Jane e Elizabeth ficaram sozinhas, a primeira, que anteriormente

foi mais discreta nos seus elogios de Mr. Bingley, confessou à sua irmã quanto o

admira.

— Ele é exatamente o que um rapaz deve ser — acrescentou. — Ajudado,

alegre, animado. Nunca vi maneiras tão distintas, tanta espontaneidade e tão boa

educação.

— Também é bonito — replicou Elizabeth —, qualidade que um rapaz deve

possuir sempre. Assim a sua personalidade se torna completa.

— Fiquei muito lisonjeada por ele me ter pedido para dançar uma segunda vez.

Não esperava tal galanteio.

— Não? Pois eu o esperava por você. Mas esta é uma das grandes diferenças

entre nós. Os galanteios sempre a surpreendem. A mim, nunca. Nada mais

natural do que ele pedi-lhe para outra dança. Não podia deixar de reconhecer que

você era cinco vezes mais bonita do que qualquer outra moça na sala. Não lhe

fique grata por isso. Na verdade, ele é muito agradável, e eu lhe dou licença de

gostar dele. Você já gostou de muitas pessoas mais estúpidas.

— Minha querida Lizzy !

— Você bem sabe que tem uma inclinação para gostar em geral das pessoas.

Nunca encontro defeito em ninguém. A seus olhos todos são bons e agradáveis.

Nunca ouvi você falar mal de quem quer que seja em toda a minha vida.

— Não desejaria censurar ninguém irrefletidamente. Mas sempre digo o que

penso.

— Eu sei, e é isso o que me espanta. Sensata como você é, deixar-se enganar tão

sim ploriam ante pela loucura e pelo absurdo dos outros! A candura afetada é

bastante com um ; encontra-se por toda a parte, mas ser cândida sem ostentação

ou artifício, ver o lado bom do caráter de todo o mundo, torná-lo ainda melhor,

ignorar o lado mau são coisas que lhe pertencem exclusivamente. E você gostou

também das irmãs daquele homem, não é? As maneiras delas não são tão agradáveis quanto as de Mr. Bingley ...

— Decerto que não. A princípio... Mas são muito agradáveis quando se

conversa com elas. Miss Bingley vai morar com o irmão e dirigir a sua casa; se

não me engano, encontrarem os nela uma excelente vizinha.

Elizabeth nada respondeu, mas não ficou convencida. O com portamento

daquelas mulheres durante o baile não fora calculado para agradar a todo o mundo.

Dotada de maior rapidez de observação do que a irmã e de menos docilidade de

gênio e possuindo, além disso, uma faculdade de julgar tanto que nenhum a

com placência consigo mesma a obscurecia, Elizabeth se sentia pouco disposta a

aceitar aquelas pessoas. Eram de fato mulheres distintas; não lhes faltava bom

hum or quando estavam contentes, nem o poder de agradar quando o desejavam ;

porém eram orgulhosas e convencidas. Além disso eram bastante bonitas e tinham sido educadas num dos principais colégios particulares de Londres.

Possuíam uma fortuna de vinte mil libras, costumavam gastar mais do que

deviam e associar-se com pessoas de classe: tinham portanto as aptidões necessárias para pensar bem de si mesmas e emediocramente dos outros.

Provinham de uma família respeitável do Norte da Inglaterra; coisa que guardavam mais profundamente impressa em sua memória do que o fato de sua

fortuna, bem como a do irmão, terem sido adquiridas no comércio.

Mr. Bingley herdara do pai uma fortuna calculada em cem mil libras. Este tencionava comprar uma propriedade, mas morrera antes de realizar o seu projeto. Mr. Bingley alimentava a mesma ideia e às vezes escolhia o seu condado; mas como dispunha agora de uma boa propriedade e da liberdade de

uma casa senhorial, muitos daqueles que lhe conheciam o gênio acomodático

desconfiavam de que acabasse o resto dos seus dias em Netherfield, incumbido

da mesma para a próxima geração.

Suas irmãs estavam ansiosas para que ele possuísse um domínio particular; no

entanto, em bora Mr. Bingley estivesse agora estabelecido apenas com o locatário,

Miss Bingley de modo algum se recusava a presidir a sua mesa; e Mrs. Hurst,

que se tinha casado mais pela importância social do que pela fortuna do marido,

não se encontrava menos disposta a considerar a casa do irmão com o a sua

própria, desde que a mesma lhe conviesse. Havia apenas dois anos que Mr.

Bingley atingira a maioridade, quando, devido a uma recomendação ocasional,

se sentira tentado a visitar Netherfield House. E de fato a visitou durante meia

hora, ficando satisfeito com a situação e os quartos principais, ouviu os elogios da

proprietária e alugou-a imediatamente. Entre ele e Darcy havia uma amizade

muito firme, apesar dos seus caracteres serem opostos. Bingley era caro a

Darcy pela doçura, franqueza e maleabilidade do seu gênio, em bora essas

qualidades contrastassem de modo absoluto com as suas, e Darcy não parecesse

nada descontente com as que lhe tinham cabido por sorte. Bingley confiava

cegamente na força dos sentimentos de Darcy, e tinha a mais alta opinião das

suas ideias. Em inteligência Darcy era superior. Bingley não era de modo nenhum deficiente em força mental, mas Darcy era mais vivo. Era ao mesmo

tempo altivo, reservado, desdenhoso, e suas maneiras, apesar de bem-educado,

eram pouco convidativas. A esse respeito, o seu amigo levava grande vantagem:

Bingley tinha a certeza de agradar, onde quer que aparecesse. Darcy estava sem pre ofendendo os outros.

A maneira pela qual eles se referiam ao baile de Meryton era bastante característica. Bingley dizia que nunca encontrara gente mais agradável, nem

muitas mais bonitas em toda a sua vida. Todos tinham sido amigos e atenciosos

com ele; não tinha havido formalidade nem friezas e sentira-se logo à vontade

com todos na sala; quanto a Miss Bennet não podia conceber que um anjo fosse

mais belo. Darcy, ao contrário, afirmava que havia assistido a uma reunião em

que não havia beleza nem elegância; não sentira o menor interesse por nenhum a

pessoa e tam pouco recebera a atenção de alguém . Reconhecia que Miss Bennet

era bonita, em bora sorrisse dem ais. Mrs. Hurst e a sua irm ã concordaram com

isto. Mas ainda assim adm iravam Miss Bennet e declararam que era um a m oça

encantadora e que não se oporiam a entrar em relações m ais estreitas com ela.

Ficou estabelecido portanto que Miss Bennet era um a m oça encantadora e

Bingley se sentiu autorizado com esses elogios a pensar nela da form a que m ais

desej asse.

5

A pouca distância de Longbourn, vivia um a fam ília com que os Bennet

m antinham relações particularm ente íntim as. Sir William Lucas fora

antigam ente com erciante em Mery ton, onde acum ulara um a fortuna regular e

onde, tam bém , fora agraciado pelo rei com um título de cavaleiro, enquanto

exercia as funções de prefeito. A honra fora talvez dem asiadam ente apreciada.

Ela lhe inspirara um a repulsa pelo seu negócio e pela pequena cidade com ercial

em que habitava. Abandonando as duas coisas, m udou-se com a fam ília para

uma casa situada a dois ou três milhas de Meryton, lugar que depois

ficou sendo chamado “Lucas Lodge”, onde podia pensar com prazer na sua própria importância e, livre dos negócios, dedicar-se inteiramente à sociedade.

Embora orgulhoso da sua posição, isto não o tornou desdenhoso; ao contrário, Sir

William era todo atenção para os outros. Por natureza inofensivo, amável e prestativo, a sua apresentação em St. James o tornara polido e cortês.

Lady Lucas era uma mulher de bons sentimentos, cuja inteligência não era

de modo algum brilhante para lhe pedir que fosse uma vizinha preciosa para

Mrs. Bennet. Tinha vários filhos. A mais velha de todos, uma moça já uizada e

inteligente, de cerca de 27 anos, era a amiga mais íntima de Elizabeth.

Era absolutamente necessário que Mrs. Lucas e Mrs. Bennet se encontrassem

para discutir um baile a que tivessem com parecido. E na manhã seguinte, Mrs.

Lucas e sua filha se dirigiram para Longbourn, a fim de trocar impressões.

— Você comêçou bem a noite, Charlotte — disse Mrs. Bingley para Miss Lucas.

— Foi a primeira que Mr. Bingley escolheu para dançar.

— Sim, mas ele pareceu gostar mais do segundo par.

— Oh, você se refere a Jane, suponho eu, porque Mr. Bingley dançou com ela

duas vezes? Isto decerto leva a crer que ele a achou interessante. Aliás estou certa de que este foi o caso. Ouvi falar a respeito disso, mas não me lembro

exatamente o que foi — qualquer coisa sobre Mr. Robinson.

— Talvez a senhora se refira ao que eu ouvi numa conversa entre ele e Mr.

Robinson: já não lhe contei isto? Mr. Robinson perguntou o que ele achava do

baile de Meryton, se não achava que havia grande número de mulheres bonitas

na sala. E perguntou também qual era a que ele achava mais bonita. Mr. Bingley

respondeu imediatamente: “oh, a mais velha das irmãs Bennet, sem dúvida. Não

pode haver duas opiniões a este respeito.”

— Palavra de honra — bem, a resposta foi de fato muito pronta — parece até

que... No entanto tudo pode dar em nada, você sabe.

— Você é que não ouviu conversas tão agradáveis, Eliza — disse Charlotte.

— As

palavras de Mr. Darcy não foram tão amáveis quanto as de seu amigo, não é?

Pobre Eliza! Ser julgada apenas tolerável...

— Peço-lhe que não incite Lizzy a ficar ressentida com a grosseria de Mr. Darcy , pois é um homem em tão desagradável que seria uma infelicidade ser cortejada por ele. Mrs. Long me disse ontem que ele ficou sentado ao seu lado

durante meia hora sem abrir a boca uma só vez.

— A senhora tem certeza? Não haverá aí um pequeno engano? — indagou Jane.

— Estou certa que vi Mr. Darcy falando com ela.

— Sim , porque ela perguntou afinal se gostava de Netherfield e ele não teve

outro remédio se não responder. Mas Mrs. Long disse que ele ficou muito aborrecido porque lhe dirigira a palavra.

— Miss Bingley me disse — contou Jane — que ele é muito calado, exceto

com as pessoas mais íntimas. Com estas mostra-se notavelmente agradável.

— Não acredito numa só palavra. Se fosse assim tão agradável, teria conversado

com Mrs. Long. Mas eu compreendo tudo; todo mundo diz que ele é terrivelmente orgulhoso, e com certeza ouviu dizer que Mrs. Long não tem carruagem e que teve de ir ao baile num carro alugado.

— Pouco me importa que ele não tenha conversado com Mrs. Long — disse Miss

Lucas —, mas eu queria que tivesse dançado com Eliza.

— Se eu fosse você, Lizzy — disse a mãe —, na próxima vez me recusaria a

dançar com ele.

— Creio que posso lhe prometer com segurança que nunca mais dançarei.

— O seu orgulho não me ofende tanto — disse Miss Lucas — com o orgulho em

geral, porque existe um motivo para ele. Não é de admirar que um rapaz tão

distinto, com família, fortuna, tudo a seu favor, tenha de si mesmo um alta

opinião. Se posso exprimir-me assim, ele tem o direito de ser orgulhoso.

— Isto é bem verdade — replicou Elizabeth —, e eu perdoaria facilmente o seu

orgulho se Mr. Darcy não tivesse mortificado o meu.

— O orgulho — observou Mary, que se gabava da solidez das suas reflexões — é

um defeito muito comum, creio eu. Por tudo o que tenho lido, estou mesmo

convencida de que é muito comum, que a natureza humana manifesta uma

tendência muito acentuada para o orgulho, que são pouquíssimos os que não

alim entam esse sentim ento, fundados nalgum a qualidade real ou im aginária! A

vaidade e o orgulho são coisas diferentes, em bora as palavras sej am

frequentem ente usadas com o sinônim os. Um a pessoa pode ser orgulhosa sem ser

vaidosa. O orgulho se relaciona m ais com a opinião que tem os de nós m esm os, a

vaidade com o que desej aríam os que os outros pensassem de nós.

— Se eu fosse tão rico quanto Mr. Darcy — gritou um j ovem Lucas, que tinha

vindo com as suas irm ãs — não m e im portaria de ser orgulhoso, teria um a

m atilha de perdigueiros e beberia um a garrafa de vinho todos os dias.

— Nesse caso você beberia m uito m ais do que deveria — disse Mrs. Bennet. —

E se eu o visse ocupado desse m odo, arrebatá-lhe-ia a garrafa im ediatam ente.

O m enino contestou que ela fizesse tal coisa. Mrs. Bennet continuou a declarar

que o faria e a discussão só term inou com a visita.

6

As senhoras de Longbourn breve foram visitar as de Netherfield. A visita foi

paga segundo a etiqueta. As m aneiras agradáveis de Miss Bennet increm entaram

a boa vontade de Mrs. Hurst e Miss Bingley ; e em bora a mãe fosse julgada

intolerável e as irmãs mais moças indignas de atenção, as irmãs de Mr. Bingley

manifestaram desejo de estreitar relações com as duas filhas mais velhas dos

Bennet. Jane recebeu esta atenção com o maior prazer, porém Elizabeth

continuou a achar desdenhosa a maneira pela qual elas tratavam todo o mundo,

sem excetuar mesmo a sua irmã e não conseguiu simpatizar com essas pessoas.

A habilidade com que tratavam Jane se originava provavelmente na influência

que a admiração de Mr. Bingley exercia sobre as duas irmãs. Era evidente,

sem pre que se encontravam , que ele de fato admirava Miss Bennet e para

Elizabeth era igualmente evidente que Jane cedia à preferência que Mr. Bingley

cometia a manifestar por ela desde o início, e que devia estar de certo modo

muito apaixonada. Elizabeth refletia, com prazer, que não era provável que

alguém o descobrisse, pois Jane unia uma grande força de sentimentos a uma

discrição de gênio e a uma disposição uniforme em estar alegre que a preservaria

da suspeita de pessoas impertinentes. Ela fez essas reflexões à sua amiga Miss

Lucas.

— Deve ser talvez agradável — replicou Charlotte — poder enganar o público

em tais casos, mas às vezes é desvantajoso ser tão reservada. Se uma mulher

esconde a sua afeição com igual habilidade àquele que constitui o objeto dessa

afeição, pode perder a oportunidade de conquistá-lo. E neste caso é um parco

consolo refletir que os outros permanecem na mesma ignorância. Existe tanta

gratidão e vaidade em quase todas as afeições que é perigoso abandoná-las à sua

sorte — todos podem os comear livremente, uma ligeira preferência é bastante

natural, mas são poucos os que têm o coração bastante firme para amar sem

receber alguma coisa em troca. Em noventa por cento dos casos, uma mulher

deve mostrar mais afeição do que a que ela realmente sente. É evidente que

Bingley gosta da sua irmã, mas ele pode nunca passar disto se ela não o auxiliar.

— Mas Jane o auxilia tanto quanto a sua natureza o permite. Se eu posso perceber

a preferência que ela tem por ele, Bingley seria um homem bem simpático

não o descobrisse também .

— Lembra-se, Lizzy , de que ele não conhece o temperamento de Jane com o

quê.

— Mas se uma mulher manifesta preferência por um homem e não se esforça

por encobrir os seus sentimentos, ele acabará sabendo.

— Talvez acabe-se a vir frequentemente. Mas embora Bingley e Jane se encontrem bastante frequentemente, nunca estão muitas horas juntos. E com o

sempre se veem no meio de muitas outras pessoas, é impossível que estejam a

cada momento conversando um com o outro. Jane, portanto, devia tirar o maior

partido de cada meia hora em que pode dispor da atenção de Bingley . Quando

estiver certa dele, haverá tempo bastante para se apaixonar tanto quanto ela o

deseja.

— Seu plano é bom — replicou Elizabeth — quando está em jogo apenas o

desejo de se casar bem ; e se eu estivesse decidida a arranjar um marido rico, ou

um marido qualquer, seria este o plano que adotaria. Mas estes não são os sentimentos de Jane; ela não está agindo por plano. Por enquanto não tem certeza

nem mesmo do grau da sua afeição e nem está segura de que seja uma coisa

razoável. Há 15 dias apenas que o conhece. Dançou quatro vezes com ele em

Meryton e viu-o uma vez na sua própria casa. Além disso, juntou com ele em

companhia de outras pessoas quatro vezes. Não é bastante para formar juízo

acerca do seu caráter.

— Não com o que conta as coisas. Se tivesse apenas juntado com Bingley ,

poderia somente ter descoberto se ele tem bom apetite; mas você deve se

lembrar que durante quatro noites seguidas eles estiveram juntos — quatro noites

podem levar muito longe.

— Sim , essas quatro noites lhes permitiram verificar que ambos preferem o vint

et un ao “jogo do comércio” — mas não creio que tenham conseguido descobrir

em muita coisa a respeito de outras características importantes das suas pessoas.

— Bem — disse Charlotte —, desejo a Jane, de todo o coração, o mais com pleito

êxito; e creio que, se se casasse com ele amanhã, teria tanta probabilidade de ser

feliz com o se passasse um ano a estudar-lhe o caráter. A felicidade no casamento é apenas uma questão de sorte. Mesmo o que os noivos conhecem

mutuamente as suas tendências, mesmo o que essas tendências sejam semelhantes, isto em nada contribui para a sua felicidade posterior. As diferenças, que se acentuam com o tempo, são sempre suficientes para que se

venha a sofrer o seu quinhão de amargura; é melhor conhecer o menos possível

os defeitos da pessoa com a qual tem de passar a vida.

— Você me faz rir, Charlotte; mas a sua teoria não é sensata. Você sabe que ela

não o é e que você nunca adotaria pessoalmente esses princípios!

Ocupada em observar as atenções de Mr. Bingley para com a sua irmã, Elizabeth estava longe de suspeitar que estava se tornando o objeto de algum

interesse aos olhos do amigo de Mr. Bingley. A princípio, Mr. Darcy nem sequer

tinha concordado com os que achavam que ela era bonita. Olhara-a no baile sem

admiração. E da outra vez em que se encontraram, fitara-a apenas para

crítica-la. Mas logo que declarara a si mesma e aos amigos que Elizabeth não

possuía um só traço agradável no rosto, começou a achar que a bela expressão

dos seus olhos negros dava àquele rosto um ar excepcionalmente inteligente. A

esta descoberta sucederam outras igualmente humilhantes. Embora o seu olhar

crítico houvesse descoberto mais de um defeito na simetria das suas formas, foi

forçado a reconhecer que as linhas do seu corpo eram de grande pureza; e

apesar da sua afirmação de que as maneiras dela não eram as do mundo

elegante, sentiu-se fascinado pela sua encantadora naturalidade. Elizabeth

ignorava tudo isto; aos olhos Mr. Darcy era apenas o homem que não sabia ser

agradável em parte alguma e que não a achara suficientemente elegante para

dançar com ele. Começou a querer conhecê-la mais intimamente e, para

conseguir conversar pessoalmente com Elizabeth, começou a interessar-se pela

palestra dela com os outros. Essa sua atitude atraiu a atenção de Elizabeth.
O fato

se passou em casa de Sir William Lucas, onde grande número de pessoas
estavam reunidas.

— Que motivo levou Mr. Darcy — perguntou Elizabeth a Charlotte — a
vir

escutar a minha conversa com o coronel Forster?

— Esta é uma pergunta que somente Mr. Darcy poderá responder.

— Mas se continua com este jogo, eu lhe farei certamente saber que estou
percebendo o que quer com isto. Ele é muito sarcástico e se eu não com
eçar a

ser irrelevante também, dentro em pouco terei medo dele.

Quando Mr. Darcy se aproximou pouco depois, embaraçado sem a intenção
aparente

de lhes falar, Miss Lucas desafiou a amizade mencionando diante dele o
assunto que

estavam discutindo. Aceitando a provocação, Elizabeth se virou para ele e
disse:

— O senhor não acha, Mr. Darcy, que ainda agora eu me exprimo com
grande

felicidade? Quando eu brinquei com o coronel Forster sobre a possibilidade
de ele

oferecer-nos um baile em Meryton?

— Com grande energia. Mas este é um assunto que sem pre infunde energia a

um a senhora.

— O senhor nos trata com severidade.

— Breve vai chegar a vez de brincarem com ela — disse Miss Lucas. — Eu vou

abrir o piano, Eliza, e você sabe o que lhe espera.

— Você é um a estranha am iga; sem pre querendo que eu toque e cante diante de

todo m undo. Se a m inha vaidade tivesse tendência m usical, você seria preciosa,

m as com o este não é o caso, eu preferia não m e exhibir diante de pessoas que

estão habituadas a ouvir os m elhores concertistas.

E com o Miss Lucas insistisse, ela acrescentou:

— Muito bem . Se não há outro j eito...

E olhando gravem ente para Mr. Darcy continuou:

— Há um velho provérbio que todos aqui naturalm ente conhecem :
“Guarde o

seu sopro para esfriar o seu caldo”, eu conservarei o m eu para cantar.

A sua atuação com o cantora foi agradável, em bora de nenhum m odo

excepcional. Depois de um a ou duas canções, e antes que ela pudesse responder

aos pedidos de várias pessoas que queriam ouvi-la novam ente, Elizabeth teve de

ceder o lugar à sua irm ã Mary , que esperava com im paciência, pois, faltando-

lhe todos os atrativos, estudara com grande aplicação e estava portanto sem pre

pronta a exhibir-se.

Mary não tinha talento, nem gosto. Em bora a vaidade lhe tivesse dado perseverança, dera-lhe igualm ente um ar pedante e m aneiras convencidas, coisas suficientes para obscurecer triunfos m aiores do que aqueles que era capaz de alcançar.

Em bora não tocasse tão bem , Elizabeth agradara m uito m ais, graças à sua naturalidade; e Mary , depois de um longo concerto, pôde considerar-se feliz por

alcançar alguns elogios, graças a algum as canções escocesas e irlandesas que

executou a pedido das suas irm ãs m ais m oças, que na outra extrem idade do salão

tinham entrado evidentem ente na dança, com alguns dos Lucas e dois ou três

oficiais.

Mr. Darcy ficou próxim o a eles, cheio de silenciosa indignação, diante de um a

de maneira tão grosseira de passar a noite, impossibilitando toda conversação.

Estava tão absorto nos seus pensamentos que só reparou que Sir William se tinha

aproximado dele no momento em que este começou a falar:

— Que divertimento encantador para os jovens, Mr. Darcy ! Não há nada com o

a dança. Eu a considero uma das formas mais requintadas de divertimento das

sociedades cultas.

— Decerto, Sir William ; e a dança tem também a vantagem de estar em moda

entre sociedades menos requintadas do mundo. Todos os selvagens sabem dançar.

Sir William apenas sorriu.

— Seu amigo dança muito bem — continuou, depois de uma ligeira pausa, ao ver

Bingley reunir-se ao grupo dos que dançavam —; e eu duvido de que o senhor

seja um adepto dessa arte, Mr. Darcy .

— O senhor deve ter-me visto dançar em Meryton.

— É verdade. E tive grande prazer. O senhor dança frequentemente em St. James?

— Nunca, Sir William .

— Não acha que seria um a hom enagem digna daquele lugar?

— É um a hom enagem que eu não concedo a nenhum lugar, se puder evitar.

— O senhor tem um a casa em Londres, não é assim ?

Mr. Darcy se inclinou.

— Já tive proj etos de m e fixar tam bém na cidade — prosseguiu Sir William —,

pois aprecio m uito a sociedade. Mas tive receio de que o ar de Londres não conviesse a Lady Lucas.

Ele se deteve, com a esperança de que o outro lhe respondesse. Mas o seu com panheiro não estava disposto a isto. E com o Elizabeth se aproxim asse naquele instante, Sir William pensou praticar um ato m uito galante cham ando-a.

— Minha cara Eliza, por que não está dançando? — Mr. Darcy , perm ita-me

apresentar-lhe esta j ovem senhora com o um par bastante desej ável. O senhor,

estou certo, não poderá se recusar a dançar, quando se encontra ante tão grande

beleza...

E tom ando a m ão de Elizabeth, Sir William a teria dado a Mr. Darcy , que em bora extrem am ente surpreso não se teria recusado a aceitá-la, quando a

m oça recuou subitamente e disse um pouco bruscamente para Sir William :

— Sir William , não tenho a menor intenção de dançar. Suplico-lhe que não suponha que me dirigi para este lado a fim de arranjar um par.

Mr. Darcy , com grande habilidade, pediu-lhe que lhe concedesse a honra da

sua mão; pediu em vão. Elizabeth estava decidida; Sir William tampouco conseguiu abalar a sua decisão, com a sua tentativa de persuadi-la:

— A senhora dança tão bem , Miss Eliza, que seria cruel negar-me a felicidade

de apreciá-la; e em bora esse gentleman não aprecie esse divertimento, em geral,

não fará nenhum objeção, estou certo.

— Mr. Darcy é muito amável — disse Elizabeth, sorrindo.

— De fato; mas considerando a tentação, minha cara Miss Eliza, não podem os

surpreender-nos de que ele se mostre disposto, pois quem faria objeção a um par

com a senhora?

Elizabeth lançou-lhe um olhar malicioso e virou-se. A sua resistência não ofendera Mr. Darcy ; pelo contrário, ele estava pensando na moça com certa

com placência, quando foi abordado por Miss Bingley .

— Creio que conheço o objeto do seu devaneio.

— Penso que não.

— O senhor está pensando com o seria insuportável passar muitas noites deste

modo, numa sociedade com o esta. Aliás, estou de acordo com o senhor. Nunca

me aborreci tanto! A insipidez, apesar deste barulho, a futilidade, apesar do ar de

importância de toda esta gente. O que eu não daria para ouvi-lo falar com severidade...

— Asseguro-lhe que a sua conjectura é inteiramente falsa. Estava pensando em

coisas muito mais agradáveis. Estive meditando no prazer que nos pode dar um

par de belos olhos no rosto bonito de uma mulher.

Miss Bingley imediatamente fixou o seu olhar no rosto de Mr. Darcy , e exprimiu

o desejo de que ele dissesse o nome da senhora que lhe inspirara tais reflexões.

Mr. Darcy respondeu intrepidamente:

— Miss Elizabeth Bennet.

— Miss Elizabeth Bennet! — repetiu Miss Bingley . — Estou assombrada. Desde

quando Miss Elizabeth se tornou a sua favorita? Quando lhe poderei desejar

felicidades?

— Esta é exatamente a pergunta que esperava da sua parte. A imaginação

mulheres é muito veloz. Salta da admiração para o amor. Do amor para o casamento, num instante. Sabia que iam e desejar felicidades.

— Se fala tão seriamente, considerarei o assunto absolutamente decidido. Terá

uma encantadora sogra e naturalmente ela há de estar sempre em Pemberley

consigo.

E enquanto ela se divertia desse modo, Mr. Darcy a ouvia com perfeita indiferença; e com toda a sua tranquilidade a convencesse de que nada estava perdido, Miss Bingley deu livre curso à sua ironia.

7

A fortuna de Mr. Bennet consistia quase que exclusivamente numa propriedade

que lhe rendia duas mil libras por ano. Infelizmente para as suas filhas, esta

propriedade estava legada a um parente distante, pois não havia herdeiros

masculinos diretos; e a fortuna da sua mãe, embora suficiente para a sua situação

na vida, mas ali bastava para suprir as deficiências da fortuna de seu pai. O pai de

Mrs. Bennet tinha sido um advogado em Meryton e lhe deixara quatro mil libras.

Ela tinha uma irmã casada com um certo Mr. Philips, que fora empregado de

seu pai e lhe sucedera no negócio. Tinha igualmente um irmão estabelecido em

Londres com um respeitável comércio.

A aldeia de Longbourn distava apenas uma milha de Meryton. Essa distância

convinha perfeitamente às mães, que gostavam muito de passear nesta última

localidade, três ou quatro vezes por semana, para visitar a tia e a loja de um

modista, que ficava situada no caminho. As mais jovens da família, Katherine e

Lydia, eram as que mais frequentemente faziam aquele trajeto; tinham menos

coisas que as preocupassem e quando nada mais interessante se oferecia,

necessitavam de uma caminhada até Meryton, a fim de preencher as horas da

manhã e fornecer assunto para as conversações da noite. E por mais insuficientes

que fossem as novidades que encontrassem pelo caminho, conseguiam sempre

extrair algum as da sua tia. Presentem ente, aliás, elas se encontravam bem -
supridas, quer de notícias, quer de felicidade, graças à chegada recente de
um

regimento da milícia. O regimento deveria permanecer em Meryton
durante

todo o inverno, e lá estava a sede do comando. As visitas das meninas a
Mrs.

Philips eram agora bem divertidas. Cada dia acrescentava novas inform-
ações ao

que já sabiam acerca dos nomes dos oficiais e das suas relações. O lugar
onde

esses oficiais residiam não permaneceu muito tempo em segredo. E,
finalmente,

elas começaram a travar conhecimento com os próprios oficiais. Mr.
Philips os

visitou a todos e isto abriu para as suas sobrinhas as portas de uma
felicidade até

então desconhecida.

Não falavam de outro assunto; e a grande fortuna de Mr. Bingley , tem a
que

invariavelmente despertava uma grande animação no meio das moças,
era

indiferente aos olhos de Katherine e de Lydia, perto dos assuntos que se
referissem ao regimento.

Depois de ouvir, certa manhã, as suas efusivas discussões sobre isso, Mr. Bennet

observou, friamente:

— Pelo que eu deduzo das suas conversas, vocês devem ser duas das mais tolas

do país. Já o suspeitava, mas agora estou convencido.

Katherine ficou embaraçada e não deu resposta; mas Lydia, com perfeita indiferença, continuou a exprimir a admiração que sentia pelo capitão Carter e a

esperança que tinha de vê-lo ainda naquele dia, pois ele devia partir para Londres

na manhã seguinte...

— Espanta-me, meu caro — disse Mrs. Bennet —, a facilidade com que você diz

que as suas próprias filhas são tolas. Se eu quisesse enoscar os filhos de

alguma pessoa, não escolheria decerto os meus.

— Se minhas filhas são tolas, espero nunca me iludir a este respeito.

— Sim, mas acontece que todas são muito inteligentes.

— Este é o único ponto — e disto eu me gabo — sobre o qual não estou de

acordo. Eu tinha tido esperança de que os nossos sentimentos coincidissem em

tudo, porém , sou obrigado a diferir de você neste ponto. Acho que as
nossas duas

filhas mais moças são excepcionalmente tolas...

— Meu caro Mr. Bennet, você não deve esperar que as meninas tenham o
mesmo juízo que o pai e a mãe. Quando elas atingirem a nossa idade, eu
lhe

asseguro que não pensarão mais em oficiais. Lembro-me do tempo em
que eu

gostava também de uma túnica vermelha e, aliás, no fundo do coração,
ainda

gosto. E se algum jovem coronel com cinco ou seis mil libras por ano
pedir uma

das minhas filhas, eu não lhe recusarei; achei o coronel Forster muito
distinto no

seu uniforme, no dia em que estive na casa de Sir William .

Não é? — gritou Lydia. — Minha tia contou que o coronel Forster e o
capitão

Carter não estão mais indo tão frequentemente em casa de Miss Watson,
com o o

faziam logo depois que chegaram . Minha tia os vê agora frequentemente
na

livraria do Clarke.

A entrada de um criado que trazia um bilhete para Miss Jane me pediu que
Mrs.

Bennet respondesse. O bilhete vinha de Netherfield, e o criado esperava uma

resposta. Os olhos de Mrs. Bennet brilhavam de prazer e ela perguntava repetidamente, enquanto sua filha lia:

— Bem, Jane, de quem é o bilhete? De que se trata? Que é que diz o bilhete?

Vamos, Jane, leia depressa e nos conte. Depressa, meu bem.

— É de Miss Bingley — respondeu Jane.

Em seguida leu a mensagem, em voz alta:

Minha querida: se você não tiver pena de nós e não vier jantar comigo e com

Louisa hoje e à noite, correremos o risco de nos odiarmos pelo resto da vida, pois

duas mulheres não podem passar um dia inteiro em tête-à-tête sem brigar.

Venha assim que tiver recebido o presente bilhete. Meu irmão e os outros senhores vão jantar com os oficiais. Sua amiga de sempre,

Caroline Bingley.

— Com os oficiais! — gritou Lydia. — Por que será que minha tia não nos

disse isto?

— Vão jantar fora —, disse Mrs. Bennet —; isto é realmente uma pena.

— Posso usar a carruagem? — perguntou Jane.

— Não, meu bem, é melhor você ir a cavalo, pois parece que vai chover; e neste

caso você terá que pernoitar lá.

— Seria um bom plano — disse Elizabeth — se a senhora tivesse a certeza de que

eles não se ofereceriam para acompanhá-la de volta.

— Oh, mas os cavalheiros terão que usar a carruagem de Mr. Bingley para ir até

Meryton; e os Hursts não possuem cavalo para a sua.

— Eu preferia ir de carro.

— Mas, meu bem, seu pai não pode dispensar os cavalos. Eles são necessários

para o serviço da fazenda, não são, Mr. Bennet?

— Eles são precisos para a fazenda muitas vezes do que consigo obtê-los.

— Mas se precisar hoje — disse Elizabeth — o projeto de minha mãe

estará

realizado.

E ela conseguiu afinal extorquir do pai um atestado de que os cavalos

estavam ocupados. Jane foi obrigada a ir a cavalo e sua mãe a acompanhá-la até a porta,

com muitos prognósticos alegres de mau tempo. Suas esperanças foram correspondidas. Não havia muito que Jane tinha partido quando começou a

chover fortem ente. Suas irm ãs ficaram inquietas por Jane, m as a m ãe ficou

radiante. A chuva continuou toda a noite sem parar. Jane decerto não podia voltar.

— Foi um a feliz ideia que eu tive — disse Mrs. Bennet m ais de um a vez, com o se

lhe coubesse tam bém a glória de ter feito chover. Entretanto, foi só na m anhã

seguinte que com preendeu até que ponto o seu plano tinha sido feliz. Mal term inara o café da m anhã, quando o criado de Netherfield trouxe o seguinte

bilhete para Elizabeth:

Minha querida Lizzy : Sinto-m e m uito indisposta esta m anhã, e creio que isto é

devido ao fato de ter m e m olhado m uito ontem à noite. Meus am igos se recusam

a deixar-m e partir enquanto não estej a m elhor. Insistem tam bém para que eu

cham e Mr. Jones. Portanto, não se alarm em se ouvirem contar que ele veio ver-

m e. E a não ser dor de garganta e dor de cabeça, não tenho nada de m ais. Sua,

etc.

— Bem , m inha cara m ulher — disse Mr. Bennet, depois que Elizabeth acabou de

ler o bilhete em voz alta —, se a sua filha caísse gravemente doente, se morresse,

seria um conforto saber que foi tudo para conquistar Mr. Bingley e por ordem

sua.

— Oh, não tenho medo que ela morra. Ninguém morre de um pequeno resfriado. Ela será bem -tratada. Enquanto estiver lá, tudo vai muito bem. Eu iria

vê-la se pudesse usar a carruagem.

Elizabeth, sentindo-se realmente ansiosa, tinha decidido ir ver a irmã, embora a

carruagem não pudesse ser usada. Mas como não sabia montar, a única alternativa era ir a pé.

— Que tolice — gritou a mãe —, ir a pé com toda esta lama! Você chegará lá

num estado lamentável.

— Chegarei lá em estado de ver Jane e isto é tudo o que desejo.

— Isto é uma indireta para mim — falou o pai —, para que eu vá buscar os

cavalos?

— Não, de nenhum modo. Não me importo de ir a pé. A distância é curta quando

se tem um bom motivo; apenas três milhas. Estarei de volta para o jantar.

— Adm iro a atividade da sua benevolência — observou Mary . — Mas cada

im pulso ou sentim ento devia ser guiado pela razão. E no seu m odo de ver as

coisas, o esforço devia sem pre ser relativo ao fim que a gente se propõe alcançar.

— Irem os j untas com você até Mery ton — disseram Katherine e Ly dia.

Elizabeth aceitou a com panhia e as três m oças partiram j untas.

— Se andarm os m ais depressa — disse Ly dia enquanto cam inhava —, talvez

ainda cheguem os a tem po de ver o capitão Carter antes da sua partida.

Em Mery ton as m oças se separaram . As duas m ais j ovens se dirigiram para a

residência da esposa de um dos oficiais e Elizabeth continuou a andar sozinha,

atravessando cam po após cam po, pulando cercas e saltando por sobre poças

d'água, com im paciência, e afinal encontrou-se a pouca distância da casa, com

os tornozelos doídos, as m eias suj as e o rosto corado pelo exercício.

Foi introduzida num a sala de alm oço onde todos estavam reunidos com exceção

de Jane. O seu aparecim ento causou bastante surpresa. Mrs. Hurst e Miss Bingley

acharam incrível que ela tivesse caminhado três milhas tão cedo, com tanta

idade e sozinha; e Elizabeth ficou convencida que elas a desprezaram por isto.

Receberam-na, entretanto, muito amavelmente. Quanto ao irmão dessas senhoras, havia nas suas maneiras mais do que sim ples polidez; havia bom humor

e bondade. Mr. Darcy falou muito pouco e Mr. Hurst não disse nada. O primeiro

estava em dúvida sobre se devia admitir as belas cores que o exercício em prestar ao rosto da moça ou se refletir que o motivo talvez não justificasse a

sua vinda sozinha, de tão longe. O segundo pensava apenas no seu café da manhã.

As perguntas que Elizabeth fez a respeito da sua irmã não foram favoravelmente

respondidas. Miss Bennet tinha dormido mal, e embora estivesse de pé, sentia-se

muito febril e não podia sair do quarto. Elizabeth disse que gostaria de vê-la

imediatamente; e Jane, a quem apenas o medo de causar incômodo e de produzir

inquietação lhe pedira de exprimir no seu bilhete o quanto ansiava por uma visita,

ficou encantada ao ver a irmã entrar. Não estava entretanto em estado de

conversar muito e quando Miss Bingley as deixou, juntas, Jane pouco mais pôde

exprimir além da gratidão que sentia pela extraordinária bondade com que era

tratada. Elizabeth a ouviu em silêncio.

Depois que o café da manhã estava terminado, as irmãs de Mr. Bingley entraram no quarto; e Elizabeth começou a simpatizar com elas quando viu com

quanta afeição e solicitude tratavam Jane. O farmacêutico veio e, tendo examinado a paciente, disse, com o ar de supor, que ela tinha apanhado um

violento resfriado, e que necessitava de tratamento. Aconselhou que voltasse para

a cama e prometeu que lhe enviaria remédios. O conselho foi seguido, pois os

sintomas da febre se agravaram, bem como a dor de cabeça. Elizabeth não saiu

nem uma só vez do quarto; nem as outras senhoras tão pouco ficaram muito

tempo ausentes: com os cavalheiros estivessem fora, não tinham de fato outra

coisa a fazer. Quando o relógio bateu três horas, Elizabeth sentiu que devia partir.

E muito contra a sua vontade, disse o que sentia. Miss Bingley lhe ofereceu a

carruagem , e ela estava quase aceitando, quando Jane se mostrou tão pouco

disposta a separar-se da irmã que Miss Bingley foi obrigada a converter a oferta

da carruagem num convite para pernoitar em Netherfield. Elizabeth consentiu

com gratidão e um criado foi mandado a Longbourn a fim de prevenir a família

e trazer de volta um sortimento de roupas.

8

Às cinco horas, as duas senhoras se retiraram para vestir-se e às seis estava

Elizabeth foi chamada para jantar. Às primeiras perguntas com que a cumpraram ,

entre as quais teve o prazer de distinguir a solicitude muito superior de Mr.

Bingley , não pôde ela dar uma resposta muito favorável. Jane não estava nada

melhor. As irmãs, ouvindo isto, repetiram três ou quatro vezes que sentiam muito

e que era bastante desagradável resfriar-se, e que detestavam ficar doentes. E

depois não pensaram mais no assunto. A indiferença que manifestaram para

com Jane, longe da sua presença imediata, restituiu a Elizabeth o prazer de detestá-las com o antigo ente.

Mr. Bingley era aliás o único do grupo que ela podia olhar com algum a
com placência. O seu cuidado com Jane era evidente. As atenções com que
cum ulava Elizabeth eram bastante agradáveis. E essas atenções a im
pediam de

sentir-se com o a intrusa que a seu ver as outras pessoas a consideravam . E
a não

ser de Mr. Bingley não recebeu atenções de m ais ninguém : Miss Bingley
estava

fascinada por Mr. Darcy , sua irm ã pouco m enos do que ela e, quanto a
Mr.

Hurst, que Elizabeth tinha a seu lado, era um hom em indolente, que vivia
apenas

para com er, beber e j ogar cartas; quando ele verificou que Elizabeth
preferia um

prato m ais sim ples a um ragout, perdeu toda vontade de conversar com
ela.

Depois do j antar Elizabeth voltou im ediatam ente para perto de Jane e,
assim que

saiu da sala, Miss Bingley com eçou a falar m al dela. Não achava boas as
suas

m aneiras. Revelaram , a seu ver, um m isto de orgulho e im pertinência. Ela
não

sabia conversar, não tinha estilo, gosto e nem beleza. Mrs. Hurst pensava a
m esm a coisa e acrescentou:

— Nada tem , em sum a, que a recom ende, senão ser um a excelente andarilha.

Nunca esquecerei de com o nos apareceu hoj e de m anã. Parecia quase um a

selvagem .

— É verdade, Louisa, quase não pôde im pedir-m e de rir. Que absurdo ela ter

vindo. Que sentido tem vir correndo pelo cam po só porque a irm ã apanhou um

resfriado? O cabelo dela estava tão desarrum ado, tão despenteado!

— Sim , e a saia dela? Espero que você tenha visto a sua saia. A barra estava toda

suj a de lam a.

— Sua descrição pode ser m uito exata, Louisa — disse Bingley —, m as não

reparei nada disso. Achei que Miss Elizabeth Bennet estava m uito bonita quando

hoj e de m anã entrou na sala. As saias suj as de lam a escaparam à m inha atenção.

— O senhor viu, com certeza, Mr. Darcy — disse Miss Bingley . — E eu estou

inclinada a pensar que o senhor não gostaria que sua irm ã se exhibisse deste m odo.

— Decerto que não.

— Andar três ou quatro milhas, ou cinco milhas, ou lá o que seja, com os tornozelos metidos na lama, e sozinha, inteiramente sozinha! Que significa isto?

Parece-me mostrar um conceito abominável de independência, uma indiferença

toda campestre da mais elementar decência.

— Mostra a afeição que ela tem pela irmã — disse Bingley .

— Creio, Mr. Darcy — observou Miss Bingley , quase num sussurro —, que esta

aventura deve ter afetado a admiração que o senhor tinha pelos seus belos olhos.

— De modo algum — replicou ele. — Achei que o exercício os tornaram ainda

mais brilhantes.

Depois de uma curta pausa, Mrs. Hurst começou a falar:

— Eu gosto imensamente de Jane Bennet, ela é realmente uma ótima menina.

Desejaria de todo o coração que ela se casasse. Mas, com um pai daqueles, com

uma mãe daquelas e com relações tão baixas, creio que não tem nenhuma probabilidade de se casar.

— Creio que ouvi dizer que o tio é advogado em Meryton.

— Sim , e outro tio dela mora perto de Cheapside.

— Isto é definitivo — acrescentou a irmã.

E ambas riram cordalmente.

— Se elas tivessem tantos tios que bastassem para encher todo o Cheapside —

exclamou Bingley —, isto não as tornaria nem um pingo menos agradáveis.

— Mas é lógico que deve diminuir muito as probabilidades de se casarem com

homens de importância social — replicou Darcy.

A esta declaração, Bingley nada respondeu. Mas suas irmãs concordaram com

entusiasmo e durante algum tempo caçoaram das relações vulgares da sua

amiga.

Com uma ternura renovada, entretanto, voltaram para o quarto assim que

da sala de jantar, e fizeram companhia a Jane, até que foram chamadas para o

café. Jane ainda estava muito fraca e Elizabeth não podia sair nem um momento

do seu lado. Finalmente, tarde, ao anoitecer, quando viu que a irmã dormia,

Elizabeth achou que devia descer para se distrair um pouco. Ao entrar no salão,

encontrou o grupo todo jogando e foi imediatamente convidada a tomar parte

no jogo; mas, desconfiando de que eles estavam jogando muito alto, recusou e,

dando com o desculpa o estado da sua irmã, disse que se distrairia com um livro

durante os poucos instantes que passasse ali em baixo.

Mr. Hurst olhou para ela com grande espanto.

— Prefere ler a jogar cartas? — disse ele. — Isto é estranho.

— Miss Elizabeth Bennet — disse Mr. Bingley — despreza os jogos de cartas. Lê

muito e não encontra prazer noutra coisa.

— Não mereço nem o elogio nem a censura — exclamou Elizabeth. — Não sou

uma grande leitora e encontro prazer em muitas outras coisas.

— Estou certo que tem prazer em tratar da sua irmã — disse Bingley. — Espero

que breve será recom pensada com o seu completo restabelecimento.

Elizabeth agradeceu de coração e em seguida dirigiu-se para a mesa sobre a qual

havia alguns livros. Bingley imediatamente se ofereceu para ir buscar mais

alguns, todos os de que dispunha na sua biblioteca.

— Desejaria para seu benefício e meu próprio crédito que a coleção fosse

m aior; m as sou um suj eito preguiçoso e, em bora não possua m uito livros, ainda

não os li todos.

Elizabeth lhe assegurou que aqueles que estavam na sala eram m ais do que suficientes.

— Causa-m e espanto — disse Miss Bingley — ter m eu pai nos deixado um a tão

pequena coleção de livros. Que m agnífica biblioteca o senhor tem em

Pem berley , Mr. Darcy !

— Não é de estranhar — replicou ele —, é o trabalho de m uitas gerações.

— E depois o senhor aum entou m uito a biblioteca; está sem pre com prando

livros!

— Não com preendo o pouco caso com que se tratam as bibliotecas de fam ília,

hoj e em dia. Estou certa que o senhor não se esquece de nada do que possa aum entar as belezas daquele nobre lugar. Charles, quando você construir a sua

casa, desej aria que fosse tão aprazível quanto Pem berley .

— Eu tam bém desej o.

— Aconselho-o a com prar um a propriedade naquelas redondezas e tom ar

Pem berley com o um a espécie de m odelo. Não há condado m ais aprazível na

Inglaterra do que o Derby shire.

— De todo o coração. Com prarei o próprio Pemberley se Darcy quiser vendê-

lo.

— Estou falando de possibilidades, Charles.

— Palavra de honra, Caroline, acho que é mais possível com prar Pemberley do

que im itá-lo.

Elizabeth estava tão interessada no que estavam dizendo que não podia prestar

m uita atenção ao livro; e daí a pouco, largando-o, aproxim ou-se da mesa

jogo, colocando-se entre Mr. Bingley e sua irmã mais velha, a fim de observar o

jogo.

— Miss Darcy cresceu muito desde a primeira vez? — perguntou Miss Bingley . —

Ela vai ficar da minha altura?

— Penso que sim . Está agora da altura de Miss Elizabeth Bennet ou talvez um

pouco mais alta.

— Queria muito tornar a vê-la. Nunca encontrei uma pessoa tão encantadora.

Que m odos, que delicadeza... E com o é prendada para a sua idade! Ela toca

piano divinam ente.

— Espanta-m e a capacidade que têm as m oças de se tornarem tão prendadas —

disse Bingley .

— Todas as m oças são prendadas! Meu caro Charles, que quer você dizer com

isto?

— Sim , todas desenham m esas, forram biom bos e fazem bolsas de tricô. Não

conheço um a só m oça que não saiba fazer todas estas coisas. E nunca ouvi

m encionar o nom e de um a m oça pela prim eira vez sem que m e inform assem

que era m uito prendada.

— A sua lista dos talentos com uns — disse Darcy — é verdadeira dem ais. A

palavra prendada é aplicada a m uitas m oças som ente porque sabem tricotar um a

bolsa ou forrar um biom bo. Mas estou longe de concordar com você no seu

j ulgam ento sobre as m oças em geral. Apesar do grande núm ero das m inhas

relações, não posso gabar-m e de conhecer m ais de m eia dúzia de m oças que são

realmente prendadas.

— Nem eu — disse Miss Bingley .

— Nesse caso — observou Elizabeth —, deve exigir muitas qualidades para o seu

ideal de mulher perfeita.

— De fato, exige muitas qualidades.

— Oh, certamente — exclamou a sua fiel aliada. — Nenhum a mulher pode ser

realmente considerada completa se não se elevar muito acima da média. Uma

mulher deve conhecer bem a música, deve saber cantar, desenhar, dançar e

falar as línguas modernas a fim de merecer esse qualificativo, e além disso, para

não o merecer senão pela idade, é preciso que possua um certo quê em sua

maneira de andar, o tom da voz e no modo de exprimir-se.

— Sim , deve possuir tudo isso — acrescentou Darcy . — E acrescentar ainda

alguma coisa mais substancial: o desenvolvimento do seu espírito pela leitura

intensa.

— Já não me espanto de que conheça apenas seis mulheres completas, espanto-

me é de que conheça alguma.

— Julga com tanta severidade o seu sexo, que duvida da possibilidade de tudo

isto?

— Eu nunca vi uma tal mulher. Nunca vi tanta capacidade de aplicação, gosto e

elegância reunidas numa só pessoa.

Mrs. Hurst e Miss Bingley protestaram juntas contra a injustiça contida naquela

dúvida. E ambas declararam que conheciam muitas mulheres que

correspondiam àquelas exigências. Nesse momento Mr. Hurst chamou-as à

ordem, queixando-se amargamente da pouca atenção com que jogavam. A

conversa cessou de súbito e Elizabeth, logo depois, voltou para o quarto.

— Eliza Bennet — disse Miss Bingley, assim que a porta se fechou — é uma

dessas moças que procuram se fazer aos olhos das pessoas do outro sexo falando

mal do seu próprio; e muitos homens se deixam enganar por isto. Mas, na minha

opinião, é uma estratégia muito baixa.

— Sem dúvida — replicou Darcy, a quem principalmente se dirigia a

observação —, existe baixeza em todos os estratagemas que as senhoras às vezes

condescendem em em pregar para cativar. Tudo o que tem afinidade com a astúcia é desprezível.

Miss Bingley não se sentiu inteiramente satisfeita com esta resposta, que não a

encorajava a prosseguir no assunto.

Elizabeth tornou a entrar para avisar que a irmã estava pior e que não podia deixá-la. Bingley insistiu para que Mr. Jones fosse chamado imediatamente; suas

irmãs, convencidas de que os recursos médicos da aldeia não eram suficientes

para o caso, recomendaram que se enviasse um expresso para a cidade, chamando um dos médicos mais eminentes de Londres. Elizabeth recusou,

mostrando-se no entanto disposta a aceitar a sugestão de Bingley. Ficou decidido

que Mr. Jones seria chamado no dia seguinte de manhã cedo, caso Miss Bennet

não amanhecesse francamente melhor. Bingley mostrou-se muito inquieto; suas

irmãs declararam que estavam inconsoláveis. Consolaram entretanto a sua tristeza cantando duetos depois da ceia, enquanto Bingley tranquilizava as suas

inquietudes dando ordens à sua caseira para que todas as atenções possíveis fossem dispensadas à mãe doente e à sua irmã.

9

Elizabeth passou a maior parte da noite no quarto da irmã e de manhã teve o

prazer de poder enfim mandar respostas mais tranquilizadoras aos recados que

recebera muito cedo de Mr. Bingley, por intermédio de uma criada e, algum

tempo depois, pelas elegantes damas de companhia das irmãs do dono da casa.

Apesar dessas horas, Elizabeth pediu que enviassem um bilhete a Longbourn

pedindo que sua mãe viesse visitar Jane e tomarasse pessoalmente as providências

que a situação exigia. O bilhete foi despachado imediatamente e a resposta não

tardou. Mrs. Bennet, acompanhada pelas suas duas filhas mais novas, chegou a

Netherfield pouco depois do almoço.

Se tivesse encontrado Jane aparentemente em perigo, Mrs. Bennet teria ficado

extremamente desolada; mas vendo que a doença não era grave, não desejou

que ela se restabelecesse imediatamente, pois isto significaria provavelmente o

seu regresso de Netherfield. Repeliu portanto a proposta que lhe fez Jane, que

desej ava ser transportada para casa. O farm acêutico tam pouco achou a ideia

razoável. E, depois de se ter dem orado algum tem po com Jane, Mrs. Bennet e

suas três filhas aceitaram o convite que lhes veio fazer Miss Bingley para que

fossem alm oçar.

Bingley veio ao encontro de Mrs. Bennet, exprim indo-lhe a sua esperança de que

não tivesse encontrado Miss Bennet pior do que esperava.

— Realm ente, eu a encontrei pior do que esperava — respondeu Mrs. Bennet. —

O seu estado não perm ite que ela sej a transportada. Mr. Jones disse que nem

devem os pensar nisto. Serem os obrigadas a abusar m ais algum tem po da sua

hospitalidade.

— Transportá-la? — exclam ou Bingley — nem devem os pensar nisto. Minha

irm ã, estou certo, não o perm itirá.

— Pode ficar certa, m adam e — disse Miss Bingley com fria am abilidade —,

que Miss Bennet receberá todas as atenções enquanto estiver em nossa casa.

Mrs. Bennet agradeceu efusivam ente.

— Estou certa — acrescentou ela — de que se não fossem os bons amigos que

tem, a sua situação seria muito grave, pois está realmente muito doente; sofre

muito, embora com uma paciência admirável; aliás, é sempre assim, pois ela

tem, sem nenhuma dúvida, o gênio mais dócil do mundo. Eu sempre digo às

minhas outras filhas que nada são perto de Jane. O quarto em que ela está, Mr.

Bingley, é muito agradável e tem uma encantadora vista sobre a aleia principal.

Não conheço outro lugar no país que seja tão agradável quanto Netherfield.

Espero que o senhor não se apresse a abandoná-lo, embora o tenha alugado por

pouco tempo.

— Tudo o que faço — replicou ele — é às pressas e, portanto, se resolvesse deixar Netherfield, eu o faria provavelmente em cinco minutos.

— Isso é exatamente o que eu supunha da sua parte — disse Elizabeth.

— Está com medo de comover-me? — exclamou, virando-se para Elizabeth.

— Comovendo-o profundamente.

— Desejaria poder aceitar a sua declaração com o mesmo elogio, mas acho que ser

tão transparente é lam entável.

— Em geral é assim , m as não se segue necessariamente que um caráter profundo e complicado seja mais estimável do que o seu.

— Lizzy , gritou a sua mãe —, lembre-se de onde está e não se precipite com o seu

estivesse em casa.

— Não sabia — continuou Bingley imediatamente — que a senhorita era uma

tão grande estudiosa dos caracteres. Deve ser um estudo absorvente.

— Sim , mas os caracteres complexos são os mais interessantes. Pelo menos têm

a vantagem de ser complicados.

— O campo — disse Darcy — oferece em geral poucos exemplos para um tal

estudo. A sociedade em que nos movemos no campo é em geral muito limitada e

monótona.

— Mas as pessoas em si mudam tanto que sempre existe nelas alguma coisa de

novo a observar.

— Realmente — exclamou Mrs. Bennet, ofendida pela maneira com o qual ele se

referia aos moradores do campo. — Asseguro-lhes que existe tanta monotonia na

cidade com o no cam po.

Todos ficaram surpreendidos e Darcy , depois de fitá-la um instante, virou-se

para o outro lado em silêncio.

Mrs. Bennet, que im aginava ter ganho um a vitória com pleta sobre o outro,

continuou, triunfante:

— Não vej o em que Londres tenha tão grande vantagem sobre o cam po, exceto

quanto às loj as e lugares públicos. O cam po é m uito m ais agradável, não é, Mr.

Bingley ?

— Quando estou no cam po — respondeu este — nunca desej o ir em bora. E

quando estou na cidade, acontece a m esm a coisa. Cada lugar tem as suas vantagens. Eu m e sinto igualm ente bem em am bos.

— Sim , isto é porque o senhor tem boa vontade. Mas aquele gentlem an — disse,

olhando para Darcy — parece que detesta o cam po.

— Você está enganada, m am ãe — disse Elizabeth, envergonhada com a

sim plicidade da sua m ãe. — Você não com preendeu Mr. Darcy . Ele quis apenas

dizer que não há tão grande variedade de tipos no cam po quanto na cidade. E

você tem de reconhecer que isto é verdade.

— Certamente, meu bem, ninguém disse o contrário. Mas, quanto ao pequeno

número de pessoas que moram nesta redondeza, creio que existem poucas regiões mais habitadas. Sei que nos damos com 24 famílias.

Se não fosse a sua vontade de agradar Elizabeth, Bingley teria estourado de rir.

Sua irmã foi menos delicada e lançou para Mr. Darcy um olhar acompanhado

de um sorriso muito expressivo. Elizabeth, a fim de desviar as ideias de sua mãe,

perguntou-lhe se Charlotte Lucas estivera em Longbourn desde que ela, Elizabeth, saíra de lá.

— Sim, Charlotte veio ontem com o pai. Que homem agradável, Sir William, não

acha, Mr. Bingley? É um homem em tão moderno, tão educado, tão gentil... Para

todo o mundo ele sempre tem alguma coisa que dizer. É assim que eu entendo a

boa educação. E essas pessoas que se imaginam muito importantes e nunca

abrem a boca estão inteiramente enganadas.

— Charlotte já esteve lá em casa?

— Não, ela preferiu ir em bora. Creio que estavam precisando dela por causa dos

croquetes. Quanto a mim, Mr. Bingley, sem pretom o criados que sabem fazer os

seus serviços. Minhas filhas são educadas de modo diferente. Mas cada uma sabe

o que faz... E as minhas Lucas são realmente muito boas meninas, posso lhe

assegurar. É pena que não sejam bonitas. Não que ache Charlotte assim tão feia;

mas também é nossa amiga particular.

— Ela parece uma moça muito agradável — disse Bingley.

— Oh, decerto, mas o senhor precisa reconhecer que é muito pouco graciosa. A

própria Lady Lucas já o tem dito muitas vezes. Ela disse também que muito me

inveja a beleza de Jane. Não gosto de me gabar das minhas filhas, mas, para

dizer a verdade, Jane... Não é muito frequente a gente ver uma moça mais

bonita. É o que todos dizem. Não confio inteiramente nessa parcialidade. Quando

ela tinha apenas 15 anos, havia um cavalheiro que frequentava a casa de meu

irmão Gardiner, em Londres. Estava tão apaixonado por ela que minha cunhada

estava certa de que ia fazer um a proposta antes de nos mudarmos para cá.
No

entanto, ele não fez. Talvez a julgasse muito jovem . Apesar de tudo,
escreveu-

lhes uns versos, que aliás eram muito bonitos.

— E assim acabou a afeição daquele senhor — disse Elizabeth, im paciente.
—

Suponho que tenha havido muitos no mesmo caso. Eu queria saber quem
descobriu a eficácia que tem a poesia de afugentar o amor.

— A mim sem pre me disseram que a poesia é o alimento do amor.

— De um amor sincero, sólido, sadio, pode ser. Tudo serve de alimento ao
que já

tem força. Mas quando se trata de um a ligeira e fraca inclinação, estou
convencida que um bom soneto é suficiente para fazê-la morrer de
inanição.

Darcy contentou-se em sorrir. E a pausa geral que se seguiu fez Elizabeth
trem er

de medo à ideia de que sua mãe se tornasse novamente ridícula. Ela
queria dizer

alguma coisa mas não conseguiu encontrar nenhum assunto. E depois de
um

curto silêncio, Mrs. Bennet começou a repetir os agradecimentos que
fizera a Mr.

Bingley , pela sua bondade com Jane, desculpando-se igualmente do incômodo

que lhe dava com Lizzy . Mr. Bingley respondeu com toda a habilidade e obrigou a sua irmã mais nova a ser igualmente cortês e a responder de acordo

com a situação. Esta desempenhou o seu papel, aliás de má vontade, mas Mrs.

Bennet ficou satisfeita. Pouco depois mandou chamar a sua carruagem . Nesse

momento, a mais nova das suas filhas se adiantou. Kitty e Lydia, as duas filhas

menores, tinham conversado em voz baixa uma com a outra durante toda a visita. E tinha ficado resolvido entre elas que a mais nova devia lembrar a Mr.

Bingley que, logo depois de sua chegada, ele prometera que daria um baile em

Netherfield.

Lydia tinha 15 anos e era uma moça forte e desenvolvida. Tinha o rosto

agradável e uma expressão jovial; era a favorita da sua mãe que, devido a essa

afeição, a tinha introduzido na sociedade muito cedo ainda para a sua idade. Era

dotada de muita vitalidade e de uma espontaneidade que se transformava em

segurança graças à atenção que os oficiais lhe dispensavam . Estes eram atraídos,

aliás, não só pela sua naturalidade com o pelos bons j antares de seu tio. Ela se

sentiu, pois, autorizada a dirigir-se a Mr. Bingley sobre o assunto do baile e a

lem brar-lhe abruptam ente a sua prom essa, acrescentando que ele com eteria o

ato m ais vergonhoso do m undo se não a cum prisse. A resposta de Bingley a este

súbito ataque foi deliciosa para os ouvidos de Mrs. Bennet.

— Asseguro-lhe que estou pronto a cum prir a m inha prom essa. E assim que a

sua irm ã estiver restabelecida, a senhorita m e fará o favor de m arcar

peçoalm ente o dia do baile. Penso que não gostaria de dançar enquanto sua irm ã

estiver doente.

Ly dia se declarou satisfeita. — Oh, sim , seria m uito m elhor esperar até que Jane

estivesse restabelecida, e nesse dia, provavelm ente, o capitão Carter j á estaria

em Mery ton novam ente.

— E depois que o senhor tiver dado o seu baile — acrescentou — eu insistirei

para que os oficiais lhe ofereçam um tam bém . Direi ao coronel Forster que será

um a vergonha se eles não o fizerem .

Mrs. Bennet e suas filhas partiram e Elizabeth voltou imediatamente para perto

de Jane, deixando a sua própria conduta e a da sua família à mercê das críticas

das duas senhoras da casa e de Mr. Darcy ; este último, porém, não pôde ser

persuadido a juntar as suas às censuras que faziam a Elizabeth na sala, apesar de

todas as ironias com que Miss Bingley se referia aos seus belos olhos.

10

O dia decorreu quase exatamente com o anterior. Mrs. Hurst e Miss Bingley

passaram algumas horas da manhã com a enferma, que, embora lentamente,

continuava a melhorar. E à noite Elizabeth veio reunir-se ao grupo na sala de

estar. Nesse dia, porém, não houve mesa de lóo. Mr. Darcy estava escrevendo, e

Miss Bingley, sentada ao seu lado, observava os progressos da carta que ele estava

escrevendo, desviando continuamente a sua atenção, com as observações que

transmitia para a sua irmã. Mr. Hurst e Mr. Bingley estavam jogando piquet, e

Mrs. Hurst observava o jogo.

Elizabeth fazia um trabalho de agulha; divertia-se com o que se estava passando

entre Darcy e a sua com panheira. Os contínuos elogios da moça, a respeito da

letra, da igualdade das linhas, ou do comprimeto da carta, em contraste com a

perfeita indiferença com que o outro os recebia, formavam um curioso diálogo,

confirmando exatamente a opinião que Elizabeth tinha a respeito de ambos.

— Miss Darcy vai ficar encantada com a carta!

Ele não respondeu.

— Escreve muito depressa!

— Está enganada, escrevo até devagar.

— Quantas cartas o senhor não escreverá por ano! Cartas de negócios também.

Penso que deve ser odioso escrevê-las!

— Felizmente para a senhora, é a mim que incumbem de escrevê-las.

— Não se esqueça de dizer à sua irmã que eu tenho muitas saudades dela.

— Já o disse uma vez, a seu pedido.

— Acho que o senhor não está gostando da sua pena. Deixe-me e apará-la para o

senhor. Eu sei aparar penas muito bem.

— Obrigado. Mas eu sem pre aparo as m inhas próprias penas.

— Com o consegue escrever tão regularm ente?

Darcy ficou em silêncio.

— Diga à sua irm ã que estou radiante de saber que ela tem feito progressos na

harpa. Escreva-lhe tam bém que fiquei encantada com o lindíssim o desenho que

fez para um a m esa e que o acho infinitam ente superior ao de Miss Grantley .

— A senhora m e dará licença de deixar os seus entusiasms os para a próxim a

carta? No m om ento não tenho espaço para exprim i-los condignam ente.

— Oh, não tem im portância, eu a verei em j aneiro. Mas o senhor sem pre escreve cartas assim tão longas e encantadoras para a sua irm ã, Mr. Darcy ?

— Em geral as m inhas cartas são longas, m as não m e cabe j ulgar se são encantadoras.

— Considero com o regra que um a pessoa que escreve um a carta longa com

facilidade não pode escrever m al.

— Isto não serve com o elogio para Darcy , Caroline — exclam ou seu irm ão —,

pois ele não escreve com facilidade. Ele se esforça dem ais para encontrar quatro

sílabas, não é verdade, Darcy ?

— O meu estilo é muito diferente do seu.

— Oh — gritou Miss Bingley —, Charles escreve da maneira mais descuidada,

escreve as coisas pela metade e depois risca o resto.

— As ideias me ocorrem tão rapidamente que não tenho tempo de exprimí-las. É

por isso que, às vezes, as minhas cartas não transmitem nenhuma ideia aos meus

correspondentes...

— Sua humildade, Mr. Bingley — disse Elizabeth —, deve desarmar toda censura.

— Nada é mais enganoso do que a aparência da humildade — disse Darcy . —

Às vezes é apenas pouco caso e, outras vezes, uma maneira indireta de se gabar.

— E qual dessas duas explicações você acha que cabe à minha modestia, neste

caso?

— A maneira indireta de se gabar. Na realidade você se orgulha realmente das

suas deficiências no escrever, porque considera que esses defeitos procedem de

um a rapidez de pensam ento e descuido na execução, coisas que você acha, se

não estim áveis, pelo m enos altam ente interessantes. A capacidade de fazer as

coisas rapidam ente é sem pre m uito apreciada pelo possuidor, que

frequentem ente não repara nas im perfeições da execução. Quando você disse a

Mrs. Bennet esta m anã que se algum dia resolvesse deixar Netherfield partiria

em cinco m inutos, estava fazendo um a espécie de panegírico ou de elogio a si

m esm o. E no entanto, não há nada m uito louvável num a precipitação que

acarretaria, forçosam ente, a necessidade de deixar coisas im portantes

inacabadas, e não pode trazer nenhum a vantagem real, nem para você próprio,

nem para ninguém m ais.

— Isto é dem ais — respondeu Bingley —; lem brar-se, de noite, de todas as

tolices que eu disse de m anã! No entanto dou-lhe a m inha palavra de que falei

sinceram ente e de que ainda neste m om ento acredito no que lhe disse. Pelo

m enos, portanto, eu não m e atribuí esse traço de precipitação inútil apenas para

m e gabar diante das senhoras.

— Acredito na sua sinceridade; mas não estou absolutamente convencido de que

se resolveria a partir com tanta rapidez. Sua conduta estaria tão à mercê do acaso

com o de qualquer outro homem; e se no momento, no instante de montar a

cavalo, alguém lhe dissesse: “Bingley, é melhor você ficar até a próxima

semana”, você aceitaria imediatamente o conselho. E se lhe fizessem outra

sugestão, ficaria provavelmente um mês.

— Com isto apenas prova que Mr. Bingley não fez justiça ao seu próprio caráter.

O senhor o pintou com muito mais exatidão do que ele próprio.

— Sinto-me extremamente grato — disse Bingley — pela sua maneira de converter o que alguém disse num elogio à doçura do meu gênio, mas as creio

que está atribuindo àquele senhor uma intenção que ele não tinha, pois ele decerto pensaria que, em tais circunstâncias, eu deveria recusar certamente a

sugestão e partir imediatamente, com o que tinha resolvido.

— Consideraria, Mr. Darcy, a precipitação da sua decisão original com pensada

pela sua obstinação em aderir a ela?

— Dou-lhe a minha palavra que não posso explicar exatamente o que ele quis

dizer. Darcy deve falar por si mesmo.

— A senhora está querendo que eu justifique uma opinião que resolveu me

atribuir, e a qual não subscrevo. Aceitando, porém, o caso tal com o a senhora o

coloca, é preciso que não se esqueça, Miss Bennet, de que o suposto amigo que

desej ou que Bingley ficasse em casa e adiasse os seus planos contentou-se em

expressar o seu desejo sem oferecer nenhum argumento que justificasse o seu

pedido.

— Ceder facilmente, prontamente, à persuasão de um amigo não é, então, um

mérito aos seus olhos?

— Ceder sem convicção não depõe a favor do bom senso de nenhuma a dessas

pessoas.

— Mr. Darcy, o senhor não me parece conceder nenhuma importância à influência da amizade e da afeição. A consideração por um amigo faz com que a

gente ceda prontamente a um pedido, mesmo o que esse amigo não ofereça

argum entos em apoio do que pede. Não estou considerando, particularmente, o

caso em discussão. Devem os esperar, talvez, até que ele ocorra, para discutir o

acerto do seu procedimento. Mas em geral, nos casos com uns entre amigos,

quando um deles é solicitado pelo outro para que altere uma decisão de pouca

monta, pensa o senhor que aquela pessoa que cedeu, sem exigir outros

argum entos, procedeu realmente mal?

— Não será preferível, antes de continuar no assunto, que determinem os com

mais precisão o grau de importância real do pedido? Bem com o o grau de intimidade existente entre as partes?

— Sem dúvida — exclamou Bingley —; vamos os particularizar, e não esqueçam os

a estatura comparativa dos amigos, pois isto tem mais importância do que supõe

Miss Bennet. Asseguro-lhe que se Darcy não fosse tão alto em relação à minha

pessoa, eu não o trataria com tanta deferência. Declaro que não conheço nada

mais temível do que Darcy em certas ocasiões e em determinados lugares;

especialmente na sua própria casa e numa noite de domingo, quando ele não tem

nada a fazer.

Mr. Darcy sorriu, mas Elizabeth acreditou perceber que ele tinha ficado ofendido

e por isso conteve a sua risada. Miss Bingley, ressentida com o ridículo que o

outro sofrera, censurou violentamente o irmão pelas tolices que dissera.

— Eu compreendo a sua intenção, Bingley — disse o amigo —, você detesta

discussões e quer acabar com esta.

— Talvez. As discussões se assemelham às disputas. Se você e Miss Bennet

quiserem adiar a sua até que eu saia da sala, ficarei muito agradecido. Depois

poderão falar o que quiserem a meu respeito.

— O que o senhor pede — disse Elizabeth — não é um sacrifício da minha parte,

e quanto a Mr. Darcy, acho que precisa acabar a sua carta.

Mr. Darcy aceitou o conselho e terminou a carta.

Finda esta ocupação ele pediu a Miss Bingley e a Elizabeth que fizessem um

pouco de música. Miss Bingley se dirigiu alegremente para o piano e depois de

um momento ofereceu a Elizabeth para que ela começasse, ofereceu então que

a outra rej eitou, com a mesma habilidade e maior ênfase, sentou-se e com eçou. Mrs. Hurst cantou com a irmã e, enquanto isto, Elizabeth, que folheava

cadernos de música, que estavam sobre o piano, não pôde deixar de observar que

os olhos de Mr. Darcy se voltaram frequentemente na sua direção. Não podia

supor que fosse um objeto de admiração para um homem tão importante. No

entanto, achava ainda mais estranho que ele a estivesse olhando por antipatia.

Acabou imaginando, entretanto, que o que atraía a sua atenção era algo errado e

repreensível que existia na sua pessoa, e que contrastasse, aos olhos de Mr.

Darcy, com as qualidades dos outros presentes. A suposição não a penalizou.

Darcy lhe era indiferente demais para que desejasse a sua aprovação.

Depois de tocar algumas canções italianas, Miss Bingley atacou uma alegre

canção escocesa e pouco depois Mr. Darcy, aproximando-se de Elizabeth, disse-

lhe:

— A senhora não se sente inclinada a aproveitar esta oportunidade para dançar?

— perguntou.

Ela sorriu, porém não disse nada. Repetiu a pergunta, um pouco espantado com o

seu silêncio.

— Oh — disse Elizabeth —, ouvi o que perguntou antes, mas não pude determinar imediatamente o que deveria responder. O senhor queria que eu o

fizesse afirmação para ter o prazer de desprezar as minhas preferências;

mas eu sempre gosto de perturbar essas estratégias e roubar às pessoas o lance

que pretendiam. Resolvi portanto responder-lhe que não desejo absolutamente

dançar; e agora despreze-me, se ousar.

— Asseguro-lhe que não ousou.

Elizabeth, que tentava ofendê-lo, ficou espantada com a sua habilidade.

Mas havia no tom de Elizabeth um misto de doçura e de malícia que dificilmente

ofenderia alguém. E Darcy nunca se sentira tão fascinado por uma mulher com o

estava por aquela. Acreditava realmente que se não fosse a inferioridade das

relações de Elizabeth encontrar-se-ia certamente em perigo.

Miss Bingley viu, ou suspeitou o bastante para se enciumar, e a sua grande

ansiedade pelo restabelecimento da sua querida amiga Jane crescia com o desejo de se ver livre de Elizabeth. Tentava frequentemente provocar a antipatia

de Darcy pela sua hóspede, falando no seu suposto casamento e planejando a

felicidade que Darcy encontraria numa tal aliança.

— Espero — disse ela, enquanto passeavam juntos, no dia seguinte, pelo pequeno

bosque —, espero que dê a entender à sua sogra, quando tiver lugar este desejo avel acontecimento, a vantagem de ser meus tagarela; e se o puder, também, cure as minhas mais moças da mania de perseguir os oficiais. E se me

permitir abordar um assunto tão delicado, procure reprimir aquele pequeno

de pretensão e impertinência que a sua dama possui.

— Tem alguma outra proposta a fazer em prol da minha felicidade doméstica?

— Oh, sim, faça pendurar os retratos do seu tio e da sua tia Philips na sua galeria

de Pemberley. Ponha-os ao lado do seu tio-avô, o juiz. São da mesma profissão,

se bem que trabalhem em ramos diferentes. Quanto ao retrato da sua Elizabeth,

nem deve tentar mandá-lo pintar, pois, que pintor poderia fazer justiça àqueles

belos olhos?

— Não seria realmente fácil reproduzir a sua expressão, mas a cor, o desenho, os

cílios, tão delicados, podem ser copiados.

Neste momento encontraram-se com Mrs. Hurst e Elizabeth, que vinham por

outro caminho.

— Não sabia que estava passeando — disse Miss Bingley, confusa, temerosa de

que as suas palavras pudessem ter sido ouvidas.

— Você nos tratou abominavelmente — disse Mrs. Hurst —, saindo assim sem

nos avisar.

E tomando o braço de Mr. Darcy, deixou Elizabeth sozinha. O caminho dava

apenas para três pessoas. Mr. Darcy percebeu a grosseria e disse imediatamente:

— Este caminho não é suficientemente largo para nós todos. Seria melhor passearmos na avenida.

Mas Elizabeth, que não tinha a menor vontade de ficar com eles, respondeu, com

um sorriso:

— Não, não, fiquem onde estão. Formam assim um grupo encantador. Um a

quarta pessoa estragaria o pitoresco. Adeus...

Em seguida ela se afastou correndo, satisfeita com a ideia de que daí a um ou

dois dias estaria novamente em casa. Jane estava tão melhor que tencionava sair

do quarto, naquela noite, durante algumas horas.

11

Quando as senhoras se retiraram depois do jantar, Elizabeth correu para perto da

irmã e, agasalhando-a contra o frio, conduziu-a até a sala, onde a convalescente

foi saudada pelas suas duas amigas com grandes demonstrações de alegria.

Elizabeth nunca vira aquelas senhoras se portarem tão amavelmente com o

durante a hora que decorreu antes de os cavalheiros aparecerem. Elas sabiam

conversar admiravelmente, sabiam descrever um baile com todos os detalhes,

contar um episódio com graça e caçoar espirituosamente dos seus conhecidos.

Mas quando os cavalheiros entraram, Jane deixou de ser o centro das suas

atenções. Os olhos de Miss Bingley se voltaram imediatamente para Darcy; e

encontrou logo o que dizer. Ele se dirigiu logo para Miss Bennet, dando-lhe

am avelm ente os parabéns; Mr. Hurst tam bém se inclinou ligeiram ente e afirm ou

que estava m uito contente. Mas Bingley foi o único que m ostrou realm ente

entusiasm o e efusão. Cercou Miss Bennet de todas as atenções possíveis. Passou a

prim eira m eia hora aum entando o fogo na lareira, para que ela não sofresse a

diferença de tem peratura; fê-la m udar para o outro lado da lareira, para que

ficasse o m ais distante possível da porta. Em seguida sentou-se a seu lado e

conversou quase que exclusivam ente com ela. Elizabeth, que fazia o seu trabalho

no canto oposto da sala, via tudo isto com grande prazer. Depois do chá, Mr.

Hurst sugeriu, em vão, à sua cunhada, que fizessem um a m esa de j ogo. Ela sabia

que Mr. Darcy não desej ava j ogar. E a proposta pública de Mr. Hurst tam bém

foi rej eitada. Miss Bingley lhe assegurou que ninguém queria j ogar. E o silêncio

geral que acom panhou estas palavras pareceu j ustificá-las. Mr. Hurst não teve

portanto outra coisa a fazer senão se estender num dos sofás da sala e dorm ir.

Darcy escolheu um livro para ler. Miss Bingley o im itou. E Mrs. Hurst, ocupada

principalmente em brincar com os seus braceletes e anéis, tomava de vez em

quando parte na conversa entre Miss Bennet e o seu irmão.

Miss Bingley estava tão ocupada em observar os progressos da leitura de Mr.

Darcy quanto em ler o seu próprio livro; a todo momento fazia uma pergunta ou

olhava a página do livro de Mr. Darcy , sem conseguir, entretanto, travar

conversação. Ele se limitava a responder às suas perguntas e continuava a ler.

Afinal, exausta da tentativa de se distrair com o seu próprio livro, que escolhera

apenas porque era o segundo volume da obra que Darcy lia, deu um grande bocej o e disse...

— Com o é agradável passar a noite desse modo... Declaro que não há

divertimento melhor do que a leitura. A gente se cansa menos facilmente de um

livro do que de qualquer outra coisa. Quando eu tiver uma casa própria, sentir-

me-ei infeliz enquanto não possuir uma grande biblioteca.

Ninguém respondeu. Ela tornou a bocejar, pôs o seu livro de lado e relanceou o

olhar pela sala, procurando outro divertim ento. Ouvindo o seu irm ão falar para

Miss Bennet acerca de um baile, virou-se subitam ente para ele e disse:

— Por falar nisto, Charles, você está realm ente resolvido a dar um baile em Netherfield? Aconselho-o, antes de tom ar qualquer decisão, a consultar os desej os dos presentes. Ficaria m uito surpreendida se não existisse um a pessoa

aqui presente para quem um baile fosse antes um castigo do que um prazer.

— Se você se refere a Darcy — exclam ou Bingley —, ele pode ir para a cam a,

se quiser, antes do baile com eçar. Mas quanto ao baile, é um a coisa decidida; e

assim que Nicholls tiver feito os seus preparativos culinários, enviarei os m eus

convites.

— A m eu ver, os bailes seriam infinitam ente m ais divertidos se fossem organizados de um a m aneira diferente; m as com o são feitos, em geral, há sem pre neles algo de insuportavelm ente enfadonho. Seria m uito m ais racional

que, em vez de dança, a conversação estivesse na ordem do dia.

— Muito m ais racional, talvez, m inha cara Caroline, m as nem de longe tão

divertido.

Miss Bingley não respondeu e pouco depois se levantou e saiu da sala. Sua figura

era elegante, sabia andar bem ; mas Darcy , a quem se dirigiam essas exibições,

continuava inflexivelmente absorto no seu livro. Desesperada, resolveu tentar um

último esforço e, virando-se para Elizabeth, disse:

— Miss Eliza Bennet, deixe-me e persuadi-la a seguir o meu exemplo. Venha dar

uma volta pela sala. Asseguro-lhe que é muito agradável depois de ter ficado

tanto tempo na mesma posição.

Elizabeth ficou surpreendida, mas concordou imediatamente. Miss Bingley

alcançou o que realmente tentava com aquela habilidade; mas Mr. Darcy

levantou os olhos, não menos surpreendido do que Elizabeth com a inesperada

cortesia da sua inimiga, e inconscientemente fechou o livro. Imediatamente foi

convidado a reunir-se ao grupo, mas recusou, observando que só podia imaginar

dois motivos que justificassem aquela caminhada pela sala, e que, com qualquer

um deles, a sua presença só poderia interferir. Que queria Darcy dizer com

isto? — perguntou Miss Bingley a si mesma. Em seguida perguntou a Elizabeth se

ela compreendia aquilo.

— Absolutamente — respondeu a outra. — Mas pode ficar certa de que ele nos

quis criticar e a melhor maneira de desapontá-lo será não lhe pedir nenhum a

explicação.

Miss Bingley, entretanto, sentia-se incapaz de desapontar Mr. Darcy e portanto

insistiu para que explicasse os dois motivos que invocara.

— Não faço a menor objeção — respondeu Darcy. — Se escolheram este método de passar a noite, é porque têm com certeza alguma confidência a fazer,

algum assunto secreto a discutir, ou então porque acham que andando exibem da

melhor maneira as suas graciosas figuras; no primeiro caso, eu me tornaria

indiscreto se aceitasse o seu convite, e no segundo posso admitir-las muito melhor

na posição em que estou.

— Oh — exclamou Miss Bingley —, nunca ouvi nada tão abominável. Com o

poderem os castigá-lo?

— Nada mais fácil, se esta é a sua intenção — respondeu Elizabeth. —

Provoque-o, caçoe dele. Íntimos com o são, deve saber um meio de fazê-lo.

— Juro-lhe que não sei. Asseguro-lhe que a minha intimidade nunca me ensinou

tal coisa. Provocar pessoas imperturbáveis, dotadas de uma tal presença de espírito! Não, não! Acho que ele pode nos desafiar neste terreno. E quanto a caçar dele, não vamos nos expor ao ridículo de rir sem motivo.

— É impossível rir de Mr. Darcy ! — gritou Elizabeth. — Ele possui uma virtude

muito rara, que é de ser imperecível ao ridículo. Espero que continue a ser rara,

pois eu consideraria uma grande infelicidade possuir muitas relações desse gênero. Gosto muito de rir.

— Miss Bingley me descreveu melhor do que sou — respondeu Darcy .
— O

melhor e o mais sábio dos homens, e mesmo a mais sábia e a melhor das ações

pode ser ridicularizada por quem faz da ironia o seu único fim na vida.

— Existem certamente pessoas assim — replicou Elizabeth. — Mas espero que

eu não seja uma delas. Espero que nunca hei de ridicularizar o que é sábio e

bom . Loucuras e absurdos, manias e inconsistências de fato me divertem .
E eu

rio delas quando posso. Mas isto, penso eu, são coisas de que o senhor
carece

precisam ente.

— Talvez isto seja impossível para qualquer um , mas sempre me
esforcei por

evitar estas fraquezas, capazes de expor ao ridículo uma grande
inteligência.

— Tais com a vaidade e o orgulho.

— Sim , a vaidade é de fato uma fraqueza, mas o orgulho pode ser bem -
controlado, quando existe uma verdadeira superioridade de inteligência.

Elizabeth se virou para esconder um sorriso.

— Presumo o que o examinou e a quem submeteu Mr. Darcy esteja terminado —
disse

Miss Bingley . — E qual é o resultado?

— Fiquei perfeitamente convencida de que Mr. Darcy não tem defeitos.
Ele,

aliás, não esconde a opinião que tem de si próprio.

— Não — disse Darcy —, não tenho tal pretensão. Possuo bastantes
defeitos,

mas não de consciência, assim o espero. Quanto ao meu gênio, não
garanto que

seja muito bom, creio que é um pouco ríspido demais. Sim, certamente ríspido

demais para as conveniências do mundo. Não consigo esquecer as loucuras e os

vícios dos outros tão rapidamente como devia. Nem as ofensas que me fazem.

Meus sentimentos não se inflam ao menor esforço ou tentativa. Meu temperamento pode ser chamado rancoroso. Uma vez perdida a boa opinião que

tenho de uma pessoa, está perdida para sempre.

— Isto é realmente um defeito — exclamou Elizabeth. — O ressentimento

implacável é um traço que marca um caráter. O senhor soube escolher bem o

seu defeito. Realmente, não posso me rir dele. Não precisa ter medo de mim.

— Acho que existe em todos os temperamentos uma tendência para determinação

forma do mal, um vício natural que nem mesmo a melhor educação pode extinguir.

— E o seu defeito é uma propensão para odiar todo o mundo.

— E o seu — replicou ele, sorrindo — é o de se recusar a compreender os outros.

— Vamos fazer um pouco de música — exclamou Miss Bingley, cansada de

um a conversa em que não tomava parte. — Louisa, você não se importa que eu

acorde Mr. Hurst, não é?

Sua irmã não fez a menor objeção e o piano foi aberto. Darcy, depois de refletir

um instante, conformou-se com isto. Ele começava a sentir o perigo que havia

em prestar demasiada atenção a Elizabeth.

12

Depois de combinar com a irmã, Elizabeth escreveu na manhã seguinte para a

irmã, pedindo-lhe que enviasse a carruagem naquele dia. Mas Mrs. Bennet, que

tinha calculado que as suas filhas permanecessem em Netherfield até a próxima

terça-feira, dia em que terminaria exatamente a semana de Jane, resolveu que

se sentiria aborrecida se as meninas chegassem antes. Sua resposta portanto não

foi propícia, pelos menos aos desejos de Elizabeth, que estava impaciente por

regressar. Mrs. Bennet mandou dizer que não poderia dispor da carruagem antes

de terça-feira; e num post-scriptum acrescentava que se Mr. Bingley e sua irmã

insistissem para que Jane permanecesse, ela daria licença, com todo o prazer.

Mas Elizabeth estava resolvida a não ficar mais tempo. Nem tão pouco esperava

um convite neste sentido. Temerosa, ao contrário, de ser considerada intrusa,

insistiu para que Jane pedisse afinal a carruagem de Mr. Bingley imediatamente.

E afinal ficou decidido que manifestariam a sua intenção de deixar Netherfield

naquela manhã mesmo e que fariam desde logo o pedido da carruagem.

A notícia arrancou muitos protestos de pura formalidade. E tanto insistiram para

que as coisas ficassem ao menos até o dia seguinte, que Jane cedeu. E a partida

foi adiada para a manhã seguinte. Miss Bingley se arrependeu de ter feito

semelhante proposta, pois o ciúme e a antipatia que tinha por uma das irmãs

excedia muitíssimo a afeição que tinha pela outra.

O dono da casa sentiu sinceramente que tivessem de partir tão cedo e procurou

repetidamente persuadir Miss Bennet de que a sua partida não era prudente, que

ela não estava ainda restabelecida. Mas Jane era firme e quando sabia qual era o

seu dever. Mr. Darcy ficou satisfeito. Elizabeth já se demorava bastante em Netherfield. Ela o atraía mais do que desejava. E Miss Bingley mostrava-se

pouco gentil para com ela, mais provocante para com ele do que de costume.

Resolveu imediatamente mostrar-se mais cuidadoso e esconder os seus sentimentos. Não queria dar nenhuma esperança a Elizabeth e sabia que a sua

atitude durante o último dia teria uma importância decisiva neste sentido. Firmemente

neste propósito, quase não lhe dirigiu a palavra durante todo o sábado. E, em breve

ficassem sozinhos durante meia hora, não despregou os olhos do livro e nem uma

só vez olhou para Elizabeth.

Domingo, depois do serviço da manhã, houve a separação tão agradável para

quase todos. A habilidade de Miss Bingley para com Elizabeth cresceu de súbito rapidamente, bem como a sua afeição por Jane. E na hora da despedida,

depois de assegurar a esta última do prazer que sempre teria em tornar a vê-la

em Longbourn ou em Netherfield, beijando-a em seguida afetuosamente, ela se

dignou até a apertar a mão de Elizabeth. Esta se despediu alegremente de todos.

Em casa, não foram recebidas muito cordalmente por sua mãe. Mrs. Bennet

ficou surpreendida com o regresso, achou que faziam muito mal em lhe dar tanto

trabalho e afirmou que Jane se tinha resfriado novamente. Mas seu pai, embora

muito lacônico nas suas expressões, ficou realmente contente ao vê-las. Sentira a

importância que elas tinham no círculo da família. As palestras da noite, quando

todos estavam reunidos, tinham perdido grande parte da sua animação e quase

todo o seu sentido, com a ausência de Jane e de Elizabeth. Encontraram Mary,

com o sempre, profundamente absorvida no estudo do contraponto e da natureza

humana; tiveram que admitir novas citações e ouvir novas observações de

oralidade convencional. Muito tinha sido feito e dito no regimento desde a

quarta-feira precedente. Vários oficiais tinham já contado com seu tio, um soldado

que tinha sido fustigado e corria o boato de que o coronel Forster ia se casar.

— Espero, minha cara — disse Mr. Bennet para a sua esposa, ao se sentarem à

mesa para a primeira refeição da manhã —, espero que você tenha encomendado um bom jantar para hoje e à noite, porque estou esperando uma visita.

— A quem se refere você, meu caro? Não sei de ninguém que pudesse aparecer

a não ser Charlotte Lucas, que pode chegar casualmente. E espero que os meus

jantares sejam dignos dela. Não creio que em sua casa veja muito frequentemente jantares iguais aos meus.

— A pessoa a que me refiro é um cavalheiro e um estranho. — Os olhos de Mrs.

Bennet brilharam.

— Um cavalheiro e um estranho! Então é Mr. Bingley ... Jane, e você nada disse!

Pequena astuciosa! Bem, eu estou certa que terei muito prazer em ver Mr. Bingley. Mas que pouca sorte! É impossível arranjar peixe para hoje. Lydia,

meu bem, toque a campainha. Preciso falar com Hill imediatamente.

— Não é Mr. Bingley — disse Mr. Bennet. — É uma pessoa que nunca vi em

toda a minha vida.

Todos ficaram espantadíssimos e Mr. Bennet teve o prazer de ser avidamente

interrogado por sua mulher e pelas suas cinco filhas ao mesmo tempo.

Depois de se divertir algum tempo com a curiosidade delas, deu a seguinte explicação:

— Há um mês recebi esta carta. E há 15 dias, respondi. Julguei que era um caso

delicado, que exigia atenção imediata. É do meu primo Mr. Collins, que, quando

eu morrer, poderá expulsá-las todas desta casa, assim que o desejar.

— Oh, meu caro — exclamou Mrs. Bennet —, não suporto ouvir falar nisto. Por

favor não me fale neste homem odioso! Acho que é a coisa mais injusta deste

mundo a sua propriedade ser arrebatada dos seus filhos; estou certa de que se eu

fosse você, já teria tomado uma providência há muito tempo.

Jane e Elizabeth procuraram explicar à sua mãe o aspecto jurídico do caso. Já o

tinham tentado muitas vezes antes, mas este era um assunto inatingível para Mrs.

Bennet. E ela continuava a queixar-se amargamente da crueldade de

seu patrimônio a uma família com cinco moças em favor de um homem

indiferente a todos.

— É certamente uma coisa iníqua — disse Mr. Bennet — e nada pode atenuar a

culpa de Mr. Collins de herdar Longbourn. Mas se quiser ouvir esta carta, talvez

se sinta um pouco abrandada pela maneira com a qual ele se exprime.

— Não, estou certa de que não me sentirei assim. Acho que é um desaforo e

uma hipocrisia da parte dele lhe escrever. Odeio os falsos amigos. Por que é que

não continua brigado com você, com o pai?

— Por que, não sei. Com você verá, parece que ele tem alguns escrúpulos filiais

a esse respeito.

Hunsford, perto de Westerham, Kent

15 de outubro.

Caro senhor:

A desavença que existia entre o senhor e meu falecido pai sempre me causou

muito mal-estar. E desde que tive a infelicidade de perdê-lo, desejei muitas vezes

remediar este conflito. Mas durante algum tempo as minhas dúvidas me

retiveram. Eu temia que fosse desrespeitoso para a memória do meu pai estar de

bem com um a pessoa de quem sem pre se m anteve afastado. (Está vendo, Mrs.

Bennet?) Cheguei agora com igo m esm o a um a decisão sobre o assunto, pois

tendo sido ordenado pastor durante a Páscoa, tive a felicidade de ser distinguido

com a proteção de Lady Catherine de Bourgh, viúva de Sir Lewis de Bourgh,

cuj a grandeza e generosidade m e escolheram para preencher a im portante reitoria daquela paróquia, onde m e esforçarei por m e conduzir sem pre com o

m aior respeito para com Sua Excelência Lady Catherine, e onde estarei sem pre

preparado para cum prir os ritos e cerim ônias da Igrej a da Inglaterra. Além disso, com o clérigo, sinto que m e incum be o dever de prom over e lançar as

bênçãos da paz sobre todas as fam ílias às quais possa se estender a m inha influência. E por este m otivo, espero que a m inha presente oferta de boa vontade

sej a altam ente louvável. E que as circunstâncias que m e tornam o herdeiro m ais

próxim o das terras de Longbourn não o conduzirão a rej eitar o ram o de oliveira

que lhe ofereço. Não posso deixar de m e afligir com um a situação que m e obriga a prej udicar as suas estim áveis filhas. Peço que aceitem as m inhas

desculpas e asseguro-lhe que estou pronto a conceder-lhe todas as possíveis reparações; mas deste assunto tratarei depois. Se o senhor não fizer objeção a

receber-me em sua casa, proponho-me a satisfação de lhe fazer uma visita, na

segunda-feira, 18 de novembro, às quatro horas. E tomarei provavelmente a

liberdade de abusar da sua hospitalidade até o sábado próximo, coisa que posso

fazer sem inconveniência, pois Lady Catherine não faz nenhum objeção à minha ausência ocasional num domingo, contanto que outro possa-me substituir

nos deveres daquele dia. Com os meus respeitosos cumprimentos à sua esposa e

filhas, subscrevo-me, seu atencioso amigo,

William Collins.

— Às quatro horas, portanto, poderem os esperar a visita desse cavalheiro pacífico — disse Mr. Bennet, dobrando a carta. — Ele parece ser um rapaz consciencioso e polido. E não duvidem que se torne uma relação valiosa, especialmente se Lady Catherine tiver a indulgência de permitir que ele nos

venha ver pessoalmente.

— O que diz a respeito das meninas parece sensato e se está disposto a oferecer-

lhes reparação, não lhe servirei de empecilho.

— Em bora seja difícil adivinhar de que maneira ele tenciona fazer o que diz —

disse Jane, duvidando —, o seu desejo é certamente louvável.

O que mais surpreendeu Elizabeth foi a extraordinária deferência que ele manifestava por Lady Catherine e a sua louvável intenção de casar, crismar e

sepultar os seus paroquianos, em qualquer ocasião em que isto fosse necessário.

— Ele deve ser uma raridade — disse Elizabeth. — Não consigo formar um a

ideia a seu respeito. O estilo dele é muito pomposo e acho estranho se desculpar

por ser o herdeiro mais próximo. Que culpa lhe cabe nisto? Acha que ele pode

ser um sujeito sensato, papai?

— Não, meu bem, acho que não. Tenho grandes esperanças de que seja exatamente o contrário. Há um pouco de senilidade e de prosápia na carta, que

promete muita coisa. Estou impaciente para conhecê-lo.

— Quanto à composição — disse Mary —, a carta não me parece muito deficiente. A ideia do ramo de oliveira talvez não seja muito nova, mas acho que

expressou bem.

Quanto a Katherine e a Lydia, nem a carta nem o autor lhes pareceu ter o menor

interesse. Era praticamente impossível que o seu primo aparecesse num uniforme vermelho. E havia já algumas semanas que não encontravam nenhum

prazer senão na sociedade de homens que se vestissem daquela cor. Quanto a

Mrs. Bennet, a carta de Mr. Collins tinha abrandado em parte a sua má vontade.

E se preparava para recebê-lo com uma distinção que assombrara o marido e as

filhas.

Mr. Collins chegou pontualmente e foi recebido muito amavelmente por toda a

família. Mr. Bennet, aliás, pouco falou, mas as senhoras foram mais

comunicativas e Mr. Collins mostrou que não tinha necessidade de

encorajamentos e não estava absolutamente disposto a ficar calado. Era um

rapaz alto e cheio de corpo, de 25 anos de idade. Tinha um ar grave e imponente

e maneiras cerimoniais. Pouco depois de se sentar com ele a cumprimentar

Mrs. Bennet por ter tantas filhas encantadoras; disse que muito ouvira falar na

beleza das meninas, mas que naquele caso a fama ficara aquém da verdade; e

acrescentou que não duvidava que Mrs. Bennet as visse dentro em pouco todas

casadas. Esse galanteio não agradou muito a alguma das suas ouvintes, mas Mrs.

Bennet, sem pre-disposta a receber elogios, respondeu prontamente:

— É muita bondade sua; espero de todo o coração que as suas previsões se realizem, pois de outra maneira elas se encontrariam numa situação muito difícil.

As coisas se arranjaram de um modo tão estranho...

— A senhora alude talvez à sucessão desta propriedade?

— Ah, meu caro senhor, é isto mesmo. O senhor deve confessar que é uma triste

situação para as minhas pobres filhas: não que eu o culpe disto, pois sei que estas

coisas são uma questão de sorte neste mundo...

— Sou muito sensível às dificuldades das minhas primas, minha cara senhora, e

muito poderia dizer sobre o assunto, se não temesse ser precipitado. Mas posso

garantir às jovens que vim disposto a admitir-las. No momento, não direi mais

nada; talvez quando nos conhecermos melhor...

Ele foi interrompido pela chamada para o jantar. E as meninas sorriram umas

para as outras. Elas não constituíram o único objeto da admiração de Mr. Collins.

O hall da sala de jantar e todos os móveis foram examinados e louvados; e estes

elogios teriam tocado o coração de Mrs. Bennet, se não fosse a mortificante suposição de que ele olhava para tudo aquilo com o para as suas futuras propriedades.

O jantar também foi altamente apreciado; e Mr. Collins desejou saber a qual das

suas belas primas deveria atribuir a excelência daqueles manjares. Mrs. Bennet

respondeu um tanto asperamente que a família podia perfeitamente pagar um a

cozinheira e que suas filhas nada tinham a fazer na cozinha. E ele pediu perdão

por ter sido desagradável a Mrs. Bennet. Esta respondeu, num tom mais brando,

que não estava ofendida, mas Mr. Collins continuou a se desculpar durante um

quarto de hora.

14

Durante o jantar, Mr. Bennet quase não abriu a boca. Mas depois que os criados

tiraram a mesa, achou que era tempo de palestrar com o seu hóspede. E iniciou

um assunto em que esperava ver o outro brilhar, observando que ele tivera muita

sorte com a sua protetora, pois Lady Catherine parecia disposta a atender aos

seus desejos e ter grande consideração pelo seu conforto. Ele, Mr. Bennet, não

podia ter escolhido melhor. Mr. Collins elogiou a sua protetora com eloquência. O

assunto o tornava ainda mais pomposo e ele declarou com ar muito importante

que nunca na sua vida encontrara tamanha virtude, tanta afabilidade e

condescendência numa pessoa da nobreza como em Lady Catherine. Ela lhe

fizera a graça de elogiar ambos os sermões que tivera a honra de pronunciar na

sua presença. Convidara-o também duas vezes para jantar e mandara-o chamar

no sábado anterior para organizar uma partida de cartas. Muita gente considerava

Lady Catherine orgulhosa; no entanto nunca encontrara nela senão afabilidade.

Sempre lhe dirigira a palavra como a qualquer outro gentleman; nunca lhe fizera

a maior objeção sobre as pessoas das vizinhanças que frequentava, e nunca se

opusera às suas ausências ocasionais, durante uma ou duas semanas a fim de

visitar as suas relações. Tivera mesmo a bondade de aconselhar que ele se casasse o mais cedo possível, contanto que escolhesse com prudência; e se dignara fazer-lhe uma visita no seu humilde presbitério. Aprovava plenamente

todas as alterações que tinha introduzido na casa, tendo até sugerido que pusesse

um estante nos quartos do sobrado.

— Tudo isto é muito amável — disse Mrs. Bennet —, e ela deve ser uma senhora

muito agradável; é pena que as mulheres da nobreza não se pareçam todas com

ela. E agora perto do senhor?

— O jardim em que fica situada a minha humilde mansão se acha separado

apenas por uma alameda do parque de Rosings, a residência de Sua Excelência.

— O senhor disse que ela era viúva. Tem família?

— Possui apenas uma filha, a herdeira de Rosings e de uma grande fortuna.

— Ah — exclamou Mrs. Bennet, sacudindo a cabeça —, então está em melhor

situação do que muitas coisas. E que espécie de coisa é? Bonita?

— É realmente encantadora. Lady Catherine diz até que Miss de Bourgh, em

matéria de pura beleza é muito superior às mais belas do seu sexo; pois existe em

seus traços a marca da jovem de alto nascimento. Infelizmente é de constituição

doentia e isso a impedi de realizar progressos em certas matérias, nas quais de

outro modo ela não seria deficiente. Isso foi o que me informou a senhora que

está encarregada da sua educação e que reside com elas. Miss de Bourgh é muito

amável, muitas vezes me concede a honra de uma visita e vem até a minha

humilde habitação, no seu pequeno faéton, puxado por pôneis.

— Ela já foi apresentada em St. James? Não me lembro de ter visto o nome dela

entre as damas da Corte.

— O estado medíocre da sua saúde, infelizmente, não permite que ela resida na

cidade; e com o eu disse a Lady Catherine certa vez, essas circunstâncias

privaram a corte inglesa do seu mais brilhante ornamento. Sua Senhoria pareceu

ter ficado muito contente com a ideia. E o senhor pode imaginar que eu me sinto

feliz em oferecer de vez em quando esses pequenos cumprimentos delicados que

as senhoras tanto apreciam. Mais de uma vez observei a Lady Catherine que a

sua graciosa filha parecia ter nascido para ser uma duquesa, e que esta honra, a

maneira alta que pode ser conferida, em vez de lhe dar importância, seria, ao contrário, adornada por ela. Esses são os pequeninos tributos que agradam a Sua

Senhoria, e que eu me considero obrigado a prestar.

— O senhor tem toda a razão — disse Mr. Bennet. — E felizmente para o senhor,

possui o talento de lidar com delicadeza. Terei licença de perguntar se essas

agradáveis atenções procedem de um impulso momentâneo ou são o resultado

de um cálculo prévio?

— Elas se originam principalmente do que ocorre no momento. E embora eu às

vezes me divirta arranjando e polindo esses pequenos galanteios a serem

empregados em certas ocasiões, procuro sempre lhes dar um ar tão espontâneo

quanto possível.

As suposições de Mr. Bennet se realizaram integralmente. Seu primo era tão

absurdo quanto ele tinha esperado. Ouvia-o falar com o maior prazer, mantendo

ao mesmo tempo a mais resoluta seriedade.

Deliciava-se sozinho com o espetáculo, e às vezes atirava um olhar furtivo e malicioso para Elizabeth.

À hora do chá, porém, Mr. Bennet achou que a dose fora suficiente. E de bom

grado acompanhou o seu hóspede até a sala, e terminado o chá, convidou-o a ler

em voz alta para as senhoras. Mr. Collins consentiu prontamente. Entregaram-lhe

um livro, mas ao lançar um olhar sobre o volume (tudo indicava que era de um a

biblioteca circulante) ele recusou e, desculpando-se, declarou que nunca lia romances. Kitty olhou para ele fixamente, e Lydia teve uma exclamação de

espanto. Foram buscar outros livros. E depois de examiná-los, escolheu os

Sermões, de Fordyce. Lydia olhou atônita para o volume aberto e antes que ele

tivesse lido três páginas com monótona solenidade, interrompeu-o, dizendo:

— Você sabe, minha mãe, que meu tio Philips está com vontade de despedir

Richard? E que se o fizer, o coronel Forster ficará com ele? Foi minha tia quem

me disse sábado. Irei a Meriton amanhã, a fim de me informar melhor. E saber

quando Mr. Denny deve voltar da cidade.

As duas irmãs mais velhas disseram a Lydia que calasse a boca. Mas Mr. Collins,

muito ofendido, pôs o livro de lado e disse:

— Já observei com o as meninas se interessam pouco por livros sérios, escritos

aliás para o seu benefício. Confesso que isto me espanta, pois certamente nada

pode haver de mais vantajoso para elas do que a instrução. Mas não importunarei

mais a minha jovem prima.

Em seguida, virando-se para Mr. Bennet, ofereceu-se para parceiro de gamão.

Mr. Bennet aceitou o desafio, observando que ele fazia bem em deixar as

meninas se ocuparem com as suas futilidades. Mrs. Bennet e as suas filhas se

desculpavam com toda a civilidade pela interrupção de Lydia, e prometeram que

isto não aconteceria novamente, caso ele quisesse recomendar a leitura. Mas Mr.

Collins, depois de lhes assegurar que não guardava rancor contra a sua jovem

prima, e já mais consideraria a sua conduta com o um insulto, sentou-se diante de

outra mesa com Mr. Bennet e se preparou para a partida.

15

Mr. Collins não era um homem sensato e as deficiências da sua natureza não

tinham sido compensadas pela educação ou pelo meio; a maior parte da sua vida

tinha decorrido sob a direção de um pai ignorante e avarento. Em bora tivesse

cursado uma das universidades, tinha apenas feito os cursos necessários, sem

travar nenhuma relação vantajosa. A sujeição em que seu pai o mantivera

dotara-o, a princípio, de grande humildade de gênio, mas isto tinha sido em parte

com pensado pela tola presunção do seu espírito fútil, pelo isolamento e pela sua

súbita e prematura prosperidade. Um acaso feliz fizera com que fosse

recomendado a Lady Catherine de Bourgh no momento em que a reitoria de

Hunsford estava vaga e o respeito que ele sentia pela posição social daquela

senhora, a veneração que sentia pela sua protetora, de mistura com a sua

vaidade, a sua autoridade com o clérigo e os seus direitos com o reitor tinham -no

tornado um misto de orgulho e servilidade, presunção e humildade.

Dispondo agora de uma boa casa e de um rendimento mais que suficiente, Mr.

Collins tencionava casar-se; e a sua intenção, ao se reconciliar com a família de

Longbourn, era justamente escolher uma das filhas de seu parente, caso fossem

tão bonitas e amáveis como se dizia. Estas eram as reparações que tencionava

oferecer em troca da sua futura apropriação de Longbourn. Achava esse plano

excelente, conveniente, excessivamente generoso e desinteressado da sua parte.

O contato com as meninas não o fez alterar o seu plano. O lindo rosto de Miss

Jane o confirmou até nas suas intenções; e as suas preferências quadravam aliás

com as severas noções que tinha do direito de primogenitura. E desde o primeiro

momento, a sua escolha recaiu sobre Jane. A manhã seguinte, entretanto, trouxe

uma alteração. Durante uma conversa tête-à-tête com Mrs. Bennet pelo espaço

de um quarto de hora da primeira refeição, a palestra que se iniciou acerca do

seu presbitério conduziu-o naturalmente a confessar as suas esperanças de

encontrar uma dona de casa em Longbourn. Mrs. Bennet, entre sorrisos amáveis

e outros encorajamentos, procurou dissuadi-lo da escolha que parecia recair

sobre Jane. Quanto às suas filhas mais novas, não podia responder

positivamente, mas não sabia ao certo de nenhum impedimento da parte delas.

Em relação à sua filha mais velha, porém, sentia-se na obrigação de avisar que

provavelmente ficaria noiva dentro de pouco tempo.

Mr. Collins, com a maior naturalidade, transferiu o seu projeto de Jane para

Elizabeth. E isto foi logo feito, enquanto Mrs. Bennet falava sobre o assunto.

Elizabeth, que vinha logo em seguida a Jane, em idade e beleza, era a sua sucessora natural.

Mrs. Bennet registrou a alusão, e nutriu esperanças de que em breve teria duas

filhas casadas. E o homem cujo nome é ainda na véspera a enfurecera, conquistou

um alto lugar nas suas boas graças.

O projeto do passeio até Meryton não foi esquecido. Todas as irmãs concordaram, com exceção de Mary. E Mr. Collins, a pedido de Mr. Bennet, que

estava ansioso para se ver livre dele, e dispor à vontade da sua biblioteca, prontificou-se a acompanhar as meninas. Depois do café da manhã, Mr. Collins

acompanhara o dono da casa à biblioteca e lá continuaria, indefinidamente,

ocupado aparentemente em examinar um dos grandes in-folios da coleção, mas

na verdade falando sem cessar sobre a sua casa e o seu jardim de Hunsford, se

Mr. Bennet não tivesse sugerido aquele passeio com as meninas. Estas invasões

dos seus domínios irritavam Mr. Bennet extraordinariamente. Na sua biblioteca

ele se sentia sem preceito da sua tranquilidade e uma vez declarara a Elizabeth

que, embora estivesse sem preceito de encontrar a loucura e a vaidade em todos

os demais quartos da sua casa, ali podia se considerar livre do espetáculo dessas

fraquezas. A sua amabilidade, portanto, levou-o facilmente a convidar Mr.

Collins a acompanhar suas filhas no passeio que elas haviam planejado. E Mr.

Collins, que tinha muito mais vocação para andar do que para ler, ficou extremamente satisfeito, fechou o seu grosso volume e partiu.

Entre pequenas frases postas da sua parte e amáveis assentimentos da parte

de suas primas, o tempo passou até que chegaram em Meryton. Aí Mr. Collins

foi obrigado a desistir dos seus esforços para atrair a atenção das suas duas primas mais novas. Immediatamente os olhares destas começaram a percorrer as

ruas, à procura de oficiais e, a não ser um chapéu muito elegante ou um

corte de mousseline numa vitrine, nada mais seria capaz de atrair novamente a

sua atenção.

Aliás todos os olhares foram atraídos imediatamente por um rapaz que nunca

tinham visto antes e que parecia extremamente distinto e elegante. Vinha com

um oficial do outro lado da rua. O oficial era aquele Mr. Denny, cujo regresso de

Londres Lydia viera investigar. Ao passar, ele cumprimentou-as. Todas ficaram

impressionadas com o aspecto do desconhecido. A curiosidade era enorme. Kitty

e Ly dia, resolvidas a investigar o caso, fizeram o grupo passar para o outro lado

da rua, sob pretexto de um a com pra a fazer num a loja a fronteira. Por sorte, apenas tinham pisado a calçada do outro lado, os dois rapazes, voltando sobre

seus passos, chegaram ao mesmo o lugar. Mr. Denny se dirigiu imediatamente

para as mulheres e pediu permissão para apresentar o seu amigo, Mr. Wickham ,

que viera com ele de Londres no dia anterior e que aceitara um a comissão no

seu regime então. Isto era realmente a coisa desejável, pois só lhe faltava um uniforme e para ser o mais encantador dos rapazes. Logo depois de apresentado,

ele se pôs a conversar, pois era desembaraçado e ao mesmo o tempo

perfeitamente correto e respeitoso. Todo o grupo se encontrava ainda na mesma

posição, conversando muito agradavelmente, quando se ouviu um rumor, e

Darcy e Bingley apareceram a cavalo. Ao avistar as senhoras, eles

imediatamente se adiantaram para o grupo e as cumprimentaram com as

cortesias de costume. Bingley se dirigiu logo a Miss Bennet. Estava, explicou, a

caminhando de Longbourn, a fim de saber notícias dela. Mr. Darcy confirmou com

um a reverência e estava a ponto de tomar a resolução de não olhar para Elizabeth, quando a presença do estranho lhe chamou a atenção. Elizabeth, que olhava para o rosto de ambos, viu com espanto que quando os seus olhos se encontraram, um corou e o outro em palideceu. Mr. Wickham, depois de alguns instantes tocou o seu chapéu: um a saudação que Mr. Darcy apenas se dignou responder. Que poderia significar aquilo? Era impossível saber, mas era impossível também não sentir grande curiosidade.

Poucos minutos depois Mr. Bingley, em bora sem parecer notar o que tinha se

passado, despediu-se e partiu com o seu amigo.

Mr. Denny e Mr. Wickham acompanharam as mulheres até a porta da casa de Mr.

Philips e aí fizeram as suas reverências, apesar das insistências de Miss Lydia

para que entrassem, e mesmo das instâncias de Mr. Philips em pessoa, que abriu

de súbito uma das janelas e confirmou enfaticamente o convite.

Mrs. Philips via sempre com prazer as suas sobrinhas, especialmente as duas

mais velhas, cuja ausência se fizera sentir recentemente. Ela exprimiu avidamente a surpresa que lhe causara a notícia do seu súbito regresso de

Netherfield e disse que de nada teria sabido se não tivesse encontrado por acaso o

menino da farmácia que lhe dissera que não estavam mais enviando remédios

para Netherfield porque as irmãs Bennet tinham ido em bora. Nesse momento

Jane chamou a sua atenção para Mr. Collins, que ela desejava lhe apresentar.

Mrs. Philips recebeu-o com a maior habilidade e esta lhe foi retribuída em

dose ainda maior. Mr. Collins se desculpou por ter vindo visitá-la sem

apresentação prévia, coisa que no entanto se justificava plenamente pelo seu

parentesco com as jovens senhoras que o tinham apresentado. Mrs. Philips ficou

espantada com tal excesso de boa educação, mas o seu embevecimento diante

do recém-chegado foi em breve interrompido pelas exclamações e perguntas a

respeito do outro estranho. Quanto a este último, entretanto, só podia dizer às

sobrinhas o que já sabiam : que tinha chegado de Londres com Mr. Denny e que

ia receber o posto de tenente comissionado no condado de X. Observara-o,

explicou, durante a última hora, enquanto ele passeava de cima para baixo na

rua. Se Mr. Wickham tivesse reaparecido, Kitty e Lydia teriam substituído

nessa ocupação, mas as infelizes não passaram pela janela, e não se

oficiais, que, em comparação com o estranho, se tinham tornado sujeitos

“estúpidos e desagradáveis”. Alguns deles deviam vir jantar com os Philips no

dia seguinte, e a tia prometeu que faria o seu marido visitar Mr. Wickham e

convidá-lo igualmente, caso a família de Longbourn pudesse vir depois do jantar.

Assim ficou combinado, e Mrs. Philips declarou que faria um jogo de loteria e

que ofereceria uma ceia mais tarde.

A expectativa de tais prazeres era muito agradável, e todos se separaram

extremamente felizes. Mr. Collins repetiu as suas desculpas e tornou a ser tranquilizado com incansável habilidade por Mrs. Philips.

À noite de casa, Elizabeth contou a Jane a cena que presenciara entre os dois

cavalheiros, mas Jane declarou que aquele procedimento lhe parecia

incompreensível. Mr. Collins, ao regressar, alegrou Mrs. Bennet, dizendo que

tinha apreciado imensamente as maneiras e a polidez de Mrs. Philips. Declarou

que, a não ser Lady Catherine e sua filha, nunca vira uma mulher tão elegante,

pois Mrs. Philips não só o recebera com a maior habilidade, com o que tinha

incluído especialmente no seu convite para a próxima noite, embaraço o estivesse

vendo pela primeira vez. Em parte isso devia ser atribuído ao seu parentesco com

a família de Longbourn, mas mesmo assim nunca fora tratado com tanta atenção

durante toda a sua vida.

16

Nenhuma objeção foi feita quanto ao compromisso que as meninas tinham

tomado para a noite seguinte, e todos os escrúpulos que Mr. Collins manifestou de

deixar Mr. e Mrs. Bennet por uma noite, durante a sua visita, foram vencidos

com firmeza. Em hora oportuna a carruagem saiu de Longbourn conduzindo Mr.

Collins e suas cinco primas a Meryton. Ao entrarem na sala, as meninas tiveram

o prazer de saber que Mr. Wickham tinha aceitado o convite de Mr. Philips e já

se encontrava em sua casa.

Depois que todos se tinham sentado, Mr. Collins teve a oportunidade de olhar em

torno e adm irar a casa. Ficou tão im pressionado com o tam anho e a m obília da

sala que declarou que tinha quase a im pressão que estava num a pequena sala de

alm oço de verão em Rosings, com paração que a princípio não foi m uito apreciada. Mas quando Mrs. Philips soube o que era Rosings e a quem pertencia,

e depois que ouviu a descrição de um dos salões de Lady Catherine e soube que

um a das lareiras por si só custara oitocentas libras, ela sentiu toda a força do

elogio; não teria ficado ressentida se com parassem a sua sala com o quarto da

caseira de Rosings. Mr. Collins se alongou na descrição das riquezas de Lady

Catherine e da sua propriedade, com digressões ocasionais em louvor da sua

própria e hum ilde residência e dos m elhoram entos que estavam sendo feitos

nela; finalm ente outros cavalheiros se acercaram . Mr. Collins encontrou em Mrs.

Philips um a ouvinte m uito atenciosa. Ela estava cada vez m ais convencida da

im portância do seu convidado e resolvida a passar adiante para todas as suas

vizinhas, assim que pudesse, tudo o que estava ouvindo. Mas para as meninas, que

não queriam prestar atenção no seu primo, que nada tinham a fazer senão

examinar as imitações de porcelana sobre a lareira, o intervalo pareceu muito

longo. E afinal os cavalheiros se aproximaram, e quando Mr. Wickham entrou na

sala, Elizabeth sentiu que a admiração que desde o primeiro momento sentira por

ele não era de modo algum exagerada. Os oficiais do condado de... eram todos

peçoas muito distintas e os melhores dentre eles estavam presentes; mas Mr.

Wickham ultrapassava a todos, em aspecto, maneiras, modo de andar, do mesmo

modo que eles, os oficiais, eram superiores ao gorducho do tio Philips, com o seu

rosto redondo e o seu hálito cheirando a vinho do Porto.

Mr. Wickham era um felizardo para quem se dirigiam quase todos os olhares

femininos, e Elizabeth foi a feliz eleita perto da qual se sentou. E o rapaz se pôs

imediatamente a conversar da maneira mais agradável, em bora o assunto se

limitasse apenas à noite chuvosa que fazia, e à probabilidade de uma estação

chuvosa. Elizabeth sentiu que o assunto mais banal podia tornar-se interessante

graças à arte do narrador.

Diante de rivais tão temíveis com o Mr. Wickham e os oficiais, Mr. Collins parecia mergulhar na insignificância. Para as vezes ele não tinha interesse algum. Mr. Collins encontrava, entretanto, às vezes, em Mrs. Philips, uma ouvinte

benévola. Graças à atenção desta senhora, recebeu uma abundante provisão de

café e de biscoitos. Quando as mesas de jogo foram colocadas, teve ocasião de

retribuir aquelas habilidades, oferecendo-se para seu parceiro de whist.

— Sou um pouco fraco no jogo atualmente — disse —, mas aproveitarei de boa

vontade a presente ocasião para me aperfeiçoar, pois na minha atual situação...

Mrs. Philips ficou muito grata com o convite, mas não quis esperar os motivos.

Mr. Wickham não jogava whist, porém a sua presença com o espectador na mesa

em que jogavam Elizabeth e Lydia foi recebida com grande prazer. A princípio

parecia haver um certo perigo de que Lydia o absorvesse inteiramente, pois esta

conversava muito; mas Lydia tinha também grande entusiasmo pelo whist e

dentro em pouco estava tão absorvida com as apostas e os prêmios, que não prestava mais atenção a ninguém. Mr. Wickham ficou portanto à vontade para

falar com Elizabeth, que estava pronta a ouvi-lo com a maior boa vontade, embora não tivesse a esperança de que ele contasse o que mais desejava: a história das suas relações com Mr. Darcy. Elizabeth não ousou sequer mencionar

o nome daquele cavalheiro. Mr. Wickham, ele próprio, introduziu o assunto e

perguntou qual a distância que separava Netherfield de Meryton e depois de

ouvir a resposta, perguntou, hesitante, há quanto tempo Mr. Darcy estava habitando lá.

— Há um mês, mais ou menos — respondeu Elizabeth.

E em seguida, para não deixar morrer o assunto, acrescentou:

— Ouvi dizer que ele tem uma grande propriedade no Derbyshire.

— Sim — replicou Wickham —, tem uma bela propriedade. Dez mil libras

líquidas por ano. Aliás a senhora não poderia encontrar melhor informante do

que eu sobre esse assunto, pois desde a minha infância conheço a família bastante intimamente.

Elizabeth não pôde se impedir de manifestar espanto.

— A sua surpresa, Miss Bennet, é muito natural, pois viu com que frieza nos

cumprimos os ontem. Conhece intimamente Mr. Darcy ?

— Não queria conhecê-lo mais do que conheço. Passei quatro dias na mesma

casa que ele e o acho muito desagradável.

— Não tenho direito de manifestar a minha opinião — disse Wickham —; não

estou qualificado para formar um juízo, pois o conheço há tanto tempo e tão bem

que me é impossível falar com imparcialidade, mas acho que a sua opinião

surpreenderia a todos e talvez nunca a expressasse tão categoricamente em outro

lugar qualquer. Aqui a senhora está no meio da sua própria família.

— Dou-lhe a minha palavra de honra que não falo aqui de maneira diferente da

que falaria em outra qualquer casa das redondezas, exceto Netherfield. Mr.

Darcy não é nada benquisto aqui no Hertfordshire. Todos o acham

insuportavelmente orgulhoso. Não encontraria uma opinião diferente a seu

respeito.

— Não posso dizer que me entristece o fato de um homem não ser apreciado

além do que merece — disse Wickham, depois de uma curta pausa. — Mas no

caso de Mr. Darcy acho que isto não acontece frequentemente. A sociedade se

deixa cegar pela sua fortuna e pela sua importância, e se deixa atemorizar pelas

suas maneiras altivas e despóticas e o vê apenas com o desejo de ser visto.

— Mesmo conhecendo-o muito pouco com o eu o conheço, acho que ele deve ser

um homem de mau gênio.

Mr. Wickham se limitou a sacudir a cabeça.

— Não me surpreenderia — disse Wickham — se não se demorasse aqui muito

tempo mais.

— Isto eu não sei, mas nada ouvi falar a respeito da sua partida. Espero que os

seus planos, Mr. Wickham, não sejam afetados pela presença de Mr. Darcy nestas redondezas.

— Oh, não. Não há de ser ele que há de me enxotar daqui. Se quiser evitar encontrar-se comigo, ele é quem deve partir. Não estamos em termos muito

am igáveis; é-m e desagradável encontrá-lo, m as não tenho outros m otivos para

evitá-lo, senão aqueles que não m e pejo de proclamar diante de todo m undo: a

consciência de ter sido tratado injustamente por ele e a pena que m e causa o seu

feio desagradável. O pai dele, Miss Bennet, o falecido Mr. Darcy , foi um dos

homens m elhores que já pisaram sobre a terra, e o m elhor amigo que já m ais

tive; e nunca m e encontro com o atual Mr. Darcy sem que m e sinta ferido por

m il lem branças tristes. A sua conduta para comigo foi sem precedentes, m as

creio realmente que lhe perdoaria tudo, contanto que ele não desmerecesse a

m em ória do seu pai.

Elizabeth sentiu crescer o seu interesse e o ouvia com toda a atenção, m as a

delicadeza do assunto im pedia m aiores investigações. Mr. Wickham abordou

outros temas de natureza m enos especial: Meryton, as pessoas da redondeza, a

sociedade e pareceu m uito satisfeito com tudo o que tinha visto, referindo-se

especialmente a esta última com m uita habilidade.

— O que me mais me induziu a aceitar o posto no regimento — disse — foi a perspectiva da agradável sociedade que encontraria aqui. Sabia que era um dos

regimentos mais respeitáveis, e meu amigo Danny me convenceu ainda mais,

com a descrição que fez da sociedade de Meryton, das grandes atenções que

tinha recebido e das excelentes relações que fizera. Confesso que a sociedade me

é necessária. Sofri certos desenganos e não suporto a solidão. Preciso de um a

ocupação e de uma companhia. A vida militar não é aquela para que me sinto

feito. Mas as circunstâncias a tornaram desejável no momento. Minha carreira

devia ter sido o clero. Fui educado para entrar na Igreja e neste momento eu

estaria de posse de uma posição importante, se aquele cavalheiro de que falávamos o tivesse desejado.

— Sim ?

— Sim . O falecido Mr. Darcy tinha-me prometido a melhor paróquia que primeiro vagasse nos seus domínios. Ele era meu padrinho e me dedicava grande

afeição. Nunca poderia pagar o que lhe devo. Ele tencionava velar sobre o meu

futuro e pensou que o tivesse feito. Mas quando o lugar vagou, foi dado a outra

pessoa.

— Que horror! — exclamou Elizabeth. — Com o pôde desrespeitar a vontade do

pai? Por que é que o senhor não procurou uma reparação legal?

— Os termos da doação eram apenas verbais. Não havia fundamento para uma

ação legal. Um homem de honra não hesitaria em cumprir as disposições

paternas, mas Mr. Darcy preferiu duvidar de que estas disposições existissem, ou

tratá-las com o simples reconhecimento e afirmou que eu tinha perdido todo o

direito ao lugar que pleiteava pela minha extravagância e pela minha

imprudência. O certo é que o lugar ficou vago há dois anos, no momento em

que eu atingia a idade exigida para ocupá-lo. E creio que foi dado a outra

pessoa; e não é menos certo que eu nada tenho feito para desmerecê-lo. Tenho

um gênio franco e impulsivo e talvez manifestasse com demasiada liberdade aos

outros e ao próprio Mr. Darcy a opinião que tenho dele. Não me lembro de ter

feito nada mais grave. Mas o fato é que somos os homens de feitio muito diferente e

que ele me odeia.

— Isto é revoltante. Ele me parece ser publicamente condenado.

— Mais cedo ou mais tarde o será, mas não por meu intermédio. Enquanto a

me em ória do pai dele viver em mim, não o denunciarei, nem mesmo o provocarei.

— Mas qual pode ser o motivo que o levou a proceder tão cruelmente? — disse

Elizabeth, depois de uma pausa.

— A furiosa antipatia que tem por mim, uma antipatia que eu não posso deixar

de atribuir em parte à inveja. Se o falecido Mr. Darcy tivesse gostado menos de

mim, o filho talvez me suportasse melhor. Mas a extraordinária afeição que o pai

manifestava por mim irritava-o quando ainda era muito criança. Com o tempo então que ele tem, não podia tolerar a competição que nos defrontavam os e a preferência que frequentemente me era dada.

— Eu não supunha que Mr. Darcy fosse tão ruim assim, em bora nunca me sentisse atraída por ele. Pensava que desprezasse os seus semelhantes em geral,

mas não suspeitava que fosse capaz de tomar uma vingança tão baixa e se mostrar tão injusto e tão desumano.

Depois de refletir alguns minutos, ela continuou:

— Recordo-me que ele se gabou certa vez em Netherfield de ser implacável nos

seus ressentimentos. E de ser dotado de um temperamento rancoroso. Deve ter

um gênio terrível.

— Quanto a isto nada posso dizer — replicou Wickham —, não me sinto com

forças para julgá-lo com justiça.

Elizabeth tornou a mergulhar nos seus pensamentos e, depois de algum tempo,

exclamou:

— Tratar desta maneira o afilhado, o amigo, o favorito de seu pai...

E poderia ter acrescentado: um rapaz como o senhor, cuja aparência depõe tanto

a seu favor. Mas se limitou a dizer:

— E além disso um companheiro de infância, um íntimo, como o senhor mesmo

disse...

— Nasceram os mesmos na paróquia, dentro dos limites do mesmo parque, passam os juntos a maior parte da infância, vivem os na mesma casa,

com partilham os os m esm os divertim entos e fom os obj etos da m esm a afeição

paternal. Meu pai com eçou a vida na m esm a profissão em que o seu tio parece

ter se distinguido, m as ele abandonou tudo para servir Mr. Darcy dedicando todo

o seu tem po à adm inistração da propriedade de Pem berley . Era altam ente

estim ado por Mr. Darcy , que fez dele o seu íntim o am igo e confidente. Mr.

Darcy , m ais de um a vez, reconheceu publicam ente que devia as m aiores

obrigações a m eu pai, pelos serviços que este lhe prestara na adm inistração dos

seus bens. E quando, um pouco antes da m orte de seu pai, Mr. Darcy lhe

prom eteu espontaneam ente encarregar-se do m eu futuro, estou convencido de

que sentia que essa prom essa era um a dívida de gratidão para com m eu pai,

além de ser um a prova de afeição para com igo.

— Com o é estranho! — exclam ou Elizabeth. — Que coisa abom inável! Espanta-

m e que o próprio orgulho de Mr. Darcy não o tenha levado a ser j usto para com

o senhor. E se não houvesse outro m otivo, bastava este. Ele devia ser orgulhoso

demais para ser desonesto.

— Espantoso — replicou Wickham —, pois quase todos os seus atos podem ser

relacionados com o orgulho. E o orgulho tem sido o seu maior amigo. O orgulho

o conduziu até mais próximo da virtude do que qualquer outro sentimento. Mas

nenhum de nós é coerente, e na sua conduta para comigo agiram ainda impulsos

mais fortes do que o orgulho.

— Mas pode um orgulho tão abominável lhe ter sido já mais de alguma vantagem ?

— Sim . Levou-o frequentemente a ser liberal e generoso, a despendendo

quantias, a ser hospitaleiro, a ajudar os seus colonos e a mitigar os sofrimentos

dos pobres. O orgulho da família e o orgulho filial, pois ele tem grande orgulho do

pai, conduziram-no a isto. Não desmerecer a família, não parecer ter

degenerado quanto a certas qualidades que a tornaram famosa, não deitar a

perder a influência da casa de Pemberley , são motivos poderosos. Ele possui

também orgulho fraternal, o qual, somado a certa afeição, o faz zelar com

carinho e cuidado pela sua irmã; a senhora deve ter ouvido dizer que ele é o

melhor e o mais atencioso dos irmãos.

— Que espécie de moça é Miss Darcy ?

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu desejava responder que é amável. Causa-me mágoa falar mal de um

Darcy . Mas é extremamente parecida com o irmão, muito, muito orgulhosa. Em

criança era extremamente afetiva e agradável, e gostava muito de mim . E a fim

de distraí-la, perdi muitas horas da minha vida. Mas agora ela já não representa

nada para mim . É uma bonita menina de 15 ou 16 anos e dizem que muito

prezada. Desde a morte do pai vive em Londres, em companhia de uma senhora que dirige a sua educação.

Depois de muitas pausas, em que tentou falar noutros assuntos, Elizabeth não

pôde deixar de voltar ao primeiro, e disse:

— Espanta-me a intimidade dele com Mr. Bingley . Não sei com o este, que

parece ser todo bom humor e é realmente extremamente simpático, poder

am izade por aquele hom em . Não entendo com o os seus gênios com binam .

Conhece Mr. Bingley ?

— Não.

— É um hom em am ável, bem -educado, encantador. Ele não deve conhecer a

verdadeira natureza de Mr. Darcy .

— Provavelm ente não. Mas Mr. Darcy sabe agradar quando quer. Não lhe faltam qualidades. Ele sabe ser um com panheiro agradável, quando acha que

vale a pena. Entre os seus iguais m ostra-se m uito diferente do que com os m enos

afortunados. Seu orgulho nunca o abandona; m as com os ricos ele é liberal, j usto,

sincero, razoável, honrado, e talvez agradável. Mesm o levando em conta a sua

fortuna e a sua figura.

Pouco depois term inou a partida de whist. Os j ogadores se reuniram em torno da

outra m esa e Mr. Collins se sentou entre a sua prim a Elizabeth e Mrs. Philips. Esta

lhe fez as perguntas de costum e sobre o seu êxito no j ogo. A sorte não lhe tinha

sido m uito favorável. Ele tinha perdido todos os pontos. Mas quando Mrs. Philips

com eçou a exprimir o seu pesar, Mr. Collins lhe assegurou, muito grave, que isto

não tinha a menor importância, que considerava o dinheiro uma coisa secundária, e pediu que não se preocupasse com o fato.

— Sei perfeitamente, minha senhora — disse — que quando uma pessoa se senta

numa mesa de jogo, deve correr o seu risco. Felizmente a minha situação permite perder cinco shilings sem nenhuma preocupação. Muitos não podem

dizer o mesmo, mas graças a Lady Catherine de Bourgh estou livre dessas pequenas misérias.

Mr. Wickham prestou atenção a estas palavras e, depois de observar Mr. Collins

durante alguns momentos, perguntou a Elizabeth se o seu parente era intimamente relacionado com a família de Bourgh.

— Lady Catherine de Bourgh — respondeu Elizabeth — concedeu-lhe recentemente um lugar de reitor. Não sei quando Mr. Collins lhe foi apresentado pela primeira vez. Mas estou certa de que não a conhece há muito

tempo.

— A senhora deve saber naturalmente que Lady Catherine de Bourgh e Lady

Anne Darcy eram irmãs. E por conseguinte esta senhora é tia do atual Mr.

Darcy .

— Não, não sabia. Não sabia mesmo da existência de Lady Catherine até o dia

de ontem .

— Sua filha, Miss de Bourgh, herdará uma grande fortuna. Acredita-se que ela e

seu primo reunirão as duas propriedades.

Esta informação fez Elizabeth sorrir, pois se lembrou da pobre Miss Bingley .

Todas as suas atenções, a sua afeição por Miss Darcy e os elogios a Mr. Darcy

seriam inúteis se ele já estivesse destinado a outra mulher.

— Mr. Collins — disse Elizabeth — fala muito bem tanto de Lady Catherine

como da sua filha, mas certos detalhes que referiu acerca daquela senhora me

fazem suspeitar que a gratidão o torna cego e que, apesar de ser a sua protetora,

ela é uma mulher arrogante e convencida.

— Creio que é ambas estas coisas no mais alto grau — replicou Wickham . — Há

muitos anos que não a vejo, mas lembro-me perfeitamente que nunca simpatizei

com ela e que as suas maneiras eram autoritárias e insolentes. Ela tem fama de

ser extraordinariamente sensata e esperta. Mas creio que essas habilidades são

parte devidas à sua situação social e à sua fortuna, às suas maneiras autoritárias e

em parte também ao orgulho do seu sobrinho, que julgava só poder se dar com

pessoas importantes.

Elizabeth concordou que tinha tudo explicado muito razoavelmente e eles continuaram a conversar com mútua satisfação, até que o jantar pôs fim às partidas de cartas, cabendo às duas senhoras a sua quota nas atenções de Mr.

Wickham. Durante o jantar, o barulho foi tão grande que não se podia conversar;

mas as maneiras de Mr. Wickham agradaram a todo mundo. Tudo o que dizia

era bem-dito e fazia tudo com graça. Elizabeth partiu muito entusiasmada com

ele. Durante todo o caminho para casa não podia pensar noutra coisa a não ser

em Mr. Wickham e nas palavras que ele lhe dissera; mas não encontrou

nenhuma ocasião de mencionar o seu nome, pois nem Lydia nem Mr. Collins

calaram a boca um só instante. Lydia falou ininterruptamente no jogo de peixe

que tinha perdido e sobre o que ganhou. E Mr. Collins não cessou um só instante

de descrever a habilidade de Mr. e de Mrs. Philips, declarando que não se importava absolutamente com suas perdas no jogo, e nem com todos os pratos

do jantar, desculpando-se continuamente por estar incomodando as suas primas

no assento estreito da carruagem. Estava longe de esgotar todos os seus assuntos,

quando a carruagem parou diante da casa de Longbourn.

17

Elizabeth relatou a Jane, no dia seguinte, tudo o que se tinha passado entre ela e

Mr. Wickham. Jane ouviu a irmã com espanto e atenção. Não podia acreditar

que Mr. Darcy fosse tão indigno da amizade de Mr. Bingley. E no entanto não

estava na sua natureza duvidar da sinceridade de um rapaz tão bem-apeado

com o Wickham. A ideia de que ele tivera de suportar realmente tanta ingratidão

era suficiente para despertar-lhe todos os sentimentos ternos; e portanto nada lhe

restava fazer senão pensar bem de ambos, defender a conduta dos dois e levar à

conta do acaso e do erro tudo aquilo que não podia ser explicado de outra maneira.

— Ambos foram enganados — disse ela — de um modo ou de outro, em circunstâncias das quais não podem os ter nenhuma ideia. Pessoas interessadas se

interpuseram talvez entre eles com as suas intrigas. Enfim, é-nos impossível

conjugar as causas ou circunstâncias que possam tê-los afastado um do outro,

sem que a culpa recaia sobre nenhuma das partes.

— Muito bem, e agora minha querida Jane, que é que você tem a dizer a favor

dessas pessoas interessadas que provavelmente se envolveram no assunto? Acha

também que são inocentes? Ou devem os atribuir a culpa a alguém?

— Pode rir quanto quiser, mas não me fará desistir das minhas opiniões. Minha

querida Lizzy, pensa só na horrível situação em que ficaria Mr. Darcy se ele

tivesse tratado de uma maneira tal o favorito de seu pai, um rapaz a quem o pai

prometera a sua proteção. É impossível. Nenhum homem dos mais indiferentes

sentimentos, ninguém que tivesse estima pelo seu caráter seria capaz disto.

Poderiam os seus amigos íntimos enganar a este ponto a seu respeito?

Oh, não.

— É mais fácil eu acreditar que Mr. Bingley está sendo iludido do que supor que

Mr. Wickham tenha inventado a história que me contou ontem à noite. Nom es,

fatos, tudo me encionado sem cerimônia. Se não for verdade, Mr. Darcy que o

contradiga. Além disso, ele parecia sincero.

— É de fato difícil; a gente não sabe o que pensar.

— Desculpe, a gente sabe exatamente o que pensar.

Mas Jane via apenas com clareza um único ponto: que caso Mr. Bingley tivesse

sido iludido, teria muito que sofrer, quando aqueles fatos se tornassem públicos.

Nesse momento as duas moças, que passeavam no pequeno bosque, foram

chamadas devido à chegada de um daqueles a respeito de quem estavam

falando. Mr. Bingley e suas irmãs vieram convidar pessoalmente as meninas

para o tão esperado baile em Netherfield, cuja data fora fixada para a próxima

terça-feira. As irmãs de Mr. Bingley declararam que estavam muito satisfeitas

de falar com a sua querida amiga, pois não tinham ocasião de vê-la há muito

tempo. Perguntaram várias vezes o que é que ela fizera desde o seu regresso de

Netherfield. Ao resto da família mal prestaram atenção. Evitaram Mrs. Bennet o

mais que puderam, falaram um pouco com Elizabeth e ignoraram a presença

das outras pessoas. Partiram logo, levantando-se das cadeiras com uma energia

que surpreendeu o irmão e apressando-se com o seu desejo de se ver livres das

habilidades de Mrs. Bennet. A perspectiva do baile em Netherfield era

extremamente agradável para todas as coisas da família. Mrs. Bennet achou que

devia considerar o baile como uma homenagem à sua filha mais velha e ficou

extremamente lisonjeada pelo convite que recebera pessoalmente de Mr.

Bingley, em vez de um simples e cerimonioso cartão. Jane imaginou a noite

agradável que passaria em companhia de suas duas amigas e as atenções que

receberia de Mr. Bingley. Elizabeth encarava com prazer a perspectiva de

dançar muitas vezes com Mr. Wickham e de ler a confirmação de tudo o que

sabia no rosto e nas maneiras de Mr. Darcy . A felicidade que Katherine e Lydia

antecipavam não dependia de determinada pessoa ou acontecimento, pois, embora com o Elizabeth tentassem dançar metade da noite com Mr.

Wickham , este não era de nenhum modo o único par que as poderia satisfazer e

para elas um baile era de qualquer maneira um grande acontecimento. E até

Mary assegurou à família que não se desinteressava da festa.

— Contanto que eu possa ter as minhas horas livres — disse ela —, é o que me basta.

Não acho que seja um sacrifício dedicar ocasionalmente uma noite às diversões

sociais. A sociedade tem certos direitos sobre nós. Sou da opinião daqueles que

consideram certos intervalos de recreação e divertimento desejáveis para todo o

mundo.

Elizabeth sentia-se de tão bom humor que, embora não dirigisse muitas vezes a

palavra a Mr. Collins, exceto quando a isto era obrigada, não pôde deixar de perguntar se ele tentava aceitar o convite de Mr. Bingley e se julgava

apropriado tomar parte naquele divertimento mundano; com grande surpresa

ficou sabendo que Mr. Collins não tinha o menor escrúpulo a esse respeito e que

nem de longe temia uma repreensão do arcebispo ou de Lady Catherine de Bourgh por tomar parte numa dança.

— Sou de opinião — disse ele — que um baile desta espécie, oferecido por um

rapaz de caráter a pessoas respeitáveis não pode ter nenhuma consequência má.

Estou tão longe de fazer qualquer objeção à dança, que me sentirei honrado em

dançar com todas as minhas belas primas, durante aquela noite. E aproveito a

oportunidade de solicitar a sua mãe, Miss Elizabeth, para as duas primas

danças, preferência que, espero, a minha prima Jane atribuirá à sua verdadeira

causa e não a qualquer desrespeito para com a sua pessoa.

Elizabeth ficou desolada. Ela tencionava comprometer-se com Mr. Wickham

para estas danças e agora tinha que trocá-lo por Mr. Collins. O seu contentamento

não poderia ter sido mais inoportuno. Mas não havia mais remédio. A felicidade

de Mr. Wickham e, portanto, a sua própria, teria de ser adiada. E a proposta de

Mr. Collins foi aceita com a maior dose de habilidade de que pôde dispor. E

outra ideia que aquela galanteria lhe sugeriu não foi de natureza a aumentar o seu

contentamento. Elizabeth compreendeu pela primeira vez que havia sido escolhida entre as suas irmãs para ser a esposa do reitor de Hunsford e para ajudar a completar um mesa do jogo de quadrille em Rosings, na falta de visitas

mais importantes. A ideia logo se transformou em certeza, quando observou as

crescentes habilidades com que Mr. Collins a cercava e as frequentes tentativas

de elogiar o seu espírito e vivacidade. E embora ela ficasse mais surpresa do que

contente com esses inesperados efeitos dos seus encantos, sua mãe não tardou a

dar a entender que a probabilidade daquele casamento lhe era extremamente

agradável. Elizabeth no entanto resolveu ignorar a indireta, com pretendendo que

qualquer recusa seria a causa de uma violenta disputa. Talvez Mr. Collins nunca

fizesse a proposta. E até que o fizesse, era inútil brigar por sua causa.

Se não fossem os preparativos para o baile de Netherfield, as duas irmãs mais

mas elas se encontrariam num estado lamentável naquele dia, pois, desde a manhã

do convite até o dia do baile, houve uma tal sucessão de dias chuvosos que nem

uma só vez puderam ir a Meriton. Nem tia, nem oficiais, nem novidades...

Até Elizabeth se sentiu aborrecida. O mau tempo impediu inteiramente o

progresso das suas relações com Mr. Wickham e, a não ser a perspectiva da festa

na terça-feira, nada poderia ter tornado suportável para Kitty e Lydia a

monotonia de uma sexta, de um sábado, de um domingo e de uma segunda-feira

de chuva.

18

Até o momento em que Elizabeth entrou na sala, em Netherfield, e procurou em

vão Mr. Wickham entre os grupos de túnica vermelhas ali reunidas, nem uma só

vez a dúvida de que ele pudesse não estar presente atravessara o seu espírito.

Nenhuma das mulheres brancas que razoavelmente a poderiam ter alarmado tinha

destruído a certeza de encontrá-lo ali. Vestira-se com cuidado especial e se

preparara com o melhor dos espíritos para a conquista de tudo aquilo que ainda

não fora submetido no coração de Mr. Wickham , certa de que naquela noite

encontraria ocasião de vencer todos os obstáculos. Mas naquele instante levantou-

se nela a horrível suspeita de que o seu nome fora propositalmente omitido nos

convites enviados por Bingley aos oficiais, para fazer a vontade de Mr. Darcy . E

embora o caso não fosse exatamente aquele, o fato irreparável da sua ausência

foi anunciado por seu amigo Mr. Denny , a quem Lydia se dirigiu avidamente e

que lhe disse ter sido Wickham obrigado a partir para Londres, no dia anterior,

em viagem de negócios, e que ainda não voltara; acrescentando, com um sorriso

significativo:

— Não acredito que tais negócios o tivessem afastado daqui exatamente neste

momento, se não desejasse evitar um certo cavalheiro aqui presente.

Estas palavras, que Lydia não ouviu, foram percebidas por Elizabeth e com o

lhe demonstravam que Darcy não era menos responsável pela ausência de

Wickham do que no caso de ser justa a sua primeira hipótese, todos os seus

sentimentos de descontentamento para com Mr. Darcy foram de tal modo exacerbados pelo súbito desapontamento que apenas conseguiu responder com

fria civilidade às perguntas que aquele cavalheiro pouco depois lhe

dirigiu. Toda atenção, tolerância e paciência que demonstrasse para com Darcy

significavam uma injúria para com Wickham. Resolveu não entrar em conversação de nenhuma espécie com ele e não conseguiu esconder de todo o

seu mau humor, nem mesmo ao falar com Mr. Bingley, cuja cega parcialidade

a irritava.

Mas Elizabeth não era feita para ficar muito tempo de mau humor e, embora

todas as suas esperanças para aquela noite tivessem sido destruídas, em breve

aquela nuvem se dissipou do seu espírito. Tendo desabafado todas as suas mágoas

com Charlotte Lucas, com a qual não estivera durante uma semana, mudou

espontaneamente de assunto e chamou a atenção da amiga para as

esquisitices do seu primo. As duas primeiras danças, no entanto, renovaram o seu

desânimo o. Mr. Collins, desajeitado e solene, pedindo desculpas em vez de prestar

atenção e dando frequentes passos errados sem perceber, trouxe-lhe toda a vergonha e infelicidade que pode causar um par desagradável durante duas danças seguidas. No momento em que conseguiu ver-se livre dele, o seu alívio

não teve limites. Dançou em seguida com um oficial e teve o consolo de falar

em Wickham e de ouvir dizer que ele era apreciado por todos. Terminadas aquelas danças, ela voltou para perto de Charlotte Lucas e conversava com esta

quando foi abordada subitamente por Mr. Darcy, que a convidou para dançar.

Tomada de surpresa sem saber bem o que fazia, Elizabeth aceitou. Logo depois,

Mr. Darcy se afastou, dando tempo assim a Elizabeth para lamentar a sua falta

de presença de espírito. Charlotte procurou consolá-la.

— Você o achará muito agradável.

— Deus não permita tal coisa. Seria a maior infelicidade de todas! Achar agradável uma pessoa que decidimos odiar! Não me deseje esse mal.

Entretanto, quando a música recomeçou e Darcy se aproximou, Charlotte não

pôde-se impedir de prevenir a amiga, em voz baixa, que não tivesse a

simplicidade de permitir que o seu entusiasmo por Wickham a tornasse desagradável aos olhos de um homem dez vezes mais importante. Elizabeth não

respondeu e tomou o seu lugar na fila, espantada com a honra de ter sido a escolhida para ficar defronte de Mr. Darcy, lendo igual surpresa nos olhos das

suas vizinhas. Durante algum tempo não se falaram e ela começou a pensar que

aquele silêncio ia se prolongar durante as duas danças. A princípio resolveu ficar

calada. Mas de súbito, imaginando que seria ainda maior castigo obrigar o seu

companheiro a conversar, fez algumas ligeiras observações sobre a dança. Ele

respondeu e calou-se. Dez minutos depois dirigiu-se novamente a ele e disse:

— Agora é a sua vez de dizer alguma coisa, Mr. Darcy. Falei a respeito da dança

e o senhor devia fazer algumas observações sobre o tamanho da sala e sobre o

número dos pares.

Ele sorriu e afirmou que diria tudo o que desejasse.

— Muito bem, a resposta basta para o momento. Talvez a propósito eu possa

observar que os bailes particulares são muito mais agradáveis do que os bailes

públicos. Agora podem os ficar calados.

— Então a senhora fala por princípio, quando está dançando?

— Às vezes, é preciso falar um pouco, não acha? Pareceria estranho ficar em

silêncio durante meia hora. No entanto, para servir às preferências de certas

pessoas, a conversação deveria ser entabulada com o menor número possível de

palavras.

— Está falando a respeito de seus sentimentos no caso presente? Ou imagina que

está justificando os meus?

— As duas coisas — replicou Elizabeth, maliciosamente. — Já notei que tem os

grandes sem elhanças de espírito. Ambos som os de feitio antissocial, taciturno, e

não gostam os de falar senão para dizer alguma coisa capaz de causar assombro a

toda a sala e ser transmitida à posteridade com o brilho de um provérbio.

— Estou certo de que isto é uma imagem muito fiel do seu próprio caráter —

disse ele. — Mas não posso dizer até que ponto seja do meu. Sem dúvida a senhora acha que é uma descrição fiel?

— Não devo julgar a minha própria argúcia.

Ele não respondeu e ficaram novamente em silêncio até que, terminada a dança,

Mr. Darcy perguntou se as suas irmãs não costumavam ir frequentemente até

Meryton. Ela respondeu afirmativamente e, sem poder resistir à tentação, acrescentou:

— Quando nos encontramos lá outro dia, acabávamos de fazer uma nova relação.

O efeito foi imediato. A expressão de altivez se acentuou no rosto de Darcy, mas

ele nada respondeu. E Elizabeth, percebendo a sua própria fraqueza, não teve

forças para continuar. Afinal Darcy falou, constrangido:

— Mr. Wickham é dotado de maneiras tão agradáveis que lhe é fácil fazer amigos. Mas não é tão certo que seja capaz de retê-los.

— Ele teve a infelicidade de perder a sua amizade — replicou Elizabeth, com

ênfase. — E em circunstâncias que o farão provavelmente sofrer durante toda a

vida.

Darcy não respondeu e mostrou desejo de mudar de assunto. Naquele momento

Sir William Lucas se aproximou, com a intenção de atravessar a sala.
Vendo

porém Mr. Darcy, parou e, inclinando-se, cumprimentou-o pelo fato de estar

dançando e pelo seu par.

— Acredite que fiquei muito satisfeito. Não é com um ver-se dançar tão bem. O

senhor é um perito. Permita dizer-lhe, porém, que o seu belo par não lhe fica

atrás. Espero que esse prazer se repita, especialmente quando um certo acontecimento muito desejável acontecer, minha cara Miss Eliza.

E dizendo isto, olhou para Jane e Bingley.

— Com o afluirão os parabéns! — continuou ele. — Apelo para Mr. Darcy. Mas

não quero interrompê-los. E além disso, Mr. Darcy, não desejo privá-lo da conversa agradável desta ocasião, cujos belos olhos estão tão bem me censurando.

A última parte da tirada foi mal-ouvida por Darcy, mas a alusão de Sir William a

seu amigo Bingley pareceu impressioná-lo. Seus olhos se voltaram para Bingley

e Jane que dançavam juntos. Mas, voltando a si rapidamente, virou-se para Elizabeth e disse:

— A interrupção de Sir William me fez esquecer o assunto sobre o qual

falavam os.

— Acho que não estavam os falando. Sir William não poderia ter interrompido

duas pessoas que tivessem menos o que dizer nesta sala. Já tentam os dois ou três

assuntos sem êxito; não sei do que podem os falar agora.

— Que pensa dos livros? — disse ele, sorrindo.

— Livros? Estou certa de que não leem os os mesmos livros. E nunca os encaram os com os mesmos sentimentos.

— Sinto que diga isto, mas se este é o caso, pelo menos não haverá falta de

assunto. Podem os com parar as nossas opiniões.

— Não, não posso falar em livros num salão de baile. Minha cabeça está cheia

de outras coisas.

— Sem pre a preocupa o que está acontecendo em torno de si, não é? — disse ele,

com uma expressão de dúvida.

— Sim, sem pre — replicou ela, sem saber o que dizia, pois o seu pensamento

tinha voado para longe.

E, pouco depois, exclamou, subitamente:

— Lembra-me de que já ouvi o senhor dizer, Mr. Darcy, que dificilmente

perdoava. E que o seu ressentimento, uma vez despertado, já mais se aplacaria.

Portanto, deve tomar precauções para que ele não seja despertado.

— É verdade — disse, com voz firme.

— E nunca se deixa influenciar por juízos antecipados?

— Espero que não.

— É particularmente importante para aqueles que nunca mudam de opinião ter a

certeza de julgar com justiça desde o início.

— Posso indagar qual é a finalidade destas perguntas?

— Apenas informar-me sobre o seu caráter — disse ela, procurando dissipar o

seu ar de gravidade. — Estou tentando compreender-lo.

— E tem conseguido?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não consigo formar uma imagem que me satisfaça. Ouço tantas coisas contraditórias a seu respeito que isto me interessa extraordinariamente.

— Acredito que as informações a meu respeito sejam grandemente contraditórias — respondeu ele, com gravidade. — Eu desejaria, Miss Bennet,

que não tentasse desenhar o meu carácter neste momento, pois tenho razões para

acreditar que o resultado não seria muito lisonjeiro.

— Mas se não o tomar com o mesmo modelo agora, pode ser que nunca mais encontre outra oportunidade.

— De modo algum desejaria perturbar o seu prazer — disse ele, friamente.

Elizabeth se calou e a segunda dança decorreu sem que trocassem outras palavras. Ao se separarem, ambos estavam descontentes, embora em grau diferente, pois havia em Darcy um sentimento muito forte em relação a Elizabeth que o levou imediatamente a perdô-la e a dirigir o seu amor

contra outra pessoa.

Não havia muito que se tinham separado, quando Miss Bingley se aproximou de

Elizabeth e com uma expressão amável de desdém abordou-a da seguinte maneira:

— Então, Miss Eliza, ouvi dizer que tinha ficado encantada com George

Wickham? Sua irmã-me falou a respeito dele e me fez muitas perguntas. E eu soube

que o rapaz se esqueceu de dizer, entre outras coisas, que era o filho do velho

Wickham , o intendente do falecido Mr. Darcy . Deixe que lhe recomende no

entanto, com o amigo, que não dê inteira fé a todas as suas afirmações, pois é

perfeitamente falso que Mr. Darcy o tenha tratado mal. Ao contrário, sempre foi

muito bondoso para com Mr. George Wickham , em bora este tenha

correspondido da maneira mais infame. Não conheço os detalhes, mas sei muito

bem que Mr. Darcy não tem culpa nenhuma, que ele não pode suportar Mr.

George Wickham , nem ouvir falar nessa pessoa e, em bora o meu irmão não achasse

que não podia omitir o seu nome na lista dos oficiais convidados, ficou satisfeito

por ele se encontrar ausente. Acho uma insolência sem nome da parte de Mr.

Wickham ter-se mudado para cá e não sei como o teve tamanha ousadia. Sinto

muito ter de falar mal do seu favorito, Miss Eliza, mas considerando a família de

que ele descende, acho que as suas incorreções não são de estranhar.

— Sua culpa e sua origem modesta parecem significar aos seus olhos a mesma

coisa — respondeu Elizabeth, enfurecida —, pois a única acusação que lhe fez foi

de ser o filho do intendente de Mr. Darcy , e quanto a isto, posso lhe assegurar que

ele foi o primeiro a me informar.

— Desculpe — replicou Miss Bingley , com expressão de despeito. — Perdoe a

minha interferência. Foi bem -intencionada.

“Que insolente”, disse Elizabeth para si mesma. “Está muito enganada se espera

me influenciar com ataques tão mesquinhos. Nada encontro neles a não ser a sua

ignorância voluntária e a malícia de Mr. Darcy .”

Em seguida Elizabeth procurou a sua irmã mais velha, que tinha pedido a Bingley

informações sobre o mesmo assunto. Jane lhe dirigiu a palavra com um sorriso

agradável e uma expressão feliz, que mostrava o quanto estava satisfeita com as

ocorrências daquela noite.

— Eu queria saber — disse Elizabeth, com uma expressão não menos sorridente

que a irmã — o que você soube a respeito de Mr. Wickham . Mas talvez você

achasse a companhia tão agradável que não se tenha lembrado de uma terceira

pessoa. Neste caso pode estar certa do meu perdão.

— Não — replicou Jane —, não me esqueci dele. Mas nada tenho de satisfatório

a lhe comunicar. Mr. Bingley não sabe a história toda, nem conhece as circunstâncias que Mr. Darcy achou ofensivas; mas ele garante a boa conduta, a

probidade e a honra do seu amigo Mr. Darcy . Está inteiramente convencido de

que Mr. Wickham não é de modo algum um rapaz respeitável. Creio que ele foi

muito imprudente e mereceu perder a estima de Mr. Darcy .

— Mr. Bingley conhece Mr. Wickham pessoalmente?

— Não. Nunca o tinha visto antes daquele nosso encontro em Meryton.

— Então essas informações são as que recebeu de Mr. Darcy . Estou satisfeita.

Mas o que é que diz a respeito do posto?

— Não se lembre exatamente das circunstâncias, embora Mr. Darcy lhe tenha

falado nisto mais de uma vez. Mas acredita que o posto tenha sido deixado apenas

condicionalmente.

— Não duvido da sinceridade de Mr. Bingley — disse Elizabeth com ênfase. —

Mas você me desculpará de não poder me contentar apenas com esta simples

afirm ação. Não duvido que Mr. Bingley tenha defendido o seu amigo
brilhantemente, mas já que ele desconhece muitos lados da história e
ouviu o

resto do próprio Mr. Darcy, continuo a pensar exatamente como antes a
respeito

de ambos os cavalheiros.

Em seguida Elizabeth mudou para outro assunto mais agradável, no qual
não

havia lugar para divergências. Ouviu com prazer o relato que Jane lhe fez
das

felizes, em bora modestas esperanças que ela alimentava a respeito de Mr.

Bingley e respondeu procurando animá-la nessas esperanças. Logo que Mr.

Bingley se juntou a elas, Elizabeth se dirigiu para sua amiga Miss Lucas,
que lhe

perguntou como tinha achado o seu par. E antes que Elizabeth pudesse termi
nar a

sua resposta, Mr. Collins se aproximou e disse, muito entusiasmado, que
tinha

feito uma notável descoberta.

— Descobri por um singular acaso — disse ele — que existe nesta sala um

parente muito próximo da minha protetora: ouvi este cavalheiro men
cionar para

a jovem senhora que faz as honras desta casa os nomes da sua prima,
Miss de

Bourgh, e de Lady Catherine. Estranho com o estas coisas ocorrem : quem pensaria encontrar aqui um sobrinho de Lady Catherine? Estou contente por ter

descoberto isto a tem po de apresentar m eus respeitos a este cavalheiro, pedindo-

lhe que m e desculpe não o ter feito antes. Espero que a m inha total ignorância

desse parentesco sej a o suficiente para m e fazer perdoar.

— O senhor não vai se apresentar pessoalm ente a Mr. Darcy !?

— Decerto. Pedirei desculpas por não o ter feito antes. Acredito que ele sej a o

sobrinho de Lady Catherine. Estarei realm ente em situação de lhe afirm ar que

Sua Senhoria ia m uito bem quando a deixei.

Elizabeth tentou dissuadi-lo da sua resolução, dizendo que Mr. Darcy consideraria

o fato de alguém se dirigir a ele sem apresentação com o um a im pertinência.

Que não era absolutam ente necessário para am bos que eles travassem

conhecim ento e que cabia a Mr. Darcy , em virtude da sua situação superior,

qualquer iniciativa a este respeito.

Mr. Collins ouviu o que ela dizia, com ar de quem estava decidido a seguir as suas

próprias inclinações, e quando ela cessou de falar, respondeu da seguinte form a:

— Minha cara Miss Elizabeth, tenho o m aior respeito pela sua opinião em tudo o

que se refere a assuntos da sua com petência, m as perm ita-m e dizer-lhe que

existe um a larga diferença entre as fórm ulas de cerim ônia usadas pelos leigos e

aquelas que regulam as relações com as pessoas do clero. Dê-m e licença de observar que eu considero o m ister sacerdotal equivalente em dignidade aos dos

m ais altos titulares do reino, desde que ao m esm o tem po se m antenha a devida

hum ildade de conduta. Perm ita-m e, pois, seguir os ditam es da m inha consciência

e realizar o que considero um dever. Perdoe-m e m enosprezar os seus conselhos

que em todas as dem ais circunstâncias eu consideraria com o um precioso guia.

Mas no caso presente eu m e acho m ais capaz, pela educação e pelo estudo, para

julgar o que é direito e o que é errado, do que um a jovem com o a senhora.

E fazendo uma profunda reverência, deixou-a para ir abordar Mr. Darcy .

Elizabeth observou com atenção a acolhida que este prodigalizava a Mr. Collins.

A surpresa de ver-se assim interpelado era visível em Mr. Darcy .

Seu primo iniciou a sua tirada com uma solene reverência. Embora ela não

pudesse ouvir nenhuma palavra, sentiu o que se passava com o se estivesse escutando. E distinguiu, pelo movimento dos seus lábios, as palavras — “desculpas”, “Hunsford” e “Lady Catherine de Bourgh”. — Sentia-se desapontada de ver o seu primo ridicularizar-se assim diante daquele homem .

Mr. Darcy o considerava com um espanto pouco contido e quando, afinal, Mr.

Collins lhe concedeu uma ocasião de falar, respondeu com ar distante de uma habilidade. Mr. Collins entretanto não desanimou e voltou à carga, enquanto o

desprezo de Mr. Darcy parecia crescer rapidamente com a extensão da segunda

tirada. No fim ele apenas fez um ligeiro cumprimento e se afastou. Mr. Collins

voltou então para perto de Elizabeth.

— Asseguro-lhe que não tenho nenhum motivo para ficar descontente com a

acolhida que recebi. Mr. Darcy pareceu ficar muito satisfeito com a atenção.

Respondeu-me com a maior habilidade e me fez até a honra de observar que

estava tão convencido do discernimento de Lady Catherine que tinha a certeza

que ela nunca concederia os seus favores a quem não os merecesse. Foi realmente um belo pensamento. Estou muito satisfeito com ele.

Como Elizabeth não tinha mais nenhum interesse especial naquela festa, voltou a

sua atenção inteiramente para a sua irmã e Mr. Bingley. As agradáveis reflexões

a que conduziram as suas observações tornaram-na quase tão feliz quanto Jane.

Na sua imaginação, viu-a instalada naquela casa, gozando toda a ventura que um

casamento realmente feliz pode dispensar. E sentiu-se até capaz, em tais circunstâncias, de procurar gostar das duas irmãs de Bingley. Viu que os

pensamentos da sua mãe se dirigiam para o mesmo lado e resolveu não se aproximar dela para não ouvi-la falar demais. Quando se sentaram para a ceia,

Elizabeth considerou uma grande falta de sorte, quase uma perversidade, ter sido

colocada perto de sua mãe. Lady Lucas é que estava sentada entre Mrs. Bennet e

Elizabeth e esta ficou profundamente desapontada ao ver que sua mãe falava a

Lady Lucas abertamente da sua esperança de ver em breve Jane casada com

Mr. Bingley. Era um assunto interessante do qual Mrs. Bennet já mais se cansaria.

E não se fatigava de enumerar as vantagens daquela aliança. Ele era um rapaz

encantador, era rico e vivia apenas a três milhas de distância. Estes eram os

primários pontos pelos quais se felicitava. E depois, era um grande conforto ver

com o as duas irmãs de Mr. Bingley gostavam de Jane e ter a certeza de que estas

pessoas desejavam o casamento tanto quanto ela. Além disso era uma coisa

muito importante para as suas filhas mais novas, pois o casamento de Jane com

um homem de tão elevada posição as conduziria a conhecer partidos ricos. E

finalmente era um grande conforto, na sua idade, poder confiar as suas filhas

solteiras aos cuidados da irmã casada. Isto a dispensaria da obrigação de frequentar a sociedade, na escala em que era agora obrigada a fazer.

Naquelas circunstâncias era necessário, por um a questão de etiqueta, fazer esta

últim a observação. Mas ninguém m enos do que Mrs. Bennet encontrava prazer

em ficar em casa. Ela concluiu desej ando que Lady Lucas tivesse a m esm a

felicidade, em bora fosse evidente que acreditasse que não havia nenhum a possibilidade de acontecer tal coisa.

Elizabeth procurou em vão reprim ir o fluxo das palavras de sua m ãe e persuadi-

la a descrever a sua felicidade num tom m ais discreto, pois viu com inexprim ível

desapontam ento que Mr. Darcy , sentado defronte delas, ouvia quase todas as

suas palavras. Sua m ãe até ralhou com ela por ser tão absurda.

— Que m e im porta Mr. Darcy ? Que m otivo tenho para ter m edo dele? Estou

certa que não lhe devem os um respeito tal, que nos obrigue a nada dizer que

possa descontentá-lo.

— Pelo am or de Deus, m am ãe, fale m ais baixo. Qual a vantagem de ofender

Mr. Darcy ? Não é desta m aneira que se fará estim ar pelo seu am igo.

Nada do que disse, entretanto, teve a m enor influência. Sua m ãe continuou a

expressar as suas opiniões no mesmo tom. Elizabeth enrubescia repetidamente de

vergonha e desapontamento. Não podia deixar de lançar de vez em quando um

rápido olhar a Mr. Darcy, em bora cada vez se convencesse mais de que estava

se realizando o que ela mais temia, pois em bora Mr. Darcy não olhasse continuamente para a sua mãe, a sua atenção estava invariavelmente presa ao

que ela estava falando. A expressão do seu rosto mudou gradualmente, do desprezo para a indignação e desta para uma severa gravidade.

No entanto, chegou um momento em que Mrs. Bennet nada mais teve a dizer. E

Lady Lucas, que já bocejava há algum tempo, com a repetição dos prazeres que

ela não tinha probabilidade de compartilhar, procurava se consolar com presunto

frio e galinha. Elizabeth sentiu-se reviver. Mas não durou muito tempo a sua

tranquilidade, pois acabado o jantar falaram em música. E ela teve a

mortificação de ver Mary, depois de ligeira insistência, se preparar para responder ao apelo dos convidados. Tentou por olhares significativos e mudos

apelos impetrar que a irmã desse essa prova de boa vontade. Mas em vão. Mary

não com prendia os seus sinais. Um a tal oportunidade de exhibir-se era-lhe deliciosa e ela começou a cantar. Os olhos de Elizabeth se fixaram nela com os

mais dolorosos sentimentos. Ouviu as várias estrofes com uma impaciência

muito mais alcontida, pois Mary , ao perceber entre os agradecimentos a sugestão de

que ela pudesse ser instada a renovar o prazer que estava dando aos seus

ouvintes, começou a cantar, depois de uma pausa de meio minuto. As forças

de Mary não estavam absolutamente à altura de um tal feito; sua voz tornou-se

fraca, seus gestos afetados. Elizabeth sofria torturas. Olhou para Jane a fim de

ver com o que ela suportava aquilo, mas Jane conversava discretamente com

Bingley . Olhou para as suas duas outras irmãs e viu que faziam sinais umas para as

outras, caçoando de Mary . Darcy continuava, porém , muito penetrantemente grave.

Elizabeth olhou para o pai, a fim de suplicar a sua interferência, caso Mary se

propusesse cantar a noite inteira. Ele compreendeu o seu gesto e quando Mary

acabou de cantar pela segunda vez, disse, em voz alta:

— Isto basta, minha filha. Você cantou muito bem e nos deleitou a todos.
Agora

deixe as outras músicas brilharem .

Mary , em bora fingisse não ouvir, ficou um tanto perturbada. Elizabeth,
penalizada por ela e descontente com a sem -cerimônia de seu pai, teve medo de

que a sua ansiedade tivesse sido inútil. Outras músicas foram convidadas.

— Se eu tivesse a sorte de saber cantar — disse Mr. Collins —, estou certo
de que

teria o maior gosto de dar aos ilustres presentes o prazer de uma ária, pois
considero a música um passatempo muito inocente e perfeitamente com-
patível

com a profissão de um sacerdote. Não quero afirmar entretanto que seja
justo

dedicar todo o nosso tempo à música, pois existem , é claro, outros
deveres. O

reitor de uma paróquia tem muito o que fazer. Em primeiro lugar deve
fazer um

acordo sobre as contribuições, sem ser muito pesado ao seu protetor. Ele
deve

escrever os seus próprios sermões e o tempo que lhe sobra não será muito
para

os deveres da paróquia e para o cuidado e conservação da sua casa, que
deve

tornar tão confortável quanto possível. E não creio que seja de pouca

im portância os cuidados que tom a para m ostrar-se atencioso e benévolo para

com todo o m undo, especialm ente para aqueles a quem deve a sua situação. Não

m e posso exim ir desta obrigação, nem posso estar de acordo com um hom em

que faltasse à ocasião de apresentar os seus respeitos a qualquer m em bro da

fam ília dos seus protetores.

E com um a reverência a Mr. Darcy , ele concluiu assim a sua tirada,

pronunciando-a tão alto que m etade da sala o ouviu: m uitos o olharam surpresos

e m uitos sorriram , m as ninguém pareceu se divertir m ais do que o próprio Mr.

Bennet, enquanto a sua m ulher, m uito séria, dava parabéns a Mr. Collins por ter

falado tão sensatam ente e observou, num m eio sussurro a Lady Lucas, que ele

era um rapaz notavelm ente inteligente e distinto. Elizabeth pensou que se toda a

sua fam ília houvesse entrado em acordo para se expor ao ridículo naquela noite,

não poderia ter desem penhado o seu papel com m ais espírito, nem com m aior

êxito. E achou que Bingley e sua irm ã tinham sido bastante afortunados, pois

parte daquela exibição escapara à atenção do primeiro. Felizmente os sentimentos de Bingley não eram de natureza a serem facilmente alterados pelas

loucuras que ele devia ter presenciado. Bastava que as suas duas irmãs e Mr.

Darcy tivessem tido uma oportunidade de ridicularizar os seus parentes. E ela

não sabia dizer qual das duas atitudes era mais intolerável: se o desprezo silencioso do cavalheiro ou o sorriso insolente das damas.

O resto da noite trouxe-lhe poucas distrações. Mr. Collins, que perseverava ao seu

lado, em bora não a obrigasse a dançar novamente, lhe pediu que outros a tirassem. Em vão Elizabeth lhe suplicou que convidasse outra moça. Chegou

então a ela se oferecer para apresentá-lo a qualquer das moças que estavam na

sala. Ele lhe assegurou que a dança propriamente lhe era inteiramente

indiferente e que o seu fim era conquistar as boas graças de Elizabeth por meio

de pequenas atenções e que, portanto, considerava um dever ficar ao lado dela

durante toda a noite. Não havia argumentos que o desmoverssem de um tal intento.

Se ela teve algum alívio foi graças a Miss Lucas que, para socorrer a sua amiga,

procurou conversar com Mr. Collins.

Elizabeth se viu livre afinal da afronta que as atenções de Mr. Darcy lhe causariam. Em bora ele chegasse várias vezes a pouca distância da moça, não se

aproximou para conversar. Elizabeth sentiu que isto era devido provavelmente às

referências que fizera à pessoa de Mr. Wickham e sentiu um certo prazer.

A família de Longbourn foi a última a partir. Graças a um hábil manobra, Mrs.

Bennet conseguiu retardar a sua carruagem durante 15 minutos depois que todos

os outros tinham partido. Isto deu ensejo a que Elizabeth constatasse que várias

pessoas da família ansiavam cordalmente pela partida dos últimos convidados.

Mrs. Hurst e a sua irmã só abriram a boca para se queixar do cansaço. Estavam

impacientes para terem a casa vazia. Repeliram todas as tentativas de Mrs.

Bennet, que desejava conversar, e isto lançou um torpor em toda a sala, que nem

mesmo as longas tiradas de Mr. Collins conseguiram dissipar. Mr. Collins deu

parabéns a Mr. Bingley e às suas irmãs, pela elegância da festa, pela

hospitalidade e polidez com que tinham tratado os seus convidados. Darcy ficou

calado. Mr. Bennet, igualmente silencioso, contemplava a cena com prazer. Mr.

Bingley e Jane estavam juntos, um pouco separados dos outros e conversavam

entre si. Elizabeth ficou tão calada quanto Mrs. Hurst e Miss Bingley, e Lydia se

limitava a exclaimar ocasionalmente “Arre, como estou cansada...”

acompanhando estas palavras com um bocejio violento. Quando afinal se levantaram para partir, Mrs. Bennet se desmanchou em habilidades, na esperança de ver a família toda brevemente em Longbourn. Dirigiu-se particularmente a Mr. Bingley para assegurar-lhe que teria o maior prazer em

recebê-lo a qualquer dia, para um jantar em família, sem as formalidades de um

convite. Bingley agradeceu com grande prazer e de boa vontade se

comprometeu a aparecer na primeira oportunidade, depois de sua volta de Londres, para onde deveria partir no dia seguinte, demorando-se lá pouco tempo.

Mrs. Bennet ficou inteiramente satisfeita e deixou a casa na deliciosa convicção

de que, contando com o prazo necessário para preparar os contratos, as novas

carruagens e o enxoval, ela veria sem dúvida a sua filha instalada em Netherfield

dentro de três ou quatro meses no máximo. Pensava com igual certeza no casamento da outra filha com Mr. Collins e isto lhe dava um prazer apreciável, em bora não tão grande. De todas as suas filhas, Elizabeth era a de quem ela menos gostava. Em bora o marido e o casamento fossem perfeitos e dignos dela, o valor de ambas as coisas era eclipsado por Mr. Bingley e Netherfield.

19

No dia seguinte abriu-se uma nova cena em Longbourn. Mr. Collins fez a sua declaração em regra, tendo resolvido agir sem mais perda de tempo, pois a sua licença se expirava no sábado seguinte, e como não o embaraçassem certas delicadezas de sentimento, fez o seu pedido com todas as formalidades que supunha indispensáveis à transação.

Pouco depois do café da manhã, encontrando juntas Elizabeth, Mrs. Bennet e

uma das irmãs mais novas, ele se dirigiu à mãe com as seguintes palavras:

— Posso esperar, minha senhora, que se entenda com a sua filha Elizabeth para

solicitar-lhe em meu nome a honra de uma audiência privada esta manhã?

Antes que Elizabeth, corando de surpresa, tivesse tempo de responder alguma

coisa, Mrs. Bennet respondeu espontaneamente:

— Oh, sim, pois não, certamente. Tenho certeza que Lizzy terá grande prazer.

Acredito que ela não fará nenhum objeção. Vem, Kitty, vamos lá para cima.

E apanhando os seus trabalhos, ela se afastava apressadamente, quando Elizabeth

exclamou:

— Não vá já, mãe, peço-lhe que não vá embora. Mr. Collins terá que me

desculpar, ele não tem a mim e dizer que os outros não possam ouvir. Eu vou também.

— Não, não, que tolice, Lizzy! Desejo que você fique onde está.

E com o Elizabeth, com olhares embaraçados, parecesse disposta a fugir, ela

acrescentou:

— Lizzy, eu insisto para que fique e ouça o que Mr. Collins tem a dizer.

Elizabeth não podia se opor a uma tal injunção. Depois de refletir um instante,

achou que seria realmente melhor acabar com aquilo o mais depressa possível;

tornou a sentar-se e, aplicando-se ao trabalho, procurou disfarçar a sua agitação

e a sua curiosidade. Assim que Mrs. Bennet e Kitt se afastaram, Mr. Collins

com eçou:

— Acredite, minha cara Miss Elizabeth, que a sua modestia, longe de prejudicá-

la, acrescenta mais um a a suas outras perfeições. A senhora teria sido mais

adorável aos meus olhos, se não tivesse havido essa pequena resistência. No

entanto, permita que lhe assegure que tenho a permissão da sua respeitável mãe

para este empreendimento. A senhora dificilmente poderá ignorar o verdadeiro

sentido das minhas palavras. No entanto, a sua natural delicadeza pode levá-la a

dissimular. As minhas atenções foram marcadas desde mais para serem

mais compreendidas. Quase desde o primeiro momento em que entrei nesta casa

a escolhi para companheira da minha vida futura. Antes de me deixar levar pelos

meus sentimentos a este respeito, talvez convenha dizer-lhe as razões que tenho

para me casar e além disso os motivos que me trouxeram ao Hertfordshire com

o propósito de escolher uma esposa.

A ideia de que Mr. Collins, com toda a sua solenidade, pudesse ser levado pelos

seus sentimentos, provocou no espírito de Elizabeth tanta hilaridade, que ela

não pôde utilizar a curta pausa que se seguiu a fim de procurar detê-lo. Ele prosseguiu:

— Minhas razões para casar, são: primeiro, penso que é uma obrigação para

todos os pastores que se encontrem em boa situação, com o eu, o bom exemplo à

sua paróquia. Em segundo lugar estou convencido de que isto contribuirá grandemente para a minha felicidade. E o terceiro motivo, que eu devia talvez

ter mencionado primeiro, é o conselho e a expressa recomendação da muito

nobre senhora que eu tenho a honra de chamar a minha protetora. Duas vezes ela

condescendeu em dar-me a sua opinião sobre este assunto, sem que eu lhe pedisse. E na noite que precedeu a minha partida de Hunsford, durante um jogo

de cartas e enquanto Miss Jenkinson punha um taboete sob os pés de Miss de

Bourgh, Lady Catherine disse: “Mr. Collins, o senhor precisa se casar. Um pastor

com o o senhor tem a obrigação de se casar. Escolha um a m ulher educada, é o

que lhe peço; e para seu interesse, escolha um a pessoa ativa, útil, que não tenha

sido m im ada pelos pais, m as que saiba adm inistrar um a casa com econom ia.

Encontre um a pessoa nessas condições o m ais depressa possível, traga-a para

Hunsford e eu irei visitá-la.” Perm ita-m e a propósito observar, m inha encantadora prim a, que eu não considero a atenção e a am abilidade de Lady

Catherine um a das m enores vantagens que estão em m eu poder oferecer-lhe;

penso que o seu espírito e a sua vivacidade a tornarão aceitável aos olhos de

Lady Catherine, especialm ente se com binar estas qualidades com a veneração e

o respeito que a posição de Lady Catherine hão de provocar inevitavelm ente em

seu espírito. Isto quanto à m inha opinião geral a favor do m atrim ônio. Resta-m e

explicar por que lancei as m inhas vistas sobre Longbourn de preferência ao lugar

onde resido, em que, posso lhe assegurar, encontraria m uitas m oças

encantadoras. Mas o fato é que sendo eu o herdeiro do seu honrado pai, que no

entanto pode ainda viver longos anos, achei que era do meu dever escolher uma

esposa entre as suas filhas, para que o prejuízo destas pessoas pudesse ser o

menor possível, quando se der aquele triste acontecimento; o qual entretanto,

como eu já disse, pode demorar ainda muitos anos. Este foi o meu motivo

principal, minha estimada prima, e estou certo de que ele não me diminuirá aos

seus olhos. E agora nada me resta senão lhe exprimir, na linguagem mais

apaixonada, a violência da minha afeição. Sou perfeitamente indiferente à

fortuna e não farei nenhuma exigência dessa natureza a seu pai, pois sei

perfeitamente que ela não poderia ser atendida. Sei também que as minhas

quatro por cento, que só serão suas depois da morte de sua mãe, são tudo o que a

minha prima tem direito. Sobre esse assunto, portanto, eu me conservarei

silencioso. Pode ficar certa de que nenhuma observação pouco generosa

atravessará os meus lábios depois que nos casarmos.

Tornava-se agora absolutamente necessário interrompê-lo.

— O senhor está se precipitando — gritou Elizabeth. — Esquece que eu ainda não

lhe dei uma resposta. É o que vou fazer, sem mais perda de tempo: aceite os

meus agradecimentos pela honra que está-me dando. Creia que eu o aprecio

devidamente, mas é-me impossível fazer outra coisa senão recusar.

— Não é preciso que me ensine — replicou Mr. Collins, com um largo gesto da

mão — que as moças costumam rejeitar as propostas do homem que secretamente tencionam aceitar, da primeira vez em que são feitas; e que às

vezes até esta recusa se repete duas ou três vezes. Portanto, não estou

absolutamente desencorajado pelo que acabou de dizer e espero dentro em breve

conduzi-la ao altar.

— Digo-lhe sinceramente — exclamou Elizabeth — que a sua esperança me

parece extraordinária depois da minha declaração. Asseguro-lhe que não sou

dessas moças, se é que existem, que cometem a ousadia de arriscar a sua

felicidade confiando nas possibilidades de um segundo pedido. Minha recusa é

perfeitamente séria. O senhor não me poderia tornar feliz. E estou convencida de

que sou a última mulher do mundo capaz de fazê-lo feliz. Creio até que se a sua

amiga Lady Catherine me conhecesse, ela me acharia sob todos esses aspectos

inqualificada para essa situação.

— Se eu tivesse certeza de que Lady Catherine pensaria assim ... — disse Mr.

Collins muito gravemente. — Mas não posso crer que Sua Senhoria desaprovasse

a minha escolha. E pode ficar certa de que, quando tiver a honra de tornar a vê-

la, falarei com todo o entusiasmo na sua modestia, economia e outras estimáveis

qualidades.

— Asseguro-lhe, Mr. Collins, que todos esses elogios serão desnecessários. E

preciso que me conceda a licença de julgar por mim mesma e me faça o favor

de acreditar no que digo. Desejo que se torne muito rico e muito feliz e,

recusando-lhe a minha mão, faço tudo que está em meu poder para auxiliá-lo a

atingir os seus fins. Fazendo-me este oferecimento, já tive ocasião de mostrar a

delicadeza dos seus sentimentos e pode portanto tomar posse da propriedade de

Longbourn quando o meu pai morrer, sem nenhum escrúpulo. O assunto pode ser

considerado encerrado.

E dizendo estas palavras Elizabeth se levantou e teria saído da sala, se Mr. Collins

não tivesse se dirigido a ela:

— Quando eu tiver a honra de lhe falar pela segunda vez neste assunto, espero

receber uma resposta mais favorável. Longe de mim, no entanto, acusá-la de

crueldade neste momento, pois sei que é um costume do seu sexo rejeitar as

primeiras propostas de um homem. E penso que me deu agora todos os

encorajamentos com patíveis com a verdadeira delicadeza do caráter feminino.

— Realmente, Mr. Collins — gritou Elizabeth, com vivacidade —, o senhor me

surpreende. Se o que eu lhe disse até agora pode lhe parecer um encorajamento,

não sei de que maneira lhe exprimir a minha recusa de maneira a torná-la convincente.

— Peço licença, minha encantadora prima, para aceitar a sua recusa apenas

com o auxílio da questão de palavras. Minhas razões para acreditar nisto, são em suma

as seguintes: não me parece que a minha mãe seja indigna da sua pessoa, nem

tam pouco a situação que posso oferecer-lhe. Minha posição na vida, minhas

relações com a família de Bourgh e meu parentesco com a sua, são

circunstâncias que falam altamente em meu favor. E além disso a minha prima

devia tomar em consideração também que, apesar dos seus muitos atributos, não

é certo que outra proposta de casamento lhe seja feita. O seu dote é infelizmente

tão pequeno, que provavelmente contrabalançaria os efeitos da sua beleza e das

suas qualidades. Devo portanto concluir que, ao me rejeitar, não está falando

seriamente e prefiro atribuir a sua recusa ao desejo de aumentar o meu amor,

deixando-me na incerteza, de acordo com os costumes habituais das mulheres

elegantes.

— Asseguro-lhe que não tenho quaisquer pretensões a esta espécie de elegância,

que consiste em torturar e atormentar um homem respeitável. Prefiro que me dê

a honra de acreditar na minha sinceridade. Repito os meus agradecimentos pela

grande honra que me deu, mas é-me inteiramente impossível aceitá-lo. Todos os

meus sentimentos o impedem. Posso falar mais claramente: não me considere

uma mulher elegante, que tem a intenção de atormentá-lo, mas uma criatura

racional, falando a verdade do coração.

— A minha prima é um encanto! — exclamou ele, com um ar de desajeitada

galanteria. — Estou persuadido de que, depois de sancionadas pela autoridade

expressa de seus excelentes pais, minhas propostas não poderão deixar de se

tornar aceitáveis.

Contra uma tal perseverança na vontade de se iludir, Elizabeth nada poderia

fazer. Instantaneamente se levantou e saiu, determinado, caso ele persistisse em

considerar as suas repetidas recusas com os suaves encorajamentos, a apelar para

o pai, cuja recusa podia ser decisiva e cuja atitude Mr. Collins não poderia tomar

com o afetação e artifício de uma mulher elegante.

20

Mr. Collins não permaneceu muito tempo entregue à contemplação silenciosa do

seu amor triunfante, pois Mrs. Bennet, que tinha ficado atenta no vestíbulo para

surpreender o fim da conferência, assim que viu Elizabeth abrir a porta e se dirigir apressadamente para a escada, entrou na sala de almoço e com primor

Mr. Collins efusivamente, felicitando-se igualmente a si mesmo. Mr. Collins

recebeu e retribuiu essas felicitações com igual prazer. Em seguida passou a relatar os detalhes da entrevista, cujos resultados encarava com satisfação, já

que as recusas que sua prima insistente lhe opusera decorriam

naturalmente do seu pudor e da genuína delicadeza dos seus sentimentos.

Essa informação, entretanto, surpreendeu Mrs. Bennet. Ela desejava poder pensar igualmente que a sua filha tentara encorajá-lo opondo-se às suas propostas. Não pôde, porém, no entanto, de desconfiar, nem de exprimir as

suas desconfianças.

— Mas pode ficar certo, Mr. Collins — acrescentou ela —, que Lizzy será levada

a adotar uma atitude mais sensata. Falarei com ela pessoalmente. É uma menina

teimosa e não sabe quais são os seus próprios interesses. Mas eu farei com que

ela os reconheça.

— Perdoe a minha interrupção, minha senhora — exclamou Mr. Collins —, mas

se ela é realmente teimosa e tola, não sei se neste caso será realmente uma

esposa desejável para um homem na minha situação, que naturalmente procura

a felicidade no casamento. Se portanto ela persistir na sua recusa, talvez fosse

melhor não forçá-la a aceitar-me, pois se ela é sujeita a essas variações de gênio, não poderia contribuir muito para a minha felicidade.

— O senhor não está me entendendo — disse Mrs. Bennet, alarmada —; Lizzy é

teimosa apenas em assuntos com o este. Em tudo mais ela é a mais dócil das

criaturas. Vou falar imediatamente com Mr. Bennet e estou certa de que dentro

em pouco arranjarão os tudo com Lizzy .

E sem dar a Mr. Collins tempo para responder, correu para o marido, exclamando, ao entrar na biblioteca:

— Oh, Mr. Bennet, precisamos do senhor imediatamente. Estamos todos aflitos.

Venha convencer Lizzy a se casar com Mr. Collins, pois ela declarou que não o

quer. E a não ser que intervenha imediatamente, ele mudará de ideia e não a

quererá mais.

Mr. Bennet levantou os olhos do livro e fixou-os no rosto da sua esposa, com um a

tranquilidade que as suas palavras aflitas não alteraram .

— Não tenho o prazer de com prendê-la — disse ele, depois que ela acabou de

falar. — Não sei de que está falando.

— De Mr. Collins e Lizzy . Lizzy declara que não quer Mr. Collins. E ele com eça

a achar que não quer Lizzy .

— Que é que eu poderei fazer? A situação parece ser irremediável.

— Fale com Lizzy pessoalmente. Diga que quer que se case com ele.

— Chame-a aqui. Eu darei a minha opinião.

Mrs. Bennet tocou a campainha e mandou dizer a Miss Elizabeth que viesse à

biblioteca.

— Vem cá, minha filha — disse o pai, ao ver Elizabeth entrar. — Mandei

chamá-la para tratar de um assunto importante. Disseram-me que Mr. Collins lhe

fez uma proposta de casamento. É verdade?

Elizabeth respondeu que era.

— Muito bem . E você recusou essa proposta?

— Recusei.

— Muito bem , chegam os agora ao assunto. Sua mãe insiste em que você aceite.

Não é assim , Mrs. Bennet?

— Sim , ou eu nunca mais tornarei a vê-la.

— Você está diante de uma alternativa difícil, Elizabeth. De hoje em diante você

terá que se tornar uma estranha para um dos seus pais. Sua mãe nunca mais

olhará para você, se não se casar com Mr. Collins. E eu nunca mais a verei, se

você se casar.

Elizabeth não pôde deixar de sorrir diante da conclusão; mas Mrs. Bennet, que

estava convencida de que o marido considerava o assunto de um ponto de vista

idêntico ao seu, ficou excessivamente desapontada.

— Que é que você quer dizer com isto, Mr. Bennet? Você prometeu que insistiria

com Elizabeth para que ela se casasse.

— Minha cara Mrs. Bennet — replicou o marido —, tenho dois pequenos favores

a lhe pedir. Primeiro, que me permita usar o meu próprio entendimento no caso

presente; e em segundo lugar a minha biblioteca. Desejo tê-la a meu inteiro

dispor o mais depressa possível.

Apesar de profundamente desapontada com o marido, Mrs. Bennet não cedeu

ainda. Continuou a falar para Elizabeth, alternadamente persuadindo e

ameaçando. Tentou encaudilhar Jane. Mas esta, com toda a doçura possível,

recusou interferir e Elizabeth resistiu aos seus ataques, às vezes com seriedade,

outras vezes com bom humor. No entanto, a sua determinação permaneceu

inalterável.

Enquanto isto, Mr. Collins meditava na solidão sobre o que tinha acontecido. Ele

possuía uma opinião demasiado alta de si mesmo para compreender o motivo

por que a sua prima o recusava. E embora sofresse no seu orgulho, intimamente

continuava tranquilo. Seu interesse pela prima era imaginário. E a possibilidade

de lamentar as repreensões da mãe apacava o seu rancor.

Enquanto a família estava naquela confusão, Charlotte Lucas apareceu para

passar o dia. Lydia a encontrou no vestíbulo e, correndo para ela, disse-lhe, em

voz baixa:

— Que bom você ter vindo! Aqui está muito divertido. Sabe o que aconteceu

hoje de manhã? Mr. Collins fez uma proposta de casamento a Lizzy e ela recusou.

Antes que Charlotte tivesse tempo para responder, apareceu Kitty, que vinha

contar-lhe a mesma coisa. E elas tinham todas entrado na sala de almoço, onde

Mrs. Bennet se encontrava sozinha, esta abordou imediatamente o assunto, apelando para ela com paixão de Miss Lucas e suplicando-lhe que persuadisse a sua

amiga Lizzy a ceder aos desejos da família.

— Faça isto por mim, minha cara Miss Lucas — acrescentou ela, num tom

melancólico —, pois ninguém está do meu lado, todos estão contra mim.

Ninguém tem pena dos meus pobres nervos.

Charlotte não pôde responder, pois Jane e Elizabeth entraram na sala.

— Aí vem ela — continuou Mrs. Bennet. — Tão despreocupada, com o se estivessem os em York! Tudo lhe é indiferente, contanto que ela faça a sua vontade. Mas eu vou lhe dizer uma coisa, Miss Lizzy: se você continuar a recusar

todas as propostas de casam ento deste m odo, nunca encontrará um m arido. E eu

não sei quem vai sustentá-la depois que o seu pai m orrer. Eu não posso, estou lhe

avisando. Não tenho m ais nada a ver com você a partir de hoj e. Já disse na biblioteca que nunca m ais lhe falaria. Pode ficar certa de que cum prirei a m inha

palavra. Não tenho nenhum prazer em falar com filhos rebeldes. Aliás não tenho

prazer em falar com ninguém . Pessoas que sofrem dos nervos com o eu não têm

grande inclinação a falar. Ninguém pode saber o que eu sofro! Mas é sem pre

assim , quem não se queixa não encontra com paixão.

Suas filhas ouviram em silêncio, com prendendo que qualquer tentativa para

trazê-la à razão só serviria para irritá-la ainda m ais. Mrs. Bennet continuou, pois,

a falar sem interrupção, até a chegada de Mr. Collins, que entrou na sala com ar

m ais grave do que de costum e.

Ao vê-lo, Mrs. Bennet se virou para as m eninas:

— Agora insisto em que todos calem a boca. Deixem Mr. Collins conversar um

pouco com igo.

Elizabeth saiu silenciosamente da sala. Jane e Kitty acompanharam-na.
Mas naquele dia

ficou onde estava, resolvida a ouvir tudo o que pudesse. E Charlotte, detida

no princípio pelas poucas perguntas às quais que lhe dirigiu Mr. Collins a
respeito da

sua família, e em seguida movida por um pouco de curiosidade, contentou-se em

ir até a janela e fingir que não estava ouvindo. Num tom voz chorosa, Mrs.
Bennet

deu início à palestra com as seguintes palavras:

— Oh, Mr. Collins!

— Minha cara senhora — replicou ele —, guardem o silêncio para sem pre
sobre

este assunto. Longe de mim ficar ressentido com o comportamento da sua
filha

— continuou ele, num tom voz em que transparecia o seu aborrecimento. —

Resignar-se aos males inevitáveis é um dever que nos cabe a todos. E um
dever

que incumba particularmente a um rapaz como eu, tão afortunado no com
eço da

minha carreira. E acredite que estou resignado. E talvez um dos maiores
motivos

que me levam a isso não seja a dúvida que me assalta sobre a minha
própria

felicidade, caso a minha prima tivesse me honrado com o seu consentimento,

pois observei muitas vezes que a resignação nunca é tão perfeita com o nos-
casos

em que a felicidade que nos é recusada com a perda de uma parte do seu
valor

a nossos olhos. Espero, minha cara senhora, que não considere a retirada
do meu

pedido com o meu desrespeito para com a família, já que não pedi a sua
intervenção perante Miss Elizabeth. Minha conduta pode ser reprovável
somente

porque aceitei a minha recusa dos lábios da sua filha e não dos seus
próprios. Mas

todos estão os sujeitos ao erro. A minha intenção sempre foi boa. Meu
objetivo

foi encontrar uma companheira estimável, sem perder de vista as
vantagens que

isto representava para a sua família, e se a minha atitude foi de qualquer
modo

repreensível, apresento-lhe aqui as minhas desculpas.

21

A discussão do oferecimento de Mr. Collins estava agora quase encerrada.

Elizabeth sofria apenas do inevitável mal-estar que tudo aquilo lhe causava
e

ocasionalmente das indiretas amargas da sua mãe. Quanto a Mr. Collins, os seus

sentimentos se exprimiam principalmente, não por embaraço, ou depressão, nem

pelo desejo de evitar a companhia de Elizabeth, mas pela segurança das suas

maneiras e por um silêncio rancoroso. Quase não dirigiu a palavra a Elizabeth e

as assíduas atenções de que tinha tanta consciência foram transferidas durante o

resto do dia para Miss Lucas, cuja paciência e amabilidade foram um grande

alívio para todos, especialmente para Elizabeth.

No dia seguinte Mrs. Bennet continuou indisposta e mal-humorada. Mr. Collins

estava igualmente no mesmo estado de orgulho ferido. Elizabeth tivera esperança

de que o seu rancor pudesse abreviar a visita; mas esse sentimento não pareceu

alterar os seus planos. Ele tencionava partir no sábado e continuava decidido a

ficar até aquele dia.

Depois do café da manhã as meninas foram a Meriton indagar se Mr. Wickham

já tinha voltado e lamentar a sua ausência no baile de Netherfield. Encontraram -

no ao entrar na cidade, e ele as acom panhou até a casa da sua tia, onde exprim iu

a decepção que sentira por não ter podido assistir ao baile. Suas palavras foram

discutidas e com entadas por todos. Para Elizabeth, entretanto, ele adm itiu que a

sua ausência tinha sido voluntária...

— À m edida que a hora do baile se aproxim ava — disse ele —, achei que era

m elhor não m e encontrar com Mr. Darcy . Que necessidade tinha eu de ficar

num salão com ele, na m esm a festa, durante tantas horas? Isto representava um

esforço superior às m inhas forças e poderia dar lugar a cenas desagradáveis para

m im e para todo m undo.

Elizabeth aprovou calorosam ente a sua prudência; tiveram tem po para discuti-la

plenam ente, bem com o para trocar m utuam ente todos os elogios, pois Wickham

e outro oficial acom panharam as m eninas de volta para Longbourn. O fato de

Mr. Wickham acom panhá-las oferecia um a dupla vantagem : não só isto revelava

a Elizabeth a im portância que ela adquirira aos olhos de Mr. Wickham , com o lhe

dava uma ocasião muito favorável de apresentá-lo a seu pai e a sua mãe.

Pouco depois do regresso, chegou uma carta para Miss Bennet. Vinha de

Netherfield e foi aberta imediatamente. O envelope continha uma pequena folha

de papel elegante, escrita em caracteres ornados, por minha irmã Elizabeth.

Vi que a expressão do rosto de sua irmã se alterara, enquanto ela lia. E que

fixava com atenção certos trechos. Jane dormiu logo os seus sentimentos, e

pondo a carta de lado, procurou tomar parte na conversa com a sua costureira

alegre, mas Elizabeth sentiu nela uma ansiedade que desviava a sua atenção até

ao caso de Wickham. E assim que este e o seu companheiro partiram, Jane, com

um olhar, convidou a irmã a acompanhá-la ao seu quarto. Aí, mostrou a carta,

dizendo:

— É de Caroline Bingley. O seu conteúdo me surpreendeu muito. O grupo todo

já deve ter partido de Netherfield a esta hora, a caminho de Londres. E eles não

têm intenção de voltar. Ouça o que ela diz:

Jane leu então a primeira frase: esta continha a informação de que Caroline

havia resolvido acompanyar o seu irmão e tencionava jantar naquele mesmo dia

em “Grosvenor Street”, onde morava Mr. Hurst. A frase seguinte continha estas

palavras: “não vou me sentir-lhe, dizendo que sentirei falta daquilo que deixo no

Hertfordshire, a não ser da sua companhia, minha cara amiga. Espero que ainda

nos encontrarem algum dia para gozar a repetição das muitas conversas interessantes que tivemos e até lá procurem os atenuar a dor da separação com

uma correspondência frequente e cordial. Conto com você para isto.” Elizabeth

ouviu estas pretensiosas expressões com a frieza que lhe inspirava a sua desconfiança; e em bora o caráter súbito daquela partida a surpreendesse, nada

encontrava nela que lamentar. Não era a ausência de suas irmãs que impedia

Mr. Bingley de morar em Netherfield. E, quanto à perda daquela companhia,

estava convencida de que Jane se consolaria facilmente, gozando a do próprio

Mr. Bingley .

— É de fato triste que você não tenha podido ver as suas amigas antes delas

partirem — disse Elizabeth, depois de uma curta pausa. — Mas espero que o

período de felicidade futura a que Miss Bingley se refere chegará mais cedo do

que ela pensa. Espero também que os agradáveis momentos que conheceram

com o amigos serão repetidos com maior satisfação ainda do que antes. Mr.

Bingley não ficará retido em Londres por causa delas.

— Caroline diz claramente que nenhum deles voltará para o Hertfordshire este

inverno. Vou ler para você: “Quando o meu irmão nos deixou ontem, imaginava

que o negócio que o chamava a Londres pudesse ser concluído em três ou quatro

dias, mas como estão certas de que isto não pode ser assim e ao mesmo

tempo estão convencidas de que, quando Charles chegar à cidade, não terá

pressa em tornar a deixá-la, resolvem acompanhá-lo, para que não seja

obrigado a passar as suas horas de folga num hotel sem conforto. Muitos dos

nossos conhecidos já estão lá para o inverno. Desejaria que você, minha cara

amiga, tivesse a intenção de fazer parte deste grupo, mas quanto a isto não tenho

uma vida esperanças e desejos sinceramente que o seu Natal no Hertfordshire seja

repleto das alegrias que esta festa em geral nos traz, e que seus admiradores

sejam tão numerosos que não sentirá falta dos três que lhe arrebatam os.”
É

evidente, portanto, acrescentou Jane, que ele não voltará mais este inverno.

— O que é evidente, apenas, é que Miss Bingley não quer que ele volte.

— Você pensa assim? A iniciativa deve ter partido de Mr. Bingley. Ele é dono de

seus meios. Mas você não sabe de tudo. Vou ler a mensagem que me chegou

particularmente. Não esconderei nada de você: “Mr. Darcy está impaciente para

ver a irmã e, para falar a verdade, nós não estamos menos impacientes do que

ele. Acho realmente que Georgina Darcy não tem igual em elegância, beleza e

cultura. E a afeição que ela inspira a Louisa e a mim mesma a cresce alguma

coisa mais importante: a esperança que possam os amigos de que se torne mais

tarde a nossa irmã; não sei se, antes, eu já lhe manifestei os meus sentimentos a

este respeito. Mas não quero deixar este lugar sem confiar a você os meus

desejos. E espero que não os considere insensatos. Meu irmão já a admirava muito

— ele terá agora frequentes oportunidades de travar íntimas relações com ela.

Todos os seus parentes desejam a aliança do mesmo modo que nós, e penso que

não me deixo iludir pela afeição que dedico à irmã, dizendo que acho Charles

capaz de conquistar o coração de qualquer mulher. Com todas estas

circunstâncias a favor desse casamento e nenhum a que lhe seja contrária, acho,

em minha cara Jane, que não erro ao alimentando a esperança de um acontecimento

que fará a felicidade de tantas pessoas.” O que é que você acha desta última

frase? — indagou Jane, ao terminar a leitura. — Não é bastante transparente?

Não declara ela expressamente que Caroline não espera nem deseja que eu me

torne sua irmã? E que está perfeitamente convencida da indiferença do seu

irmão e que suspeitando a natureza dos meus sentimentos por ele, menciona

bondosamente avisar-me? Pode haver outra opinião a este respeito?

— Sim, pode. A minha é totalmente diferente. Quer ouvi-la?

— De boa vontade.

— Eu a direi em poucas palavras: Miss Bingley viu que o seu irmão está apaixonado por você e quer que ele se case com Miss Darcy . Ela o acompanhou

a Londres com a esperança de detê-lo lá e procurará persuadi-lo que não gosta

de você.

Jane sacudiu a cabeça.

— É verdade, Jane, você deve me acreditar. Nenhum a pessoa que os tenha visto

juntos pode duvidar da afeição de Mr. Bingley por você. Estou certa de que Miss

Bingley não pode ter nenhuma a dúvida a este respeito. Não é tão sim plória assim .

Se ela tivesse recebido metade das demonstrações de amor que Mr. Bingley lhe

dirigiu, teria encom endado o enxoval. Mas o caso é o seguinte: não somos os suficientem ente ricos e im portantes para eles. E ela está tanto mais ansiosa de

casar Miss Darcy com seu irmão que espera que esta aliança entre as duas famílias favoreça um a segunda no mesmo sentido; acho que há nisto um a certa

ingenuidade. Ela teria algum a probabilidade de êxito se não houvesse Miss de

Bourgh. Mas minha querida Jane, você não pode imaginar seriam ente que só

porque Miss Bingley disse que o seu irmão admira Miss Darcy ele seja agora

menos sensível aos seus méritos do que quando se despediu de você na terça-

feira. Ou que está nas mãos de Miss Bingley fazer com que em vez de ter amor

por você ele se apaixone por sua amiga.

— Se pensassem os amigos a coisa de Miss Bingley — replicou Jane —, a ideia

que você fez de tudo isto me tranquilizaria. Mas eu sei que a base do seu raciocínio é injusta. Caroline é incapaz de enganar alguém propositadamente.

Tudo o que eu posso esperar no caso é que ela se tenha enganado a si mesma.

— Está certo. Você não podia encontrar uma ideia mais feliz, já que não quer se

consolar com a minha. Acredite que ela se tenha enganado. Você já fez o seu

dever quanto a ela e não precisa mais se preocupar com isto.

— Mas, querida Lizzy, você acredita que mesmo o melhor dos casos eu possa

ser feliz aceitando um homem cujas irmãs e amigos desejem todos que ele se

case com outra pessoa?

— Você deve decidir por si mesma — disse Elizabeth —; e se depois de muita

deliberação achar que a infelicidade de descontentar as suas duas irmãs

mais do que a felicidade de ser a esposa de Mr. Bingley, aconselho-a a recusá-lo

sem hesitação.

— Com o que você pode falar assim? — disse Jane, sorrindo levemente. — Você sabe

que embora me doesse excessivamente a desaprovação delas, eu não hesitaria.

— Nunca acreditei que você hesitasse. É por isto mesmo o que não posso considerar a sua situação com muita piedade.

— Mas se ele não voltar mais este inverno, minha escolha nunca será solicitada.

Muitas coisas podem acontecer em seis meses.

Elizabeth considerou com o maior desprezo essa ideia de que ele não voltasse

mais. Pareceu-lhe ser apenas uma sugestão do interesse de Caroline. E nem por

um momento pôde supor que esses desejos, por mais astutamente que fossem

manifestados, pudessem influenciar um rapaz tão totalmente diverso de todos.

Ela exprimiu à sua irmã o que sentia com toda a convicção de que era capaz e

teve o gosto de constatar dentro em pouco o efeito das suas palavras. Jane não

tinha tendência a se deprimir e aos poucos recuperou a esperança, em bora a sua

desconfiança, às vezes, sobrepujasse o anseio de que Bingley voltasse a Netherfield e correspondesse aos desejos do seu coração.

Elizabeth e Jane resolveram comunicar à sua mãe apenas a partida da família,

sem alarmá-la quanto à conduta de Mr. Bingley. Mas, mesmo esta notícia incompleta causou graves preocupações a Mrs. Bennet. E ela lamentou a infelicidade da família ter partido justamente quando todos estavam se tornando

tão íntimos. Depois de se lamentar durante algum tempo, consolou-se com a

ideia de que Mr. Bingley voltaria brevemente para jantar em Longbourn e a

conclusão de tudo aquilo foi a consoladora declaração de que, em bora tivesse

sido convidado apenas para um jantar de família, ela, Mrs. Bennet, tivera o cuidado de preparar um jantar de vários pratos.

Os Bennet foram convidados a jantar com os Lucas e novamente, durante a

maior parte do dia, Miss Lucas teve a bondade de dar atenção a Mr. Collins.

Elizabeth achou uma oportunidade para agradecer à amiga.

— Conserve-o de bom humor — disse ela. — Fico-lhe muito agradecida do que

ela imagina.

Charlotte assegurou à sua amiga que tinha muita satisfação em lhe ser útil, e que

isto lhe pagava plenamente o pequeno sacrifício do seu tempo. Apesar destas

palavras serem muito amáveis, a bondade de Charlotte ia além do que Elizabeth

supunha. O seu objetivo era nada menos do que preservar Elizabeth de qualquer

possível recrudescimento das atenções de Mr. Collins, provocando-as para si

mesma. Tal foi o plano de Miss Lucas. E aparentemente foi tão bem-sucedida

que, quando se separaram à noite, ela se teria sentido quase segura do seu êxito

se Mr. Collins não tivesse de partir de Hertfordshire dentro de prazo tão curto.

Mas neste ponto fazia injustiça ao ímpeto e à independência do caráter de Mr.

Collins, pois essas qualidades o levaram a escapar sorrateiramente de Longbourn

House na manhã seguinte e a correr até Lucas Lodge para se atirar aos seus pés.

Mr. Collins evitou cuidadosamente atrair a atenção das suas primas, pois estava

certo de que se o vissem partir não poderiam deixar de adivinhar a sua intenção.

E não queria que a tentativa fosse conhecida até que o seu êxito o pudesse ser

igualmente, pois, em bora estando quase seguro da vitória, e com razão, visto

Charlotte o ter encorajado bastante, se sentia relativamente tímido desde a aventura de quarta-feira. Sua recepção, no entanto, foi das mais amáveis. Miss

Lucas o avistou de uma janela de cima e imediatamente saiu para encontrá-lo

casualmente na aleia. Apenas ela não ousara esperar que tanto amor e tanta eloquência aguardassem ali o seu aparecimento.

Num espaço de tempo tão curto quanto o permitiram os longos discursos de Mr.

Collins, tudo foi com binado satisfatório para ambos. E ao entrar em casa,

pediu gravemente que ela marcasse o dia que o faria o mais feliz dos homens.

Ainda que um a tal solicitação devesse ser afastada no momento, a moça não se

sentiu inclinada a arriscar a sua felicidade. A impossibilidade com que o dotara a natureza devia privar a sua corte de qualquer encanto que pudesse fazer

uma mulher desejá-la prolongá-la. Miss Lucas, que o aceitara por puro e desinteressado desejo de firmar a sua situação na vida, se preocupava pouco

com a data em que isto acontecesse.

O consentimento de Sir William e de Lady Lucas foi rapidamente solicitado, e

concedido com a maior boa vontade. A situação atual de Mr. Collins o tornava

um partido muito desejável para a sua filha, a quem só podiam deixar uma pequena fortuna e as probabilidades que tinha Mr. Collins de herdar uma fortuna

eram bastante evidentes. Lady Lucas começou a calcular diretamente, com um

interesse que já mais tivera pelo assunto, quantos anos provavelmente viveria

ainda Mr. Bennet, e Sir William manifestou a opinião de que, quando Mr. Collins

entrasse na propriedade de Longbourn, seria altamente conveniente que ambos,

ele e a esposa, se apresentassem em St. James. Em suma, toda a família se sentiu

profundamente feliz. As filhas mais moças começaram a ter esperança de entrar

na vida social, um ano ou dois mais cedo do que de outro modo poderiam fazê-lo

e os rapazes se sentiram aliviados da sua apreensão de que Charlotte morresse

solteirona. Charlotte, pessoalmente, se mostrou bastante discreta. Conseguiu o

que almejava e tinha tempo para refletir no assunto. Suas reflexões foram em

geral satisfatórias. Mr. Collins não era a bem dizer nem sensato nem agradável.

A sua companhia era cansativa. E a sua afeição por ela devia ser imaginária.

Mas mesmo assim seria seu marido. Sem ter grandes ilusões a respeito dos

homens ou do matrimônio, o casamento sempre fora o seu maior desejo; era a

única posição tolerável para uma moça bem-educada, de pouca fortuna. E por

mais incertas que fossem as perspectivas de felicidade, era ainda a forma mais

agradável de ficar ao abrigo da necessidade. Esta proteção, agora a obtivera.

Tinha 27 anos e já amais fora bela. Sabia portanto que tivera sorte. A circunstância

menos agradável era a surpresa que aquilo devia causar a Elizabeth Bennet, cuja

amizade ela precisava mais do que a de qualquer outra pessoa. Elizabeth ficaria

espantada e provavelmente a censuraria. Embora isto não afetasse a sua resolução, ela se sentiria ferida com semelhante desaprovação. Resolveu

comunicar-lhe pessoalmente a sua decisão e, assim, recomendou a Mr. Collins,

quando voltasse a Longbourn para jantar, que tivesse a maior discrição. Mr.

Collins prometeu guardar segredo. Mas uma tal promessa só poderia ser cumprida com muita dificuldade, pois a curiosidade produzida pela sua longa

ausência explodiu em perguntas tão diretas, que era necessário uma grande habilidade a fim de iludi-las e ao mesmo tempo exigiam dele um grande sacrifício, pois ardiam do desejo de revelar o seu êxito.

Com o ele estivesse de partida na manhã seguinte muito cedo, a cerimônia da

despedida foi realizada na hora em que as senhoras se retiravam para dormir; e

Mrs. Bennet, com grande cortesia e cordialidade, exprimiu a felicidade que todos

sentiriam em tornar a vê-lo em Longbourn, quando os seus deveres permitissem

um a nova visita.

— Minha cara senhora — replicou ele —, o convite é particularmente agradável,

porque é o que eu esperava receber, e pode estar certa de que eu o aceitarei tão

depressa quanto me for possível.

Todos ficaram surpresos. Mr. Bennet, que não desejava de modo algum a

volta tão rápida, disse imediatamente:

— Mas não haverá perigo da desaprovação de Lady Catherine? Seria melhor

desdenhar os seus parentes do que correr o risco de ofender a sua protetora.

— Meu caro senhor — replicou Mr. Collins —, agradeço-lhe a sua amável previdência; pode ficar certo de que não tomarei uma tal decisão sem o consentimento de Sua Senhoria.

— Todo o cuidado é pouco. Arrisque tudo menos incorrer no descontentamento

daquela senhora. E, se o senhor achar provável que o fato de nos tornarmos os

possa acarretar algum aborrecimento, coisa que eu acho extremamente provável, fique sossegado em sua casa e esteja certo de que não nos

ofenderem os.

— Acredite, meu caro amigo, que lhe fico muito grato pela sua tão cordial atenção. E pode ficar certo de que o senhor receberá em breve uma carta minha, agradecendo esta e todas as demais provas de afeição que recebi durante

a minha visita no Hertfordshire. Quanto às minhas encantadoras primas, em bora

a minha ausência seja curta, tomarei a liberdade de lhes desejar saúde e felicidade,

sem excetuar a minha prima Elizabeth.

As senhoras então se retiraram, com as cortesias habituais, muito surpreendidas

com a intenção que ele manifestara de voltar em breve. Mr. Bennet interpretou-a

como o desejo de fazer a corte a uma das suas filhas mais novas. E Mary

poderia ter sido levada a aceitá-lo. Ela prezava os talentos de Mr. Collins, muito

mais do que qualquer uma das outras. Havia uma solidez nas reflexões de Mr.

Collins que frequentemente a impressionava. E embora não o achasse nem de

longe tão inteligente quanto ela própria, pensava que, se o encorajasse a ler e a se

ilustrar com o o fizera, ele poderia tornar-se um com panheiro m uito agradável.

Mas na m anã seguinte todas as esperanças dessa natureza foram dissipadas.

Miss Lucas veio em visita pouco depois do café da m anã e a sós com Elizabeth

relatou os acontecim entos do dia anterior.

A possibilidade de im aginar Mr. Collins apaixonado pela sua am iga j á tinha

ocorrido a Elizabeth nesses últim os dias, m as não podia crer que Charlotte o

encoraj asse. Isto lhe parecia quase tão im possível para a sua am iga quanto para

ela própria. E a sua surpresa foi assim tão grande que ultrapassou a princípio os

lim ites da discrição e não pôde deixar de exclam ar:

— Noiva de Mr. Collins? Minha cara Charlotte, não é possível!

A expressão grave com que Miss Lucas contava a sua história se alterou

m om entaneam ente com a confusão que sentia por receber um a censura tão

direta. Mas com o Charlotte j á contava com aquilo, recuperou logo a calm a e

respondeu:

— Por que é que você está espantada, m inha cara Eliza? Acha incrível que Mr.

Collins agrade a um a m ulher? E isso só porque ele não teve a felicidade de lhe

agradar?

Mas Elizabeth já tinha recuperado o domínio sobre si mesma. E fazendo um

grande esforço — conseguiu assegurar a Charlotte com certa firmeza que a perspectiva de se tornarem parentes lhe era muito agradável e que ela lhe desejava todas as felicidades imagináveis.

— Eu sei o que você está sentindo — replicou Charlotte —; você está admirada

porque Mr. Collins há tão pouco tempo ainda desejava se casar com você. Mas

quando você tiver tempo de pensar sobre o assunto, espero que aprovará a minha

decisão. Bem sabe que não sou romântica. Nunca fui. Desejo apenas um

confortável. E considerando o caráter de Mr. Collins, as suas relações e a sua

situação na vida, estou convencida de que tenho as mesmas possibilidades de ser

feliz no casamento que a maioria das mulheres.

Elizabeth respondeu calmamente:

— Sem dúvida.

Depois de uma pausa embaraçada, as duas amigas se reuniram ao resto da

família. Charlotte não se demorou mais por muito tempo. E Elizabeth teve o

tempo de refletir sobre o que acabara de ouvir. Mas só muito tempo depois é que

se reconciliou com a ideia de um casamento tão disparatado. A extravagância de

Mr. Collins, fazendo duas propostas de casamento em três dias, não era nada em

comparação com o consentimento de Charlotte. Elizabeth sem predesconfiara de

que a opinião de Charlotte sobre o casamento não se parecia muito com a sua.

Mas nunca poderia ter suposto que no instante de confrontar as suas ideias com a

realidade ela fosse capaz de sacrificar todos os seus melhores sentimentos às

vantagens mundanas. Charlotte, mulher de Mr. Collins, era um quadro

humilhante. E a dor de ver uma amiga se rebaixar assim na sua estima crescia

a triste convicção de que era impossível que aquela mesma amiga fosse feliz no

casamento que escolhera.

23

Elizabeth estava sentada com sua mãe e suas irmãs, pensando no que ouvira e

em dúvida sobre se devia mencioná-lo, quando Sir William Lucas em
pessoa

apareceu, enviado pela sua filha para anunciar o seu noivado. Depois de m
uitos

cum prim entos e congratulações pelas perspectivas da união entre as duas

fam ílias, ele abordou o assunto, para um a audiência não som ente atônita,
m as

tam bém incrédula. Pois Mrs. Bennet, com m ais perseverança do que
polidez,

retrucou que ele devia estar com pletam ente enganado. E Ly dia, que era às
vezes

m uito atirada e quase sem pre m alcriada, exclam ou:

— Arre, Sir William , com o é que o senhor pode contar um a história
destas?

Então não sabe que Mr. Collins quer se casar com Lizzy ?

Só um cavalheiro, m unido de toda a sua tolerância, poderia suportar um a
tal

desconsideração sem se zangar. Mas a boa educação de Sir William
conseguiu

fazer com que relevasse tudo aquilo. E em bora insistisse para que a fam ília

acreditasse na verdade da sua inform ação, suportou todas aquelas im
pertinências

com a m ais perfeita cortesia.

Elizabeth, sentindo que lhe cabia o dever de salvá-lo daquela situação
incôm oda,

adiantou-se e confirmou as suas palavras, mencionando o conhecimento prévio

que tivera de Charlotte pessoalmente. E procurou pôr um termo às exclamações

de sua mãe e de suas irmãs, dando os mais sinceros parabéns a Sir William,

atitude que Jane imediatamente secundou, fazendo diversas observações sobre a

felicidade que poderia trazer aquela aliança, o caráter excelente de Mr. Collins e

a distância conveniente que separava Hunsford de Londres.

Mrs. Bennet ficou tão ofuscada que nada pôde dizer enquanto Sir William estava

presente. Mas apenas tinha saído, os seus sentimentos transbordaram. Em

primeiro lugar persistiu em duvidar da verdade daquelas afirmações. Em

segundo lugar ela tinha certeza de que Mr. Collins tinha sido iludido. Em

terceiro lugar tinha certeza de que nunca seriam felizes. E em quarto, que o compromisso

podia ser rompido. Duas coisas no entanto se podiam claramente deduzir do

assunto: primeiro, que era Elizabeth a causa de todo aquele mal e segundo, que

ela, Mrs. Bennet, tinha sido tratada infamemente por todos. E foi sobre estes dois

pontos, principalmente, que ela se expandiu durante o resto do dia. Nada a podia

consolar ou aplacar e aquele dia passou sem que o seu ressentimento diminuisse.

Durante uma semana não pôde ver Elizabeth sem ralar com ela. Só depois de

decorrido um mês pôde conversar novamente com Sir William e Lady Lucas,

sem ser grosseira, só perdoando Charlotte muitos meses depois.

Os sentimentos de Mr. Bennet eram muito mais tranquilos. Ele achou que a

situação era muito agradável, pois se sentia satisfeito, dizia, por descobrir que

Charlotte Lucas, pessoa que ele julgara toleravelmente sensata, era, na realidade,

tão tola quanto a sua mulher e mais tola ainda do que a sua filha.

Jane se confessou um tanto surpreendida. Mas falou menos em seu espanto do

que no desejo sincero de que eles fossem felizes. Elizabeth não conseguiu

persuadi-la de que aquela felicidade era pouco provável. Kitty e Lydia estavam

longe de invejar Miss Lucas. Para elas Mr. Collins era apenas um pastor, e a

notícia afetou-as apenas com o mesmo a novidade que podiam espalhar em Meryton.

Lady Lucas não poderia ter resistido ao triunfo de falar a Mrs. Bennet sobre o

conforto que representava para ela o fato de ter uma filha bem-casada. Veio a

Longbourn com mais frequência do que de costume e, para dizer o quanto se sentia

feliz, em bora os olhares irados de Mrs. Bennet e as suas observações rancorosas

am eçassem, por vezes, estragar a sua felicidade...

Entre Elizabeth e Charlotte havia certo constrangimento, que as impedia

mutuamente de abordar aquele assunto; e Elizabeth se sentiu persuadida de que

nenhuma confiança real poderia subsistir daí por diante entre elas. O

desapontamento que sofrera fez Elizabeth aproximar-se mais da irmã, em cuja

retidão e delicadeza de sentimentos tinha absoluta confiança e cuja felicidade

cada dia mais a preocupava, pois fazia um ano que Bingley partira e ainda

ninguém falara na sua volta.

Jane enviara a Caroline uma resposta imediata à sua carta e contava os dias que

tinha de esperar, até que outra lhe chegasse. A prometida carta de

agradecimento de Mr. Collins chegou na terça-feira. Era dirigida a Mr. Bennet e

escrita com tanta solenidade e gratidão com o se ele tivesse residido um ano com

a família. Depois de tranquilizar a sua consciência quanto a este tópico, servindo-

se das expressões mais calorosas, Mr. Collins passava a informá-lo da sua felicidade de ter conquistado o coração daquela vizinha tão amável, Miss Lucas,

e explicava que era apenas com a intenção de gozar a companhia de sua prometida que ele manifestara com tanta insistência o desejo de voltar a Longbourn, onde esperava chegar daquela segunda-feira a 15 dias. Lady Catherine, acrescentava ele, aprovava tanto o seu casamento, que desejava que o

acontecimento se desse o mais cedo possível. Com esse argumento, que julgava

decisivo, esperava convencer Charlotte a marcar um a data próxima para o dia

que havia de torná-lo o mais feliz dos homens.

A volta de Mr. Collins para o Hertfordshire já não parecia mais tão agradável a

Mrs. Bennet. Ao contrário, estava muito disposta a se queixar ao marido. Achava

muito curioso que ele viesse a Longbourn em vez de se hospedar em Lucas

Lodge. A visita era também muito inconveniente e principalmente incômoda.

Não gostava de ter hóspedes em casa quando a sua saúde não era muito boa. E os

noivos eram as pessoas mais desagradáveis do mundo. Esses eram úrios de Mrs.

Bennet continuaram, até que surgiu a preocupação muito maior a respeito da

ausência prolongada de Mr. Bingley. Nem Jane nem Elizabeth se sentiam tranquilas quanto a isto. Os dias passavam sem trazer nenhuma notícia dele, a não

ser o boato que circulou em Meryton de que Mr. Bingley não voltaria para Netherfield durante todo o inverno. Boato esse que enfureceu Mrs. Bennet e que

ela nunca deixava de contradizer com o que se tratasse da mais escandalosa das

mentiras.

Elizabeth, por sua vez, com efeito, não que Bingley fosse indiferente a

Jane, mas que as suas irmãs conseguissem impedir o seu regresso. Apesar da sua

relutância em admitir uma hipótese tão desfavorável para a felicidade de Jane e

tão pouco honrosa para o seu namorado, não podia impedir que tal ideia lhe

ocorresse frequentemente. Os esforços reunidos daquelas criaturas mais albosas que

eram as suas duas irmãs e do seu autoritário amigo, somados aos atrativos de

Miss Darcy e aos divertimentos de Londres, seriam talvez superiores ao seu

interesse por Jane. Quanto a esta última, a sua ansiedade durante aquele período

de incerteza era naturalmente mais dolorosa do que a de Elizabeth. Mas queria

esconder tudo o que sentia e entre as duas irmãs, portanto, nunca se fazia qualquer alusão àquele assunto. Mas com o nenhum a delicadeza daquela espécie

refreava Mrs. Bennet, não se passava uma hora sem que ela falasse em Bingley ,

sem que exprimisse a sua impaciência pela sua chegada ou mesmo sem que

exigisse que Jane declarasse de uma vez por todas que se Bingley não voltasse

ela se consideraria ofendida. Foi necessária toda a doçura e firmeza de Jane para

suportar esses ataques com relativa tranquilidade.

Mr. Collins voltou pontualmente no dia marcado, mas a sua recepção em

Longbourn não foi tão amável quanto da primeira vez. Mas ele se sentia tão feliz

que não precisava de muita atenção e felizmente para os outros as suas

atribuições de noivo os aliviavam grandemente da sua companhia. Ele passava a

maior parte do tempo em Lucas Lodge e muitas vezes voltava a Longbourn

apenas o tempo de desculpar-se pela sua ausência antes da família se retirar para

os seus aposentos.

Mrs. Bennet estava realmente num estado lamentável. A simples alusão a qualquer detalhe relativo ao casamento precipitava-a num acesso de mau humor.

Em qualquer lugar onde se encontrasse tinha certeza de ouvir falar naquele assunto. A presença de Miss Lucas era-lhe insuportável. Olhava-a com ciúme,

despeito e horror, com o a sua sucessora naquela casa. Cada vez que Charlotte

vinha visitá-los, ela concluía que a sua intenção era antecipar a hora da posse e

cada vez que Charlotte falava em voz baixa a Mr. Collins, tinha certeza de que

falavam da propriedade de Longbourn e planejava expulsá-la e às suas filhas da

casa, assim que Mr. Bennet morresse. Queixava-se amargamente de tudo aquilo

ao marido.

— Realm ente, Mr. Bennet — dizia ela —, é m uito duro pensar que Charlotte

Lucas será um dia dona desta casa e que eu serei forçada a lhe ceder o m eu lugar!

— Não pense nestas coisas tristes, m eu bem . Tenham os confiança no futuro.

Encarem os a possibilidade de que eu sobreviva a você.

Isto não era m uito consolador para Mrs. Bennet. E portanto, em vez de responder,

continuou com o antes.

— Não posso suportar a ideia de que eles possuirão toda esta propriedade. Se não

fosse esta questão de sucessão, eu não m e im portaria.

— De que é que você não se im portaria?

— De nada.

— Então vam os agradecer a Deus, porque você está preservada de cair num tal

estado de insensibilidade.

— Não posso ser grata a nada que se refira a esta sucessão, Mr. Bennet. Com o é

que alguém pode ficar tranquilo ao saber que suas filhas vão ficar privadas da

propriedade que possuem ? E em favor de quem ? De Mr. Collins! Por que ele e

não um a outra qualquer pessoa?

— Confio-lhe a resolução deste problema — disse Mr. Bennet.

24

A carta de Miss Bingley chegou e pôs fim a todas as dúvidas. Logo à primeira

frase evidenciava que eles tinham se instalado em Londres para todo o inverno e

concluía transmitindo os sentimentos do seu irmão por não ter tido tempo de

apresentar os seus respeitos aos seus amigos de Hertfordshire antes da sua partida.

Todas as esperanças estavam perdidas, completamente perdidas. E quando Jane

pôde continuar a leitura, nada encontrou para consolá-la a não ser as expressões

de afeto da missivista. O elogio de Miss Darcy era o assunto principal da carta.

Seus muitos atributos eram novamente descritos. Caroline se gabava alegremente

da crescente intimidade entre elas; arriscava-se a predizer a realização dos

desejos que exprimira na sua carta anterior. Comunicava também, com grande

alegria, que seu irmão era hóspede de Mr. Darcy, e mencionava com

entusiasmo os planos deste último, relativos a uma nova moradia que

encomendara.

Elizabeth, a quem Jane comuniquei tudo isso sem demora, ouviu-a, cheia de

silenciosa indignação. Seus sentimentos estavam divididos entre a preocupação

pela irmã e o seu ressentimento contra todos os outros. Não deu crédito à afirmação de Caroline de que seu irmão se interessava por Miss Darcy.

Continuava a acreditar, mais do que nunca, na sinceridade da afeição que Bingley tinha por Jane. Apesar da simpatia com que sempre o considerara, não

podia pensar, sem cólera e quase com desprezo, naquela maleabilidade de gênio,

na falta de iniciativa pessoal que o tornava um joguete entre as mãos dos seus

intrigantes amigos e o levava a sacrificar a sua própria felicidade ao capricho das

inclinações alheias. Se a única coisa em jogo fosse a sua própria felicidade, poderia arriscá-la com o entendesse, mas a sua irmã estava envolvida naquilo, e

ele devia ter consciência disso. Enfim, era um assunto ao qual seria necessário

dedicar uma longa reflexão sem que se pudesse chegar realmente a nenhum

resultado. Não encontrava outra hipótese. E no entanto, quer a afeição de Bingley

tivesse realmente declinado, sufocada ou não pela interferência dos seus amigos,

quer ele tivesse consciência da afeição de Jane, ou ao contrário, a ignorasse, em

qualquer um dos casos, e em bora a sua opinião acerca de Bingley variasse forçosamente segundo essas hipóteses, a situação da sua irmã permanecia a

mesma, a sua paz de espírito igualmente perturbada. Passaram-se um ou dois

dias, antes que Jane adquirisse coragem para falar a Elizabeth acerca dos seus

sentimentos; mas afinal, um dia em que Mrs. Bennet, depois de se queixar com

a irritação do que de costume e sobre Netherfield e seu proprietário, as deixara

sozinhas, Jane não pôde se impedir de dizer à irmã:

— Oh, eu queria que meu irmão tivesse mais domínio sobre si mesma. Ela não tem

ideia da dor que me causa, falando continuamente nisto. Mas eu não me queixarei; não pode durar muito tempo. Ele será esquecido e todos serão os

felizes como antes.

Elizabeth olhou para a irmã com solicitude e incredulidade, mas não disse nada.

— Você duvida de mim ? — exclamou Jane, corando ligeiramente. —
Você não

tem razão. Talvez ele continue a viver na minha memória com o homem
em meus

atraente das minhas relações. Mas é tudo. Nada tenho que esperar ou que
temer.

E não tenho nenhum motivo para censurá-lo. Graças a Deus não tenho esta
dor.

Dê-me um pouco de tempo e certamente eu tentarei esquecê-lo.

Numa voz mais forte acrescentou, pouco depois:

— Eu tenho desde já este consolo. É que tudo não foi mais do que um erro
da

minha imaginação, e que esse erro não fez mal a ninguém e não ser a mim
im

meus.

— Minha querida Jane — exclamou Elizabeth —, você é boa demais. Sua
doçura

e seu desinteresse são realmente angélicos. Sinto que nunca lhe fiz a devida
justiça e que nunca a amei com o que mereço.

Miss Bennet protestou com veemência contra os méritos extraordinários
que lhe

conferiam e atribuiu o elogio à viva afeição da sua irmã.

— Não — disse Elizabeth —, isto não está direito. Você quer pensar que
todas as

peessoas são respeitáveis e se sente ferida se eu falo m al de alguém . Quero apenas pensar que você é perfeita e você se volta contra m im . Não tenha m edo

de que eu caia em algum excesso, nem lance m ão do seu privilégio de boa vontade universal. Seria inútil. São poucas as pessoas a quem eu quero realm ente,

e m enos ainda aquelas das quais eu tenho um a boa opinião. Quanto m elhor eu

conheço o m undo, m enos ele m e satisfaz; e cada dia vej o confirm ada a m inha

crença na inconsistência de todos os caracteres hum anos e na pouca confiança

que se pode depositar nas aparências do m érito ou do bom senso. Ultim am ente

encontrei dois exem plos; um deles eu não m encionarei — o outro é o casam ento

de Charlotte. É inexplicável! Sob todos os pontos de vista, é inexplicável.

— Querida Lizzy , não se entregue a sentim entos desta espécie. Eles arruinarão a

sua felicidade. Você não deixa nenhum a m argem para diferenças de situação e

de tem peram ento. Pense na respeitabilidade de Mr. Collins, no caráter prudente e

firm e de Charlotte. Lem bre-se de que a fam ília dela é m uito grande; que quanto

à fortuna é um partido muito desejável. E mostre-se pronta a acreditar, para bem

de todo o mundo, que Charlotte possa sentir realmente respeito e estima pelo

nosso primo.

— Para lhe fazer a vontade, eu tentarei acreditar em quase tudo. Mas ninguém se

beneficiará disto. Pois se eu estivesse persuadida de que Charlotte o respeita,

realmente ela desceria no conceito que tenho da sua inteligência, o mesmo o que

perdeu antes no valor que eu atribuía ao seu coração. Minha querida Jane, Mr.

Collins é um homem tolo, pomposo, pretensioso e de ideias estreitas. Você sabe

que ele é tudo isto tão bem quanto eu. E você deve sentir como eu que um a

mulher que se casar com ele não pode ter uma visão muito justa das coisas.

Você não há de querer defendê-la só porque ela é Charlotte Lucas. Você não pode, por causa de um caso individual, mudar o sentido das palavras “bom senso” e “integridade”, nem procurar persuadir a você mesmo a ou a mim que o

egoísmo é a prudência, e a insensibilidade diante do perigo, certeza de felicidade.

— Acho que as suas expressões são muito fortes, e espero que você se convencerá disso, vendo-os casados e felizes. Quanto a isto, basta. Mas você

aludiu a outra coisa. Você mencionou dois exemplos. Sei o que você está pensando. Mas eu lhe peço, querida Lizzy, que não me cause mágoa, julgando

que aquela pessoa é culpada. Nem dizendo que ela perdeu no seu conceito. Não

devem os ser precipitadas e julgar que fomos os intencionalmente feridas. Não

podem os exigir que um rapaz despreocupado seja sempre prudente e circunspecto. Muitas vezes é apenas a nossa vaidade que nos engana. As mulheres sobre-estimam facilmente a admiração dos homens.

— E os homens fazem tudo para mantê-las nesta ilusão.

— Se o fazem propositadamente, não pode haver justificativa. Mas eu creio que

não há tanta má vontade no mundo quanto as pessoas acreditam.

— Estou longe de atribuir qualquer aspecto da conduta de Mr. Bingley a uma

intenção perversa — disse Elizabeth —; mas mesmo sem o propósito deliberado

de errar, ou de tornar os outros infelizes, pode haver enganos e tristezas. Pouco

caso, falta de atenção para com os sentimentos de outras pessoas, ou falta de

firmeza, produzem os mesmos efeitos.

— E você atribui qualquer desses defeitos a ele?

— Sim, todos. Mas se continuar incorrerei no seu desagrado, dizendo o que penso

acerca das pessoas que você estima. Detenha-me enquanto é tempo.

— Você persiste então em supor que as irmãs dele o influenciaram?

— Sim, de combinação com o amigo dele.

— Não posso acreditar nisto. Por que tentariam influenciá-lo? Só podem desejar

a sua felicidade, e se ele me ama, nenhum a outra mulher pode lhe trazer esta

felicidade.

— A sua primeira suposição é falsa. Podem desejar muitas coisas além da felicidade dele. Podem desejar o aumento da sua fortuna e da sua importância.

Podem desejar que ele se case com uma moça que tenha importância social,

dinheiro, relações de alta classe e orgulho.

— Sem dúvida. Eles desejam que escolha Miss Darcy. Mas isto pode se originar

de sentimentos melhores do que você supõe. Eles a conhecem há muito mais

tem po do que a m im . Não é de espantar que a prefiram . Mas quaisquer que

sejam os seus desej os, é m uito pouco provável que elas pudessem se opor à

vontade do irm ão. Que irm ã se sentiria j ustificada em fazer um a coisa destas, a

não ser que existisse um m otivo m uito m ais forte? Se acreditassem que ele gosta

realmente de m im , não tentariam nos separar, pois se tal fosse o caso, não o

conseguiriam . Mas supondo tal afeição, você faz todo m undo agir m aldosa e

erradamente e a m im torna m uito infeliz. Não discuta esta m inha ideia. Não

estou envergonhada por m e ter enganado, ou pelo m enos a vergonha é pouca.

Não é nada em com paração com o que eu sentiria se pensasse m al dele ou das

suas irm ãs. Deixe-m e ver as coisas sob o seu m elhor aspecto, um aspecto capaz

de esclarecê-las.

Elizabeth não podia se opor a um tal desejo . E a partir desse dia, o nome de Mr.

Bingley quase nunca m ais foi m encionado entre elas. Mrs. Bennet continuou

ainda a estranhar e a queixar-se de que ele não voltava mais. E em bora não se

passasse um dia sem que Elizabeth desse uma explicação razoável, parecia haver

pouca probabilidade de que Mrs. Bennet jamais considerasse aquele fato com

menos perplexidade. Sua filha procurava convencê-la de uma coisa em que ela

mesma não acreditava: de que as atenções de Bingley tinham sido o efeito de

uma simpatia transitória, cessando depois que a perdera de vista. Mas em bora a

probabilidade dessa afirmação fosse admitida no momento, Jane era obrigada a

repeti-la no dia seguinte. O melhor consolo de Mrs. Bennet era lembrar-se de que

Bingley tornaria a voltar para o verão.

Mr. Bennet pensava de maneira diferente.

— Então, Lizzy — disse um dia —, sua irmã teve um desgosto amoroso, creio eu.

Ela merece os meus parabéns. Depois do casamento, o que uma moça mais

gosta é de um desgosto amoroso de vez em quando. É uma coisa que dá o que

pensar e lhe confere uma espécie de distinção entre as suas companheiras.

Quando chegará a sua vez? Você não há de querer ser suplantada por Jane.

Chegou a sua hora. Há bastantes oficiais em Meryton, para desapontar todas as

moças da região. Escolha Wickham. É um sujeito simpático e lhe daria o fora

agradavelmente.

— Obrigada, meu pai, mas um homem menos agradável seria suficiente para

minha mãe. Não devem os outros esperar a boa sorte de Jane.

— É verdade — disse Mr. Bennet —, mas é um conforto pensar que o que quer

que lhe suceda nesse gênero, você tem uma mãe afetuosa que saberia tirar o

melhor partido disto.

A companhia de Mr. Wickham ajudava eficientemente a dissipar a tristeza que

as últimas ocorrências tinham trazido para muitos dos habitantes de Longbourn.

Viam-na frequentemente agora e às suas outras qualidades acrescia a de uma

franqueza absoluta. O que Elizabeth já sabia, as suas queixas de Mr. Darcy e o

que sofrera por sua causa, tudo era agora publicamente discutido. E todos se

sentiam contentes de pensar que sem pre tinham antipatizado com Mr. Darcy ,

m esm o antes de saber qualquer coisa contra ele.

Jane era a única criatura que supunha que pudessem existir circunstâncias atenuantes no caso, desconhecidas para a sociedade do Hertfordshire. Com doce

e firm e candura invocava sem pre a tolerância e a possibilidade de enganos. Mas

todos os outros condenavam Mr. Darcy com o ao pior dos hom ens.

25

Depois de um a sem ana passada em declarações de am or e proj etos de felicidade, a chegada do sábado veio privar Mr. Collins da com panhia da sua

am ada Charlotte. A dor da separação, no entanto, poderia ser aliviada quando

chegasse em Hunsford, pelos preparativos para a recepção da sua noiva. E logo

em seguida ao seu próxim o regresso ao Hertfordshire, seria fixado o dia que

havia de torná-lo o m ais feliz dos hom ens. Ele se despediu dos seus parentes em

Longbourn com tanta solenidade quanto da prim eira vez; tornou a desejar às suas

encantadoras prim as saúde e felicidades e prom eteu a Mr. Bennet nova carta de

agradecimentos.

Na segunda-feira seguinte, Mrs. Bennet teve o prazer de receber seu irmão e sua

cunhada, que vieram com o de costume e passar o Natal em Longbourn. Mr.

Gardiner era um homem fino e sensato, muito superior à sua irmã, tanto em

natureza como em educação. As senhoras de Netherfield dificilmente

acreditariam que um homem que vivia no comércio e morava próximo aos seus

armazéns pudesse ser tão bem-educado e agradável. Mrs. Gardiner, que era

muitos anos mais jovem do que Mrs. Bennet ou Mrs. Philips, era uma mulher

elegante, agradável e inteligente e muito querida pelas suas sobrinhas de

Longbourn. Entre ela e as duas mais velhas, especialmente, existia uma forte

amizade. As meninas tinham morado muitas vezes em casa dela na cidade.

A primeira parte dessa atividade de Mrs. Gardiner ao chegar consistiu na

distribuição dos presentes que trazia e na descrição das modas mais recentes.

Feito isto, o seu papel se tornou menos ativo. Chegou a sua vez de ouvir. Mrs.

Bennet tinha muitas queixas a relatar. Ela tinha sofrido grandes decepções desde

a última vez em que vira a sua irmã. Duas das suas filhas tinham estado a ponto

de se casar e afinal tudo tinha dado em nada.

— Eu não culpo Jane — continuou ela —, pois Jane teria aceitado Mr. Bingley.

Mas Lizzy ! Oh, é muito duro pensar que podia ser agora a esposa de Mr. Collins

se não fosse tão insensata. Ele fez uma proposta aqui mesmo nesta sala. E ela o

recusou. A consequência disto é que Lady Lucas casará uma das filhas antes de

eu. E a propriedade de Longbourn está mesmo do que nunca destinada a passar

para mãos estranhas. Os Lucas são gente muito esperta, minha irmã, só pensam

nas vantagens que podem obter. Sinto muito dizer isto deles, mas é verdade.

Causa-me um grande nervosismo ser assim contrariada na minha própria família

e ter vizinhos que pensem mesmo em si mesmos do que nos outros. No entanto, a

sua visita neste momento é o maior consolo que eu poderia receber, e muito me

alegro de saber o que você acaba de nos contar a respeito das minhas amigas com pridas.

Mrs. Gardiner, a quem a maior parte dessas notícias já fora transmitida por Jane

e por Elizabeth na correspondência que mantinham com ela, deu à sua irmã uma

resposta evasiva. E com pena das suas sobrinhas, mudou o assunto da palestra.

Mais tarde, sozinha com Elizabeth, tornou a abordar o assunto:

— É provável que tenha sido um partido desejável para Jane — disse ela. —

Sinto que o projeto tenha fracassado. Mas estas coisas acontecem tanto! Um

rapaz com o Mr. Bingley, a julgar pela descrição que me fizeram, se apaixona

fácilmente por uma moça bonita durante algumas semanas e quando um

caso os separa, esquece-a facilmente. Inconstâncias dessa espécie são muito frequentes.

— De certo modo isso é um excelente consolo — disse Elizabeth. — Mas não

serve para nós. Não sofremos por acaso. Não acontece assim tão

frequentemente que um rapaz independente se deixe persuadir pelos amigos a

esquecer uma moça que ele amava apaixonadamente poucos dias antes.

— Mas esta expressão amar apaixonadamente é tão gasta, tão duvidosa, tão

indefinida... Ela não me faz nenhum a imagem clara. Muitas vezes é aplicada a

sentimentos que surgem depois de meia hora apenas de contato, com o

igualamento a afeições reais e fortes. Diga-me, qual era o grau de violência do

amor de Mr. Bingley ?

— Nunca vi uma inclinação mais promissora. Ele estava se tornando esquecido

das outras pessoas e inteiramente absorvido por Jane. Cada vez que se encontravam, isto se tornava mais claro. No baile que ele próprio ofereceu, ofendeu duas ou três moças, esquecendo-se de tirá-las para dançar! E eu mesma

falei com ele duas vezes sem ter resposta. Podem existir melhores sintomas? Não

é a desatenção geral a própria essência do amor?

— Oh, sim, dessa espécie de amor que suponho tenha sido o dele. Pobre Jane!

tenho pena dela, porque com o seu feitio talvez não o esqueça imediatamente.

Seria melhor que isto lhe tivesse acontecido, Lizzy, pois graças ao seu bom

humor, você teria esquecido mais depressa. Mas você acha que podem os

convencê-la a voltar conosco? As mudanças de lugar podem ser úteis. E talvez a

sua ausência de casa, por algum tempo, faça um grande bem a Jane.

Elizabeth ficou extremamente contente com esta proposta e plenamente convencida da pronta aquiescência da sua irmã.

— Espero — acrescentou Mrs. Gardiner — que nenhum a consideração por esse

rapaz a influencie. Moram os em pontos tão afastados da cidade, todas as nossas

relações são tão diferentes e, com o que sabe, saímos tão raramente, que é muito pouco provável que se encontrem. A não ser que ele venha realmente

visitá-la.

— E isto é inteiramente impossível, pois ele está sob a vigilância do seu amigo, e

Mr. Darcy não toleraria que ele fosse visitá-la num quarteirão de Londres tão

pouco elegante. Minha cara tia, com o que pode a senhora supor tal coisa? Mr. Darcy

talvez tenha ouvido falar em Gracechurch-Street, mas se algum a vez entrasse lá,

creio que levaria bem um mês se purificando.

— Tanto melhor. Espero que eles não se encontrarão. Mas Jane não se corresponde com a irmã de Mr. Bingley? Esta pessoa não poderá deixar de visitá-la.

— Ela cortará relações com pletam ente.

Mas apesar da certeza com que Elizabeth fingia acreditar no que diziam ,
bem

com o na possibilidade de Bingley ser im pedido de visitar Jane, esse
assunto a

preocupava de tal m aneira que, depois de refletir, convenceu-se de que não
considerava o caso inteiram ente perdido. Parecia-lhe possível e algum as
vezes

até m esm o provável que a afeição de Mr. Bingley recrudescesse e que a
influência dos seus am igos pudesse ser contrabalançada com êxito pelas
influências m ais naturais dos atrativos de Jane.

Miss Bennet aceitou o convite da tia com prazer. E se ao m esm o tem po se
lem brava dos Bingley , era apenas para desej ar que lhe fosse possível
ocasionalm ente passar um a ou outra m anhã com a sua am iga. E podia
fazê-lo

sem correr o perigo de ver Bingley , j á que Caroline não m orava com o
irm ão.

Os Gardiner ficaram um a sem ana em Longbourn. E não se passou um dia
sem

com prom issos sociais, sem visitarem ou receberem visitas dos Philips, dos
Lucas

e dos oficiais. Mrs. Bennet tinha planej ado tão cuidadosam ente esses

divertim entos para os seus parentes, que nem um a só vez eles se sentaram
j untos

para um jantar de família. Quando havia convidados em casa, entre eles se encontravam sempre alguns oficiais e um deles era sempre Mr. Wickham. E

nessas ocasiões, Mrs. Gardiner, em cujo espírito os calorosos elogios de Elizabeth

tinham despertado suspeitas, observava os dois com grande atenção. Sem supor,

pelo que estava vendo, que eles estivessem seriam ente apaixonados, a

preferência que manifestavam um pelo outro era suficiente para inquietá-la;

resolveu falar a Elizabeth sobre o assunto antes de partir do Hertfordshire e fazer-

lhe ver a imprudência que ela cometia, encorajando aquela inclinação. Wickham

possuía um meio de interessar a Mrs. Gardiner, independente dos seus múltiplos

encantos. Há uns dez ou 12 anos, antes do seu casamento, Mrs. Gardiner residira

muitos anos na mesma região do Derbyshire em que nascera Mr. Wickham.

Tinham portanto muitos conhecidos em comum. E embora Mr. Wickham só

tivesse ido lá poucas vezes, depois da morte do pai de Mr. Darcy, há cinco anos,

ele podia dar notícias mais recentes dos antigos amigos de Mrs. Gardiner do que

as que ela poderia obter de outro modo. Mrs. Gardiner tinha estado em
Pemberley e conhecia de nome e o falecido Mr. Darcy ; aí estava portanto
um
assunto inesgotável. Comparando as suas lembranças de Pemberley com
as
descrições iniciais que Wickham lhe fazia, e prestando ao caráter do
seu
antigo possuidor o seu tributo de admiração, Mrs. Gardiner deliciava a si mesma
e a seu interlocutor. Ao ser informada do tratamento que o atual Mr. Darcy
lhe
dispensara, ela procurou se lembrar da reputação que ele tinha em criança.
E
acreditou afinal recordar-se de ter ouvido dizer que Mr. Fitzwilliam Darcy
tinha
sido um menino muito orgulhoso e de mau caráter.

26

As recomendações de Mrs. Gardiner a Elizabeth foram transmitidas
cordalmente na primeira oportunidade favorável que encontrou de falar a
sós
com a sua sobrinha; depois de dizer francamente o que pensava, continuou
da
seguinte maneira:
— Você é uma moça sensata demais, Lizzy , para se apaixonar por um
rapaz

apenas porque alguém lhe previne de que não o faça. E portanto, não tenho medo

de falar abertamente. Seriam entes, queria que você estivesse prevenida. Não se

com prometa nem procure com prometer-lo numa afeição que a ausência de

fortuna tornaria muito imprudente. Nada tenho contra o rapaz. É dos mais interessantes. E se ele tivesse a situação que deveria ter, acho que você não

poderia encontrar melhor. Mas não sendo este o caso, você não deve se deixar

levar pela sua imaginação. Você tem bom senso e todos nós esperamos os que você

o utilize. Seu pai confia na sua resolução e na sua boa conduta. Você não pode

desapontá-lo.

— Minha cara tia, a senhora está tomando as coisas muito a sério.

— Sim, e espero que você as considere com a mesma seriedade.

— Bem, neste caso não precisa se alarmar. Eu tomarei conta de mim mesma e

de Mr. Wickham também. Se isto depender de mim, ele não se apaixonará.

— Elizabeth, você não está falando sério.

— Desculpe, vou tentar novamente. No momento, não estou apaixonada por Mr.

Wickham ; não, certamente não estou. Mas, ele é sem comparação, o homem

mais agradável que eu já mais conheci. E se realmente se interessar por mim ,

acredito que é melhor que ele não se apaixone. Veja o perfeitamente a

imprudência que há nisso. Oh, aquele abominável Mr. Darcy ! A opinião que me deu

o pai tem de mim muito orgulho. E eu seria uma criatura indigna se a traísse.

No entanto, meu pai simpatiza muito com Mr. Wickham . Em suma, minha cara

tia, eu ficaria muito triste se causasse algum aborrecimento a algum de

vocês. Mas como estão os vendo todos os dias que, quando existe uma afeição

real, os jovens dificilmente se deixam separar pelas condições imediatas de

fortuna, como poderei lhe prometer que serei mais prudente do que tantas das

minhas semelhanças, se eu for tentada, como posso me esmerar no saber que a

prudência consiste em resistir? Tudo o que posso lhe prometer, portanto, é que

não agirei precipitadamente. Não terei pressa em me considerar o mais alto

objeto da afeição de Mr. Wickham . Em suma, farei o possível.

— Talvez fosse melhor que você não o encorajasse a vir aqui tantas vezes.
Pelo

menos você não devia lembrar a sua mãe de convidá-lo.

— Com o fiz no outro dia — disse Elizabeth, com um sorriso intencional.
— E

verdade, será mais prudente não o fazer. Mas não imagine que ele vem aqui tão

frequentemente assim. Foi só por sua causa que ele foi convidado tantas vezes

esta semana. A senhora sabe que minha mãe gosta de ter muita gente em casa a fim

de distrair os seus convidados. Mas eu lhe dou a minha palavra de honra que

seguirei o caminho que achar mais prudente. E agora espero que esteja satisfeita.

Sua tia lhe assegurou que estava, e Elizabeth agradeceu o carinho das suas sugestões. Em seguida elas se separaram. Pelo exemplo de conselhos referentes

a um tal assunto, serem aceitos sem ressentimentos.

Mr. Collins voltou para o Hertfordshire pouco depois da partida de Jane e dos

Gardiner. E desta vez a sua chegada não causou grandes transtornos a Mrs. Bennet, pois ele se hospedou em casa dos Lucas.

O dia do seu casamento estava próximo. Mrs. Bennet se resignara enfim ao

inevitável. Costumava até dizer com insistência, num tom amargo, que ela desejava que eles fossem felizes. O casamento seria realizado na quinta-feira

seguinte. E na quarta, Miss Lucas veio fazer a sua visita de despedidas. Quando

ela se levantou para sair, Elizabeth, envergonhada com os parabéns forçados de

sua mãe, e sinceramente comovida, acompanhou a sua antiga amiga até a porta.

Quando desciam as escadas, juntas, Charlotte disse:

— Espero que você me escreva frequentemente, Eliza.

— Você pode contar com isto.

— E eu tenho outro favor a lhe pedir. Você virá me visitar?

— Espero que nos encontrem muitas vezes aqui no Hertfordshire.

— Não é provável que eu possa sair do Kent durante algum tempo. Prometa-me

portanto que você virá a Hunsford.

Elizabeth não pôde recusar, embora não encarasse aquela visita com prazer.

— Meu pai e Maria irão me visitar em março — acrescentou Charlotte. — E

espero que você consinta em ir na companhia deles. Realmente, Eliza, você será

tão bem-recebida quanto qualquer um deles.

Enfim aconteceu o casamento. O noivo e a noiva partiram para o Kent
diretamente da igreja. E todos tiveram muita coisa que dizer e que ouvir,
como
de costume e nessas ocasiões. Elizabeth recebeu logo uma carta da sua am
iga, e a
correspondência entre elas continuou tão regular e frequente como sempre.
Mas
era-lhe impossível manter o mesmo tom de franqueza de antigamente.
Elizabeth
nunca se dirigia à sua amiga sem sentir que todo o prazer e intimidade que
havia
nas suas relações tinham cessado. E, embora decidida a não desleixar da
sua
correspondência, quando escrevia, pensava no passado mais do que no
presente.

As primeiras cartas de Charlotte foram recebidas com muita ansiedade.

Elizabeth estava curiosa para saber como a sua amiga falaria da nova casa,
o que
tinha achado de Lady Catherine e até que ponto ela ousaria se declarar feliz.

Porém, quando as cartas chegaram, Elizabeth sentiu que Charlotte se
externava
sobre todos esses pontos, exatamente como ela tinha previsto. Escrevia
alegremente,
parecia rodeada de conforto e só mencionava o que podia louvar. A casa, a

em obília, a vizinhança, as estradas, tudo achava a seu gosto. E Lady Catherine se

mostrara benevolente e amável. Era o mesmo quadro de Hunsford e de Rosings

que Mr. Collins pintara. Apenas, mais esbatido. Elizabeth compreendeu que teria

de esperar até o dia da sua visita para saber o resto.

Jane já tinha escrito algumas linhas à sua irmã, anunciando a sua chegada a

Londres, sem novidades. Elizabeth tinha esperança de que quando ela tornasse a

escrever pudesse transmitir alguma notícia dos Bingley.

A sua impaciência pela segunda carta foi recom pensada com o costume de lê-lo.

Jane tinha estado um mês em Londres sem ver Caroline e sem ter notícias

dela. Explicava o fato, no entanto, supondo que a sua última carta de Longbourn

para a amiga se extraviara. “Minha tia”, continuou ela, “vai amanhã para aqueles lados da cidade. E eu terei a oportunidade de fazer uma visita em

Grosvenor Street.” Depois da visita ela tornou a escrever dizendo que tinha visto

Miss Bingley. “Não creio que Caroline estivesse de bom humor”, dizia ela. “Mas

pareceu muito contente de me ver e censurou-me por não a ter avisado da minha

chegada a Londres. Portanto eu tinha razão. Ela não recebeu a minha última

carta. Perguntei como estava o seu irmão, é claro. Estava bem, mas tão ocupado

com Mr. Darcy que quase nunca suas irmãs tinham ocasião de vê-lo. Soube que

Miss Darcy estava sendo esperada para o jantar. Eu desejava conhecê-la. Minha

visita não foi longa, pois Caroline e Mrs. Hurst estavam para sair. Espero que elas

virão em breve visitar-me aqui.”

Elizabeth sacudiu a cabeça. A carta lhe provava que só por um acaso Mr.

Bingley descobriria que sua irmã estava em Londres.

Passaram-se as quatro semanas e Jane nem uma só vez o viu. Tentou persuadir a

si mesma de que não o lamentava. Mas não podia continuar cega às intenções de

Miss Bingley. E depois de esperar em casa todas as manhãs durante 15 dias,

recebendo todas as noites novas desculpas, finalmente a visitante apareceu. Mas

a brevidade da visita, e sobretudo a mudança das suas maneiras não deixaram a

Jane nenhum a ilusão. A carta que escreveu à sua irmã naquela ocasião mostrava

bem o que sentia:

Minha querida Lizzy :

Estou certa de que você é incapaz de regozijar-se à minha custa se eu lhe confessar que me enganei inteiramente quanto à afeição de Miss Bingley por

meu irmão . Mas, minha cara irmã, em bora o que se passou tenha provado que você

tinha razão, não me acuse de obstinação se eu continuo a sustentar que, considerando a conduta antiga de Caroline, a minha confiança era tão natural

quanto as suas suspeitas. Não compreendo absolutamente as razões que ela tinha

para desejar ter relações íntimas comigo, mas se estas mesmas circunstâncias se

repetissem , estou certa de que eu tornaria a ser iludida. Caroline não retribuiu a

visita senão ontem ; não recebi no intervalo nem uma nota, nem um bilhete, nem

uma linha. E quando ela veio tornou-se evidente que não tinha nenhum prazer em

me ver. Deu ligeiras desculpas, inteiramente formais e não disse uma só vez que

desejava tornar a ver-me; achei-a sob todos os aspectos tão indiferente que,

quando ela partiu, eu estava perfeitamente resolvida a cortar relações. Tenho

pena dela mas não posso deixar de culpá-la. Fez muito distinguindo-me a princípio, com o que aconteceu. Posso dizer com certeza que tomou todas as iniciativas, mas tenho pena dela porque deve sentir que procedeu erradamente e

porque tenho plena certeza de que a causa de tudo isso foi a preocupação que

tem com o irmão. Não preciso mais explicar mais melhor. E embora eu e você

saibamos que esta preocupação é inteiramente inútil, se ela a sente de fato, ficará

fácilmente explicada a sua conduta para comigo. E se tem tanta afeição pelo

irmão, afeição que ele aliás merece, qualquer preocupação que sinta por ele será

natural e louvável. No entanto espanta-me que continue ainda a ter estes receios,

pois se ele gostasse realmente de mim já nos teríamos encontrado há muito

tempo. Ele sabe que eu estou em Londres, pois ouvi-a se referir a isto. E no

entanto, a maneira com o qual dá a entender que deseja persuadir a si mesma de

que o irmão se interessa realmente por Miss Darcy . Não posso compreender-lá.

Se eu não tivesse receio de fazer um julgamento precipitado, estaria quase tentada a dizer que em tudo isto há uma forte aparência de duplicidade. Mas

procurarei banir todos os pensamentos dolorosos e pensar somente no que me

pode tornar feliz: a sua afeição, e a inalterável bondade dos meus caros tios.

Escreva-me breve. Miss Bingley disse alguma coisa a respeito de nunca mais

voltar a Netherfield, de desistir da casa, mas não deu toda a certeza. É melhor

não falar nisto. Estou extremamente satisfeita por você ter recebido notícias tão

agradáveis dos nossos amigos de Hunsford. Peço-lhe que vá visitá-los com Sir

William e Maria. Estou certa de que você se sentirá muito bem lá.

Sua. etc.

Esta carta causou certa tristeza a Elizabeth; mas a coragem lhe voltou ao considerar que, pelo menos, Jane não seria mais enganada pela irmã de Bingley .

Quanto a este, todas as esperanças estavam agora perdidas. Jane nem sequer desejaria tornar a receber as suas atenções. Sob todos os pontos de vista ele

baixava no conceito dos outros. E com o castigo para Mr. Bingley , bem com o

para um a possível com pensação para Jane, Elizabeth desej ava sinceram ente que

na verdade ele se casasse com a irm ã de Mr. Darcy , pois segundo a descrição

que da m esm a lhe fizera Wickham , ela o faria se arrepender am argam ente de

ter rej eitado Jane.

Nessa ocasião Mrs. Gardiner relem brou por carta a Elizabeth a prom essa que

esta lhe fizera a respeito de Wickham . E as notícias que Elizabeth lhe m andou em

resposta eram m ais satisfatórias para a sua tia do que para ela m esm a. O

interesse de Mr. Wickham parecia ter-se desvanecido. Suas atenções, dedicava-

as a outra pessoa. Elizabeth observara tudo, m as podia escrever a respeito disto

com certo desprendim ento. O seu coração fora apenas ligeiram ente afetado. E

seu am or próprio se aplacava com a reflexão de que se a fortuna o tivesse

perm itido, ela, Elizabeth, teria sido a escolhida. A súbita aquisição de dez m il

libras era o encanto m ais notável da j ovem que ele agora cortej ava.

Mas Elizabeth, menos arguta neste caso do que no de Charlotte, não censurou a

Wickham o seu desejo de independência. Nada, ao contrário, poderia ser mais

natural. E em bora tivesse razões para supor que Mr. Wickham não renunciara a

ela sem algumas lutas, estava pronta a admitir que aquela renúncia era uma

medida sensata e desejável para ambos. E queria sinceramente a felicidade do

seu antigo admirador.

Tudo isto foi comunicado a Mrs. Gardiner; e depois de relatar estas circunstâncias continuou da seguinte maneira:

Estou convencida, agora, minha cara tia, de que nunca me apaixonei realmente.

Pois se eu tivesse experimentado essa paixão pura e elevada, detestaria agora a

simples menção do seu nome. E desejaria a Mr. Wickham todos os males. Mas

não só os meus sentimentos continuam cordiais para com ele, mas são até

mesmo imparciais para com Miss King. Não consigo encontrar em mim nenhum

ódio para com ela e continuo a pensar que ela é uma moça muito decente. Em

tudo isto não pode haver amor. Minha intenção foi coroada de êxito. Embora eu

me tornasse um objeto de maior interesse por todos os meus conhecidos, caso

estivesse perdidas entre apaixonadas, não posso dizer que lam entre a minha com parativa insignificância. A importância custa às vezes um preço demasiado

elevado. Kitty e Lydia tomam essa traição muito mais a sério do que eu. São

ainda muito ignorantes acerca dos caminhos do mundo e não chegaram ainda à

convictante convicção de que os belos rapazes precisam tanto de dinheiro para

viver quanto os menos favorecidos pela beleza.

27

E sem maiores acontecimentos na família de Longbourn, janeiro e fevereiro,

algumas vezes frios e não raro lamacentos, passaram sem outras diversões senão

passeios ocasionais a Meryton. Março deveria levar Elizabeth para Hunsford. Ela

não tinha encarado a princípio com muita seriedade a possibilidade de ir, mas

Charlotte contava com ela e aos poucos Elizabeth se habituou a pensar na visita

com mais interesse, bem como com mais certeza. A ausência também entorpeceria o

desejo de rever Charlotte e enfraqueceria a sua repugnância por Mr. Collins. Havia

também o sabor da novidade. E além disso, com a mãe que tinha, e irmãs tão

pouco conhecidas, a sua casa não seria um lugar muito divertido. Além disso a

viagem lhe daria a oportunidade de se avistar com Jane. Em suma, à medida que

o dia se aproximava, menos desejava adiar a partida. Tudo pois ficou combinado

de acordo com os planos de Charlotte. E Elizabeth iria em companhia de Sir

William e da sua segunda filha. Ao plano primitivo acrescentou-se um novo

detalhe: eles passariam a noite em Londres.

Elizabeth sentia apenas ter de deixar o seu pai, que certamente sentiria a sua

falta; e que, chegando o dia, se mostrou tão pouco satisfeito com a sua partida, que

recomendou à filha que lhe escrevesse e quase prometeu responder a sua carta.

A despedida entre Elizabeth e Mr. Wickham foi perfeitamente cordial. E da parte

dele, ainda mais do que isto. Os seus planos atuais não o faziam esquecer que

Elizabeth fora a primeira a despertar e a merecer a sua admiração. A primeira

que o ouvira e se com padecera dele; e quando disse adeus a Elizabeth, desejou-

lhe todos os prazeres, lembrou-lhe a descrição que fizera de Lady Catherine de

Bourgh e disse que esperava que a opinião de ambos a respeito daquela senhora,

bem com o sobre todas as outras pessoas, coincidissem. Em todas as suas palavras

transpareciam, enfim, solicitude e interesse. Elizabeth sentiu que esses

sentimentos sem pretensão uniriam a ele numa sincera afeição. E separou-se de Mr.

Wickham convencida de que, casado ou solteiro, ele sempre representaria a seus

olhos o ideal de uma pessoa agradável e sedutora.

Os seus companheiros de viagem não eram capazes de fazer em palidecer a

linda brança de Mr. Wickham. Sir William Lucas e sua filha Maria, muito embora -

humoradas de cabeça tão oca quanto o pai, nada tinham a dizer que fosse

digno de atenção, e o que eles falavam produzia em Elizabeth o mesmo prazer

que o arrastar de um a cadeira. Elizabeth gostava de observar os ridículos, mas

conhecia Sir William de asiado bem . Nenhum a das maravilhas que contava a

respeito do seu título e de sua apresentação na Corte eram novidades para ela. E

as suas habilidades eram tão gastas quanto as suas informações.

Era uma viagem de 24 milhas apenas. E eles partiram tão cedo que chegaram a

Gracechurch Street ao meio-dia. Ao se aproximarem da casa de Mr. Gardiner,

avistaram Jane na janela da sala. Quando chegaram na entrada, ela estava lá

para saudá-los. Elizabeth, perscrutando ansiosamente a fisionomia da irmã, teve

o prazer de constatar que o seu rosto continuava saudável e lindo com o tempo.

Sobre os degraus da escada, estavam vários meninos e meninas, que não tinham

podido resistir à tentação de ver a sua prima chegar e não tinham tido a paciência

de esperar na sala. Mas, tímidos, pois há um ano não a viam , não ousavam

descer. Tudo foi alegria e doçura. O dia passou de forma mais agradável. De

manhã, fizeram compras e à noite foram ao teatro.

Afinal Elizabeth conseguiu conversar com a sua tia. O seu primeiro assunto foi

Jane. E sentiu mais tristeza do que espanto, ao ouvir, em resposta às suas

inútils perguntas, que embora Jane sempre lutasse para conservar a sua

coragem, atravessava períodos de depressão. Era razoável no entanto acreditar

que não durariam muito tempo. Mrs. Gardiner deu também os detalhes da visita

de Miss Bingley. E repetiu conversas que ela, Mrs. Gardiner, tinha tido com Jane,

e que provavam que esta última tinha renunciado de coração àquelas relações.

Mrs. Gardiner, então, agradeceu com a sobrinha a respeito da deserção de Wickham e deu-lhe os seus parabéns por suportá-la tão bem.

— Mas, minha querida Elizabeth — acrescentou ela —, que espécie de moço é

Miss King? Ficaria triste de pensar que o nosso amigo é interesseiro.

— Por favor, minha tia, diga-me qual é a diferença para os negócios

matrimoniais entre os motivos interesseiros e os motivos da prudência? Até onde

vai a discrição e onde começa a cobiça? No Natal passado, a senhora tinha medo

de que Wickham se casasse comigo porque seria uma imprudência. E agora quer

achá-lo interesseiro porque ele está tentando conquistar um a m oça que tem dez

m il libras de fortuna.

— Se você m e disser que espécie de m oça é Miss King, eu saberei o que pensar.

— É um a m oça m uito boa, creio eu; nada sei de m al a seu respeito.

— Mas Wickham não lhe deu a m enor atenção, até que a m orte do avô a tornou

herdeira da sua fortuna.

— Não, nada m ais natural. Se não lhe era perm itido conquistar a m inha afeição

porque eu não tinha dinheiro, por que iria ele fazer a corte a um a m oça de quem

não gostava e que era igualm ente pobre?

— Mas parece pouco delicado da parte dele ter-se lançado a isto tão pouco tem po depois de lhe ter feito a corte.

— Um hom em em situação desesperada não tem tem po para todas essas delicadezas elegantes que outros podem m anter. Se ela não se im porta, por que

nos im portarem os nós?

— O fato dela não se im portar não o j ustifica. Mostra apenas que lhe falta tam bém algum a coisa. Bom senso ou delicadeza de sentim entos.

— Bem — exclamou Elizabeth —, faça a sua escolha. Ele é interesseiro e ela

doida.

— Não, Lizzy, isto é o que eu não escolho. Muito me entristeceria, você sabe,

pensar em al de um rapaz que viveu tanto tempo no Derbyshire.

— Oh, se isto é tudo, tenho uma fraca opinião a respeito dos rapazes que moram

no Derbyshire. E seus íntimos amigos que moram no Hertfordshire não são

muito melhores. Estou farta deles todos. Graças a Deus irei amanhã para um

lugar onde não encontrarei nenhum homem amável e de belas maneiras. Os

homens estúpidos são os únicos que valem a pena conhecer.

— Cuidado, Lizzy, essas suas palavras cheiram forte a despeito.

Antes que o fim da peça a que assistiam os separasse, Elizabeth teve o prazer

inesperado de receber um convite para acompanhar os seus tios numa excursão

de recreio que eles se propunham fazer no verão.

— Ainda não decidimos onde terminará o nosso passeio — disse Mrs. Gardiner.

— Mas talvez iremos até os lagos.

Nenhum plano poderia ter sido mais agradável a Elizabeth e o seu aceite ao convite foi pronto e entusiasta.

— Minha querida tia — exclamou ela, deliciada. — Que encanto, que felicidade!

A senhora me inspira nova vida e vigor. Adeus, desapontamentos e tristezas. Que

importam os homens aos rochedos e às montanhas? Oh, quantas horas agradáveis

vamos passar! E quando voltarmos, não faremos com os outros viajantes antes que

nada possam descrever com precisão. Nós nos lembraremos dos lugares que

visitamos e das coisas que vimos. Lagos, montanhas e rios não se confundirão nas

nossas lembranças. Nem quando tentarmos descrever uma cena, discutiremos a

respeito da sua localização. E que as nossas primeiras efusões sejam menos

insuportáveis do que as da maioria dos viajantes!

28

No dia seguinte, durante a viagem, tudo pareceu a Elizabeth novo e interessante.

Sua disposição era excelente. Encontrara a sua irmã tão bem, que todas as preocupações sobre a sua saúde se tinham dissipado. E as perspectivas da sua

viagem para o Norte eram um a fonte perm anente de prazer.

Quando deixaram a estrada principal para entrar no cam inho que levava a Hunsford, todos os olhos estavam atentos para divisar a reitoria, e a cada volta

esperavam vê-la surgir. A cerca do parque de Rosings lim itava a estrada de um

lado. Elizabeth sorria ao lem brar-se de tudo o que lhe tinham dito a respeito de

seus habitantes.

Afinal a reitoria apareceu. O j ardim , descendo em ram pa suave pela estrada, a

casa que o encim ava, a cerca verde, as sebes de loureiro, tudo declarava que

estavam chegando. Mr. Collins e Charlotte apareceram à porta e a carruagem

parou j unto ao pequeno portão; um a aleia ensaibrada conduzia até à casa. Num

instante saltaram todos do carro, contentes de se reverem . Mrs. Collins acolheu a

sua am iga com m uita alegria e Elizabeth, ao ver-se tão afetuosa ente recebida,

estava cada vez m ais satisfeita de ter vindo. Viu im ediatam ente que os m odos do

seu prim o não se tinham alterado com o casam ento. A sua am abilidade

convencional permanecia exatamente a mesma. E ele a deteve alguns instantes

no portão, para fazer perguntas a respeito de cada uma das pessoas da sua família. Foram então conduzidos ao interior da casa. Mr. Collins fez ressaltar a

beleza da entrada, e assim que chegaram à sala, tornou a dar as boas vindas com

uma pose formalidade e repetiu metódicamente todas as recomendações da sua

esposa para que os visitantes se pusessem à vontade.

Elizabeth estava preparada para vê-lo em toda a sua glória. E não pôde deixar de

imaginar, ao ouvi-lo elogiar o tamanho da sala, seu aspecto e sua mobilidade, que se

dirigia a ela particularmente, com o desejo de fazer-lhe sentir tudo o que tinha

perdido ao recusar a sua mão. Mas em boa sorte tudo tivesse bom aspecto, Elizabeth

não podia contentá-lo mostrando qualquer sinal de arrependimento, antes se

espantava de que a sua amiga pudesse se mostrar tão alegre, vivendo com um tal

companheiro. Quando Mr. Collins dizia alguma coisa de que sua mulher podia,

com razão, se envergonhar, o que aliás era bastante frequente, Elizabeth voltava

os olhos involuntariamente para Charlotte. Uma ou duas vezes ela pôde perceber

um leve rubor. Mas em geral Charlotte, sensata, fingia que não tinha ouvido. Depois de ficarem sentados na sala o tempo suficiente para admirar cada

peça da mobília, desde o guarda-louça até a grade da lareira, e contarem a sua

viagem e tudo o que tinha acontecido em Londres, Mr. Collins convidou-os para

um passeio no jardim, que era grande e bem traçado, e de cujo trato se encarregava pessoalmente. Trabalhar no jardim era um dos seus prazeres mais

respeitáveis. E Elizabeth se admirou da seriedade com que Charlotte se referiu

àquele exercício saudável e admitiu que ela o encorajava nisso o mais que podia.

Aí, conduzindo-os através de todos os caminhos e atalhos, sem lhes deixar tempo

de exprimir os elogios que ele próprio desejava, fazia ressaltar cada detalhe do

jardim com uma inocência que destruía toda a beleza. Sabia enumerar os caminhos

em todas as direções e sabia quantas árvores havia nos matos mais distantes.

Mas de todas as vistas de que o seu jardim, o condado ou o reino inteiro se

podiam gabar, nenhum a se podia com parar com a vista de Rosings descortinada

através das árvores que bordejavam o parque, quase defronte da sua casa. Era

um belo edifício moderno, bem-situado numa elevação. Do jardim, Mr. Collins

queria conduzi-los para uma volta em torno dos seus dois prados. Mas as senhoras, que não tinham os sapatos adequados para andar nos campos, ainda

recobertos por um resto de geada, preferiam voltar. E enquanto Sir William acompanhava Mr. Collins, Charlotte conduziu a sua irmã e a sua amiga para lhes

mostrar a casa, contente por ter uma oportunidade de fazê-lo sem o auxílio do

marido. A casa era pequena, porém bem-construída e comoda. E tudo estava

arrumado com uma simplicidade e uma lógica que Elizabeth atribuiu inteiramente a Charlotte. Abstraindo a presença de Mr. Collins, reinava realmente em tudo um ar de conforto. E a julgar pelo prazer com que Charlotte

mostrava tudo aquilo, Elizabeth supôs que a presença de Mr. Collins era frequentemente esquecida.

Já lhe tinham informado que Lady Catherine continuava ainda no campo.

Tornaram a falar nisto ao jantar e Mr. Collins observou:

— Sim , Miss Elizabeth terá a honra de ver Lady Catherine de Bourgh domingo

que vem na igreja. E não preciso dizer que ficará encantada com Lady

Catherine. Ela é toda afabilidade e condescendência. E eu não duvido de que

Miss Elizabeth seja honrada com a sua atenção, depois que terminará o serviço.

Não hesito em afirmar que ela a incluirá, bem como a minha irmã Maria, em

todos os convites com que nos honrar durante a sua visita aqui. A sua atitude para

com a minha cara Charlotte é encantadora. Costumamos jantar em Rosings duas

vezes por semana e Lady Catherine nunca permite que voltemos a pé para casa.

Sempre nos oferece a sua carruagem , ou melhor, uma das suas carruagens, pois

tem várias.

— Lady Catherine é uma senhora muito respeitável e de muita sensibilidade —

acrescentou Charlotte. — E uma vizinha muito atenciosa.

— É verdade, minha cara, é exatamente o que eu digo. Ela é dessas senhoras que

a gente não pode deixar de tratar com a maior deferência.

Passaram a maior parte da noite falando sobre as novidades do Hertfordshire, e

repetindo verbalmente o que já tinha sido comunicado por carta. E mais tarde, na

solidão do seu quarto, Elizabeth teve que meditar sobre o extraordinário

contentamento de Charlotte, a fim de compreender a serenidade e a habilidade

com que ela conduzia o marido; pensou também nos dias que passaria ali, nos

calmos divertimentos que os encheriam, nas irritantes interrupções de Mr. Collins

e nas alegrias das visitas a Rosings. A sua imaginação traçou uma imagem viva

de tudo isto.

No dia seguinte, depois do almoço, enquanto Elizabeth se aprontava no seu quarto

para o passeio, um ruído súbito lá em baixo pareceu lançar a casa em confusão.

Depois de ficar atenta um minuto, Elizabeth ouviu alguém subir as escadas

correndo, gritando o seu nome. Abriu a porta e no patamar encontrou Maria, que,

sem fôlego, de tanta agitação, exclamou:

— Oh, Eliza, apronte-se depressa e desça para a sala de jantar. Você não sabe

quem está aí. Não vou lhe dizer quem é. Venha depressa, desça imediatamente.

Elizabeth fez várias perguntas em vão. Maria se recusou a lhe dar resposta.

Correram para baixo e entraram na sala de jantar que ficava defronte da alameda. No portão do jardim estava estacionado um faéon baixo com duas

senhoras.

— É só isto? — exclamou Elizabeth. — Eu supus no mínimo o que os porcos tinham

entrado no jardim. E nada vejo que não seja Lady Catherine e sua filha.

— Oh — exclamou Maria, escandalizada com o engano. — Não é Lady

Catherine; aquela senhora é Mrs. Jenkinson, que mora com eles. A outra é Miss

de Bourgh. Olha para ela, como é pequena, quem imagina que pudesse ser

assim tão miúda e tão magra?

— Eu acho uma grande falta de cortesia da parte dela obrigar Charlotte a ficar lá

fora com esse vento. Por que é que ela não entra?

— Charlotte disse que quase nunca entra. É o maior favor que pode conceder.

— A sua aparência me agrada — disse Elizabeth, a quem outros pensamentos

tinham ocorrido. — Ela parece doentia e triste. Sim , serve para ele m uito bem .

Convém -lhe perfeitam ente com o esposa.

Mr. Collins e Charlotte estavam am bos em conversa com as senhoras. E para

alegria de Elizabeth, Sir William estava postado na porta de entrada, absorto pela

grandeza que tinha diante de si, e inclinando-se constantem ente, cada vez que

Miss de Bourgh olhava para aquele lado.

Finalm ente a conversação se esgotou; o carro partiu e os outros voltaram para

casa. Assim que Mr. Collins avistou as duas m oças, pôs-se a cum prim entá-las

pela sorte que tinham ; Charlotte explicou que todos tinham sido convidados para

j antar em Rosings no dia seguinte.

29

O triunfo de Mr. Collins com aquele convite foi com pleto. A possibilidade de

m ostrar a grandeza da sua protetora e a am abilidade com que Lady Catherine o

tratava, bem com o a sua esposa, era exatam ente o que tinha desejad o. O que

m ais lhe agradava, lançando-o num a adm iração sem lim ites, era a

condescendência que Lady Catherine mostrara, convidando-os tão cedo.

— Confesso — disse ele — que eu não teria ficado surpreso se Lady Catherine

nos convidasse para tomar chá e passar a tarde em Rosings no sábado. A

experiência que tenho da sua afabilidade me autorizava a fazer essa suposição.

Mas quem poderia ter previsto tamanha atenção? Quem poderia ter imaginado

que iriam os receber um convite para jantar, um convite aliás que abrange todo o

grupo, tão imediatamente depois da vossa chegada?

— A mim não me surpreende tanto — replicou Sir William —, pois eu conheço

os hábitos dos grandes, graças à minha situação na vida. Na corte, por exemplo,

essas coisas não são raras.

Durante o resto do dia, e na manhã seguinte, não se falou quase em outro assunto.

Mr. Collins teve a precaução de lhes descrever as maravilhas que os esperavam

para que o espetáculo dos salões, dos inúmeros criados e do opulento jantar não

os ofuscassem inteiramente.

Antes das senhoras se retirarem para os seus quartos a fim de se preparar, ele

disse a Elizabeth:

— Não fique inquieta, minha cara prima, a respeito da sua toalete. Lady

Catherine está longe de exigir de nós a elegância que ela e sua filha ostentam. Eu

lhe aconselho apenas a pôr o seu vestido mais elegante. Não é necessário mais do

que isto. Lady Catherine não ficará aborrecida de vê-la vestida com

simplicidade. Ela gosta de manter as distinções de classe.

Enquanto as moças se vestiam, Mr. Collins veio bater duas ou três vezes em cada

porta, para recomendar que se apressassem, pois Lady Catherine não gostava

que a fizessem esperar para o jantar. Maria Lucas, que tinha pouca prática da

sociedade, estava assustada com as formidáveis descrições da suntuosidade de

Lady Catherine e do seu estilo de vida. E a sua apreensão não era menor do que

a que seu pai sentira antes da sua apresentação em St. James.

Com o tempo estava bom, o passeio através do parque foi muito agradável.

Todos os parques têm as suas belezas e as suas perspectivas. Elizabeth o achou

bonito, embora não visse motivos para os êxtases de Mr. Collins. A enumeração

que este fez das janelas da fachada da frente e a sua revelação da soma que tudo

aquilo custara a Sir Lewis de Bourgh a impressionaram pouco.

Enquanto subiam as escadas para o hall, a emoção de Maria crescia a olhos vistos. E mesmo o Sir William não parecia perfeitamente calmo. A coragem de

Elizabeth não lhe faltou. Pelo que ouvira falar a respeito de Lady Catherine, não

acreditava que ela impressionasse graças a talentos extraordinários ou virtudes miraculosas. E acreditava poder contar com sem desfalecer a simples pompa do

dinheiro e da ostentação social.

Do hall de entrada, cujas belas proporções e ricos ornamentos Mr. Collins fez

ressaltar com ar extático, as visitas acompanharam os criados através de uma

antecâmara até uma sala onde estavam Lady Catherine, sua filha e Mrs.

Jenkinson. Ao vê-los entrar, Lady Catherine, com grande condescendência, levantou-se para recebê-los. E com o Mrs. Collins tinha combinado com o marido

que a formalidade das apresentações deveria ficar a cargo da esposa, a cerimônia decorreu corretamente, sem todas aquelas desculpas e agradecimentos que Mr. Collins teria julgado necessários.

Apesar de já ter sido recebido em St. James, Sir William estava tão
impressionado que se limitou a fazer profundas reverências e a sentar na
sua

cadeira sem dizer uma palavra. E sua filha, quase fora de si de medo,
sentou na

beirada da sua cadeira, sem saber para que lado olhar. Elizabeth não se
sentiu

absolutamente perturbada e pôde observar serenamente as três damas à
sua

frente.

Lady Catherine era uma senhora alta, bastante gorda, com traços fortemen-
te

marcados, que outrora deveriam ter sido bonitos. O seu ar não era
conciliador,

mas a sua maneira de receber as visitas era tal que lhes fizesse esquecer a
sua

inferioridade social. Os seus silêncios não a tornavam formidável, mas
tudo o que

ela dizia era pronunciado num tom tão autoritário que revelava a sua
pretensão;

Elizabeth lembrou-se imediatamente da descrição de Mr. Wickham. E
achou que

Lady Catherine deveria ser exatamente com o que ela tinha descrito.

Quando, depois de examinar a mãe, em cujo rosto e gestos percebeu logo
uma

forte semelhança com Mr. Darcy, voltou os olhos para a filha, achou-a tão
m irrada que quase lhe escapou dos lábios a m esm a exclam ação de
espanto que

Maria tivera. Não havia a m enor sem elhança entre a m ãe e a filha, nem no
tipo

nem no rosto. Os traços de Miss de Bourgh, em bora não fossem
desagradáveis,

eram insignificantes. Falava m uito pouco e só em voz baixa para Mrs.
Jenkinson,

cuj a aparência nada tinha de excepcional e que se ocupava exclusivam ente
em

ouvir o que ela dizia e em colocar um quebra-luz em situação conveniente
diante

dos olhos da m oça.

Depois de ficarem sentados durante alguns m inutos, eles se dirigiram até a
j anela

para adm irar a vista; Mr. Collins se encarregava de lhes detalhar as belezas
enquanto Lady Catherine tinha a bondade de inform ar a seus convidados
que a

vista era m uito m ais bela no verão.

O j antar foi dos m elhores. Mr. Collins não tinha exagerado o núm ero de
pratos e

de criados. Com o previra igualm ente, ele se sentou na extrem idade da m
esa, por

desejo expresso de Lady Catherine, mas a sua atitude era a de um homem
a

que nada de melhor na vida pudesse suceder. Serviu-se, com ele e elogiou
tudo

com deliciada alegria; e todos os pratos foram louvados, primeiro por ele,
em

seguida por Sir William que, agora mais tranquilo, repetia tudo o que o seu
genro

dizia, com o mesmo eco, de tal modo que Elizabeth perguntou a si mesma se
Lady

Catherine não o acharia cacetice. Mas Lady Catherine parecia satisfeita com a
admiração excessiva dos seus hóspedes e sorria de maneira mais graciosa,
especialmente quando era servido algum prato que eles não conheciam. Os
outros conversavam pouco. Elizabeth estava sempre pronta para falar
quando

encontrava uma ocasião. Estava sentada entre Charlotte e Miss de Bourgh.
A

primeira seguia com atenção as palavras de Lady Catherine, e a segunda
não

deu uma palavra durante todo o jantar. Mrs. Jenkinson fiscalizava o apetite
de

Miss de Bourgh, e sempre mostrava preocupação porque ela comia tão pouco,
insistindo

para que provasse dos vários pratos e temerosa de que Miss de Bourgh
estivesse

indisposta. Maria nunca se atreveria a falar. E os cavalheiros nada mais faziam

senão com ela e admirar.

Em seguida as senhoras voltaram para a sala. E até a hora do café tiveram que

ficar ouvindo Lady Catherine falar. Ela falava sem interrupção, dando a sua opinião sobre cada assunto, com uma segurança que mostrava que não estava

habituada a que lhe contestassem as palavras. Fez perguntas a Charlotte a respeito

de assuntos domésticos, com familiaridade e confiança. E deu-lhe muitos conselhos; disse-lhe com o que tudo deveria ser regulado numa família pequena com o

a sua e ensinou-lhe a cuidar das vacas e das aves domésticas. Elizabeth verificou

que nenhum assunto, por mais humilde que fosse, escapava à atenção de Lady

Catherine, contanto que encontrasse neles uma oportunidade para doutrinar. Nos

intervalos das recomendações a Mrs. Collins, fazia uma série de perguntas a

Maria e Elizabeth, especialmente a esta última, que conhecia melhor e que,

observou ela para Mrs. Collins, era uma mocinha muito gentil e bonita.

Perguntou-lhe várias vezes quantas irmãs tinha, se eram mais moças ou mais

velhas do que ela, se era provável que alguma se casasse, se eram bonitas, onde

tinham sido educadas, qual era a situação do seu pai e qual o nome de solteira de

sua mãe. Elizabeth sentiu toda a importância contida nessas perguntas, mas

respondeu com grande simplicidade. Lady Catherine então observou:

— A propriedade do seu pai está destinada, pela sucessão, a cair nas mãos de Mr.

Collins. Alegro-me por sua causa — continuou ela, virando-se para Charlotte. —

Mas não vejo a necessidade de privar a descendência feminina do direito de

herdar propriedades. Na família de Sir Lewis de Bourgh, isto não foi julgada

necessário. Sabe tocar piano e cantar, Miss Bennet?

— Um pouco.

— Então, um dia destes precisa nos dar este prazer. O nosso instrumento é dos

melhores. Provavelmente superior ao... Precisa experimentar qualquer dia. As

suas irmãs também sabem tocar e cantar?

— Uma delas sabe.

— Por que as outras também não aprenderam ? Deviam todas saber música. As

irmãs Webb todas sabem tocar. E o pai delas não tinha tanto rendimento quanto o

seu. Sabe desenhar?

— Não, senhora.

— O quê? Nenhum a de vocês?

— Nenhum a.

— Isto é muito curioso. Mas com certeza não tiveram oportunidade. Sua mãe

devia ter levado vocês todas as primeiras para a cidade, para tomar as lições.

— Minha mãe não faria objeção a isto, mas meu pai detesta Londres.

— A sua governanta foi despedida?

— Nós nunca tivemos os governanta.

— Nunca tiveram governantas? Com o que é isto possível! Educar cinco filhas sem

uma governanta! Nunca ouvi tal coisa! Sua mãe deve ter ficado escravizada à

educação de vocês!

Elizabeth não pôde deixar de sorrir ao responder que este não fora o caso.

— Então quem ensinou a vocês? Quem se encarregou da sua educação? Sem

um a governanta, ela deve ter sido relaxada.

— Em comparação com a de certas famílias, acredito que sim. Mas lá em casa,

às meninas que quiseram aprender nunca lhes faltou meios para isto. Sempre nos

encorajaram a ler e tiveram todos os professores necessários. Mas às que preferiram não estudar foi-lhes feita a vontade.

— Sem dúvida, mas isto justamente é o que um a governanta teria evitado. Se

tivesse conhecido a sua mãe, eu a teria aconselhado com muita insistência a que

tomasse um a governanta. Eu sempre digo que não é possível fazer nada em

educação sem uma instrução constante e regular, e só um a governanta pode

fazer isto. É espantoso o número de famílias para as quais eu arranjo governantas. É sempre com prazer que eu coloco uma moça bem-educada.

Graças aos meus cuidados, quatro sobrinhas de Mrs. Jenkinson foram

significativamente colocadas. E outro dia mesmo eu recomendei outra jovem cujo

nome ouvi apenas accidentalmente e a família ficou muito satisfeita com ela. Mrs.

Collins, eu já lhe contei que Lady Metcalf veio me visitar ontem para me

agradecer? Ela acha Miss Pope um tesouro. “Lady Catherine”, disse ela, “a senhora me deu um tesouro.” Alguma das suas irmãs mais novas já foi apresentada à sociedade, Miss Bennet?

— Sim, minha senhora, todas.

— O quê? Todas cinco de uma vez? É muito estranho. E você é apenas a segunda! As mais novas já frequentam a sociedade antes das mais velhas se

casarem! Suas outras irmãs são muito novas?

— A mais nova ainda não fez dezesseis anos. Talvez seja um pouco cedo demais para fazer vida social. Mas realmente, minha senhora, eu acho que seria

uma crueldade recusar-lhes a sua parte de distrações e sociedade, só porque a

mais velha não teve os meios ou a inclinação para se casar mais cedo. As mais

novas têm os mesmos direitos aos prazeres da sociedade que as mais velhas. E

trancá-las em casa, creio que não seria um bom meio de promover a afeição

fraternal ou delicadeza de sentimentos.

— Sob minha palavra — disse Lady Catherine —, você dá a sua opinião muito

decididamente para uma pessoa de tão pouca idade. Diga-me, quantos anos tem?

— Com três irmãs mais moças já crescidas — replicou Elizabeth —, Vossa

Senhoria não pode esperar que eu lhe dê uma resposta.

Lady Catherine pareceu ficar atônita com a resposta e Elizabeth suspeitou que

ela tinha sido a primeira pessoa que jamais ousara fazer pouco de uma tão

posada impropria.

— Você não pode ter mais de vinte anos, portanto não precisa esconder a sua

idade.

— Ainda não fiz 21 anos.

Depois do chá, quando os cavalheiros se reuniram a elas, as mesas de jogo foram colocadas. Lady Catherine, Sir William, Mr. e Mrs. Collins sentaram-se

para jogar quadrille. E como Miss de Bourgh preferisse jogar casino, as duas

moças e Mrs. Jenkinson tiveram a honra de formar uma segunda mesa com ela.

Esta mesa foi extremamente cacete.

Não se ouviu uma sílaba que não se referisse ao jogo, exceto quando Mrs.

Jenkinson exprimia os seus receios de que Miss de Bourgh estivesse agasalhada

demais ou de menos ou que a luz estivesse deficiente ou em excesso. A outra

nessa era muito mais animada. Lady Catherine em geral estava sempre falando,

apontando os erros dos três outros, ou contando algum caso a respeito de si

mesma. Mr. Collins estava ocupado em concordar com tudo o que Lady

Catherine dizia, agradecendo-lhe cada ponto que ganhava e pedindo desculpas se

achava que estava ganhando demais. Sir William pouco dizia. Ele estava sondando na sua memória anedotas e nomes nobres que conhecia.

Quando Lady Catherine e sua filha se fartaram de jogar, as mesmas foram

carregadas, a carruagem foi oferecida a Mrs. Collins, aceita com gratidão e

imediatamente chamada. Todos se reuniram em torno da lareira para ouvir

Lady Catherine lançar os seus oráculos sobre o tempo que faria no dia seguinte.

A chegada da carruagem a interrompeu.

E depois de muitas tiradas de agradecimentos da parte de Mr. Collins e outras

tantas reverências de Sir William, partiram. Mal tinham passado a porta, Mr.

Collins pediu à sua prima que desse a sua opinião sobre tudo o que tinham visto

em Rosings. Para o bem de Charlotte, Elizabeth deu uma resposta mais favorável

do que realmente tinha vontade de dar. Os seus louvores, em bora lhe custassem

algum trabalho, de nenhum modo foram julgados suficientes por Mr. Collins e

imediatamente ele se sentiu obrigado a tomar a seu cuidado o elogio de Lady

Catherine.

30

Sir William ficou apenas um a semana em Hunsford; mas sua visita foi suficiente

para convencê-lo de que sua filha estava instalada da maneira mais confortável e

que possuía um marido e uma vizinha difíceis de encontrar iguais. Enquanto Sir

William ficou em Hunsford, Mrs. Collins lhe consagrou as suas manhãs.

Passeava com ele no seu cabriolé para lhe mostrar a região; mas depois que ele

partiu, a família voltou para as suas ocupações habituais e Elizabeth ficou

satisfeita porque não tinha que ficar tão constantemente com seu primo, pois a

maior parte das horas, entre o café da manhã e o almoço, ele passava agora

trabalhando no jardim, lendo ou escrevendo e olhando pela janela da biblioteca,

que confrontava a estrada. A sala das senhoras ficava nos fundos. Elizabeth a

princípio se espantou de que Charlotte não preferisse a sala de almoço para uso

com um ; era maior e de aspecto mais agradável. Mas logo compreendeu que a

sua amiga tinha um excelente motivo para o que fazia, pois sem dúvida Mr.

Collins passaria muito mais tempo na sua biblioteca se elas ficassem numa sala

igualmente agradável.

Da sala de visitas nada se podia ver da estrada. E dependiam de Mr. Collins para

saber quais as carruagens que surgiam e quantas vezes Miss de Bourgh passava

no seu faéton, coisa que ele já mais deixava de anunciar. E embora isto

acontecesse quase todos os dias, muitas vezes Miss de Bourgh parava na reitoria e

conversava alguns minutos com Charlotte. Mas quase nunca ela descia. Poucos

dias decorriam sem que Mr. Collins fosse a Rosings. E frequentemente a sua

esposa achava que devia acompanhá-lo. E Elizabeth só compreendeu o sacrifício

de tantas horas quando se lembrou que possivelmente existiam outros cargos

eclesiásticos que dependiam da família. De vez em quando Lady Catherine os

honrava com uma visita. E nessas ocasiões, nada do que se passava na sala escapava à sua atenção. Ela observava as ocupações das moças, olhava para os

seus trabalhos e aconselhava que os fizessem de maneira diferente. Achava errada a disposição dos móveis ou descobria uma negligência da criada. E se

ficava às vezes para as refeições, era só para observar que os assados de Mrs.

Collins eram grandes demais para a família.

Elizabeth logo descobriu que a grande senhora, embora não fosse comissionada

com o título de juiz de paz para o condado, era um magistrado muito ativo para a

sua própria paróquia e levava as menores coisas ao conhecimento de Mr. Collins;

e quando qualquer dos aldeões se mostrava descontente ou caía na miséria, ou

quando surgia uma contenda, ela corria para a aldeia, a fim de dirimir as questões, silenciar as queixas e harmonizar as disputas e as desgraças com reprimendas e dinheiro. Os jantares em Rosings foram repetidos duas vezes por

semana e se não fosse a ausência de Sir William e o fato de só haver uma mesa

de j ogo seriam um a repetição exata do prim eiro. Os outros com prom
issos sociais

eram m ínim os, pois o gênero de vida das fam ílias da vizinhança estava
em geral

além dos m eios da fam ília Collins. Isto entretanto não desagradava a
Elizabeth

que, em sum a, passava o tem po bastante agradavelm ente. Havia horas de
conversação interessante com Charlotte e com o fizesse um tem po

excepcionalm ente belo para aquela época do ano, podia passear frequentem
ente

ao ar livre. O seu passeio favorito, que fazia em geral enquanto os outros
visitavam Lady Catherine, era no bosque aberto que lim itava aquele lado
do

parque, onde havia um a bela alam eda coberta que ninguém m ais parecia
apreciar e onde se sentia protegida da curiosidade de Lady Catherine.

Dessa m aneira tranquila, passaram os prim eiros 15 dias da visita. A
Páscoa

estava se aproxim ando e durante a sem ana que a precedia devia chegar um
a

pessoa a Rosings; e com o a fam ília era tão pequena, esse acréscim o devia
ser

im portante. Pouco depois da sua chegada, Elizabeth ouviu dizer que Mr.
Darcy

estava sendo esperado em Rosings daí a poucas sem anas. E em bora ela

preferisse qualquer outra pessoa do seu conhecimento, a chegada de Mr. Darcy

viria contribuir para o aparecimento de um rosto com paratimamente novo nos

jantares em Rosings. Além disso teria ocasião de observar pela sua atitude para

com a prima, a quem ele estava evidentemente destinado por Lady Catherine,

até que ponto os desígnios de Miss Bingley eram infundados. Lady Catherine

falava na sua chegada com a maior satisfação, referia-se a ele nos termos

elogiosos e quase ficou zangada ao saber que Miss Lucas e Elizabeth já o conheciam. Sua chegada foi logo sabida na reitoria, pois Mr. Collins passou a

manhã inteira passeando perto dos portões do parque, a fim de ser o primeiro a

ver. Ao surgir a carruagem, fez uma reverência e depois correu para casa.

Na manhã seguinte, apressou-se a visitar Rosings para apresentar os seus respeitos. E teve que apresentá-los duas vezes, pois havia dois sobrinhos de Lady

Catherine. Mr. Darcy tinha trazido consigo o coronel Fitzwilliam, o filho mais

moço do seu tio, o Lord...; com grande surpresa para todos, quando Mr. Collins

voltou para casa, vira-os atravessar a estrada. E, imediatamente, correndo para o

outro quarto, avisou as meninas da honra que as esperava, acrescentando:

— É a você, Eliza, que agradeço esta habilidade. Mr. Darcy não viria aqui tão

cedo por minha causa.

Elizabeth ainda não acabara de protestar contra esta homenagem, quando a

chegada dos dois cavalheiros foi anunciada pela campainha da porta e pouco

depois eles entraram na sala. O coronel Fitzwilliam, que vinha na frente, parecia

ter aproximadamente trinta anos de idade; não era bem -apessoado mas tinha as

atitudes e os modos de um verdadeiro gentleman. Mr. Darcy não tinha mudado.

Apresentou os seus convidados a Mrs. Collins com a reserva habitual e

quaisquer que fossem os seus sentimentos para com a anfitriã da dona da casa, ele

comprimos discretamente. Elizabeth fez uma curta reverência, sem dizer

uma só palavra. O coronel Fitzwilliam começou a palestrar imediatamente, com

a simplicidade de um homem bem -educado. A sua conversa era muito

agradável, mas seu primo, depois de dirigir uma ligeira observação sobre a casa

e o jardim , permaneceu sentado durante algum tempo em silêncio. E afinal ele

julgou que devia indagar da saúde dos parentes de Elizabeth. Ela lhe respondeu

com a simplicidade de sempre e depois de uma curta pausa, acrescentou:

— Minha irmã mais velha tem estado em Londres nestes últimos meses.

Nunca lhe aconteceu encontrá-la?

Sabia perfeitamente que nunca a tinha encontrado. Mas queria ver se ele deixaria

transparecer que estava informado do que se tinha passado entre os Bingley e

Jane. Pareceu-lhe que Mr. Darcy se mostrava um pouco confuso ao responder

que nunca tivera a boa sorte de encontrar Miss Bennet. O assunto não foi mais

mencionado e pouco depois os dois cavalheiros partiram .

31

As maneiras do coronel Fitzwilliam foram muito apreciadas na reitoria. Todas as

senhoras acharam que ele contribuiria consideravelmente para alegrar os

jantares em Rosings. Passaram -se alguns dias, no entanto, antes que recebessem

novos convites, pois havendo visitas em casa, eles não eram mais necessários. E foi

só no domingo de Páscoa, quase um ano depois da chegada dos cavalheiros,

que o tal convite foi feito, ao saírem da igreja; assim mesmo foram apenas convidados para ir a Rosings depois do jantar. Durante o último ano não

tinham tido quase ocasião de ver Lady Catherine ou a sua filha. O coronel Fitzwilliam tinha estado de visita à reitoria mais de uma vez neste intervalo. Mas

Mr. Darcy fora visto apenas na igreja. O convite naturalmente foi aceito e à hora

designada eles se reuniram ao grupo que já se encontrava na sala de Lady Catherine. Esta os recebeu amavelmente, mas era evidente que a companhia

daquela gente não era nem de longe tão aceitável agora como nos dias em que

não havia mais ninguém lá. Lady Catherine era toda atenção com os seus sobrinhos e falava com eles, especialmente com Darcy, muito mais do que com

qualquer outra pessoa na sala.

O coronel Fitzwilliam pareceu realmente contente de vê-los. Em Rosings, tudo o

que aparecesse de fora para ele era um alívio bem-vindo e a bela amiga de Mrs.

Collins o interessava muito. Sentou-se ao lado dela e falou muito agradavelmente

acerca do Kent, do Hertfordshire, de viagens, livros e m úsica; Elizabeth sentiu

que j am ais se divertira tanto naquela sala; a conversa era tão anim ada que atraíu

a atenção de Lady Catherine, bem com o a de Mr. Darcy . Os olhos deste últim o

se voltaram repentinam ente para eles com um a expressão de curiosidade; e dentro em pouco tornou-se evidente que Lady Catherine com partilhava dos sentim entos do seu sobrinho, pois exclam ou, sem nenhum a reserva:

— Que é que você estava dizendo, Fitzwilliam ? De que é que vocês conversavam ? Que é que você estava contando para Miss Bennet? Queria saber o

que é.

— Estávam os falando de m úsica — disse ele, im possibilitado de esquivar um a

resposta.

— De m úsica? Então fale em voz alta. É de todos os assuntos, o m eu favorito. Se

estão falando de m úsica quero tom ar parte na conversa. Creio que existem poucas pessoas na Inglaterra que apreciam m ais a m úsica do que eu. Ou que

tenham um gosto m ais fino. Se eu j am ais tivesse aprendido m úsica, seria um a

grande intérprete. E Anne tam bém , aliás, se a saúde dela o tivesse permitido.

Estou certa de que ela tocaria admiravelmente. Georgiana tem feito muitos

progressos, Darcy ?

Mr. Darcy louvou afetuosa mente o talento da sua irmã.

— Estou muito satisfeita com isto — disse Lady Catherine. — Diga-lhe que

nunca poderá brilhar se não estudar muito.

— Eu lhe asseguro, minha tia — replicou ele —, que não precisa de tal conselho.

Estuda com muita constância.

— Tanto melhor. Nunca é demais. E na próxima vez que escrever para ela,

recomendarei que não se descuide do seu piano. Eu sempre digo às minhas

nenhuma distinção pode ser alcançada sem um estudo constante. Já disse a Miss

Bennet várias vezes que nunca tocará realmente bem se não estudar mais. E

como não há piano em casa de Mrs. Collins, ela está convidada, como já disse

muitas vezes, a vir a Rosings todos os dias estudar piano no quarto de Mrs.

Jenkinson. Naquela parte da casa ela não incomodaria a ninguém .

Mr. Darcy pareceu um pouco envergonhado da grosseria da sua tia e nada respondeu. Depois do café, o coronel Fitzwilliam lembrou a Elizabeth a sua

promessa de tocar para ele; e a moça se sentou imediatamente ao piano. Ele

aproximou a sua cadeira. Lady Catherine ouviu metade de uma canção e em

seguida continuou a conversar com o antes com o outro seu sobrinho, até que este

último se afastou e, dirigindo-se resolutamente para o piano, colocou-se de maneira a poder observar o rosto da bela executante. Elizabeth percebeu o que

estava fazendo e na primeira pausa virou-se para ele e disse, com um sorriso

malicioso:

— É para me assustar, Mr. Darcy, que se aproximou com toda esta imponência?

Mas eu não ficarei alarmada, embora a sua irmã toque tão bem. Tenho uma

persistência que a vontade dos outros é incapaz de intimidar. Nesses momentos a

minha coragem sempre me socorre.

— Eu não direi que a senhora está enganada — replicou ele —, porque é

impossível que acredite realmente que eu tivesse a intenção de alarmá-la. Eu

tenho o prazer de conhecê-la já há bastante tempo para saber que gosta muito de

expressar de vez em quando opiniões que de fato não são as suas.

Elizabeth riu cordalmente com essa descrição da sua pessoa e disse para o coronel Fitzwilliam :

— Seu primo vai lhe dar uma bela ideia a meu respeito, ensinando-lhe a não

acreditar numa só palavra do que eu falo. É uma falta de sorte ter

uma pessoa capaz de expor aos outros o meu caráter real num lugar onde eu

tinha tido a esperança de deixar uma boa impressão. Realmente, Mr. Darcy , é

uma falta de generosidade da sua parte mencionar aqui tudo o que descobriu

sobre as minhas fraquezas no Hertfordshire. E além disso acho a sua atitude

muito pouco política, pois me incita a represálias. Neste caso podem sair coisas

que escandalizarão os seus parentes.

— Eu não tenho medo da senhora — disse ele sorrindo.

— Não deixe de dizer as coisas de que o acusa — exclamou o coronel

Fitzwilliam . — Queria saber com o que ele se comporta entre os estranhos.

— O senhor o saberá. Mas prepare-se para ouvir coisas horríveis. Na primeira

vez em que eu o vi no Hertfordshire foi num baile. E nesse baile o que é que o

senhor acha que ele fez? Dançou apenas quatro danças. Sinto muito causar-lhe

essa desilusão, mas é verdade. Ele dançou apenas quatro danças, em bora faltassem cavalheiros. E sei que mais de uma moça ficou sentada por falta de

um par. Mr. Darcy , o senhor não pode negar o fato.

— Naquela ocasião eu não tinha a honra de conhecer outras moças no salão a

não ser as do meu próprio grupo.

— É verdade, e ninguém pode ser apresentado a uma pessoa estranha num salão

de baile. Bem , coronel Fitzwilliam , que devo eu tocar agora? Meus dedos esperam a sua ordem .

— Talvez — disse Darcy — eu teria feito melhor se houvesse solicitado uma

apresentação. Mas eu me considero mal qualificado para me recomendar pessoalmente aos estranhos.

— Devem os perguntar a seu primo a razão para isto — disse Elizabeth, continuando a se dirigir ao coronel Fitzwilliam . — Devem os perguntar-lhe por

que um homem bem -educado e sensato, que tem a experiência do mundo, está

mal qualificado para se recomendar às pessoas estranhas?

— Posso responder a sua pergunta sem consultá-lo — respondeu Fitzwilliam . —

E porque ele não quer se dar ao trabalho.

— É certo que eu não tenho um talento que muita gente possui — disse Darcy —:

o de conversar facilmente com pessoas que não conheço. Não consigo encontrar

o tom apropriado nem me fingir interessado pelos assuntos dos outros, com o vejo

acontecer frequentemente.

— Meus dedos não se movem sobre este instrumento de uma maneira tão

magistral quanto os de muitas outras mulheres. Eles não têm a mesma força e a

mesma rapidez, nem possuem a mesma força de expressão. Mas disso eu

sempre me acusei com o de um defeito. Porque eu nunca me dei ao trabalho de

estudar; não é que eu não acredite que os meus dedos sejam inferiores aos de

outra qualquer mulher.

Darcy sorriu e disse:

— Tem toda a razão. Em pregou o seu tem po m uito m elhor. Ninguém que tenha

tido o privilégio de ouvi-la pode pensar que lhe falta algum a coisa.
Nenhum de

nós dois executa para os estranhos.

Nesse m om ento foram interrompidos por Lady Catherine, que perguntou qual

era o assunto da conversa. Elizabeth imediatamente recom eçou a tocar.
Lady

Catherine se aproxim ou e depois de ouvir durante alguns m inutos, disse para

Darcy :

— Miss Bennet não estaria tão fora de form a se estudasse m ais e tivesse a vantagem de ter um professor de Londres. Ela articula bem , m as não tem tanta

expressão quanto Anne. Anne seria um a pianista notável se a sua saúde tivesse

perm itido.

Elizabeth olhou para Darcy , para ver com o ele acolhia aquele elogio à sua prim a; m as nem naquele m om ento, nem em outra qualquer ocasião pôde discernir qualquer sintom a de am or. E a j ulgar pela atitude geral de Mr. Darcy ,

Elizabeth pôde fazer a seguinte reflexão consoladora para Miss Bingley :
que se

esta fosse tam bém sua prim a teria a m esm a possibilidade de se casar com ele.

Lady Catherine continuou com as suas observações sobre a execução de Elizabeth, alternando-as com conselhos sobre técnica e expressão. Elizabeth os

recebeu com toda a paciência e am abilidade; e a pedido dos cavalheiros, continuou tocando, até que a carruagem de Lady Catherine foi cham ada a fim

de conduzir as visitas para casa.

32

No dia seguinte, de m anã, Elizabeth estava sentada sozinha escrevendo para

Jane, quando a cam painha da porta a fez sobressaltar-se. Mrs. Collins e Maria

tinham ido fazer com pras na aldeia. Com o Elizabeth não tinha escutado nenhum a

carruagem se aproxim ar, pensou que provavelm ente a visita seria Lady

Catherine e, apreensiva, estava escondendo a carta que escrevia, a fim de

escapar a perguntas indiscretas, quando a porta se abriu e Mr. Darcy , sozinho,

entrou na sala.

Ele pareceu tam bém surpreendido ao encontrá-la só. Desculpou-se pela sua intrusão, dizendo que pensava estarem todas as senhoras em casa.

Em seguida sentaram -se e, depois das perguntas de estilo, estavam a ponto de

cair num silêncio total. Era absolutam ente necessário, pois, encontrar assunto. E

nessa em ergência, Elizabeth, lem brando-se da últim a vez que o vira no Hertfordshire, e curiosa de saber o que ele diria para j ustificar a sua súbita partida, observou:

— Com que rapidez todos partiram de Netherfield em novem bro passado, Mr.

Darcy ! Deve ter sido um a surpresa m uito agradável para Mr. Bingley revê-los

todos tão cedo depois que partiu. Se não m e engano, ele saiu no dia anterior, não?

Espero que o tenha deixado bem , a ele e a suas irm ãs, agora quando deixou

Londres.

— Perfeitam ente, obrigado.

Elizabeth com preendeu que não receberia outra resposta. E depois de um a curta

pausa, acrescentou:

— Se não m e engano, ouvi dizer que Mr. Bingley não tenciona voltar m ais a

Netherfield.

— Nunca ouvi dizer tal coisa; mas é provável que ele passe lá muito pouco

tempo, de cada vez, daqui para o futuro. Ele tem muitos amigos e está numa

idade em que os amigos e os compromissos aumentam continuamente.

— Se ele tencionava ficar tão pouco em Netherfield seria melhor para a vizinhança

que desistisse inteiramente do lugar. Pois neste caso outra família poderia

instalar lá. Mas talvez Mr. Bingley a tenha tomado pensando menos na conveniência dos vizinhos do que na sua própria. E naturalmente não devem os

esperar que se guie agora por outros princípios.

— Eu não ficaria surpreso se ele passasse a propriedade a outros assim que se

oferecesse uma oportunidade vantajosa — respondeu Darcy .

Elizabeth não respondeu. Tinha medo de falar mais longamente sobre Mr. Bingley . E nada mais tendo a dizer, resolveu deixar a cargo de Mr. Darcy o trabalho de encontrar um novo assunto.

Ele percebeu aquela intenção e logo compreendeu:

— Esta casa parece muito confortável. Creio que Lady Catherine a reformou

bastante depois da vinda de Mr. Collins.

— Acredito que sim . E estou certa de que ela não poderia ter dispensado a sua

bondade a um a pessoa m ais reconhecida.

— Mr. Collins parece ter tido m uita sorte na escolha da esposa.

— Realm ente. Seus am igos têm m otivos para satisfação, pois ele encontrou um a

das poucas m ulheres sensatas que o teriam aceito. E tendo-o aceito, capaz de

torná-lo feliz. A m inha am iga é m uito com preensiva, e em bora eu não considere

o seu casam ento com Mr. Collins o seu ato m ais aj uizado, reconheço no entanto

que parece perfeitam ente feliz. E considerando as coisas com prudência, parece

de fato que ela fez um bom casam ento.

— Deve ser certam ente m uito agradável para ela ter a sua casa a um a distância

relativam ente tão curta da sua fam ília e dos seus am igos.

— O senhor cham a isto um a distância curta? São quase cinquenta m ilhas.

— E o que são cinquenta m ilhas num a boa estrada? Pouco m ais do que m eio dia

de viagem . Considero isto um a distância fácil.

— Nunca consideraria a distância com o um a das vantagens do casam ento

—

exclamou Elizabeth. — Eu já me teria dito que Mrs. Collins está instalada perto

da sua família.

— É uma prova da sua afeição pelo Hertfordshire. Qualquer lugar que não se

encontre nas proximidades de Longbourn deve lhe parecer longínquo.

Enquanto falava, havia nele uma espécie de sorriso que Elizabeth julgou com preêndido. Devia supor que ela estava pensando em Jane e enrubescou, ao

responder:

— Não quero dizer com isto que uma mulher não deva morar um pouco longe da

família. O longe e o perto são relativos e dependem de várias circunstâncias.

Quando existe fortuna e as despesas de viagem são pouco importantes, as distâncias não têm inconveniência. Mas este não é o caso aqui. Mr. e Mrs. Collins

têm um rendimento que lhes permite uma vida confortável, porém não é suficiente para viagens frequentes. Estou persuadida de que moraria mais perto se

consideraria perto da família se morasse na mesma distância.

Mr. Darcy aproximou um pouco a sua cadeira e disse:

— Mas a senhora não tem direito de ser tão bairrista. A senhora não pode ter

em orado sem pre em Longbourn.

Elizabeth olhou para ele, surpresa.

Mr. Darcy pareceu mudar de ideia. Recuou a cadeira, tomou um jornal em cima da mesa e percorrendo-o, num tom mais frio:

— Agrada-lhe o Kent?

Seguiu-se um curto diálogo sobre o condado, calmo e conciso de ambas as partes, que a chegada de Charlotte e da sua irmã, um pouco depois, veio interromper. O tête-à-tête pareceu surpreendê-las. Mr. Darcy relatou o engano

que ocasionara a sua intrusão, e depois de ficar sentado mais alguns minutos sem

dizer quase nada, foi-se embora.

— Qual pode ser a significação dessa visita? — disse Charlotte, depois que ele

partiu. — Minha cara Eliza, ele deve estar apaixonado por você. Sem o que nunca nos teria visitado dessa forma pouco cerimoniosa.

Mas quando Elizabeth contou que ele ficara em silêncio, a hipótese não pareceu

muito plausível, mesmo para Charlotte que a desejava. E depois de várias conjecturas, elas supuseram afinal que a visita era devido apenas à dificuldade de

encontrar ocupação, coisa que naquela época do ano não era nada de estranhar.

Todos os jogos em campo aberto estavam fora de questão. Dentro de casa havia

Lady Catherine, livros e uma mesa de bilhar. Mas os cavalheiros não podem

ficar sem pretrancados dentro de casa; e fosse porque a reitoria era tão próxima,

ou porque a caminhada fosse agradável, ou os seus moradores interessantes, o

fato é que os dois primos se acharam tentados a caminhar até lá quase todas as

manhãs. Eles chegavam em horas diferentes, ora juntos, outras vezes separados,

e de vez em quando acompanhados pela sua tia. Era evidente para todos que o

coronel Fitzwilliam vinha porque achava agradável a companhia dos habitantes

de Hunsford, coisa que naturalmente o recomendava ainda mais. E a satisfação

que Elizabeth experimentava ao vê-lo, bem com o aquela com que recebia a sua

evidente admiração, lembrou-lhe o seu antigo favorito George Wickham. E

embora, ao compará-los, visse que havia menos doçura cativante nas maneiras

do coronel Fitzwilliam, acreditava que ele fosse dos dois o mais culto.

Era mais difícil com preender por que Mr. Darcy vinha tão frequentemente
à

reitoria. Não podia ser pela companhia, pois ficava a maior parte do tempo

calado, às vezes durante dez minutos seguidos. E quando falava, parecia
fazê-lo

mais pela dura obrigação de ser polido do que por prazer. Raramente
parecia

ficar de fato animado. Mrs. Collins não sabia o que fazer com ele. E o fato
de

coronel Fitzwilliam caçar ocasionalmente da casuariedade do seu primo,
provava

que havia mudado; o pouco que Charlotte sabia a respeito de Mr. Darcy
não era

suficiente para que compreendesse, por si, este fato. Teria ficado satisfeita
se

descobrisse que esta mudança era o efeito do amor, e o objeto daquele amor
era

sua amiga Eliza. Portanto dispôs-se seriamente a encontrar a causa daquela

mudança. Observava-o todas as vezes que o encontrava em Rosings, ou
quando

ele vinha a Hunsford, mas sem grande sucesso. Ele olhava decerto bastante
para

a sua amiga, mas a expressão daquele olhar era duvidosa. Era um olhar
sério,

fixo, e Charlotte perguntava muitas vezes se havia realmente nele alguma

admiração. Outras vezes, parecia-lhe apenas um olhar distraído. Um a ou duas

vezes sugerira a Elizabeth a possibilidade de Mr. Darcy se achar interessado por

ela, mas esta sem pressentia de semelhante ideia. E Mrs. Collins achou que era

melhor não despertar esperanças que pudessem acabar em desapontamento; pois

na sua opinião, toda a relutância da sua amiga se desvaneceria no momento em

que o supusesse em seu poder.

Nos planos afetuosos que às vezes fazia para Elizabeth, pensava em casá-la com

o coronel Fitzwilliam ; ele era, sem comparação, o mais agradável dos dois. Era

evidente que sentia admiração por Elizabeth, e a sua situação na vida era das

melhores; mas para contrabalançar as suas vantagens, Mr. Darcy tinha uma

influência considerável na igreja, e seu primo não podia ter nenhum a.

33

Mais de uma vez, durante os seus passeios pelo parque, Elizabeth teve a surpresa

de se encontrar com Mr. Darcy . Ela percebeu a perversidade do acaso, que o

trazia aonde ninguém mais costumava aparecer. E para não pedir que isto tornasse

a suceder, deu-se ao trabalho de preveni-lo de que aqueles passeios constituíam

um dos seus hábitos favoritos. Achou muito estranho portanto que o acaso se

repetisse uma segunda vez, e mesmo uma terceira. Parecia o efeito de uma

vontade mágica, ou então de uma voluntária mortificação, pois nessas ocasiões

Mr. Darcy não se limitava a fazer simples perguntas de cortesia, e depois de uma

pequena pausa embaraçada ia em frente; ele voltava sobre os seus passos e a acompanhar. Falava pouco e Elizabeth não se dava ao trabalho de ouvi-lo com

muito atenção. Mas da terceira vez, Mr. Darcy lhe fez umas perguntas estranhas

e desconexas, sobre o prazer de estar em Hunsford, o gosto que ela parecia encontrar naqueles passeios solitários, e a opinião de Elizabeth sobre a felicidade

do casal Collins; e disse também que, por falar em Rosings, e já que parecia que

ela não compreendia bem aquela casa, esperava que quando voltasse novamente

para o Kent fosse hospedar-se lá também. Era isto que as suas palavras pareciam

subentender. Estaria ele pensando no coronel Fitzwilliam ? Elizabeth pensou que se

aquilo fosse um a indireta tal seria o seu sentido mais provável. Ficou um pouco

perturbada e deu graças a Deus porque naquele instante estavam se aproximando

do portão da reitoria.

Certo dia em que Elizabeth estava caminhando, relendo a última carta de Jane,

especialmente um determinado trecho que parecia provar que Jane estava

deprimida, viu, ao levantar os olhos, que se encontrava diante do coronel

Fitzwilliam , e não de Mr. Darcy , com o que ela tinha suposto. Guardando a carta

imediatamente e forçando um sorriso, disse:

— Eu não sabia que o senhor costumava passear por esses lados.

— Estive fazendo a volta do parque — respondeu ele —, com o que faço todos os

anos, e tencionava encerrá-la com uma visita à reitoria. Tencionava ir mais adiante?

— Não, eu ia voltar logo.

E dizendo isto virou-se. Juntos voltaram até a casa.

— Está mesmo decidido a deixar o Kent sábado? — perguntou Elizabeth.

— Sim , a menos que Darcy torne a adiar a partida. Estou a seu dispor. Ele que

decida com o lhe aprouver.

— Ele parece ter grande prazer em exercer a faculdade de escolha. Não conheço ninguém que pareça ter tanto prazer em fazer as suas vontades com o

Mr. Darcy .

— É verdade, ele gosta mesmo de fazer o que quer — respondeu o coronel Fitzwilliam . — Mas todos nós gostamos. Somente, ele tem em geral mais meios

de realizar os seus desejos do que o comum dos homens. Falo com sinceridade.

Com o filho caçula, tenho que estar preparado para o sacrifício e a obediência.

— Na minha opinião o filho mais moço de um nobre pouco sabe a respeito

dessas virtudes. Agora fale seriamente, que é que o senhor sabe a respeito do

sacrifício e da obediência? Quando foi o senhor impedido, por falta de dinheiro,

de se locomover livremente ou de obter as coisas que desejava?

— Isto são perguntas privadas. E talvez eu não possa dizer que tenha experimentado muitas dificuldades desta natureza, mas em outras questões de

im portância, é possível que eu sofra falta de dinheiro. Os filhos m ais m
oços não

podem se casar com o desej am .

— A não ser que se apaixonem por m ulheres ricas e eu creio que m uitas
vezes

isto acontece.

— O hábito que tem os de gastar dinheiro nos torna dependentes dem ais. E
não há

m uitos na m inha situação que se podem casar sem considerar a questão
m onetária.

“Será isto um a indireta para m im ?” — pensou Elizabeth. E esta ideia fê-la
enrubescer; m as, dom inando-se, disse, num tom alegre:

— E diga-m e, qual é o preço usual para o filho m ais m oço de um nobre?
A não

ser que o irm ão m ais velho sej a m uito doente, não creio que possam
exigir além

de cinquenta m il libras.

Ele respondeu no m esm o tom e o assunto m orreu. Para interrom per um
silêncio

que poderia fazer crer ao coronel que ela se sentira afetada pelo que
acabavam

de dizer, Elizabeth disse, pouco depois:

— Im agino que o seu prim o deve tê-lo trazido consigo com o intuito
principal de

ter alguém à sua disposição. Não sei por que não se casa. Teria desse modo um a

pessoa sem pre à sua disposição. Mas talvez a sua irmã preencha esses requisitos

no momento. E com o ela se encontra sob os seus cuidados exclusivos, Mr. Darcy

pode fazer com ela o que quiser.

— Não — disse o coronel Fitzwilliam —, esta é uma vantagem que tem que

compartilhar comigo. Exerço juntamente com ele a tutela de Miss Darcy .

— Ah, sim ? Diga-me, que espécie de tutores são os senhores? A sua tutelada lhes

dá muito trabalho? As mães naquela idade são às vezes difíceis de governar. E

se ela possui o verdadeiro espírito dos Darcy , deve ser voluntariosa.

Enquanto falava, Elizabeth via que o coronel estava olhando para ela seriamente

e pela maneira com que lhe perguntou pouco depois por que é que supunha que

Miss Darcy lhes pudesse causar preocupações, ficou convencida de que tinha

chegado próximo à verdade.

Elizabeth respondeu diretamente:

— Não precisa se assustar. Nunca ouvi nada de mal a seu respeito. E ouvi dizer

até que é uma das pessoas mais tratáveis do mundo. Duas senhoras minhas

conhecidas gostam muito dela: Mrs. Hurst e Miss Bingley . Penso que já ouvi o

senhor dizer que também as conhece.

— Conheço-as um pouco. O irmão delas é um cavalheiro muito agradável e

bem-educado. É um grande amigo de Darcy .

— Oh, sim — disse Elizabeth, secamente. — Mr. Darcy é muito atencioso para

com Mr. Bingley . Tem um cuidado realmente prodigioso com ele.

— Sim , acredito realmente que Darcy cuide de certas coisas dele que na verdade precisam de cuidados. Por um fato que ele citou durante a nossa viagem

para cá, tenho razões para pensar que Bingley deve muita coisa a Darcy . Mas

tenho de desculpar-me com ele, pois não tenho o direito de pensar que Bingley

seja a pessoa a que se refere a história. É uma simples conjectura.

— Qual é essa história?

— É um caso que Darcy naturalmente não pode desejar que se espalhe, pois se

chegasse aos ouvidos da família da moça poderia ser uma coisa desagradável.

— Pode ficar certo de que nunca falarei a este respeito.

— E lembre-se que não tenho muitas razões para supor que esta pessoa seja

Bingley . O que ele me contou foi apenas o seguinte: que se felicitava a si mesmo

por ter salvo um amigo dos inconvenientes de um casamento dos mais

imprudentes, mas sem mencionar nomes ou outros quaisquer detalhes. E eu

suspeitei que fosse Bingley , apenas porque acredito que é desses rapazes que se

metem em aventuras dessa espécie e porque sei que eles estiveram juntos durante todo o verão passado.

— E Mr. Darcy apresentou os motivos dessa interferência?

— Compreendi que havia objeções muito fortes contra a noção.

— E de que artifícios usou para separá-los?

— Ele não me falou a respeito dos artifícios que tinha usado — disse Fitzwilliam

sorrindo. — Disse-me apenas o que acabo de lhe contar.

Elizabeth não respondeu e continuou a andar, com o coração repleto de indignação. Depois de observá-la durante alguns instantes, Fitzwilliam perguntou-

lhe por que estava tão pensativa.

— Estive pensando no que acaba de me contar — disse ela. — A conduta do seu

primo não se coaduna com os meus sentimentos. Por que é que ele se arrogou o

direito de julgá-lo?

— Parece que a senhora está disposta a considerar a interferência dele inoportuna.

— Não sei com que direito Mr. Darcy pode decidir a respeito da legitimidade das

inclinações do seu amigo, ou baseado apenas no próprio julgamento de que maneira aquele amigo poderia ser feliz. Mas — continuou, voltando a si

—, com o não conhecermos as circunstâncias, não é justo condená-lo. Não suponho que existisse grande afeição naquele caso.

— A suposição não é improvável — disse Fitzwilliam —, porém diminui bastante

o triunfo do meu primo.

Estas palavras foram ditas em tom de gracejo; mas pareceu a Elizabeth que

traçavam um retrato tão justo de Mr. Darcy que resolveu refrear a sua resposta.

E portanto, mudando abruptamente de assunto, falou de coisas indiferentes até

que chegaram à reitoria. Aí, logo depois que o visitante partiu, ela se trancou no

quarto para pensar sem interrupção em tudo o que tinha ouvido. Não era de supor

que fossem outras as pessoas envolvidas. Não poderiam existir no mundo dois

homens sobre os quais Mr. Darcy exercesse um domínio tão absoluto. Nunca

duvidara de que ele tivesse tido a sua parte nas medidas que tinham sido adotadas

para separar Mr. Bingley de Jane. Mas sem pre atribuíra a Miss Bingley a iniciativa do plano e a parte mais importante da execução. Se ele não tivesse sido

portanto iludido pela sua própria vaidade, Mr. Darcy, com o seu orgulho e seu

capricho era a causa de tudo o que Jane tinha sofrido. Ele tinha arruinado por

algum tempo todas as esperanças de felicidade para o coração mais afetuoso e

mais generoso do mundo. E ninguém poderia dizer quanto duradouro era o mal que

tinha causado.

Havia objeções muito fortes contra a noção, tais tinham sido as palavras do

coronel Fitzwilliam. E estas fortes objeções eram provavelmente as seguintes: o

fato dela ter um tio que era advogado no campo e outro que era comerciante em

Londres. “Contra Jane em pessoa”, pensou, “não poderia haver possibilidade de

objeção. Ela é toda doçura e bondade. É inteligente, educada e suas maneiras são

cativantes. Nada pode ser objetado tão pouco contra meu pai, que embora

pouco excêntrico, tem qualidades que nem Mr. Darcy pode desdenhar. E uma

respeitabilidade que ele provavelmente nunca alcançará.” Quando pensava na

sua mãe, com efeito a sua confiança declinava um pouco. Mas não era crível

que quaisquer objeções desse gênero pesassem aos olhos de Mr. Darcy, cujo

orgulho, pensou Elizabeth, seria mais facilmente ferido pela falta de importância

das relações do seu amigo do que pela falta de senso dessas mesmas pessoas. E

finalmente Elizabeth chegou à conclusão de que Mr. Darcy se deixara levar em

parte pelo seu desmedido orgulho e em parte pelo desejo de reter Mr. Bingley

para sua irmã. As agitações e as lágrimas que o assunto causara trouxeram a

Elizabeth um a dor de cabeça que à noite se agravou. Esta circunstância e a sua

repugnância em ver Mr. Darcy determinaram-na a não acompanhar as

primas a Rosings, onde deviam tomar o chá. Mrs. Collins, vendo que ela realmente

não estava bem, não insistiu, limitando-se a pedir-lhe que pôde o seu marido de insistir.

Mr. Collins não pôde esconder a sua apreensão de que Lady Catherine se mostrasse aborrecida por Elizabeth ter ficado em casa.

34

Depois que os seus amigos partiram, Elizabeth, com o se tentasse exasperar-se

o marido que podia contra Mr. Darcy, escolheu como ocupação a leitura de todas

as cartas que Jane lhe enviara, desde que ela, Elizabeth, estava no Kent. Essas

cartas não continham nenhuma queixa expressa. Não relembravam

acontecimentos passados nem comungavam sofrimentos presentes. Mas em

todas elas, em quase cada linha, sentia-se a falta daquela animação que sempre

caracterizara o estilo de Jane, e que procedia da serenidade de um espírito

tranquilo e bem-disposto para consigo mesmo e para com todos. Elizabeth

observou com uma atenção que não tivera durante a primeira leitura cada frase

que traía alguma inquietude. A vergonhosa justificância de Mr. Darcy a respeito dos

sofrimentos que ele pudera causar fazia com que sentisse mais agudamente os

sofrimentos da sua irmã. Era um consolo pensar que a sua visita a Rosings

terminaria daí a dois dias. E outro, ainda maior, a ideia de que em menos de 15

dias ela estaria novamente junto de Jane, preparada para contribuir com toda a

afeição de que era capaz para o restabelecimento da sua tranquilidade.

Não podia pensar na partida de Darcy sem se lembrar de que o primo também

iria com ele. Mas o coronel Fitzwilliam dera a entender claramente que não tinha

nenhuma intenção em relação a ela e, embora fosse um homem agradável,

Elizabeth não estava disposta a ficar triste por sua causa.

Decidira este ponto, quando teve a sua atenção despertada pelo som da

campanha da porta. A princípio ficou um pouco emocionada com a ideia de que

pudesse ser o coronel Fitzwilliam, que já uma vez aparecera tarde à noite, e que

viesse agora para se informar da sua saúde. Mas esta ideia foi logo banida e a sua

em oção foi inteiramente diversa quando viu com imensa surpresa Mr. Darcy

entrar na sala. Ele com efeito apressadamente a fazer perguntas sobre a sua saúde,

atribuindo a sua visita ao desejo de se tranquilizar. Ela respondeu com friabilidade. Darcy ficou sentado durante alguns instantes e depois, levantando-

se, pôs-se a caminhar pela sala. Elizabeth ficou espantada, mas não disse nada.

Depois de um silêncio de alguns minutos, aproximou-se agitado, e disse:

— Em vão tenho lutado com isso; nada consegui. Meus sentimentos não

podem ser reprimidos e preciso que me permita dizer-lhe que eu a admirei e amo

ardentemente.

O espanto de Elizabeth não teve limites. Olhou fixamente para ele, enrubescendo,

duvidou e ficou calada. Mr. Darcy considerou esta atitude com um

encorajamento e imediatamente fez-lhe a confissão de tudo o que sentia e já

desde há muito vinha sentindo. Declarou-se bem, mas através das suas palavras

outros sentimentos além dos do coração podiam ser percebidos. E ele não falava

com mais eloquência da sua ternura do que do seu orgulho. O sentimento da

inferioridade de Elizabeth, do rebaixamento que aquele amor constituía, os obstáculos de família que a razão sempre opusera à inclinação foram

descritos com um ardor que parecia devido ao seu amor-próprio ferido, mais que recomendar muito pouco as suas pretensões.

Apesar da sua profunda antipatia, Elizabeth não podia deixar de ficar desvanecida pela afeição de um tal homem. E embora as suas intenções nem por

um só instante mudassem, a princípio teve pena de ser obrigada a lhe causar um

tal decepção. Mas as palavras seguintes de Mr. Darcy tornaram a provar o seu

ressentimento. Encolerizada, perdeu toda a calma. Procurou no entanto

dominar-se, para responder com paciência, assim que ele acabasse de falar. Ele

concluiu descrevendo-lhe a força daquela afeição que, apesar dos seus esforços,

não conseguira domar. E exprimiu a sua esperança de que essa afeição seria

agora recomendada pela aceitação de Elizabeth. Enquanto Mr. Darcy falava,

era evidente para Elizabeth que ele não duvidava de que a resposta fosse

favorável. Ele falava em apreensão e ansiedade, mas o seu rosto exprimia realmente a certeza. Isto ainda a exasperou mais, e quando terminou, o sangue

subiu ao rosto de Elizabeth, que disse:

— Em casos como estes creio que é costume e estabelecido exprimir a nossa

gratidão pelos sentimentos que nos são confessados, em bora esses sentimentos

não possam ser retribuídos. É natural que essa gratidão seja sentida. E se eu a

experimentasse agora, eu lhe agradeceria. Mas eu não posso desejar e nunca

desejar a sua boa opinião e aliás o senhor a confere a mim contra a sua vontade.

Sinto muito ter de causar decepção a qualquer pessoa, não o faço de propósito,

entretanto espero que ela será de curta duração. Os sentimentos que, segundo o

senhor me disse, o mim pediram durante muito tempo de reconhecer a sua afeição

hão de socorrê-lo facilmente depois da presente explicação.

Mr. Darcy, que estava apoiado contra a lareira, com os olhos fixos no rosto de

Elizabeth, parecia receber as suas palavras com tanta surpresa quanto

ressentim ento. O seu rosto se tornou pálido de cólera e a perturbação era visível

em cada um dos seus traços. Ele lutava para dar aos seus gestos um a aparência

de calma e não queria falar antes de ter conseguido o que desej ava. A pausa era

insuportável para Elizabeth. Afinal, num a voz em que transparecia o esforço para

torná-la calma, respondeu:

— E esta é a única resposta a que eu tinha direito e com a qual tenho de me contentar! Desej aria talvez que me inform asse por que sou assim rejeitado, sem

uma enorme tentativa de cortesia da sua parte. Mas isto tem pouca importância.

— Por minha vez, eu poderia perguntar — replicou ela — por que, com o intuito

tão evidente de me ofender e de insultar, o senhor resolveu dizer que gostava de

me ir contra a sua vontade, contra a sua razão e mesmo contra o seu caráter? Não

é essa uma escusa suficiente para a minha falta de cortesia? Se é que realmente

eu cometi essa falta... Mas tenho outros motivos para me sentir ferida. E o senhor

bem o sabe. Mesmo que os meus sentimentos não lhe fossem contrários, se lhe

fossem indiferentes ou mesmo favoráveis, o senhor acha que qualquer consideração me inclinaria a aceitar um homem que arruinou talvez para sempre a felicidade de uma irmã querida?

Enquanto ela pronunciava estas palavras, Mr. Darcy mudou de cor. Mas a emoção foi curta e ele continuou a ouvir sem tentar interrompê-la.

— Tenho todas as razões do mundo para pensar mal do senhor — prosseguiu

Elizabeth. — Nenhum motivo poderá escusar o ato injusto e mesquinho que

praticou. O senhor não ousará negar que foi o meio principal, senão o único, de

separar aquelas duas pessoas e de expô-las à censura e ao ridículo do mundo,

uma delas por capricho e instabilidade, outra pela decepção das suas esperanças,

causando-lhe um grande mal.

Fez uma pausa e viu, com grande indignação, que ele a ouvia com ar de quem

não sentia o menor remorso. Olhou mesmo para ela com um sorriso de incredulidade afetada.

— O senhor pode negar o que fez? — repetiu.

Ele então respondeu com fingida tranquilidade:

— Não desejo negar que fiz tudo o que podia para separar-me eu também do da sua

irmã. Nem tão pouco negarei que me é alegre desse êxito. Fui mais previdente

para com ele do que para comigo próprio.

Elizabeth não quis mostrar que compreendia esta observação, mas o seu sentido

não lhe escapou. Nem tão pouco era de natureza a aplacá-la.

— Mas não é apenas nessa história que se funda a minha antipatia — continuou.

— Muito antes dela acontecer eu já tinha opinião formada a seu respeito. A

narrativa que já há muitos meses me fez Mr. Wickham me revelou o seu caráter.

Que tem o senhor a dizer sobre este assunto? Que ato imaginário de amizade

poderá o senhor alegar para se justificar? Que falsos motivos poderá inventar

para iludir os outros?

— A senhora parece se interessar extraordinariamente pelas coisas daquele

cavalheiro.

— Nenhum a pessoa que conheça o seu infortúnio pode deixar de se interessar

por ele.

— Seu infortúnio! — repetiu Darcy , num tom de desprezo. — Sim , o seu infortúnio foi realmente grande.

— E foi o senhor quem o infligiu — exclamou Elizabeth, com energia. — Foi o

senhor quem o reduziu ao seu estado atual de pobreza, de com parativa pobreza.

O senhor lhe recusou os direitos que lhe cabiam , as vantagens que lhe tinham sido

destinadas. Privou-o, durante os melhores anos da sua vida, da independência a

que tinha direito e que aliás merecia. Tudo isso o senhor fez! E agora ouve o

relato do seu infortúnio com desprezo e ironia.

— Então é esta a opinião que tem de mim ! — exclamou Darcy , caminhando

apressado pela sala. — É este o valor que me dá! Agradeço-lhe por se ter

explicado tão claramente. Minhas faltas, tais como as descreve, são realmente

pesadas. Mas talvez — acrescentou detendo-se e voltando-se para Elizabeth —,

talvez essas ofensas pudessem ter sido relevadas, se eu não tivesse ferido o seu

orgulho, confessando-lhe com toda a franqueza os escrúpulos que me impediram

durante tanto tempo de tomar uma resolução. Eu poderia ter evitado as suas

amargas acusações, se me tivesse mostrado mais hábil, escondendo-lhe as

minhas lutas e fazendo crer que era movido por uma inclinação a que nada se

opunha, nem a razão, nem a reflexão, nem outro qualquer motivo. Mas eu odeio

toda a espécie de fingimento. Nem tão pouco me envergonham os sentimentos

que lhes exprimo. São naturais e justos. Pode exigir de mim que me felicite pela

inferioridade social dos seus parentes? Ou que me alegre com a esperança de me

relacionar com pessoas de condição inferior à minha?

Elizabeth sentia a sua cólera crescer de momento a momento; apesar disso

procurou falar com toda a calma:

— O senhor está enganado, Mr. Darcy. A sua atitude pouco cavalheiresca

apenas me poupou o desgosto de recusar o seu pedido, se tivesse sido feito de

outra forma.

Elizabeth percebeu que ele se sobressaltava ao ouvir estas palavras. Mas Mr.

Darcy nada disse e ela prosseguiu:

— Eu o teria recusado de qualquer forma. Nada me poderia ter persuadido a

aceitar a sua mão.

Novamente o seu espanto foi evidente. Mr. Darcy olhou para Elizabeth com

incredulidade e mortificação. Ela continuou:

— Posso dizer que desde o princípio, desde o primeiro instante quase em que o

conheci, as suas maneiras me convenceram de que era um homem arrogante,

pretensioso, e de que tinha a maior indiferença pelos sentimentos dos outros. Esta

impressão foi tão profunda que constituiu, por assim dizer, o alicerce sobre o qual

os acontecimentos subsequentes elevaram uma indestrutível antipatia; e me

talvez de um mês depois de conhecê-lo, estava convencida de que o senhor seria

o último homem no mundo com o qual eu me casaria.

— Não precisa acrescentar mais nada — disse Darcy. — Com preendo

perfeitamente os seus sentimentos, e nada me resta senão me

meus. Perdoe-me ter tomado o seu precioso tempo, e aceite os meus mais

sinceros votos de felicidade.

E dizendo estas palavras, saiu apressadamente da sala e, depois de alguns instantes, Elizabeth o ouviu abrir a porta da frente e sair. O tumulto das suas ideias

lhe era tão doloroso, que, incapaz de recuperar o seu equilíbrio, deixou-se cair

sobre uma cadeira e chorou durante meia hora sem cessar. A sua surpresa aumentava cada vez que recordava o que se tinha passado. Recebera uma proposta de casamento de Mr. Darcy ! Há vários meses estava apaixonado por

ela! Amava-a tanto que desejava desposá-la, apesar de todas as objeções que o

levariam a não pedir o casamento do seu amigo. Era agradável saber que ela tinha

inspirado uma afeição tão forte. Mas a piedade, que a ideia de uma tal paixão por

um amigo tinha inspirado a Elizabeth foi logo sufocada pelo orgulho de Mr.

Darcy , o seu abominável orgulho, pela cínica confissão de sua atitude para com

Jane, a sua imperdoável tranquilidade ao reconhecer o que tinha feito, embora

não o pudesse justificar, e pela maneira desapiedada com que se referira a Mr.

Wickham , sem que tentasse negar a crueldade com que o tinha tratado.

Essas reflexões agitadas prosseguiram até que Elizabeth ouviu o ruído da

carruagem de Lady Catherine. Sentindo que não estava em condições de enfrentar a perspicaz atenção de Charlotte, correu para o quarto.

35

Na manhã seguinte, ao despertar, Elizabeth encontrou no seu espírito os mesmos

problemas que debatera na véspera até adormecer. Ainda não voltara a si da

surpresa. Era impossível pensar em outro assunto; incapaz de encontrar uma

ocupação que a distraísse, resolveu, logo depois da primeira refeição, fazer um

pouco de exercício ao ar livre. Estava se encaminhando para o seu lugar favorito,

quando lembrou-se de que Mr. Darcy costumava aparecer lá e deteve-se. E

vez de entrar no parque, Elizabeth tomou a vereda que a bordejava. A cerca do

parque limitava a estrada de um lado e pouco depois ela passou por um dos portões. Depois de andar duas ou três vezes naquela parte do caminho, sentiu-se

tentada pela beleza da manhã a parar nos portões e contemplar o parque.

Durante as cinco semanas que tinha passado no Kent, uma grande transformação

se operara, e cada dia as árvores ficavam mais verdes. Elizabeth estava a ponto

de continuar o passeio, quando avistou de relance, no pequeno bosque que bordejava o parque, um homem que vinha na sua direção. Temerosa de que

fosse Mr. Darcy, ela recuou. Mas a pessoa se encontrava agora tão próxima que

podia vê-la. Apressando o passo, esta pessoa se aproximou e pronunciou o nome

de Elizabeth. Ela estava de costas mas ao ouvir o seu nome, em breve

reconhecesse a voz de Mr. Darcy, voltou a se acercar do portão. Mr. Darcy, do

outro lado fizera o mesmo. Ele lhe estendeu uma carta, que ela aceitou instintivamente. Em seguida disse, com um olhar altivo:

— Estive passeando no bosque na esperança de encontrá-la. Quer-me dar a honra de ler esta carta?

Em seguida, depois de inclinar-se levemente, voltou-se e partiu. Sem esperança

de prazer mas com uma maior curiosidade, Elizabeth abriu a carta; com espanto

sem perceber viu que o envelope continha duas folhas de papel, inteiramente

recobertas por uma letra apertada. Continuando o seu caminho pela alameda,

Elizabeth começou a ler. A carta estava datada de Rosings, das oito horas da

m anã, e dizia o seguinte:

Não fique alarmada, Miss Eliza, ao receber esta carta, pela apreensão de que ela

contenha a repetição daqueles sentimentos ou a renovação daquelas propostas

que ontem à noite tanto lhe repugnaram . Escrevo-lhe sem nenhuma intenção de

aborrecê-la ou de me humilhar, insistindo em exprimir esperanças que para a

felicidade de ambos não podem ser esquecidas cedo demais. E o esforço da

minha parte ao escrever esta carta e da sua em percorrê-la teria sido poupado se

o meu caráter não exigisse que ela fosse escrita e lida. É preciso, pois, que me

perdoe a liberdade com que exijo a sua atenção; sei que os seus sentimentos a

concederão com relutância. Mas eu a exijo da sua justiça. Duas foram as

acusações que me fez ontem à noite, de natureza muito diferente e de

importância igualmente desigual. A primeira foi: que eu tinha separado Mr.

Bingley da sua irmã, indiferente aos sentimentos de ambos. E a outra, de ter

arruinado a possibilidade imediata e as probabilidades futuras de Mr. Wickham ,

ferindo vários direitos, desafiando a honra e a humildade. Ter repudiado voluntária e gratuitamente o meu companheiro da minha infância, o favorito declarado de meu pai, um rapaz que dependia exclusivamente da nossa proteção

e a quem esta forma seria uma perversidade incomparável entre mães

grave do que a separação de duas pessoas cuja afeição, embora real, não poderia ter crescido excessivamente, no espaço das poucas semanas que estiveram juntas. Espero estar a salvo para o futuro da severidade das censuras

que me foram feitas com tanta veemência, a respeito destes dois casos, depois de

ter lido a seguinte explicação dos meus atos e dos seus motivos. Se durante esta

explicação eu me encontrar na necessidade de exprimir sentimentos que possam

ser ofensivos aos seus, posso dizer apenas que isto me entristece sinceramente. A

necessidade de expô-los deve ser obedecida. E outras quaisquer desculpas serão

supérfluas. Pouco depois da minha chegada ao Hertfordshire, percebi,

juntamente com outras pessoas, que Bingley preferia a sua irmã mais velha a

qualquer outra moça da região. Mas foi só por ocasião do baile de Netherfield

que fiquei pela primeira vez apreensivo de que ele se apaixonasse seriamente.

Muitas vezes antes eu já o tinha visto apaixonado. Naquele baile, enquanto eu

tinha a honra de dançar com a senhora, soube através da informação acidental

de Sir William , que as atenções de Bingley para com a sua irmã tinham dado

lugar a um rumor geral acerca do seu casamento. Sir William falou naquilo com o tom acontecimento positivo, acerca do qual só a data era incerta. A partir

desse momento observei a atitude do meu amigo com muita atenção. E vi que a

sua inclinação por Miss Bennet era mais forte do que qualquer uma das que lhe

tinha visto antes. Observei também a sua irmã; seu olhar, suas maneiras, eram

francas, alegres e atraentes com o sempre, mas sem qualquer sintoma especial

de afeição. E a partir desta noite fiquei convencido de que embora ela aceitasse

as atenções de Bingley com prazer, não as provocava porque participasse do mesmo sentimento. Quanto a este ponto, se a senhora não se enganou, enganei-

me eu. Com o conhecimento melhor a sua irmã, a última hipótese parece ser mais

provável. Se este é o caso, se este erro me levou a infligir um desgosto à sua

irmã, o seu ressentimento é incompreensível. Mas eu não tenho receio de afirmar que a serenidade do rosto da sua irmã e a tranquilidade da sua expressão

são tais, que o observador mais agudo concluiria que, por mais amável que seja o

seu gênio, seu coração não é dos mais fáceis de atingir; é certo que eu desejava

acreditar na indiferença dela, mas arrisco-me a afirmar que as minhas investigações e as minhas decisões não são geralmente influenciadas pelas minhas esperanças ou pelos meus receios. Não foi porque o desejo que acreditei na indiferença da sua irmã, foi porque cheguei a esta convicção im parcial e ela é tão sincera quanto o meu desejo. Minhas objeções contra

aquele casamento não foram apenas as que lhe descrevi ontem à noite e que no

meu próprio caso exigiram toda a força da paixão para serem vencidas; a desigualdade social não seria um mal tão grande para o meu amigo quanto para

minha irmã. Mas existiam outras causas para a minha resistência; causas que, em bora

ainda existentes, e existentes do mesmo modo, eu tentara esquecer porque não as

via de maneira imediata diante de minha irmã. Essas causas precisam ser ditas em bora

sumariamente. A situação da família da sua irmã, em bora pouco recomendável,

não era nada em comparação com aquela falta total de delicadeza tão frequente

e quase perm anentem ente dem onstrada por sua m ãe, por suas três irm ãs m ais

m oças e às vezes até por seu pai. Perdoe-m e, dói-m e ter de ofendê-la. Mas no

m eio dos aborrecim entos que os defeitos dos seus parentes m ais próxim os lhe

causam e o desprazer que a presente descrição não pode deixar de lhe dar, a seguinte reflexão lhe sirva de consolo: saiba que o fato universalmente

reconhecido de que tanto a senhora com o a sua irm ã m ais velha sem pre se

com portaram de m odo a evitar um a censura sem elhante é o m elhor elogio que

se poderia fazer à sensatez e ao caráter de ambas. Acrescentarei apenas que os

fatos que se passaram naquela noite confirm aram a m inha opinião sobre todas as

peçoas em questão e fortaleceram a m inha resolução de proteger o m eu am igo

de um a aliança que eu considerava a m ais desastrada. Ele deixou Netherfield no

dia seguinte, com o decerto está lem brada, com a intenção de regressar breve.

Agora devo explicar a parte que tom ei no caso. A inquietude da irm ã de Bingley

fora igualm ente despertada e logo descobrim os que os nossos sentim entos

coincidiam a esse respeito; convencidos ambos de que devíam os agir

rapidamente, resolvem os acompanhá-lo a Londres. Foi o que fizeram os. E lá tom ei

a meu cargo a incumbência de revelar ao meu amigo as consequências

desastradas da escolha que fizera. No entanto, por mais que esta advertência

possa ter abalado a sua resolução, não creio que ela teria sido suficiente para

impedir o casamento, se não tivesse sido apoiada pela afirmação, que não hesitei

em fazer, de que a sua irmã lhe era indiferente. Ele acreditava até aquele

momento que Miss Jane correspondia à sua afeição sinceramente, senão com

igual intensidade. Mas Bingley é por natureza muito modesto, e além disso tem

mais confiança no meu julgamento do que no seu próprio. Convencê-lo, portanto,

de que ele se tinha enganado não foi muito difícil. Persuadi-lo, em seguida, de

que não devia voltar para o Hertfordshire, depois de firmado o primeiro ponto,

foi coisa de um instante. Não me arrependo de tê-lo feito. Existe apenas uma

parte da minha conduta que não me satisfaz. É que eu condescendi em usar de

certos artifícios para esconder de Bingley o fato de sua irmã se encontrar em

Londres. Sabia dessa presença, bem como o Miss Bingley, mas o seu irmão até

agora ainda não sabe. É possível que eles pudessem ter-se encontrado sem outras

consequências; mas o seu afeto não me pareceu suficientemente extinto para que

ele pudesse ver a sua irmã sem correr algum perigo. Talvez esse artifício seja

indigno de mim. Mas o que está feito está feito. E a minha intenção foi a melhor

possível. Sobre este assunto nada mais tenho a dizer, nem outra explicação a dar.

Se feri os sentimentos da sua irmã, foi sem a intenção de fazê-lo, e em bora os

motivos que inspiraram a minha conduta lhe pareçam naturalmente insuficientes,

não vejo ainda razões para condená-los. Com relação à outra acusação, mais

grave, a que diz respeito a Mr. Wickham, só poderei refutá-la, expondo-lhe toda a

história das suas relações com minha família. Ignoro se ele formulou algum a

acusação particular à minha pessoa; mas acerca da verdade do que vou relatar

posso dar mais de um a testem unha insuspeita. Mr. Wickham é o filho de um

homem muito respeitável, que durante muitos anos geriu todos os bens da propriedade de Pemberley ; a fidelidade com que sempre se desincumbiu das

suas funções mereceu naturalmente a gratidão do meu pai. E para com George

Wickham , que era o seu afilhado, meu pai se mostrou sempre generoso, dedicando-lhe uma grande afeição. Pagou os seus estudos num colégio e mais

tarde em Cambridge. Auxílio importante, pois o pai de Mr. Wickham , que as

extravagâncias da sua esposa privavam quase sempre do necessário, não estava

em condições de dar ao filho uma educação liberal. Meu pai não só gostava

muito da companhia de George Wickham , cujas maneiras, aliás, eram sempre

muito atraentes, mas tinha por ele a maior admiração e, alim entando a

esperança de que o rapaz abraçasse a carreira eclesiástica, tencionava reservar-

lhe um lugar na mesa. Quanto a mim , há já muitos anos que comecei a pensar

de maneira diferente a respeito dele. As suas inclinações viciosas, a falta de escrúpulos, que ele tinha o cuidado de esconder do seu melhor amigo, não

poderiam passar despercebidas a um rapaz da sua idade, que o observava e tinha

a oportunidade de vê-lo em momentos de descuido, coisa que meu pai não tinha.

Aqui, novamente, terei de magoá-la. Até que ponto não sei. Só a senhora mesma

poderá dizê-lo. Mas quaisquer que sejam os sentimentos que Mr. Wickham

tenha inspirado, a suspeita que alimento acerca da natureza desses sentimentos

não me impedirá de lhe revelar o verdadeiro caráter daquela pessoa. Acrescento

mesmo um outro motivo. Meu excelente pai morreu há cerca de cinco anos e a

sua afeição por Mr. Wickham foi até o fim tão firme que me recomendou

particularmente no seu testamento que me encarregasse de promover o seu

adiantamento na carreira que tinha escolhido, e manifestou o desejo de que um

posto importante, à disposição da família, lhe fosse dado, assim que vagasse, caso

Mr. Wickham se ordenasse. Deixou-lhe também um legado de mil libras. O pai

dele não sobreviveu muito tempo ao meu, e meio ano depois desses

acontecimentos Mr. Wickham me escreveu, informando-me que resolvera não

tomar ordens. Dizia-me também que esperava que eu não achasse despropositado o desejo de uma compensação pecuniária mais imediata, em lugar do posto do qual não poderia agora se beneficiar. Acrescentou que tinha intenção de estudar direito, e que eu devia compreender que os juros de mil libras não eram suficientes para o seu sustento e os seus estudos. Apesar do meu desejo de acreditar na sinceridade dele, não o conseguia. Mas de qualquer modo mostrei-me perfeitamente disposto a ceder à sua proposta. Eu sabia que Mr. Wickham não devia ser pastor. O negócio foi portanto logo arranjado. Ele desistiu de toda proteção relativa à sua entrada na igreja, mesmo se estivesse algum dia em situação de recebê-la, e aceitou em troca a quantia de três mil libras. Todas as nossas relações a partir dessa época ficaram interrompidas. O que eu sabia a respeito dele era suficiente para não o desejar como amigo. E portanto eu não o convidava para vir a Pemberley, nem andava em sua companhia na cidade.

Creio que durante esse tempo ficou em Londres, mas o seu estudo de direito foi

um mero pretexto. Livre agora de toda obrigação, levava uma vida de

dissipação. Durante três anos pouco ouvi falar nele. Mas ao falecer a pessoa que

ocupava o posto que outrora lhe fora destinado, tornou a escrever, solicitando a

sua apresentação para o dito lugar. Sua atual situação, dizia ele, e eu não tive

dificuldade em acreditá-lo, era extremamente precária. Descobri que o estudo

de direito era pouco proveitoso e estava agora absolutamente resolvido a tomar

ordens, se eu o apresentasse para o posto em questão, coisa de que não duvidava,

pois estava informado de que não havia outro pretendente e eu não poderia ter

esquecido as intenções do meu venerando pai; creio que não há de me censurar

por lhe ter recusado aquela pretensão e rejeitado todas as novas tentativas no

mesmo sentido. O ressentimento que me manifestou foi muito violento, dada a

situação precária em que se encontrava. E, sem dúvida, os insultos de que me e

cobriu ao falar a mim eu respeito com outras pessoas foram tão violentos quanto as

recriminações que me dirigiu. Depois desse período, todas as relações de me era

formalidade foram cortadas. Com o ele viveu, não sei. Mas no último verão

tornou a aparecer no meu caminho da forma mais desagradável possível. Devo

agora mencionar certas circunstâncias que eu mesmo gostaria esquecer e que

só uma obrigação tão forte quanto a atual me poderia induzir a relatar para qualquer outra pessoa. Depois de ter dito isto, confio inteiramente na sua discricção. Minha irmã, que é dez anos mais moça do que eu, foi deixada em

tutela ao sobrinho de minha mãe, o coronel Fitzwilliam, e a mim próprio. Há um

ano ela saiu do colégio e foi morar em Londres com panhia de uma senhora

encarregada de superintender a sua educação; e no verão passado, foi com aquela senhora para Ramsgate. Mr. Wickham, sem dúvida propositadamente,

partiu para o mesmo lugar; depois descobriu-se que havia um relacionamento

anterior entre ele e Mrs. Joung, sobre cujo carácter infelizmente nos enganamos.

Graças ao auxílio e convivência desta pessoa, aproximou-se de Georgiana, em

cuj o coração por natureza afetivo ainda era muito vívida a impressão da bondade

com que ele a tratava em criança. Ela se deixou persuadir de que estava

apaixonada e consentiu em ser raptada. Com o amor tinha apenas 15 anos, essa

loucura é até certo ponto escusável. Tenho o consolo de poder acrescentar que

soube disto por ela própria. Cheguei a Ramsgate inesperadamente um ou dois

dias antes da projetada fuga. E Georgiana, incapaz de suportar a ideia de

desgostar e ofender um irmão que considerava quase como um pai, confessou-

me tudo. A senhora pode bem imaginar como me senti e como agi. Para não

prejudicar a reputação da minha irmã e não ofender os seus sentimentos, eu me

abstive de qualquer ato de represália em público. Mas escrevi para Mr.

Wickham, que partiu imediatamente. Mrs. Younge foi naturalmente despedida.

Sem dúvida, o fim principal de Mr. Wickham era de se apoderar da fortuna da

minha irmã, que é de trinta mil libras. Mas não posso deixar de pensar que o

desejo de se vingar de mim tenha tam bém influído fortem ente nele.

Esta é um a narrativa fiel desses acontecim entos que nos concerne a am
bos; e se

não a rej eitar com o absolutam ente falsa, espero que m e absolverá daqui
por

diante da falta de ter agido com crueldade para com Mr. Wickham . Não sei
de

que m aneira se im pôs à sua atenção, nem as falsidades que usou para isto.
Mas o

êxito que alcançou não é de espantar, dada a sua ignorância de tudo o que
acontecera antes. Não estava em seu poder desm ascarar estas falsidades e o
seu

tem peram ento não é inclinado à desconfiança. Talvez a senhora se
surpreenda

de não lhe ter dito ontem , m as naquele m om ento não tinha suficiente
dom ínio

sobre mim m esm o para decidir o que devia e o que não devia revelar.
Quanto à

verdade de tudo o que ficou aqui relatado, posso apelar particularm ente
para o

testem unho do coronel Fitzwilliam , que, dado o nosso parentesco e
constante

intim idade e sobretudo a sua qualidade de executor testam entário de m eu
pai,

conhece necessariam ente todos os detalhes desses acontecim entos. Se a
antipatia

que tem por mim privar de valor as minhas asserções, a mim mesmo a causa não a

poderia eu pedir de confiar no meu primo, e para que haja a possibilidade de

consultá-lo, procurarei entregar-lhe a presente carta de amanhã.
Acrescentarei

apenas: Deus a abençoe!

Fitzwilliam Darcy .

36

Ao receber a carta de Mr. Darcy , Elizabeth não esperava que contivesse um a

repetição das suas propostas; por outro lado, não tinha a menor ideia a respeito do

conteúdo da carta. E fácil imaginar com quanta avidez se inteirou dos seus

termos e quantas emoções contraditórias eles produziram no seu espírito.
Durante

a leitura os seus sentimentos não podiam ser definidos. Primeiro constatou com

assombro que ele acreditava poder se desculpar; estava persuadida de que um

justo pudor o impediria de dar qualquer explicação; fortemente prevenida contra

tudo o que ele pudesse dizer, começou a ler o seu relato do que tinha acontecido

em Netherfield. Leu com uma ansiedade que quase a impedia de compreender,

uma paciência de saber o que a próxima frase deveria trazer a incapacitava de

aprofundar o sentido daquela que tinha diante dos olhos. Elizabeth imediatamente

resolveu que era falsa a alegação de Mr. Darcy de que ele acreditava na

insensibilidade da sua irmã. As outras objeções contra o casamento, as piores, a

enfureciam de tal forma que aboliam todo o seu desejo de ser justa. As palavras

de Darcy não exprimiam nenhum arrependimento; seu estilo não era de quem se

quisesse desculpar. Era arrogante, orgulhoso e insolente.

Mas, quando passou para o outro assunto, depois de ter lido, com mais atenção, o

relato de acontecimentos que, se verdadeiros, jogariam por terra toda a sua boa

opinião de Mr. Wickham, e que aliás tinham uma semelhança alarmante com a

história que Mr. Wickham contara a seu próprio respeito, os seus sentimentos

cresceram em intensidade e se tornaram ainda mais difíceis de definir. O

assombro, a apreensão e até o horror a oprimiam. Ela se recusava a acreditar

naquilo, exclamando repetidamente: “deve ser falso, não pode ser! É a maior das

mentiras!” E depois de ter percorrido toda a carta, em bora não se lembrasse de

quase nada que tinha lido nas duas últimas páginas, Elizabeth pôs a carta de lado,

dizendo a si mesma que nunca mais a leria. Nesse confuso estado de espírito,

cheio de pensamentos que não repousavam em coisa alguma, continuou a andar,

até que meio minutos depois, incapaz de resistir a um impulso que se formara

nela, tornou a desdobrar a carta, e concentrando o mais que podia a sua atenção,

exigiu de si mesma o esforço mortificante de reler toda a parte que se referia a

Wickham, pesando o sentido de cada frase. A história das suas relações com a

família de Pemberley era exatamente a que Wickham lhe tinha contado e a

bondade do falecido Mr. Darcy, em bora até então não lhe conhecesse toda a

extensão, concordava igualmente com as suas palavras. Até este ponto as duas

narrativas coincidiam; mas quando ela chegou ao testamento, a diferença era

grande. Ainda tinha frescas na memória as palavras de Wickham ; era impossível, portanto, não sentir que havia uma grosseira duplicidade de um dos

lados. E durante algum tempo ela teve a esperança de que a verdade coincidissem

com os seus desejos. Mas depois de ler e reler com a maior atenção os detalhes

que se seguiam imediatamente à desistência que Wickham fizera de todos os

direitos ao posto, recebendo em troca a soma considerável de três mil libras,

novamente ela foi forçada a hesitar. Ponderou cada circunstância com a maior

imparcialidade de que era capaz, calculou a probabilidade de cada afirmação,

tudo sem chegar a um resultado. De ambos os lados havia apenas afirmações.

Tornou a ler. Mas cada linha provava mais claramente que a história, que a princípio achava impossível interpretar de maneira a tornar a conduta de Mr.

Darcy menos infame, podia ser vista sob um aspecto que o inocentava

inteiramente. A extravagância e a dissolução que Mr. Darcy não hesitava em

atribuir ao caráter de Mr. Wickham a feriam extremamente. E tanto mais que

não podia apresentar uma prova de que essas acusações eram injustas.
Elizabeth

nunca ouvira falar em Wickham antes da sua entrada na família do condado de...,

na qual ele se engajara, obedecendo à sugestão de um rapaz que encontrara acidentalmente em Londres. Nada se sabia no Hertfordshire a respeito da sua

vida anterior, a não ser o que ele próprio tinha contado. Quanto ao seu caráter

real, mesmo o que tivesse meios para isto, Elizabeth nunca sentira o desejo de

fazer investigações a respeito. A sua figura, a sua voz, os seus modos haviam sido

suficientes para que lhe atribuísse todas as virtudes. Ela procurou se lembrar de

algum exemplo de bondade, de algum traço marcante de integridade ou de benevolência que o pudesse salvar dos ataques de Mr. Darcy. Ou pelo menos de

uma virtude que prevalecesse sobre aquilo que o seu desafeto tinha descrito com o som de ociosidade e vício e em que ela procurava ver apenas uma série de

erros casuais. Mas não lhe foi possível encontrar nenhum defeito dessa

natureza. Podia vê-lo instantaneamente diante de si, com todo o encanto das suas

boas maneiras, mas não podia se lembrar de nenhum ato concreto de virtude que

merecesse a aprovação geral da sociedade e a consideração que ele desfrutava

entre os oficiais. Depois de refletir consideravelmente sobre este ponto, mais

uma vez recomenceou a ler. Mas, infelizmente, a história que se seguia, relativa aos

seus desígnios de raptar Miss Darcy, era confirmada pela conversa havida entre

ela própria e o coronel Fitzwilliam na manhã anterior; e finalmente Mr. Darcy

havia apresentado o testemunho do coronel Fitzwilliam, a fim de que ela pudesse

obter a confirmação de cada detalhe da sua versão. Sabia por informação prévia

do coronel que ele estava intimamente ligado a todas as circunstâncias da vida do

seu primo, e não tinha nenhum motivo para duvidar do seu caráter. Por um

momento esteve quase resolvida a apelar para o coronel, mas esta ideia foi

afastada, porque exigiria uma explicação embaraçosa, e porque sabia que Mr.

Darcy já mais a teria sugerido se não se tivesse previamente assegurado da colaboração do seu primo.

Ela se lembrou brava perfeitamente de toda a conversa que tivera com Mr. Wickham ,

na primeira noite, em casa de Mr. Philips. Muitas das expressões que ele usara

ainda estavam frescas na sua memória. Compreendia agora, de súbito, toda a

impropriedade que havia naquelas confidências a uma pessoa estranha, e espantou-se de nunca haver pensado nisto antes. Viu a indelicadeza daquela exibição e a incompatibilidade entre as suas afirmações e a sua conduta.

Lembrou-se de que ele se gabara de não temer um encontro com Mr. Darcy —

que Mr. Darcy poderia se meter, caso se sentisse mal, mas ele não o faria. No

entanto ele tinha se furtado de comparecer ao baile de Netherfield, na semana

seguinte. Recordou-se também de que, até o momento da partida da família de

Netherfield, ele se abstivera de contar a sua história para outra pessoa, mas em

seguida fora discutida em todos os lugares; que ele não tivera então nenhum escrúpulo em denegrir o caráter de Mr. Darcy , apesar de lhe ter declarado que o

respeito pela memória do pai sem permitir que se acusasse o filho.

Com o tudo lhe parecia agora diferente! Suas atenções para com Miss King eram

a consequência de odiosas intenções puramente mercenárias. Mas o fato dessa

ele não possuir apenas uma pequena fortuna não provava a imoderação dos desejos do pretendente, mas a avidez de se lançar sobre a primeira oportunidade

que lhe aparecesse. Quanto à sua atitude para com ela, Elizabeth, ou ele se enganara a respeito da sua fortuna ou agira por pura vaidade, encorajando uma

preferência que ela tivera a imprudência de revelar. Todos os esforços de Elizabeth para justificá-lo se tornavam cada vez mais fracos. E com o um

justificação adicional ao que dissera Mr. Darcy, não podia esquecer do que

dissera Mr. Bingley quando, inquirido por Jane, afirmara a inocência do seu

comportamento na questão. As maneiras de Mr. Darcy eram orgulhosas e desagradáveis,

mas durante todo o curso das suas relações com ele e do contato frequente que

ultimamente haviam tido, concedendo-lhe uma espécie de intimidade, nunca

presenciara nenhum fato que provasse que ele era inescrupuloso e injusto ou que

possuía hábitos irreligiosos ou imorais. Todos os seus amigos o prezavam, e até

Wickham lhe havia reconhecido qualidades com o irmão. Ouvira-o várias vezes

falar afetuosa e da sua irmã, o que provava que ele era capaz de sentimentos

ternos. Se os seus atos fossem tais com o Wickham os havia descrito, se houvesse

violado tão brutalmente todos os direitos, dificilmente os poderia ter ocultado do

mundo. E se ele fosse capaz de tamanha injustiça, não se explicaria a sua

amizade com um homem em tão estimável quanto Mr. Bingley. Elizabeth sentiu uma

grande vergonha de si mesma. Não podia pensar em Darcy nem em Wickham

sem sentir que ela tinha sido cega, parcial, injusta e absurda. “Com o foi

mesquinha a minha conduta!”, exclamou, “eu que me orgulhava tanto do meu

discernimento, da minha habilidade! Eu, que tantas vezes desdenhei a generosa

candura da minha irmã, e gratifiquei a minha vaidade com inúteis e censuráveis

desconfianças. Com o é humilhante esta descoberta! Mas com o é injusta esta

humilhação! Eu não poderia ter agido mais cegamente se estivesse apaixonada!

Mas a vaidade, não o amor, foi a minha loucura! Lisonjeada com a preferência

de uma pessoa e ofendida com a negligência da outra, logo no início das nossas

relações cortejei a parcialidade e a ignorância e expulsei a razão. Até este momento eu não conhecia a minha verdadeira natureza.”

Enquanto o seu pensamento ia de si mesma para Jane e de Jane para Bingley ,

logo lhe ocorreu a ideia de que a explicação de Mr. Darcy quanto àquele ponto

lhe parecera muito insuficiente. E ela leu novamente. Muito diferente foi o efeito

desta segunda leitura. Com o dar valor às afirmações de Mr. Darcy em um ponto

e lho negar no outro? Ele declarava que nem de longe suspeitava da afeição de

sua irmã. E Elizabeth não podia deixar de se lembrar da opinião constante de

Charlotte. Nem tão pouco podia negar que fosse justa a sua descrição de Jane.

Ela sabia que Jane, em bora capaz de fervor nos seus sentimentos, pouco os exteriorizava. E que havia sempre nas suas maneiras uma placidez que raramente se encontra unida a uma grande sensibilidade.

Quando chegou ao lugar da carta em que a sua família era mencionada, em termos mortificantes, porém merecidos, ficou profundamente envergonhada. No

entanto, a justiça daquela afirmação era inegável e as circunstâncias que ele

mencionava, particularmente as que se referiam ao baile de Netherfield, confirmando as suas primeiras impressões desfavoráveis, não haviam causado

uma impressão mais forte na mente dele do que na sua. Elizabeth não ficou

insensível ao elogio com que Darcy a gratificara, bem como à sua irmã. E esse

elogio suavizava a sua mortificação, mas não com pensava o desprezo que o resto

da sua família atraía pela sua conduta. E ao refletir que o desapontamento

Jane tinha sido de fato causado pelos seus parentes mais próximos, cuja extravagância prejudicava a reputação de ambas, ela se sentiu deprimida com o

nunca anteriormente se sentira.

Depois de passear pela aldeia durante duas horas, entregando-se a toda espécie de pensamentos, lembrando acontecimentos, determinando probabilidades e reconciliando-se da melhor forma que podia a uma mudança

tão súbita e tão importante, o cansaço e a lembrança de que ficara muito tempo

ausente fizeram com que voltasse para casa; e ao entrar fez um esforço sobre si

mas, a fim de parecer alegre com o de costume, reprimindo todas as reflexões

que a poderiam tornar inapta para a conversação.

Disseram-lhe imediatamente que os dois cavalheiros de Rosings tinham aparecido durante a sua ausência, Mr. Darcy apenas durante alguns minutos para

se despedir, mas o coronel Fitzwilliam ficara pelos menos uma hora, esperando

pelo seu regresso, e quase resolvera sair a pé para ir procurá-la. Elizabeth fingiu

que isto lhe produzia uma grande decepção; mas na verdade ela se alegrava. O

coronel Fitzwilliam tinha perdido todo o interesse; ela só podia pensar na carta.

37

Os dois primos partiram de Rosings na manhã seguinte, e Mr. Collins, que tinha

ido esperá-los perto da casa do vigia para apresentar as suas despedidas, voltou

pouco depois, trazendo a boa notícia de que eles pareciam estar de muito boa

saúde e relativamente de bom humor, apesar da cena melancólica que se tinha

passado em Rosings. Mr. Collins então se dirigiu apressadamente para Rosings, a

fim de consolar Lady Catherine e sua filha e, de volta, trouxe, com grande satisfação, um recado de Lady Catherine: ela se sentia tão entediada que desejava vê-los todos em sua casa para jantar.

Elizabeth não pôde deixar de se lembrar, ao ver Lady Catherine, de que se

tivesse desejado, poderia agora ser-lhe apresentada com a sua futura sobrinha,

e sorriu ao imaginar a indignação com que Sua Senhoria receberia a notícia.

O primeiro assunto abordado foi a dim inuição que sofrera o grupo de Rosings.

— Asseguro-lhes que sinto muito — disse Lady Catherine —, creio mesmo que

ninguém sinta tanto a ausência dos amigos quanto eu. Sou muito ligada àqueles

rapazes e sei que também gostam muito de mim. Ficaram tristíssimos de partir, e

todos os anos acontece o mesmo. O coronel conseguiu dom inar os seus

sentimentos até o fim, mas Darcy parecia estar consternado. Mais do que no ano

passado. Vê-se que ele gosta cada vez mais de Rosings.

Mr. Collins aproveitou a ocasião para fazer um elogio, que foi recebido com um

sorriso pela mãe e pela filha.

Lady Catherine observou depois do jantar que Miss Bennet parecia melancólica.

E atribuindo imediatamente esta tristeza à proximidade da sua partida, acrescentou:

— Mas se este é o caso, escreva à sua mãe pedindo-lhe para ficar mais um pouco. Estou certa de que Mrs. Collins terá grande prazer em ter por mais tempo a sua companhia.

— Eu fiquei muito agradecida pelo seu amável convite — replicou Elizabeth

—, mas infelizmente não posso aceitar. Preciso estar em Londres no sábado vindouro.

— Mas neste caso só terá ficado aqui seis semanas. Contava que permanecesse

pelo menos dois meses. Foi o que eu disse a Mrs. Collins antes da sua vinda. Não

pode haver motivo para uma partida tão prematura. Mrs. Bennet lhe concederia

outros 15 dias.

— Mas meu pai não o faria. Ele me escreveu na semana passada, dizendo que

apressasse a minha volta.

— Oh, se sua mãe deixa, seu pai também deixará. Uma filha nunca é muito

necessária para um pai. E se quiser ficar mais um mês, eu poderei levá-la

comigo até Londres. Preciso de ir lá em algum dia de junho. Devo orar-me e-ei uma

semana e na minha carruagem haverá espaço para uma de vocês. E até, se o

tempo estiver frio, poderiam ir as duas, pois ambas são magrinhas.

— Muito me desvanece a sua bondade, Lady Catherine, mas creio que serei

obrigada a seguir o meu plano anterior.

Lady Catherine pareceu ficar resignada.

— Mrs. Collins — disse —, é preciso que mande uma criada com elas. Sabe que

eu sempre falo o que penso. Eu não posso tolerar a ideia de duas moças viajarem

sozinhas na diligência. É muito impróprio. É preciso que mande uma pessoa. São

coisas que eu não suporto. As moças devem sempre ser acompanhadas e

protegidas, de acordo com a sua situação na vida. Quando minha sobrinha

Georgiana foi para Ramsgate no verão passado, fiz questão que dois

homens a acompanhassem. Miss Darcy, a filha de Mr. Darcy de Pemberley e

de Lady Anne, não poderia viajar de maneira diferente. Dou muita atenção a

estas coisas. Mrs. Collins, mande John acompanhar as coisas. Estou satisfeita de

me ter lembrado disto, pois seria pouco recomendável para o senhor mandá-las

sozinhas.

— Meu tio vai mandar um criado para nos acompanhar.

— Oh, o seu tio... Ele tem um criado? Ainda bem que tem alguém na sua família

que pense nestas coisas. Onde trocarão os cavalos? Oh, Bromley, naturalmente.

Se falarem lá no meu nome, serão muito bem-servidas.

Lady Catherine fez muitas outras perguntas a respeito da viagem. E com o

ela própria não respondia a todas, era necessário prestar atenção, coisa que Elizabeth

apreciou, pois de outra maneira, com as preocupações que a absorviam, ela

poderia até se esquecer do lugar onde estava. Era necessário deixar suas

reflexões para as horas solitárias. Sem preguiça que se encontrava sozinha, entregava-

se a elas com alívio. E todos os dias saía a passeio sozinha, para poder se dar ao

consolo de recordar as coisas desagradáveis.

Dentro de pouco tempo já sabia a carta de Mr. Darcy quase de cor. Estudava

cada frase, e os seus sentimentos para com o musicista variavam

frequentemente. Quando se lembrou do seu estilo, ficava cheia de indignação,

mas quando considerava a injustiça com que o tinha condenado e tratado, a sua

cólera se voltava contra si mesma. Enquanto o desapontamento que ele tinha

sofrido o tornava objeto de sua compaixão, o afeto de Mr. Darcy despertava a

sua gratidão, e o caráter dele, respeito. Mas Elizabeth não podia concordar com o

que tinha feito. Nem podia arrepender-se da sua recusa. Também sentia uma enorme vontade de vê-lo. A sua conduta passada era uma fonte constante de amarguras e de ressentimentos. E os infelizes defeitos da sua própria família

eram um motivo ainda mais forte de aborrecimento. Eram falhas irremediáveis.

Seu pai se limitava a rir e nunca fazia nenhum esforço para corrigir as

leviandades das suas filhas mais novas, e sua mãe, cujas maneiras não eram

muito melhores, continuava naturalmente insensível a esse mal. Elizabeth

frequentemente reunia os seus esforços aos de Jane, numa tentativa de reprimir

as im prudências de Katherine e de Ly dia. Mas fortalecidas pela indulgência da

m ãe, elas resistiam e não havia esperança de m elhorarem . Katherine, espírito

im pressionável e fraco, com pletam ente sob o dom ínio de Ly dia, sem pre tom ava

a m al os conselhos das suas irm ãs m ais velhas, e Ly dia, voluntariosa e descuidada, nem sequer lhes dava ouvidos. Am bas eram ignorantes, indolentes e

vaidosas. Enquanto existisse um oficial em Mery ton, elas continuariam a nam orar. E enquanto Mery ton ficasse a um a m ilha de distância de Longbourn,

viveriam em cam inhadas para lá. Outra das suas m aiores preocupações era o

futuro de Jane. A explicação de Mr. Darcy , inocentando Bingley , realçava o

valor daquilo que Jane tinha perdido e dem onstrava a sinceridade da sua afeição.

E sua conduta ficava livre de toda censura, a não ser, talvez, a de um a dem asiada

confiança em seu am igo. Com o era triste, pois, pensar que Jane fora privada de

um a situação tão desej ável, tão cheia de vantagens e de prom essas de felicidade,

pela extravagância e loucura da sua própria fam ília! Quando a essas recordações

se acrescentava a decepção que sofrera com Wickham , era fácil acreditar que a

coragem e o bom humor de Elizabeth, tão difícil de se reprimir, estavam agora

tão afetados que lhe era quase impossível manter com as outras pessoas o mesmo tom de antigamente.

Os convites para Rosings foram tão frequentes durante a última semana com o

durante a primeira. A última noite foi passada lá. E Lady Catherine tornou a se

informar minuciosamente de todos os detalhes da viagem . Deu conselhos sobre a

melhor maneira de fazer as malas e insistiu tanto na necessidade de empacotar

direito os vestidos, que de volta Maria se sentiu obrigada a desfazer todo o trabalho da manhã e fazer novamente a sua mala.

Quando se despediram , Lady Catherine, com grande habilidade, desejou um a

boa viagem . Convidou-as a voltarem a Hunsford no ano seguinte. E Miss de

Bourgh levou a sua benevolência ao ponto de fazer uma reverência e estender a

mão a ambas.

Sábado de manhã, Elizabeth e Mr. Collins se encontraram para a primeira refeição, alguns minutos antes dos outros aparecerem. E ele aproveitou a oportunidade para apresentar as suas despedidas com todas as formalidades que julgava indispensáveis.

— Não sei, Miss Elizabeth — disse ele —, se Mrs. Collins já lhe exprimiu os seus

sentimentos de gratidão pela visita que nos fez. Mas estou certo de que não deixará esta casa sem receber todos os seus agradecimentos. Asseguro-lhe que o

privilegio da sua companhia foi muito apreciado. Sei que a nossa humilde casa

possui poucos atractivos, a nossa maneira simples de viver, a exiguidade dos

nossos cômodos, o pequeno número dos nossos criados e o pouco que vemos do

mundo devem tornar Hunsford uma residência extremamente aborrecida para

uma mulher. Mas espero que acreditará que tenhamos feito tudo em nosso poder

para que não passasse o seu tempo de uma maneira pouco agradável e que a

nossa gratidão seja sincera.

Elizabeth respondeu, exprimindo-lhe os seus calorosos agradecimentos e

assegurando-lhe que tinha sido muito feliz. Tinha passado seis semanas muito

agradáveis. O prazer de estar com Charlotte e as grandes atenções que tinha recebido faziam com que fosse ela que estivesse na obrigação de apresentar agradecimentos. Mr. Collins ficou satisfeito e replicou com solenidade, sorridente:

— Dá-me a maior alegria saber que não passou o seu tempo de uma maneira

desagradável. Fizem o tudo o que estava ao nosso alcance. E tivemos a felicidade

de ter podido apresentá-la à mais alta sociedade. E graças às nossas relações

com Rosings, tivemos os meios de variar frequentemente a humilde cena doméstica. Penso portanto que podemos nos gabar de que a sua visita a Hunsford

não foi cansativa para a senhora. Nossa situação relativamente à família de Lady

Catherine é realmente uma dessas extraordinárias vantagens de que poucos se

podem gabar. Viu a intimidade que temos e os convites frequentes que

recebemos. Na verdade é preciso reconhecer que apesar de todos os

inconvenientes desta humilde reitoria não penso que os seus hóspedes possam ser

um objeto de com paixão, enquanto com partilham da nossa intimidade com

Rosings.

As palavras eram insuficientes para traduzir a elevação dos seus sentimentos. E

na sua agitação ele se pôs a caminhar de um lado para outro na sala, enquanto

Elizabeth procurava umas frases curtas que pudessem servir ao mesmo tempo à

verdade e à cortesia.

— Creio que poderá levar um relato muito favorável a nosso respeito para o

Hertfordshire, minha cara prima — continuou. — Presenciou as grandes atenções com que Lady Catherine cumprimenta Mrs. Collins quase todos os dias; e

espero que se tenha tornado evidente que a sua amiga não fez mais... Mas sobre

este ponto é melhor silenciar. Deixe apenas que eu lhe assegure, minha cara Miss

Elizabeth, que eu lhe desejo do fundo do coração uma felicidade igual no casamento. Minha cara Charlotte e eu só temos um espírito e um pensamento.

Existe sob todos os aspectos entre nós uma notável semelhança de caráter e de

ideias. Parece que nascemos um para o outro.

Elizabeth afirmou, aliás com razão, que isto era uma grande felicidade e com

igual sinceridade acrescentou que acreditava firmemente na sua felicidade doméstica, coisa que muito a alegrava. Não se aborreceu contudo por ter de

interromper a sua frase devido à entrada da pessoa cuja felicidade com

entavam .
Pobre Charlotte! Era triste deixá-la em tal companhia. No entanto, não se podia

deixar de reconhecer que ela escolhera de olhos abertos. E em breve triste porque

os seus hóspedes iam em breve, não parecia agora querer solicitar a sua companhia. A casa, os trabalhos domésticos, a paróquia, a sua criação de aves

domésticas e todos os demais trabalhos ainda não tinham perdido o seu encanto.

Finalmente a carruagem chegou, as malas foram amarradas, os estró-
brulhos

levados para o interior e foi-lhes anunciado que tudo estava pronto. Depois de

uma despedida afetuosa, Elizabeth foi levada até a carruagem por Mr. Collins e,

enquanto caminhavam pelo jardim, ele a encarregava de levar os seus mais

respeitosos cumprimentos para a família, sem se esquecer dos seus

agradecimentos pelas atenções que recebera em Longbourn quando lá estivera e

as suas saudações para Mr. e Mrs. Gardiner, em bora não os conhecesse. Então

ele ajudou a subir para a carruagem. Maria acompanhou-a e a porta estava a

ponto de ser fechada quando de súbito ele lembrou que elas se tinham esquecido

de deixar qualquer mensagem para as senhoras de Rosings. Naturalmente, acrescentou, desejaria que eu transmita os seus humildes respeitos com os seus

mais cordiais agradecimentos pelas bondades de que foram objeto enquanto aqui

moraram. Elizabeth não fez objeção a isto. A porta pôde ser fechada finalmente

e a carruagem se afastou.

— Arre! — exclamou Maria, depois de alguns minutos de silêncio. — Parece

que chegam os tempos. E no entanto quanta coisa aconteceu!

— Muita coisa de fato — concordou Elizabeth, com um suspiro.

— Jantam os nove vezes em Rosings e tomam o chá duas vezes lá. Quanta coisa

terei para contar!

Elizabeth acrescentou consigo: e quanta coisa eu terei que esconder! A viagem

decorreu sem muita conversação e sem nenhum incidente. Quatro horas depois

de terem saído de Hunsford, chegaram à casa de Mr. Gardiner, onde deviam passar alguns dias.

Jane tinha boa aparência e entre os vários divertimentos que a sua tia tivera a

bondade de organizar para as meninas, Elizabeth teve pouca oportunidade de

observar as disposições da sua irmã. Mas Jane devia regressar com ela, e em

Longbourn teria oportunidade de observá-la detidamente. Não foi sem esforço

entretanto que ela esperou até Longbourn para contar à sua irmã as propostas de

Mr. Darcy. Sabia que estava em seu poder fazer uma revelação que assombraria

Jane e viria agradar ao mesmo tempo o que lhe restava de vaidade. Era uma

tentação a que nada se poderia opor senão o estado de indecisão em que ela se

encontrava sobre a quantidade exata de fatos que deveria revelar e o medo de ter

que repetir certas coisas a respeito de Bingley que poderiam ferir Jane ainda mais.

Foi na segunda semana de maio que as três moças partiram juntas de Gracechurch Street para a cidade de... no Hertfordshire. E ao se aproximarem do

lugar em que a carruagem de Mr. Bennet as devia encontrar, elas avistaram, com a garantia da pontualidade do cocheiro, Kitty e Lydia numa das janelas de

cima de uma hospedaria. Havia uma hora essas duas meninas esperavam naquele lugar, fazendo visitas frequentes a uma modista em frente, para passar o

tempo, observando a sentinela de plantão e preparando um olho para a salada.

Depois de dar as boas-vindas às suas irmãs, elas exibiram uma mesa posta com

as várias espécies de carnes frias que tinham conseguido encontrar no guarda-

comida da hospedaria.

— Então, que tal, não está bem, não é uma surpresa agradável?

— E nós convidamos os vocês todas — acrescentou Lydia. — Mas é preciso que

nos prestem dinheiro, pois gastamos tudo naquela loja ali defronte.

Em seguida, mostrando-as como elas tinha feito:

— Olha, como prestei este chapéu. Não acho que seja muito bonito, mas achei que

era melhor com pratar do que não com pratar. Vou desmanchá-lo assim que chegar

em casa e ver se eu posso fazer uma coisa melhor.

E quando as suas irmãs disseram que era muito feio, ela acrescentou, com perfeita indiferença:

— Oh, mas havia dois ou três ainda mais feios na loja. E depois que eu com pratar

um bonito cetim para enfeitá-lo, ele vai ficar tolerável. Além disso não tem muita importância a roupa que a gente usar este verão, pois o regimento vai sair

de Merton daqui a 15 dias.

— Ah, vai? — exclamou Elizabeth, com a maior despreocupação.

— Eles vão acampar perto de Brighton. Eu queria tanto que papai nos levasse até

lá para passar o verão... Seria um ótimo plano. Creio que não custaria nada e

mamãe, principalmente, ficaria encantada de ir. Pensa só que verão maravilhoso

nós teríamos se ficassemos aqui.

“Sim”, pensou Elizabeth, “isto seria realmente um projeto estupendo. Imagina

estas meninas lá em Brighton, com o acampamento cheio de soldados. Elas que

j á ficaram de cabeça virada com um pobre regim ento de m ilícia e um baile

m ensal em Mery ton.”

— Agora tenho outras novidades para você — disse Ly dia ao se sentar à m esa.

— Im agina só: é um a notícia excelente. E é sobre um a pessoa de que todas

gostam os m uito.

Jane e Elizabeth olharam um a para a outra. O garçom foi inform ado de que

podia ir em bora. Ly dia pôs-se a rir e disse:

— É engraçada esta sua form alidade e discrição. Você achou que o garçom não

devia ouvir, com o se ele se im portasse com isto. Ele deve ter ouvido coisas m uito

piores do que o que eu vou dizer; m as é um suj eito tão feio, foi bom m esm o ter

ido em bora. Nunca vi um queixo tão com prido na m inha vida. Bem , agora

passem os às novidades. São acerca do nosso caro Wickham . Bom dem ais para o

garçom , não é? Não há perigo de Wickham se casar com Mary King. Ela foi

m orar com um tio em Liverpool, definitivam ente. Wickham está salvo.

— E Mary King está salva — acrescentou Elizabeth. — Salva de um casamento

imprudente, só pelo lado pecuniário.

— Ela é uma grande tola de partir, se gosta dele.

— Mas espero que não haja uma paixão muito forte de ambos os lados,
— disse

Jane.

— Estou certa de que não há do lado dele. Garanto que nunca se importou com

ela. Quem pode se interessar por uma bobinha daquelas? Além disso tem o rosto

cheio de sardas.

Elizabeth pensou, com certa amargura, que embora ela fosse incapaz de se exprimir com tanta brutalidade, aqueles sentimentos não eram menos grosseiros

do que os que ela mesma tinha abrigado anteriormente no seu coração e que

ainda por cima pensara fossem generosos.

Depois que todas tinham comido, as mães velhas pagaram a despesa e as meninas foram andar chamar a carruagem; instaladas todas as mães, caixas e

em brulhos, além dos objetos que Kitty e Lydia tinham com prado, todas tomaram os seus respectivos assentos.

— Com o vam os apertadas! — gritou Ly dia. — Estou contente de ter com prado o

m eu chapéu. Só pelo prazer de ter ainda m ais um a caixa. Bem , agora vam os

ficar à vontade, conversar e rir até chegar em casa. Em prim eiro lugar, contem

tudo o que aconteceu a vocês desde que saíram de casa. Conheceram rapazes

agradáveis? Arranj aram algum nam orado? Eu tinha esperanças que um a de

vocês arranjassem um m arido. Jane daqui a pouco vai ficar solteirona. Ela tem

quase 23 anos! Eu ficaria envergonhadíssima se não m e casasse antes disto!

Minha tia Philips quer que você arranjassem um m arido, você nem imagina! Ela disse

que Lizzy devia ter aceitado Mr. Collins. Mas acho que isto não teria graça

nenhum a. Bem que eu gostaria de m e casar antes de vocês. Eu serviria de pau de

cabeleira para vocês em todos os bailes. Nós nos divertimos tanto, no outro dia,

em casa do coronel Forster... Kitty e eu fomos passar o dia lá. Entre parênteses,

Mrs. Forster e eu fomos as mais íntimas. Então ela convidou as duas Harrington, mas

Harriet estava doente, e portanto Pen foi obrigada a vir sozinha. Sabem o que nós

fizem os? Vestim os o Cham berlay ne com roupas de m ulher. Foi engraçadíssim o.

Ninguém sabia, só o coronel, Mrs. Forster, eu e tam bém m inha tia, pois fom os

obrigadas a pedir em prestado um vestido dela. E você não im agina com o ele

ficou bem ! Quando Denny , Wickham , Prett e dois ou três m ais chegaram ,

nenhum deles o reconheceu. Eu m orria de tanto rir. Mrs. Forster tam bém . Rim os

tanto que eles ficaram desconfiados e descobriram então do que é que se tratava.

Com histórias deste gênero e diversas anedotas, procurou Ly dia, auxiliada pelas

sugestões de Kitty , distrair as suas com panheiras durante todo o cam inho até

Longbourn. Elizabeth ouviu o m enos que pôde. Mas a sua atenção era despertada

pelas frequentes alusões ao nom e de Wickham .

A recepção em casa foi das m ais afetuosas. Mrs. Bennet ficou satisfeita de ver

Jane bonita com o sem pre. E m ais um a vez durante o j antar, Mr. Bennet disse

espontaneam ente para Elizabeth:

— Estou contente que você tenha voltado, Lizzy .

O grupo que se sentou para jantar era grande, pois quase todos os Lucas tinham

vindo para rever Maria e ouvir as novidades. Vários foram os assuntos que os

ocuparam . Lady Lucas atirava perguntas a Maria, que estava do outro lado da

mesa, acerca da prosperidade e das atividades domésticas da sua filha mais velha.

Mrs. Bennet estava duplamente ocupada. De um lado indagava quais eram as

novidades da moda e repetia essas informações para as filhas mais novas dos

Lucas; e Lydia, numa voz mais alta do que a de qualquer outra pessoa,

enumerava os vários acontecimentos da manhã para todos os que desejassem

ouvir.

— Oh, Mary — disse ela —, eu queria que você tivesse vindo conosco, pois nos

divertimos imensamente. Durante o caminho Kitty e eu fechamos todas as

cortinas do carro e fingimos que não havia ninguém lá dentro. Teríamos os continuado

assim até chegar, mas Kitty ficou enjoada. E quando chegaram à hospedaria,

acho que nos com portam os muito bem , pois regalamos as outras três com o

melhor almoço frio do mundo, e se você tivesse ido, também teríamos convidado

você. E depois, na volta, também foi muito divertido. Eu pensei que nunca iríamos caber naquele carro. Quase morri de tanto rir. Falamos e rimos tão alto

que qualquer pessoa nos ouviria a dez milhas de distância.

Mary replicou, gravemente:

— Longe de mim depreciar tais prazeres, minha cara irmã; são os que melhor se

enquadram geralmente nos temperamentos femininos. Mas confesso que não

têm encantos para mim . Prefiro infinitamente um bom livro.

Lydia não ouviu nem uma só palavra desta resposta. Ela não dava atenção a

ninguém durante mais de meio minuto. E nunca ouvia o que Mary dizia.

De tarde Lydia insistiu com o resto das meninas para que fossem todas a

Meryton saber das novidades; mas Elizabeth se opôs firmemente a esse plano.

Não se deveria dizer que as irmãs Bennet não podiam ficar um dia em casa sem

ir correndo atrás dos oficiais. Havia também outro motivo para esta oposição.

Ser-lhe-ia extremamente penoso encontrar-se com Wickham e estava resolvida

a evitá-lo o máximo que pudesse. A próxima partida do regimento era um imenso

consolo para ela. Daí a 15 dias partiriam os oficiais e esperava ficar livres deles

para sempre.

Poucas horas depois de chegar em casa, Elizabeth descobriu que o plano de

Brighton a que Lydia aludira na hospedaria estava frequentemente em discussão

entre os seus pais. Viu imediatamente que o seu pai não tinha a menor intenção

de ceder. Mas as suas respostas eram ao mesmo tempo tão vagas e equívocas

que sua mãe, embora muitas vezes desanimada, ainda não tinha perdido as

esperança de triunfar afinal.

40

Elizabeth não conseguiu reprimir por mais tempo a impaciência em que estava

para contar a Jane o que tinha acontecido. E afinal, resolvendo omitir todos os

detalhes que dissessem respeito à sua irmã, e prevenindo-a de que ia ficar

surpresa, contou-lhe na manhã seguinte a maior parte da cena que se tinha

passado entre Mr. Darcy e ela própria.

A surpresa de Miss Bennet a princípio foi grande, mas aos poucos começou a

achar natural o que tinha acontecido, pois julgava que todos deviam compartilhar

a admiração que sentia por Elizabeth. Era realmente lamentável que Mr. Darcy

tivesse manifestado os seus sentimentos de uma forma que os recomendava tão

pouco. Mas o que mais a entristeceu foi o desgosto que a recusa de sua irmã lhe

devia ter causado.

— A certeza que ele tinha do seu êxito era falsa — disse Jane. — E sobretudo não

devia ter transparecido. Mas não se esqueça de que isto torna ainda mais cruel o

seu desapontamento.

— Realmente — disse Elizabeth —, eu sinto muito por ele. Mas Mr. Darcy tem

outros sentimentos que provavelmente expulsarão dentro de muito pouco tempo a

admiração que tem por mim. Mas você não me censura por tê-lo recusado?

— Censurar você? Oh, não...

— Mas você me censura por ter tomado tão a peito o partido de Wickham?

— Não, não sei o que haveria de errado no que você disse.

— Mas você saberá, depois que lhe contar o que aconteceu no dia seguinte.

Elizabeth falou então na carta, repetindo tudo o que ela continha, na parte que se

referia a George Wickham. Foi um grande choque para a pobre Jane, que de

bom grado passaria pelo mundo sem saber que existia nele toda tanta maldade,

com o a que se concentrava aqui num só indivíduo. Nem mesmo o a justificação de

Darcy, grata aos seus sentimentos, era suficiente para a consolar de uma tal

descoberta. Com a maior seriedade, Jane procurou provar que havia uma possibilidade de erro, tentando inocentar um deles sem acusar o outro.

— Isto não pode ser — disse Elizabeth —; você nunca conseguirá fazer com que

ambos tenham razão. Faça a sua escolha, mas é preciso que se contente com um

deles. As qualidades dos dois reunidas chegam apenas para fazer um homem

bom. Ultimamente as situações se têm invertido várias vezes. Quanto a mim

estou inclinada a acreditar em Mr. Darcy , mas você pode escolher o que quiser.

Passou-se algum tempo, entretanto, antes que um sorriso aparecesse no rosto de

Jane.

— Não me lembro mais de ter sofrido um tão grande desapontamento — disse

ela. — Wickham é tão ruim assim ? É quase inacreditável! E coitado de Mr.

Darcy ... Pensa, Lizzy , em tudo o que ele deve ter sofrido. Que decepção! E ficou

sabendo o que você pensa dele... E ter de contar uma coisa daquelas da sua própria irmã! É realmente muito triste. Creio que você deve sentir a mesma

coisa.

— Oh, não, minha com paixão e meu arrependimento se dissipam quando vejo

você toda cheia dos mesmos sentimentos! Tenho tanta certeza que você lhe fará

toda a justiça, que cada vez me sinto mais despreocupada e indiferente. A sua

generosidade dispensa a minha. E se você continuar a lamentá-lo muito mais

tempo, meu coração ficará tão leve como uma pena.

— Pobre Wickham ! O rosto dele exprime tanta bondade... Suas maneiras são tão

francas e amáveis...

— Houve certamente um grande erro na educação desses dois rapazes. Um tem

todas as qualidades e outro todas as boas aparências.

— Eu nunca achei que as aparências de Mr. Darcy eram tão más assim .

— E no entanto, ao tom ar partido tão violentamente contra ele, sem nenhum a

razão, eu me vangloriava da minha agudeza. Uma antipatia tão forte com o a que

eu tinha por ele é um grande incentivo para a inteligência e para a ironia. A gente

pode falar mais de um homem continuamente, sem nada exprimir de justo, mas

não se pode rir a vida inteira de alguém , sem de vez em quando se esbarrar numa coisa espirituosa.

— Lizzy , estou certa de que quando leu a carta pela primeira vez não encarava

as coisas do mesmo modo.

— Realmente, eu não podia. Estava muito perturbada. Posso dizer até infeliz. E

depois eu não tinha ninguém com quem falar, não tinha Jane para me consolar,

assegurando-me que eu não tinha sido tão fraca e leviana quanto eu sabia que

realmente fora. Oh, com o eu desejava que você estivesse junto de mim .

— Foi pena que você tenha usado de expressões tão fortes falando de Wickham

para Mr. Darcy . Pois agora vê-se claramente que foram imerecidas.

— Certo mesmo. Mas a infelicidade de falar assim argumentado é uma consequência natural da parcialidade de que me tinha tornado culpada. Há um

ponto sobre o qual eu quero o seu conselho. Quero saber se devo ou não revelar

aos nossos conhecidos qual é o caráter real de Wickham .

Miss Bennet fez uma pequena pausa e depois respondeu:

— Acho que não há motivo para uma tão terrível denúncia. Que pensa você?

— Acho que isto não deve ser feito. Mr. Darcy não me autorizou a tornar públicas as suas declarações; pelo contrário, ele me recomendou que guardasse

exclusivamente para mim todos os detalhes relativos à sua irmã. E se eu não

mençãoar este fato central, quem me acreditará? A opinião geral contra

Mr. Darcy é tão violenta que metade dos habitantes de Meryton morreria se eu

tentasse colocá-lo sob uma luz mais favorável. Não tenho forças para isto.

Wickham dentro em pouco partirá. E portanto, pouco importa que ninguém aqui

saiba o que ele é realmente. Algum dia será descoberto, e então nós poderemos

rir da estupidez dos outros por não terem adivinhado há mais tempo. No momento eu não direi nada.

— Tem toda a razão. Se denunciarmos os seus erros, podemos

arruinar a sua vida para sempre. Talvez esteja arrependido do que fez e ansioso

em refazer a sua reputação. Não devemos os fazer desesperar.

Esta conversa ajudou Elizabeth a pôr em ordem os seus tumultuosos

pensamentos. Ela se tinha libertado de dois segredos que lhe haviam pesado

durante 15 dias. Tinha a certeza de que Jane a tornaria a ouvir com a mesma

vontade, quando desejasse falar novamente. Mas ainda havia outra coisa que se

escondia na sombra e que a prudência de Elizabeth impedia de desvendar. Não

ousava relatar a Jane a outra metade da carta de Mr. Darcy, nem lhe revelar que

Bingley correspondera sinceramente ao seu afeto. Aí estava um segredo que

ninguém podia com partilhar. E ela com preendia que só o restabelecimento da

maneira perfeita com apreensão entre eles poderia desobrigá-la desse silêncio. E

refletiu que se este acontecimento tão pouco provável ocorresse, tudo o que poderia fazer era repetir o que o próprio Bingley diria de uma forma muito mais

agradável. “Só ficarei livre desse segredo”, pensou Elizabeth, “quando ele tiver

perdido todo o valor.”

Agora, instalada em casa, tinha toda a oportunidade de observar o estado real dos

sentimentos de sua irmã. Jane não estava feliz. Ela conservava muito viva a sua

afeição por Bingley. Com o nunca anteriormente ela se imaginara apaixonada,

esses sentimentos tinham todo o calor e toda a frescura do primeiro amor, e

devido ao seu caráter e idade, maior firmeza do que essas primeiras paixões em

geral possuem. Cultuava com tanto fervor a lembrança de Bingley e de tal modo

o preferia a qualquer outro homem, que precisava lançar mão de todo o seu bom

senso e de toda a sua consideração dos sentimentos alheios para dominar aquelas

tristezas que poderiam se tornar prejudiciais para a sua própria saúde e para a

tranquilidade dos seus amigos.

— Bem — disse Mrs. Bennet um dia para Elizabeth —, que é que você pensa

agora desse insucesso de Jane? Quanto a mim, estou decidida a não falar mais

nisto com ninguém. Foi o que disse à minha irmã Philips no outro dia. Mas eu não

consigo saber se Jane se avistou com ele em Londres. Bem, é um rapaz muito

pouco merecedor. E não creio que haja a menor probabilidade de Jane reavê-lo.

Nada se fala a respeito da sua volta a Netherfield no verão. Eu já indaguei de

todas as pessoas que poderiam saber.

— Eu creio mesmo o que nunca virá a Netherfield.

— Ah, bem, ele fará o que quiser. Ninguém deseja que volte. Mas eu continuaria

a dizer que foi muito desleal para com a minha filha. E se eu fosse ela, não teria

suportado isto; mas o meu consolo é que Jane sofrerá de desgosto. E ele então se

arrependerá do que fez.

Mas com o Elizabeth não via nenhum consolo neste prognóstico, nada respondeu.

— Bem , Lizzy — continuou a sua mãe, pouco depois. — Os Collins vivem lá

muito confortavelmente, não é? Bem , bem , eu só desejo o que isto dure. E com o é

a mesma deles? Charlotte é uma excelente dona de casa. Se é tão econômica quanto a mãe, deve estar pondo dinheiro de lado. Não há extravagância nenhuma a

na casa dos pais dela.

— Não, nenhuma.

— A boa administração de uma casa depende principalmente disto. Sim , sim ,

aqueles não correm o risco de gastar mais do que têm . Nunca terão

atrapalhões de dinheiro. Bem , que sejam felizes. E naturalmente fazem muitos

planos a respeito de Longbourn depois que o seu pai morrer, não? Já consideram

isto naturalmente com o uma propriedade sua.

— Foi um assunto que nunca mencionaram na minha frente.

— Mas também era só o que faltava. Mas não tenho a menor dúvida de que

falam nisto constantemente entre si. Bem , se a consciência não lhes dói, tanto

melhor para eles. Eu teria vergonha de herdar uma propriedade que não fosse

minha, legalmente.

41

Tinha passado a primeira semana depois do regresso das meninas. A segunda

começou. Chegara o dia da partida do regimento de Meryton. E todas as coisas

da redondeza definhavam de desgosto. A tristeza era geral. Apenas as duas mães

velhas da família Bennet conseguiam ainda comer, beber, dormir e passar o seu

tempo como de costume. Frequentemente recebiam visitas de Kitty e

Lýdia por causa daquela insensibilidade. O desgosto daquelas duas era extremo.

Elas não podiam compreender tanta dureza de coração.

— Que é que nós vamos fazer? — exclamavam frequentemente, impelidas pela

sua amargura. — Como é que você pode se mostrar tão sorridente, Lizzy?

Mrs. Bennet, que era uma mãe afetuosa, com partilhava a tristeza das filhas.

Recordava-se do que tinha sofrido há 25 anos.

— Eu me lembro — disse ela —; chorei durante dois dias seguidos quando o

regimento do coronel Miller foi embora. Pensei que ia me orrer de desgosto.

— Estou certa de que isto acontecerá comigo — disse Lydia.

— Se a gente pudesse ir a Brighton! — observou Mrs. Bennet.

— Oh, sim, se a gente pudesse ir a Brighton... Mas papai é tão desagradável!

— Alguns banhos de mar me restabeleceriam para sempre.

— E minha tia Philips disse que isto haveria de me fazer muito bem — acrescentou Kitty.

Tais eram as lamentações que se ouviam perpetuamente em Longbourn.

Elizabeth procurava se distrair com aquilo. Mas a sua vergonha lhe roubava todo

o prazer. Ela tornava a sentir a retidão das objeções de Mr. Darcy. E nunca antes

estivera tão disposta a perdoar a sua interferência no caso do seu amigo.

Mas as sombrias perspectivas de Lydia foram logo dissipadas, pois Mrs. Forster,

a mulher do coronel do regimento, a convidou para ir a Brighton, em sua companhia. Essa inestimável amiga era muito moça e estava casada há muito

pouco tempo. Era alegre e animada com o Lydia. E essa semelhança tornara

um uito íntimo as depois de três meses de relações.

O êxtase de Lydia, a sua adoração por Mrs. Forster, a alegria de Mrs. Bennet e a

mortificação de Kitty são impossíveis de descrever. Inteiramente indiferente aos

sentimentos da sua irmã, Lydia corria pela casa numa felicidade inextinguível,

exigindo que todos lhe dessem parabéns, rindo e falando com mais violência do

que nunca; enquanto isto, a infeliz Kitty permanecia na sala, lamentando o seu

destino em termos despropositados, numa voz ressentida:

— Não compreendo por que Mrs. Forster não me convidou também — disse ela.

— Em bora eu não seja a sua amiga particular, tenho tanto direito a ser convidada

quanto Lydia. Mais até, pois sou dois anos mais velha.

Elizabeth procurou em vão lhe inculcar sentimentos mais sensatos e Jane maior

resignação. Quanto a Elizabeth, esse convite estava longe de lhe produzir os

mesmos sentimentos que em sua mãe e em Lydia, pois o considerava como o uma

espécie de sentença de morte para todas as possibilidades de sua irmã vir um dia

a ter bom senso. E não pôde deixar de aconselhar secretamente a seu pai que não

deixasse Ly dia ir, apesar da repugnância que lhe inspirava um tal

em preendimento. Ela lhe descreveu todas as impropriedades da conduta de

Ly dia e as poucas vantagens que lhe poderiam advir da intimidade com um a

mulher com o Mrs. Forster e a probabilidade de que Ly dia se tornasse ainda mais

imprudente em companhia de um a tal pessoa e num lugar onde as tentações

seriam maiores do que em casa. Ele a ouviu atentamente, e respondeu:

— Ly dia nunca ficará tranquila enquanto não lhe acontecer alguma coisa. E ela nunca

encontrará melhor ocasião de fazer alguma coisa do que a atual, sem dar despesas

e trabalho à família.

— Se o senhor soubesse — disse Elizabeth — dos grandes inconvenientes que esta

conduta leviana de Ly dia em público, pode nos trazer, ou melhor, as que já nos

trouxe, encararia esta questão de maneira diferente.

— Já trouxe? — repetiu Mr. Bennet. — Será que ela já afugentou um dos seus

nam orados? Minha pobre Lizzy ... Mas não fique desanimada. Estes rapazes

difíceis que não suportam o contato de pequenos ridículos não são dignos de

saudade. Vam os, dê-m e a lista dos pobres coitados que foram postos em fuga

pelas loucuras de Ly dia.

— Realm ente, o senhor está enganado. Não tenho desgostos destes a lamentar.

Não é de dissabores particulares mas de inconvenientes que eu me queixo. A

nossa reputação deve sofrer necessariamente com a leviandade de Ly dia, a

imprudência e o desdém de toda restrição que me arcam o seu caráter. Desculpe,

mas eu preciso falar claramente. Se o senhor não se der ao trabalho de reprimir

essas loucuras e não lhe ensinar que as suas atuais ocupações não são a finalidade

da sua vida, em breve não haverá mais possibilidade de corrigi-la. Seu caráter

estará fixado e com 16 anos ela será uma terrível namorada, cobrindo a si

mesma e a sua família de ridículo. É uma namorada no pior sentido, sem

outros atrativos a não ser a sua mocidade e sua boa aparência. A sua ignorância e

futilidade a torná-lo incapaz de vencer o desprezo geral que o seu apetite imoderado de admiração há de provocar. E Kitty também corre o mesmo perigo. Ela acompanhará de olhos fechados os passos de Lydia. Vaidosa, ignorante, ociosa, e absolutamente descontrolada! Oh, meu querido pai, acha o

senhor possível que elas não sejam censuradas e desprezadas em qualquer lugar

em que se tornem conhecidas? E que as suas irmãs não serão frequentemente

envolvidas nesse mesmo desprezo?

Mr. Bennet viu que todo o coração da sua filha estava comprometido no assunto.

E tomando-lhe afetuosamente a mão, respondeu:

— Não se preocupe, meu bem. Onde quer que você e Jane sejam conhecidas,

serão respeitadas e apreciadas. E vocês não serão menos admiradas porque têm

duas, ou melhor, três irmãs bastante tolas. Não terão os um instante de sossego

em Longbourn se Lydia não for a Brighton. Portanto, deixe-a ir. O coronel

Forster é um homem sensato e tomará precauções para que nada de mal lhe

aconteça. E felizmente ela é pobre demais para ser um objeto de grandes

cobiças. Em Brighton terá menos importância, mesmo com o nome oradeira

vulgar, do que aqui. Os oficiais encontrarão coisas mais dignas de atenção.

Esperem portanto que a sua estada lá lhe mostre a sua insignificância. E de

qualquer forma ela não pode piorar muito de conduta sem nos autorizar a trancá-

la em casa para o resto da vida.

Elizabeth foi obrigada a se contentar com esta resposta. Mas a sua opinião continuou inalterada, e deixou o pai, desapontada e triste. Não estava na sua natureza, no entanto, remover os seus desgostos, tornando-os assim ainda maiores.

Bastava-lhe o consolo de ter feito o seu dever. E inquietar-se com males inevitáveis, ou aumentar-los pela ansiedade eram coisas que não combinavam

com o seu feitio.

Se Lydia e sua mãe tivessem sabido o assunto da conversa que Elizabeth tivera

com Mr. Bennet, toda a sua volubilidade somada não teria sido suficiente para

expressar a indignação que as possuiria. Na imaginação de Lydia, uma visita a

Brighton compreendia todas as possibilidades de felicidade terrena. Ela via com o

olhar criador da ficção, as ruas daquela alegre cidade balneária repletas de oficiais. Imaginava-se o centro de atenção de dezenas e centenas deles. Via todos

os esplendores do campo militar, as barracas, estendendo-se em belas filas regulares, povoadas de jovens alegres, resplandecentes nas suas túnicas vermelhas; para completar a cena via-se a si mesma sentada sob uma dessas

barracas, namorando pela menos seis oficiais ao mesmo tempo.

Se tivesse sabido que a sua irmã procurara arrancá-la de tais possibilidades e de

tais realidades, qual não teria sido a sua indignação? Ela só poderia ter sido compreendida pela sua mãe, cujos sentimentos seriam aproximadamente os

mesmos. A ida de Lydia para Brighton era a única coisa que a consolava da

certeza melancólica de que seu marido não tentava bem ir.

Mas elas ignoravam tudo o que se tinha passado. E seus êxtases continuaram com

pequenos intervalos, até o dia da partida de Lydia.

Elizabeth veria então Mr. Wickham pela última vez. Tendo-o encontrado

frequentemente em sociedade desde a sua volta, a sua agitação já se tinha acalmado. As emoções da sua antiga preferência, estas se tinham desvanecido

de todo. Conseguira mesmo distinguir uma certa afetação e uma onotonia nas

próprias gentilezas que a princípio ela tinham deliciado. Além disso, na conduta

atual de Wickham para com ela, Elizabeth encontrava uma nova fonte de

desprazer, pois a inclinação que ele lhe manifestou para renovar aquelas atenções

que tinham caracterizado os primeiros tempos das suas relações agora serviam

apenas para irritá-la ainda mais. Perdeu todo o respeito por ele, vendo-se assim

escolhida com o objeto de tão fúteis galanteios. E enquanto os repelia com

firmeza, não podia deixar de sentir a censura implícita na convicção de Wickham

de que quaisquer que tivessem sido as causas que tinham feito cessar as suas

atenções, e por maior que tivesse sido o período de tempo em que o fizera, a

vaidade de Elizabeth seria gratificada e a sua preferência reconquistada no

momento em que quisesse renovar as suas gentilezas.

No último dia que o regimento passou em Meryton, Wickham veio jantar em

Longbourn com outros oficiais. Elizabeth estava tão pouco disposta a se despedir

dele de bom humor que, quando Wickham lhe fez algumas perguntas sobre a

maneira com a qual passou o seu tempo em Hunsford, respondeu que o coronel

Fitzwilliam e Mr. Darcy tinham passado três semanas em Rosings e perguntou-

lhe se conhecia o primo.

Ele pareceu surpreendido, aborrecido, alarmado. Mas depois de se concentrar

um instante, respondeu sorrindo que outrora estivera frequentemente com ele. E

depois de observar que era um cavalheiro muito fino, perguntou se Elizabeth

tinha gostado dele. A resposta de Elizabeth foi calorosamente afirmativa. Com ar

de indiferença, pouco depois ele acrescentou:

— Quanto tempo disse que haviam passado em Rosings?

— Quase três semanas.

— Esteve com ele frequentemente?

— Sim, quase todos os dias!

— Suas maneiras são bem diferentes das de seu primo.

— Sim, muito diferentes. Mas acho que Mr. Darcy ganha muito quando o conhecem os melhores.

— Realmente — exclamou Wickham, com um olhar que não escapou a

Elizabeth. — E posso perguntar...

Porém, mudando de ideia, acrescentou, num tom mais alegre:

— Será na sua maneira de falar que ele melhorava? Ter-se-ia dignado a acrescentar um pouco de cortesia ao seu estilo habitual? Pois não ouse esperar

que tenha realmente melhorado nas coisas essenciais — continuou Wickham,

num tom mais grave.

— Oh, não — disse Elizabeth —, quanto às coisas essenciais, creio que continua

exatamente o que era.

Enquanto ela falava, a expressão de Wickham indicava que não sabia se se devia

alegrar com as suas palavras ou desconfiar do sentido das mesmas. Havia qualquer coisa no rosto de Elizabeth que o obrigava a seguir com atenção ansiosa

as suas palavras. Elizabeth acrescentou:

— Quando disse que ele melhorava à medida que se conhecia melhor o seu

temperamento, não queria dizer que seu espírito, nem tão pouco as suas

maneiras estavam em vias de aperfeiçoamento, mas que conhecendo-o melhor

o seu caráter se tornava mais compreensível.

A inquietude de Wickham transparecia agora no rubor que lhe subira ao rosto e

no seu olhar desassossegado. Durante alguns minutos ficou em silêncio e

finalmente, vencendo o seu embaraço, ele tornou a se virar para Elizabeth e

disse, num tom muito grave:

— A senhora, que conhece tão bem os meus sentimentos para com Mr. Darcy ,

há de compreender quanto eu me alegro sinceramente de que ele assum a, pelo

menos, a aparência de justiça. Nisso o orgulho dele pode ser útil, senão para ele

próprio, pelo menos para os outros, pois o impedirá de cometer tão flagrantes

injustiças com o as que eu tive de sofrer. Tem o apenas que essas precauções, às

quais, imagino, a senhora acaba de aludir, sejam apenas adotadas durante as

visitas em casa da sua tia, de cuja opinião e julgamento ele tem o maior respeito.

O medo que a sua tia lhe causa sempre atuou sobre ele, quando estão juntos; e

uma grande parte disto deve ser atribuída ao desejo que tem de favorecer o seu

projeto de casamento com Miss de Bourgh, pois sei com certeza que ele leva isto

muito a sério.

Elizabeth não pôde deixar de sorrir, mas respondeu apenas com um ligeiro aceno

de cabeça. Compreendeu que ele desejava arrastá-la para o assunto das

suas coisas e não estava disposta a tolerá-lo. Durante o resto da noite, Wickham

procurou se mostrar alegre e despreocupado com o sempre, porém cessou as

suas atenções para com Elizabeth. Separaram-se com mútua cortesia e possivelmente um desejo igual de nunca mais se encontrar.

Quando chegou a hora das visitas se retirarem, Lydia regressou com Mrs. Forster

para Meryton, de onde deveriam partir no dia seguinte de manhã cedo. A separação entre ela e o resto da família foi mais ruidosa do que patética. Kitty foi

a única que chorou, mas as suas lágrimas eram de humilhação e inveja. Mrs.

Bennet foi eloquente nos seus desejos de felicidade para a filha, e nas suas injunções para que ela não perdesse nenhuma oportunidade de se divertir, conselho que, tudo levava a crer, seria seguido à risca. E no meio dos clamores

com que Lydia exprimia a sua felicidade, os adeuses menos ruidosos das suas

irmãs quase não foram ouvidos.

42

Se as opiniões de Elizabeth se originassem do exemplo dado pela sua própria

família, a sua ideia da felicidade conjugal e de conforto doméstico não poderia

ser das mais lisonjeiras. Seu pai, cativado pela mocidade, beleza e aparência de

bom humor que a juventude em geral confere às mulheres, tinha-se casado com

uma pessoa de débil compreensão e de ideias estreitas; muito pouco tempo

depois do casamento, esses defeitos haviam extinguido toda a afeição sincera que

tinha por ela. O respeito, a estima, a confiança, tinham-se desvanecido para

sem proveito. E todos os seus anseios de felicidade doméstica foram destruídos. Mas

Mr. Bennet não era desses homens que procuram se consolar das decepções causadas pelas suas próprias imprevidências entregando-se a esses prazeres em

que os infelizes procuram uma distração para as suas loucuras e os seus

vícios. Ele gostava do campo e dos livros; disso tirava as suas principais

distrações, e quanto à sua mulher, pouco mais lhe devia do que os divertimentos

que o espetáculo da sua ignorância e a sua falta de senso lhe tinham proporcionado. Essa não é a espécie de felicidade que os homens em geral desejam encontrar no casamento. Mas na falta de outros dons, o verdadeiro

filósofo se contentará com os poucos que lhe são dados.

Elizabeth, no entanto, nunca fora cega aos defeitos de seu pai com o marido.

Aquilo sem pre lhe doera, mas admirando as suas qualidades e grata pela maneira afetuosa com que a tratava, Elizabeth se esforçava por esquecer o que

não podia deixar de perceber e bania dos seus pensamentos essas contínuas irregularidades de conduta conjugal que, expondo a sua mãe ao desprezo das

suas próprias filhas, era portanto altamente repreensível. Mas nunca sentira tão

fortemente com o agora as desvantagens que devem sofrer os filhos de um casal

tão pouco unido, nem com preendera antes tão claramente os males provenientes

de uma defeituosa aplicação de talentos; talentos que, bem empregados, poderiam proteger a respeitabilidade das suas filhas, mesmo se não conseguissem alargar a mentalidade da sua esposa.

Após o alívio que lhe causara a partida de Wickham , Elizabeth encontrou
m enos

prazer do que esperava na partida do regim ento. As reuniões em que tom
ava

parte eram m enos variadas do que antes. E em casa tinha um a m ãe e um a
irm ã

cuj as continuas lam entações sobre o tédio da vida que levavam proj
etavam um a

tristeza real sobre o círculo da fam ília. E em bora Kitty se m ostrasse às
vezes

m ais sensata, pois as causas que perturbavam o seu cérebro tinham sido

rem ovidas, em com pensação, Ly dia, cuj as tendências eram m ais
perigosas,

m orando agora num lugar tão im próprio, a um tem po caserna e balneário,
acentuaria provavelm ente os seus defeitos e a sua inconsciência. Em sum a,
portanto, descobriu, com o anteriorm ente j á m uitas vezes acontecera, que
os

acontecim entos esperados com im paciência não produziam , ao se
realizarem ,

toda a satisfação que deles esperava. Era portanto necessário m arcar um
outro

período para o com eço da sua verdadeira felicidade, ter outros pontos de
apoio

para os seus desej os e esperanças. E consolava-se atualm ente com o prazer
de

antecipar futuras felicidades. A sua viagem para os lagos constituía agora o objeto dos seus pensamentos mais felizes. Era o seu melhor consolo para as horas

desagradáveis que o descontentamento de Kitty e de sua mãe tornavam inevitável. E para tornar o seu plano perfeito, só faltava incluir nele Jane.

“Felizmente eu tenho alguma coisa a desejar”, pensou Elizabeth. “Se tudo não

no meu plano fosse perfeito, a minha decepção seria certa. Mas assim, levando

comigo uma fonte contínua de tristeza, a saudade de minha irmã, posso razoavelmente esperar que todas as minhas expectativas de prazer se realizem.

Um plano perfeito nunca pode ser realizado.”

Logo dia, ao partir, prometeu que escreveria frequentemente e minuciosamente

para sua mãe e para Kitty. Mas as cartas, ansiosamente esperadas, eram sem pre

mente muito curtas. As que eram dirigidas a Mrs. Bennet continham pouco mais do que

fatos com estes: tinham acabado de regressar da biblioteca, onde tais ou quais

oficiais as haviam acompanhado e onde tinham visto toaletes de enlourquecer;

tinham visto um vestido novo ou uma nova sombrinha que ela desejaria

descrever com mais detalhes, mas não podia, devido à grande pressa que tinha,

pois Mrs. Forster a estava chamando; deviam passear para os lados do

acampamento. As cartas de Kitty não eram mais informativas, embora mais

longas; a maior parte do sentido estava contido nas entrelinhas.

Depois das três primeiras semanas de ausência de Lydia, a saúde, o bom humor

e a alegria recomçaram a aparecer em Longbourn. Tudo tomou um

mais agradável. As famílias que tinham ido passar o inverno em Londres

começaram a regressar. Reiniciaram-se os divertimentos de verão. Mrs. Bennet

voltou à sua volubilidade habitual e no meio de junho, Kitty havia melhorado

tanto que já lhe era possível entrar em Meryton sem chorar, acontecimento tão

promissor que deu a Elizabeth a esperança de que no próximo Natal ela tivesse

juízo suficiente para não mencionarem o nome de um oficial mais de uma vez por

dia, não ser que, por uma ordem maligna e cruel do Departamento de

Guerra, outro regimento viesse acampar em Meryton.

A data fixada para a sua viagem pelo Norte estava se aproximando rapidamente.

Faltavam apenas 15 dias quando chegou uma carta de Mrs. Gardiner, que ao

mesmo tempo adiava a partida e abreviava a duração do passeio. Os negócios

impediam Mr. Gardiner de sair de Londres até 15 dias depois da data marcada. E

ele era obrigado a regressar dentro de um mês. Esse período era curto demais

para que fossem muito longe e vissem tudo o que tinham planejado. Pelo menos

impedia que visitassem tudo com o vagar e o conforto que haviam ideado.

Portanto eram obrigados a desistir de vez dos lagos. Era preciso fazer um circuito

mais reduzido. De acordo com o novo plano, não iriam além do Derbyshire.

Naquele condado havia muita coisa a ver e isto dava para encher as três semanas

que tinham. E para Mrs. Gardiner esse plano possuía um encanto particular.

Julgava a cidade onde passara alguns anos da sua vida tão digna de atenção quanto a célebre região dos lagos.

Elizabeth ficou extremamente desapontada. Tinha um grande desejo de ver os

lagos e continuava a pensar que havia tempo suficiente.

Mas Elizabeth era resignada e certamente tinha bom gênio. Em breve essa

decepção tinha passado.

Muitas ideias estavam associadas a esse condado do Derby shire.

Era impossível ler a palavra sem pensar em Pemberley e no seu proprietário.

Mas certamente, pensou, poderei penetrar naquela região sem que ele me veja.

O período de expectativa fora agora duplicado. Ela teria de esperar quatro semanas até a chegada de seus tios. Mas estas semanas passaram, e Mr. e Mrs.

Gardiner apareceram finalmente em Longbourn, acompanhados dos quatro filhos. As crianças, duas meninas de seis e oito anos de idade e dois meninos

menores, seriam entregues aos cuidados da prima Jane, que era a grande favorita. O seu bom senso, a doçura de seu gênio, pareciam destiná-la à missão

de cuidar das crianças.

Os Gardiner ficaram apenas uma noite em Longbourn, e partiram na manhã

seguinte com Elizabeth, em busca de aventuras. Um prazer pelos meninos era certo:

o de ter bons companheiros de viagem, com saúde, bom gênio para suportar

pequenos contratempos, bom humor para realçar todos os prazeres, afeição e

inteligência capazes de sugerir novas distrações, caso lhes adviessem decepções

no caminho.

Não tem a intenção de fazer a descrição do Derby shire, nem dos vários lugares notáveis por que passaram no caminho. Oxford, Blenheim, Warwick,

Kenilworth, Birmingham, etc. são suficientemente conhecidos. Uma pequena

parte do Derby shire é o que nos interessa. Eles se dirigiram para a pequena cidade de Lambton, onde Mrs. Gardiner residira. Recentemente descobrira que

ainda se encontravam lá alguns dos seus velhos conhecidos. E aí Elizabeth soube

da sua tia que Pemberley ficava situada a cinco milhas de Lambton. Pemberley

não ficava na estrada direta que deviam tomar, mas a uma ou duas milhas dessa

estrada. Na véspera, ao conversarem sobre o itinerário, Mrs. Gardiner tornou a

manifestar o desejo de rever a propriedade. Mr. Gardiner concordou e perguntaram a Elizabeth se aprovava a ideia.

— Meu bem, você gostaria de ver esse lugar de que tanto já ouviu falar?
—

perguntou sua tia. — Um lugar onde muitos conhecidos seus já moraram?

Wickham passou lá toda a sua mocidade, com o que você sabe.

Elizabeth ficou embaraçada. Compreendia que não tinha nenhum interesse em

ver Pemberley e foi obrigada a manifestar a pouca disposição que sentia.

Declarou que estava cansada de ver grandes casas.

Depois de percorrer tantas, não encontrava mais nenhum prazer em belos tapetes

ou cortinas de cetim .

Mrs. Gardiner zombou da sua ingenuidade.

— Se Pemberley fosse apenas uma casa rica e mobiliada — disse —, eu

tam pouco faria questão de ir. Mas o parque é lindíssimo, e os bosques são

mais belos do país.

Elizabeth não respondeu, mas no seu espírito não podia concordar.

Imediatamente lhe ocorreu a possibilidade de encontrar Mr. Darcy enquanto

visitava o lugar. Seria horrível. A simples ideia a fazia corar.

Talvez fosse preferível contar tudo claramente à sua tia, do que correr um tal

risco. Mas contra isto havia objeções. E finalmente decidiu que lançaria mão

dessa ideia com o último recurso, caso as indagações particulares que fizesse lhe

revelassem a presença da família em Pemberley .

Por isso, quando foi se deitar à noite, perguntou à criada se Pemberley não era

um lugar muito bonito, qual era o nome do proprietário e, com íntimo alarme, se

a família não estava lá para passar o verão.

Felizmente, a última pergunta foi respondida de modo negativo. E cessada a

causa das suas inquietações, ela sentia agora uma grande curiosidade em ver a

casa. E quando o assunto tornou a ser ventilado no dia seguinte, e novamente lhe

perguntaram a sua opinião, respondeu prontamente, com ar de indiferença, que

não fazia nenhum objeção ao plano.

43

No caminho, Elizabeth esperava emocionada a primeira aparição do bosque de

Pemberley . E quando afinal chegaram à casa do vigia e entraram no parque, a

sua agitação cresceu ainda mais.

O parque era muito grande e tinha os aspectos mais variados. Entraram nele pela

sua parte mais baixa e durante algum tempo caminharam através de um belo e

extenso bosque.

Apesar da conversa animada que mantinha com os seus tios, Elizabeth viu e

admirou todas as vistas e lugares pitorescos. Durante o dia a ilha o caminho subia

suavemente e depois de algum tempo se encontraram no topo de um morro

bastante alto, onde o bosque terminava.

No outro lado do parque se avistava imediatamente a casa de Pemberley e a

estrada, encurvando-se bruscamente, descia em direção a ela. Era um grande e

belo edifício, situado na encosta de uma colina, por detrás da qual se elevava

uma outra série de belas colinas arborizadas. Defronte da casa, corria um riacho

de regular tamanho que, represado, formava um pequeno lago. As suas margens

não tinham sido adornadas pela mão do homem. Elizabeth ficou encantada.

Nunca vira um lugar tão bem-dotado pela natureza. Ali, essa beleza natural não

fora ainda prejudicada por artifícios de um gosto duvidoso. Todos manifestaram

a sua admiração. Naquele momento Elizabeth sentiu que ser a proprietária de

Pem berley significava algum a coisa.

Desceram a colina, atravessaram a ponte e se aproximaram da casa.

Enquanto a

exam inavam de perto, voltaram a Elizabeth as suas apreensões quanto a um possível encontro com o dono da casa. Tinha medo de que a criada pudesse ter-

se enganado. Depois de pedirem para ver a casa, foram conduzidos ao hall. E

enquanto esperavam a caseira, Elizabeth teve tempo bastante para voltar a si,

perguntando a si própria por que motivo se encontrava naquele lugar. A caseira

chegou afinal. Era uma senhora idosa, de aspecto respeitável, muito mais simples

e amável do que esperavam. Acompanharam-na até à sala de jantar. Era uma

sala grande, bem proporcionada e mobiliada com elegância. Elizabeth, depois de

exam iná-la sumariam ente, foi até uma das janelas para apreciar a vista. A

colina de onde tinham descido, com as suas grandes árvores, parecendo mais

abrupta, era porém mais bela de longe. Tudo naquelas terras tinha sido bem -

aproveitado. Elizabeth contemplou a paisagem com encanto, o rio, as árvores

espalhadas pelas suas m argens, o vale serpenteando até onde a sua vista podia

alcançar.

Nos outros quartos, a cena variava. Mas de todas as j anelas a vista era linda. Os

quartos eram grandes e elegantes. E a m obília revelava a fortuna do proprietário;

m as Elizabeth adm irou o bom gosto dos m óveis, que não eram nem vistosos

dem ais, nem desnecessariam ente com plicados. Tinham m enos esplendor e m ais

elegância do que os de Rosings.

“Eu poderia ter sido a dona deste lugar”, pensou ela. “Estes quartos, eu os conheceria intim am ente. E em vez de vê-los com o um a estranha, eu poderia

alegrar-m e de possuí-los e receber aqui com o visitantes m eu tio e m inha tia.”

Mas voltando a si, continuou: “m as não, isto não poderia ser. Meu tio e m inha tia

estariam perdidos para m im . Jam ais m e perm itiriam convidá-los.”

Foi esta um a lem brança oportuna. Evitava que Elizabeth se arrependesse do que

tinha feito.

Estava ansiosa para perguntar à caseira se o seu patrão estava realm ente ausente.

Mas a coragem lhe faltava. Afinal, a pergunta foi feita pelo seu tio.
Elizabeth

desviou o rosto, assustada, enquanto Mrs. Rey nolds respondia que estava ausente,

acrescentando:

— Mas nós o esperamos os am anã com um grande grupo de am igos.

Elizabeth deu graças a Deus de ter vindo naquele dia e não no seguinte.

Sua tia cham ou-a para olhar um quadro. Ela se aproxim ou e viu sobre a lareira

um retrato de Mr. Wickham entre várias outras m iniaturas. Mrs. Gardiner

perguntou, sorrindo, se Elizabeth gostava do retrato. Mrs. Rey nolds se aproxim ou

e disse que era o retrato do filho do intendente do seu falecido patrão, que o tinha

educado a suas expensas.

— Ele agora entrou para o exército — acrescentou ela. — Mas creio que não deu

boa coisa.

Mrs. Gardiner olhou para a sobrinha com um sorriso que Elizabeth não pôde

retribuir.

— E este — disse Mrs. Rey nolds, apontando para outra m iniatura — é o m eu

patrão. O retrato é muito parecido. Foi feito ao mesmo tempo que o outro, há oito

anos.

— Já ouvi dizer que o seu patrão é um belo rapaz — disse Mrs. Gardiner, olhando

para o retrato. — O rosto é simpático. Mas, Lizzy, você pode dizer se é parecido

ou não.

O respeito de Mrs. Reynolds por Elizabeth pareceu aumentar depois desta alusão

às suas relações com o patrão.

— A senhora conhece Mr. Darcy ?

Elizabeth corou e respondeu:

— Um pouco.

— E não acha que ele é uma bela figura de homem ?

— Realmente.

— Estou certa de que não conheço outro que lhe seja superior. Mas na galeria lá

encontra-se também de ver um outro retrato melhor e maior do que este. Esta sala era o

lugar favorito do meu falecido patrão, e essas miniaturas estão exatamente no

lugar onde estavam quando era vivo. Gostava muito delas.

Isto explicou a Elizabeth o fato da miniatura de Mr. Wickham se encontrar entre

as outras.

Mrs. Reynolds, então, chamou a atenção dos visitantes para um retrato de Miss

Darcy pintado quando tinha apenas oito anos de idade.

— E Miss Darcy também é bonita? — perguntou Mr. Gardiner.

— Oh, sim, é a menina mais bonita que eu já vi. É tão instruída! Ela toca

piano e canta o dia inteiro. Na sala ao lado, tem um novo instrumento que acaba

de chegar para ela. Um presente do meu patrão. Ela virá amanhã também.

Mr. Gardiner, que tinha maneiras muito agradáveis e com unicativas, encorajava

Mrs. Reynolds com perguntas e observações; esta, fosse por orgulho ou afeição,

tinha evidentemente muito prazer em falar do seu patrão e da irmã dele.

— Seu patrão vem muitas vezes a Pemberley, durante o ano?

— Não tanto quanto eu queria, mas creio que ele passa metade do ano aqui. E

Miss Darcy vem sempre para os meses de verão.

“Exceto”, pensou Elizabeth, “quando ela vai para Ramsgate.”

— Se o seu patrão se casasse, a senhora o veria mais do que agora.

— Sim , senhora, mas não sei quando isto acontecerá. Não conheço ninguém que

esteja à altura dele.

Mr. e Mrs. Gardiner sorriram . Elizabeth não pôde se impedir de dizer:

— Sem dúvida, é um grande elogio que está lhe fazendo.

— Não digo mais do que a verdade. E todos que o conhecerem dirão a mesma

coisa — replicou Mrs. Reynolds.

Elizabeth achou que isto era ir demasiado longe. E ouviu com assombro a

acrescentar:

— Nunca ouvi o meu patrão dizer uma palavra ríspida em toda a minha vida. E

eu o conheço desde que tinha quatro anos de idade.

Este era o elogio mais extraordinário de todos, mais oposto às ideias de Elizabeth.

Ela acreditava firmemente que Mr. Darcy era um homem de mau gênio. A sua

curiosidade cresceu extraordinariamente. Queria outras informações. E ficou

grata ao tio, porque este disse:

— São poucas as pessoas de quem se pode dizer outro tanto. Tem muita sorte em

ter um patrão destes.

— Sim , senhor, sei disto muito bem . Se eu sáísse por este mundo, não encontraria

outro melhor. Mas já notei que as pessoas de bom caráter em criança também o

são quando adultos. E Mr. Darcy , em menino, tinha um gênio de anjo e um

coração de ouro.

Elizabeth ficou boquiaberta. “Será mesmo Mr. Darcy ?”, pensou.

— O pai dele era um homem excelente — disse Mrs. Gardiner.

— Era mesmo; e o filho será exatamente com o ele. Igualmente afável para com

os pobres.

Elizabeth ouviu, espantou-se, duvidou, e ficou impaciente por ouvir mais. Mrs.

Reynolds não a poderia interessar noutro ponto. Em vão ela falou sobre os personagens que os quadros representavam , as dimensões da sala e o preço dos

óveis. Mr. Gardiner, que achava muito divertida aquela parcialidade pela família, a que ele atribuía os excessivos louvores de Mrs. Reynolds, tornou a

introduzir o assunto. E Mrs. Reynolds discorreu com energia sobre as qualidades

do seu patrão, enquanto subiam todos a grande escadaria.

— Ele é o m elhor proprietário e o m elhor patrão que j am ais existiu — disse. —

Não é com o os rapazes loucos de hoj e que só pensam em si próprios. Não existe

um só dos seus rendeiros ou criados que não fale nele com adm iração. Muitos

dizem que é orgulhoso; m as eu nunca vi nada disto. Quanto a m im , penso que é

porque ele não é tagarela com o os outros rapazes.

“Sob que luz favorável ela o coloca”, pensou Elizabeth.

— Estas inform ações não concordam com o seu procedim ento com o nosso

pobre am igo — sussurrou a sua tia, enquanto cam inhavam . — Talvez estej am os

enganadas.

— Não é provável. O testem unho é dos m elhores.

Depois de chegarem ao espaçoso hall em cim a, foram conduzidos a um a linda

sala de j antar, decorada recentem ente, com m aior elegância e graça do que os

apartam entos e salas de baixo. E foram inform ados de que tudo aquilo tinha sido

feito para dar prazer a Miss Darcy , que tinha m anifestado preferência por aquela

sala, da últim a vez que estivera em Pem berley .

— Ele é certamente um bom irmão — disse Elizabeth, enquanto se dirigia para

uma das janelas.

Mrs. Reynolds antecipava a surpresa de Miss Darcy, quando ela entrasse no

apartamento.

— Tudo o que pode fazer para agradar a sua irmã, eu vou executar

imediatamente. E é sem premissa que age; não existe nada que não faça para lhe

dar um prazer.

A galeria de retratos e os dois ou três quartos de dormir principais eram tudo que

lhe restava a ver. A galeria continha muitos quadros interessantes, mas Elizabeth

não entendia de pintura. Já quando lhe tinham mostrado os outros, em baixo,

desviara o rosto para examinar uns desenhos a lápis de Miss Darcy, cujos

assuntos eram geralmente mais interessantes e também mais fáceis de entender.

Na galeria havia também muitos retratos de família. Estes quadros, porém,

tinham pouco interesse para uma estranha. Elizabeth procurou neles, apenas, os

traços que conhecia. Afinal, um desses retratos lhe despertou a atenção. Era de

um a pessoa cuj o rosto se parecia notavelm ente com o de Mr. Darcy e tinha um

sorriso que j á se lem brava de ter visto tam bém no seu rosto, quando ele a contem plava. Deteve-se durante vários m inutos diante do retrato, olhando-o

fixam ente. E antes de sair da galeria, voltou para exam iná-lo; e Mrs. Reynolds

inform ou-a de que fora pintado ainda em vida do falecido Mr. Darcy .

Havia naquele m om ento, no espírito de Elizabeth, um sentim ento de

benevolência para com o atual proprietário de Pemberley , com o j am ais tivera

no período em que m elhor o conhecera. Os elogios de que Mrs. Reynolds o tinha

cum ulado não eram de pouca m onta. Nenhum louvor é m ais valioso do que o de

um criado inteligente. A felicidade de m uitas pessoas dependia dele com o irmão,

com o proprietário e com o patrão. Ele tinha o poder de dispensar o prazer e a dor,

e a faculdade de praticar em larga escala o bem e o m al. Tudo o que Mrs.

Reynolds dissera a seu respeito tinha sido favorável. E diante da tela em que o

seu rosto fora retratado e cuj os olhos pareciam fitá-la, Elizabeth pensou na

admiração de Mr. Darcy por ela própria, com uma gratidão que já mais sentira.

Recordou a força daquela afeição e suavizou as expressões com que ele a exteriorizara.

Depois de terem visto a casa toda, tornaram a descer as escadas, e ao se despedirem da caseira, foram entregues aos cuidados do jardineiro, que os encontrou na porta do hall. Enquanto atravessavam o gramado em direção ao

riacho, Elizabeth voltou-se para tornar a ver a casa; sua tia também se detivera, e

enquanto a primeira fazia conjecturas sobre a data em que fora construído o edifício, o proprietário em pessoa surgiu de repente na estrada que conduzia às

cocheiras, do outro lado da casa.

Estavam a cerca de vinte metros um do outro, e seu aparecimento foi tão repentino que era impossível a Elizabeth se esconder. Seus olhos se encontraram

imediatamente. E ambos coraram de um modo intenso. Ele teve um sobressalto

e por um momento a surpresa o paralisou; mas, voltando imediatamente a si,

adiantou-se em relação ao grupo e se dirigiu a Elizabeth, senão com absoluta

calma, pelo menos com toda a habilidade.

Elizabeth tinha se virado instintivamente, mas vendo-o aproximar-se, deteve-se e

recebeu os seus cumprimentos com um embaraço impossível de dominar. Se a

sua aparência a princípio, ou a sua semelhança com o retrato que tinham acabado de examinar, já não tivessem demonstrado por si a Mr. e Mrs. Gardiner

que avistaram agora Mr. Darcy em pessoa, a expressão de surpresa do

jeardineiro ao ver o seu patrão teria sido suficiente para o revelar. Ficaram um

pouco afastados, enquanto ele conversava com a sua sobrinha, e esta, atônita e

embaraçada, mal ousava levantar os olhos, e respondia inconscientemente às

perguntas de cortesia que lhe fazia sobre a sua família. E extremamente surpresa

com a mudança nas maneiras de Mr. Darcy, cada frase que ele pronunciava

agora aumentava a sua confusão. Voltavam-lhe à mente todas as ideias a respeito da inconveniência de encontrá-lo ali e os poucos minutos em que estiveram juntos foram os mais penosos na sua vida. Ele não parecia também

estar muito à vontade. Quando falava, a sua expressão não tinha a calma habitual. Perguntou várias vezes em que dia Elizabeth saía de Longbourn e

quanto tempo se demoraria no Derby shire, de uma maneira tão apressada, que

se tornara evidente que os seus pensamentos estavam longe. Afinal todas as ideias pareceram faltar-lhe. E depois de ficar parado e mudo durante alguns instantes, Mr. Darcy voltou a si de súbito e se despediu.

Os outros então se aproximaram dela e exprimiram a sua admiração pela figura

do rapaz; mas Elizabeth, inteiramente absorvida em seus pensamentos, não ouviu

uma só palavra. Acompanhou-os em silêncio; sentia-se esmagada de vergonha e

de contrariedade. A sua vinda ali fora a ideia mais infeliz e mais irrefletida do

mundo. Com o aquele encontro deveria parecer estranho a Mr. Darcy ! E sob que

luz desfavorável não a colocaria aos olhos de um homem tão vaidoso! Poderia

até parecer que ela se tinha atirado no seu caminho! Oh, por que tinha vindo? Ou

por que tinha ele vindo na véspera do dia em que era esperado? Se tivessem saído

dez minutos mais cedo de Pemberley, ele não a teria reconhecido de longe, pois

era evidente que chegava naquele momento e que tinha acabado de saltar do

cavalo ou da carruagem . Ela enrubesceu várias vezes ao recordar a perversidade

daquele acaso. E que poderia significar aquela alteração que vira nos seus modos? Era espantoso que ele lhe tivesse dirigido a palavra. Mas falar com tanta

habilidade e perguntar pela sua família! Nunca, na sua vida, Elizabeth lhe vira

maneiras tão cordiais e tão pouco cerimoniais. Nunca lhe falara com tanta

doçura quanto durante aquele encontro inesperado. Que diferença daquela ocasião em que se dirigira a ela no parque de Rosings, a fim de lhe entregar a

carta. Não sabia o que pensar, nem com o explicar aquilo.

Tinham agora penetrado num belo caminho que acompanhava as margens do

riacho e cada passo que davam os aproximava de uma das mais belas partes do

bosque. Mas só algum tempo depois é que Elizabeth começou a notar o que a

cercava, e em breve respondesse mecanicamente aos repetidos apelos dos

seus tios para que contemplasse os aspectos que lhe apontavam , não distinguia

perfeitamente nenhum detalhe da paisagem . Seus pensamentos se voltavam para

a casa de Pemberley e procuravam adivinhar o lugar em que Mr. Darcy agora

se encontrava. Ansiava por saber o que lhe passava pela mente naquele

momento, de que maneira pensava nela, e se apesar de tudo ainda lhe era cara.

Talvez ele tivesse se mostrado tão amável porque se sentisse indiferente. No

entanto, na sua voz, não havia transparecido aquela tranquilidade. Elizabeth não

sabia se ele sentira aborrecimento ou prazer ao vê-la. Mas, certamente, não

permanecera indiferente. Afinal, as observações dos seus companheiros sobre a

sua distração fizeram-na voltar a si e com isto lhe ocorreu a ideia de que era

necessário se mostrar mais natural.

Penetraram no bosque e, dizendo adeus ao riacho por algum tempo, subiram

para uma região mais elevada; e aí, através de clareiras ocasionais, descobriram

encantadoras vistas do vale, das colinas do outro lado, recobertas de extensos

bosques e ocasionalmente do riacho. Mr. Gardiner exprimiu o desejo de fazer a

volta do parque, caso fosse possível percorrê-lo a pé. Mas o jardineiro informou-

os com um sorriso triunfante de que o parque tinha mais de dez mais ilhas de circunferência. Teriam portanto de se contentar com o circuito habitual.

Tornaram a descer a colina por entre os bosques que lhe revestiam a encosta, até

voltar ao riacho num dos pontos em que as suas margens eram mais estreitas.

Atravessaram-na por uma ponte rústica; era uma região mais selvagem do que

as que tinham visitado até agora. E o vale, estreitando-se, tornava-se uma várzea

diminuta, ocupada pelo curso d'água e por um caminho estreito, cercado de

multidões de arbustos selvagens. Elizabeth desejava explorar os meandros do riacho,

mas depois de atravessarem a ponte e perceberem a distância em que se

encontravam da casa, Mrs. Gardiner, que não gostava muito de caminhar,

declarou que não podia ir mais adiante e que desejava voltar para a carruagem o

mais depressa possível. Elizabeth foi portanto obrigada a submeter, e o grupo

voltou em direção à casa, do outro lado do rio, tomando o caminho mais curto.

Mas a caminhada foi lenta, pois Mr. Gardiner, que gostava muito de pescar, mas

raram ente tinha oportunidade de fazê-lo, se detinha a todo instante para observar

as trutas, e fazer perguntas ao homem em que os acompanhava. Enquanto

caminhavam assim lentamente, tiveram novamente a surpresa de avistar Mr.

Darcy, que se aproximava a pequena distância. O espanto de Elizabeth foi igual

ao que sentira durante o primeiro encontro. O caminho, que era menos protegido

do que do outro lado, permitiu que o vissem antes de encontrá-lo. Elizabeth,

embora espantada, estava pelo menos mais preparada para a entrevista.

Resolveu que falaria com calma se Mr. Darcy tentasse realmente abordá-los.

Durante alguns instantes, pensou que ele ia dobrar por outro caminho, mas a ideia

durou enquanto um a volta da estrada o ocultava das suas vistas. Feita a volta, ele

surgiu diretamente diante deles. Com um rápido olhar, Elizabeth viu que Mr.

Darcy nada tinha perdido da sua recente habilidade; e para imitar a sua

polidez, logo depois que se encontraram, ela começou a louvar as belezas do

lugar. Mas apenas as palavras “lindo” e “encantador” lhe tinham saído dos lábios,

um a infeliz recordação a assaltou e ela imaginou que aqueles elogios a

Pemberton podiam ser mal-interpretados. Embaldeceu e não disse mais nada.

Mrs. Gardiner estava parada um pouco atrás. E quando Elizabeth cessou de falar,

Mr. Darcy lhe perguntou se queria lhe fazer a honra de apresentá-lo aos seus

amigos. Elizabeth não esperava esta demonstração de cortesia e não pôde deixar

de sorrir, ao vê-lo agora procurar o conhecimento daquelas mesmas pessoas

contra as quais o seu orgulho se tinha revoltado quando lhe propusera casar com ela.

“Com o que vai ficar espantado”, pensou ela, “quando souber quem são eles. Imagina

naturalmente que são pessoas de importância...”

A apresentação, no entanto, foi feita imediatamente. E ao mencionarem o

parentesco que os unia, Elizabeth não pôde deixar de olhar de soslaio para Mr.

Darcy, esperando vê-lo fugir o mais depressa que pudesse da companhia de

gente tão modesta. Era evidente que o parentesco o surpreendia. No entanto nada

deixou perceber e longe de se voltar para partir, regressou com eles e entrou em

conversação com Mr. Gardiner. Elizabeth não pôde deixar de se sentir

lisonjeada. Mas não experimentava nenhum sentimento de triunfo; em todo caso

era consolador ter a certeza de que Mr. Darcy sabia agora que ela não precisava

se envergonhar dos seus parentes. Ouvia com a maior atenção tudo o que se

passava entre eles e ficava radiante cada vez que uma expressão ou uma frase

do seu tio revelava a sua inteligência, o seu bom gosto e as suas belas maneiras.

Dentro em pouco conversavam sobre a pesca. Ela ouviu Mr. Darcy convidar o

seu tio, com a maior cortesia, para pescar no parque todas as vezes que quisesse,

oferecendo-lhe ao mesmo tempo os necessários acessórios, e indicando-lhe as

partes do riacho onde a pesca em geral era mais proveitosa. Mrs. Gardiner, que

estava de braços com Elizabeth, lançou para a sua companheira um expressivo olhar de surpresa. Elizabeth nada disse, mas ficou extremamente

satisfeita. Aquele ato de galanteria lhe era provavelmente dirigido; o seu espanto,

entretanto, era extremo, e repetia continuamente: “por que é que ele está tão

alterado? Qual será o motivo disto? Não pode ser por minha causa, pois minhas

admirações em Hunsford não poderiam efetuar nele uma tão grande alteração; é impossível que ainda me ame.”

Depois de caminhar algum tempo desse modo, as duas senhoras na frente, os

dois cavalheiros atrás, ao chegarem à margem do rio onde iam examinar um a

curiosa planta aquática, houve uma pequena alteração: Mrs. Gardiner, fatigada

pelo exercício daquela manhã, achou o braço de Elizabeth inadequado para nele

se apoiar e preferiu o do seu marido. Mr. Darcy tomou o seu lugar ao lado de

Elizabeth e eles continuaram a caminhar. Depois de um curto silêncio, Elizabeth

foi quem primeiro falou. Desejava que Mr. Darcy soubesse que antes de vir

tinha feito indagações e lhe tinham afirmado que ele estaria ausente, e por isso se

decidira a vir visitar o lugar. Com efeito, portanto, observando que a sua chegada

tinha sido inesperada.

— A sua caseira — acrescentou — nos informou que o senhor não chegaria

antes de amanhã. E aliás, antes de saírem os de Bakewell, disseram -nos que o

senhor não era esperado imediatamente.

Mr. Darcy reconheceu a verdade do que ela dizia e respondeu que, por causa dos

negócios que tinha a tratar com o seu intendente, adiantara-se algum as horas aos

seus com panheiros de viagem .

— Chegarão amanhã cedo — continuou. — Aliás, virão algum as pessoas que a

conhecem : Mr. Bingley e suas irmãs.

Elizabeth respondeu com um leve aceno da cabeça. Seus pensamentos a levaram

imediatamente para a ocasião em que o nome de Mr. Bingley fora pronunciado

entre eles pela última vez. E se lhe era dado julgar pela expressão do rosto de Mr.

Darcy , seus pensamentos tinham tomado um rumo semelhante.

— Existe também outra pessoa no grupo — continuou ele, depois de uma pausa

— que desejo particularmente conhecê-la. Se me permitir, eu lhe apresentarei a

minha irmã, durante a sua estada em Lambton. Ou será que lhe peço demais?

A surpresa que causava a Elizabeth um tal pedido era realmente grande. Na sua

perturbação ela concordou, mas sem saber de que maneira o fazia.

Compreendeu imediatamente que esse desejo de Miss Darcy só poderia ter sido

inspirado pelo seu irmão. E não era preciso fazer muitas indagações para descobrir que isto era bastante satisfatório. Era agradável saber que o ressentimento de Mr. Darcy não o levava a pensar mal a seu respeito.

Continuaram a caminhar em silêncio, ambos mergulhados nas suas reflexões.

Elizabeth não se sentia muito à vontade. Isto era impossível. Mas sentia-se lisonjeada e contente. O seu desejo de lhe apresentar a irmã era uma homenagem de grande delicadeza. Em pouco eles haviam se distanciado bastante dos outros. E quando chegaram à carruagem, Mr. e Mrs. Gardiner estavam a uns duzentos metros atrás. Mr. Darcy então convidou-a a entrar. Mas

Elizabeth declarou que não estava cansada. Eles permaneceram de pé no gramado. Num a ocasião com o aquela, muitas coisas podiam ser ditas e o silêncio

era embaraçoso. Elizabeth queria conversar, mas parecia haver um obstáculo

em quase todos os assuntos. Afinal se lembrou de que estivera viajando e eles

falaram de Matlock e de Dove Dale com grande perseverança. No entanto, o

tempo e a sua tia caminhavam lentamente. E a sua paciência e as suas ideias

estavam completamente esgotadas antes do tête-à-tête terminar. Quando Mr. e

Mrs. Gardiner se aproximaram, foram convidados a entrar, mas isto foi recusado

e todos se separaram com a maior polidez. Mr. Darcy ajudou as senhoras a entrar na carruagem e quando esta se afastou Elizabeth o viu caminhando lentamente em direção à casa.

As observações dos seus tios tiveram então início. Ambos declararam que o

tinham achado infinitamente superior ao que esperavam.

— Ele é perfeitamente cortês e modesto — disse Mr. Gardiner.

— Existe certamente um pouco de dureza nas suas maneiras — replicou Mrs.

Gardiner —, mas ela se limita à sua atitude e não lhe vai mal. Agora eu posso

dizer com o Mrs. Reynolds que, embora muitas pessoas o chamem de orgulhoso,

não vi nada disto.

— O que me surpreendeu mais foram as suas maneiras para conosco. Eram

mais do que polidas, eram realmente atenciosas. Suas relações com Elizabeth são

muito recentes.

— Naturalmente, Lizzy — disse Mrs. Gardiner —, ele não é tão bonito quanto

Wickham, embora os seus traços sejam perfeitamente regulares. Mas não entendo por que você nos disse que ele era tão desagradável.

Elizabeth se desculpou da melhor forma possível; disse que o achara mais simpático da última vez que estivera com ele no Kent, e que nunca o vira tão

agradável quanto naquela manhã.

— Mas talvez ele seja um pouco excêntrico nas suas habilidades — replicou

Mr. Gardiner. — Os homens importantes em geral o são. E portanto não tomarei

ao pé da letra o convite que me fez para pescar, pois é possível que me ude de

ideia amanhã e me expulse do seu parque.

Elizabeth sentiu que eles se tinham enganado redondamente sobre o caráter de

Mr. Darcy, mas não disse nada.

— Pelo que vim ao dele — continuou Mrs. Gardiner —, eu já mais poderia pensar

que fosse capaz de agir tão cruelmente com qualquer pessoa com o fez com o

pobre Wickham . A sua expressão não revela seu caráter, pelo contrário, tem

um modo de mover os lábios, quando fala, que muito me agrada. E há um a

dignidade no seu rosto que dificilmente daria a alguém uma ideia desfavorável

do seu coração. Aliás, a boa mulher que nos mostrou a casa atribuiu-lhe o mais

brilhante dos caracteres. Às vezes eu não podia mesmo pedir de rir alto. Creio que

ele deve ser um patrão condescendente e aos olhos de um criado isto resume

todas as virtudes.

Elizabeth sentiu então que deveria dizer alguma coisa para justificar o

procedimento de Darcy em relação a Wickham . E portanto deu a entender a

seus tios, da forma mais reservada que podia, que, pelo que ouvira dos seus

parentes no Kent, os seus atos eram susceptíveis de uma interpretação

inteiramente diferente. E que o seu caráter nem de longe era tão defeituoso

quanto o tinham suposto no Hertfordshire; por outro lado o de Wickham estava

longe de ser tão perfeito. E para confirmar o que lhes dizia, relatou os detalhes de

todas as transações pecuniárias em que se tinha envolvido, sem dar o nome da

pessoa que a informara, porém acrescentando que era digna de todo o crédito.

Mrs. Gardiner ficou surpreendida e preocupada. Mas com o se aproximavam

agora do lugar onde residira na sua mocidade, ela se entregou toda ao encanto

das suas recordações, e estava tão preocupada em mostrar ao marido as

maravilhas das redondezas, que se esqueceu do resto. Apesar de todas as fadigas

da manhã, logo depois do jantar tornaram a sair em procura dos antigos

conhecidos de Mrs. Gardiner, e esta passou a noite entregue ao prazer de reatar

antigos laços de amizade.

As ocorrências daquele dia eram demasiado interessantes para que Elizabeth

pudesse dar muita atenção a esses novos amigos. E ela não podia fazer outra

coisa senão pensar e refletir com assombro nas habilidades de Mr. Darcy e

sobretudo no seu desejo de lhe apresentar a irmã.

Elizabeth tinha combinado com Mr. Darcy que ele traria a irmã para visitá-la

logo no dia seguinte ao da sua chegada em Pemberley. E decidiu portanto não se

afastar da hospedaria durante toda aquela manhã. Mas a sua conclusão foi falsa,

pois logo na manhã seguinte à sua chegada em Lambton, surgiram esses visitantes. Elizabeth e seus tios tinham estado passeando pela cidade com alguns

dos seus novos amigos e acabavam de regressar à hospedaria, a fim de se vestirem para jantar com a mesma família, quando o ruído de uma carruagem

os atraiu para a janela. Elizabeth imediatamente reconheceu a libré,

compreendeu do que se tratava e relatou, com grande surpresa para seus parentes, a honra que a estava esperando. Seu tio e sua tia ficaram

extraordinariamente surpreendidos, e o embaraço de Elizabeth ao lhes

comunicar aquilo, somado à circunstância em si, e à lembrança de muitas outras

do dia precedente, lhe deu uma nova visão do que se passava. Nada o havia

sugerido anteriormente, mas as sentiam que agora não havia outra maneira de

explicar as atenções de Mr. Darcy sem supor um interesse dele pela sua

sobrinha. Enquanto essas novas ideias lhe atravessavam o pensamento, a

perturbação de Elizabeth crescia a cada momento. Ela mesma ficou espantada

com o seu nervosismo. Além de outras inquietações, temia que Mr. Darcy, com

a sua parcialidade, houvesse exagerado as suas qualidades. E ansiosa com o nunca por agradar, desconfiava naturalmente de que todos os seus recursos seriam escassos.

Elizabeth recuou da janela com medo de ser percebida. E enquanto caminhava

de um lado para outro, procurando se acalmar, percebeu os olhares curiosos de

seus tios, o que tornou tudo ainda pior.

Miss Darcy e seu irmão apareceram. E aquela temível apresentação ocorreu

afinal. Com espanto Elizabeth percebeu que a sua nova conhecida estava tanto ou

mais embaraçada do que ela. Desde que chegara a Lambton, Elizabeth ouvira

dizer várias vezes que Miss Darcy era extremamente orgulhosa. Mas agora, a

observação de poucos minutos lhe bastou para constatar que ela era apenas extremamente tímida. Foi muito difícil obter dela outras palavras a não ser

simples monossílabos. Miss Darcy era alta e mais corpulenta do que Elizabeth, e

em bora tivesse pouco mais de 16 anos, suas formas eram bem desenvolvidas e

sua aparência graciosa. Seus traços eram menos regulares do que os do seu irmão, mas havia bom senso e cordialidade na sua expressão. E as suas maneiras

eram perfeitamente modestas e polidas. Elizabeth, que esperava encontrar nela

uma observadora tão aguda e impassível quanto Mr. Darcy, sentiu-se extremamente aliviada ao discernir tamanha diferença de feitio.

Poucos momentos depois de chegar, Darcy avisou que Bingley também viria lhe

apresentar os seus parentes, e Elizabeth mal tivera tempo de exprimir a sua

satisfação, quando ouviu na escada os passos rápidos de Bingley e no mesmo

instante ele apareceu na sala. Há muito já se tinha acalmado todo o

ressentimento de Elizabeth contra ele. Mesmo porém que conservasse ainda um

resto daqueles sentimentos, teria sido impossível resistir à singela cordialidade

com que ele se exprimiu ao tornar a vê-la. Bingley perguntou pela sua família de

maneira cordial, em bora vaga, falando com a mesma tranquilidade bem-humorada de sempre.

Mr. e Mrs. Gardiner o olharam tam bém com m uito interesse. Há m uito que

desej avam conhecê-lo. O grupo todo, aliás, despertava neles a m ais viva curiosidade. As suspeitas que a atitude de sua sobrinha acabara de provocar fez

com que observassem cada um dos presentes com curiosidade, em bora reservadam ente. E chegaram im ediatam ente à conclusão de que um a daquelas

pessoas presentes, pelo m enos, sabia o que era o am or. Quanto aos sentim entos

de Elizabeth, perm aneceram um pouco em dúvida. Mas era evidente que o rapaz

tinha por ela um a fervorosa adm iração.

Elizabeth, por sua vez, tinha m uito o que fazer. Queria se certificar dos sentim entos de cada um dos visitantes. Queria dom inar os seus e tornar-se agradável para todos. E neste últim o ponto, acerca do qual eram m aiores as suas

apreensões, podia estar m ais certa do seu êxito, pois aqueles a quem desejava

agradar estavam dispostos a seu favor. Em Bingley encontrou a m elhor das disposições, Georgiana ansiava por satisfazê-la e Darcy estava sequioso das suas

atenções.

Ao ver Bingley , Elizabeth se lembrou naturalmente da sua irmã e ela teria dado

muita coisa para saber se os pensamentos dele tinham tomado o mesmo rumo

que os seus. As vezes parecia-lhe que ele falava menos do que antigamente. E

outras vezes parecia a Elizabeth que ao olhar para ela, procurava encontrar no

seu rosto a semelhança de outra pessoa. Mas em boca esta impressão pudesse ser

imaginária, Elizabeth não poderia se enganar quanto ao comportamento de Miss

Darcy , em quem certas pessoas tinham esperado encontrar uma rival para Jane.

Nem de um lado nem de outro, um só olhar deixou transparecer qualquer

interesse especial. Nada ocorreu entre eles que pudesse justificar as esperanças

de Miss Bingley . Quanto a este ponto, ela poderia ficar inteiramente tranquila. E

antes dos visitantes irem em boca, ocorreram dois ou três pequenos fatos que,

segundo a interpretação ansiosa de Elizabeth, denotavam uma recordação de

Jane, não desacompanhada de ternura da parte de Bingley e de um desejo de

dizer outras coisas que pudessem conduzir à menção do seu nome, sem que ele o

ousasse. No momento em que os outros estavam conversando, Bingley observou

para Elizabeth, num tom que denotava uma certa ansiedade, que há longo tempo

não tinha o prazer de vê-la. E antes que pudesse responder, ele acrescentou:

— Faz mais de oito meses. Não nos vemos desde o dia 26 de novembro, quando

estavam os todos dançando juntos em Netherfield.

Elizabeth ficou satisfeita ao ver que a memória de Bingley era exata. E depois,

quando os outros estavam distraídos, ele encontrou ocasião de perguntar se todas

as irmãs de Elizabeth estavam em Longbourn. A pergunta nada tinha de

excepcional, com o tão pouco a observação precedente. Era o seu olhar e as suas

maneiras que lhe prestavam toda a sua significação.

Elizabeth não teve muitas ocasiões de voltar os seus olhos para Mr. Darcy, mas

todas as vezes que o olhava de relance, surpreendia uma expressão de

contentamento, e tudo o que ele dizia era num tom tão diferente da sua antiga

atitude e desdém que Elizabeth ficou convencida que a melhoria das suas

maneiras, que presenciara na véspera, por mais tem porária que se mostrasse,

durava pelo menos mais do que um só dia. Quando o via assim ocupado em

procurar a companhia e a boa opinião de pessoas com as quais há poucos dias

passados ele teria julgado desonroso antes relações, quando o ouvia tratar com

maior habilidade não só a ela, Elizabeth, mas aos próprios parentes que tinha

tão abertamente desdenhado, durante aquela cena na reitoria de Hunsford, a

indança parecia tão grande, e a impressãoava de tal maneira, que só com o

maior esforço ela conseguia esconder a sua surpresa. Nunca o vira tão desejoso

de agradar, tão livre de orgulhosas e rígidas reservas como o agora, nem mesmo

na companhia dos seus queridos amigos de Netherfield, ou de seus importantes

parentes em Rosings. E agora, precisadamente, nada poderia resultar dos seus

esforços, e o simples conhecimento daquelas pessoas para as quais dirigia agora

as suas atenções provocaria a censura e o sarcasmo das senhoras de Netherfield

e de Rosings.

Os visitantes demoraram cerca de meia hora. E quando se levantaram para partir, Mr. Darcy se dirigiu à sua irmã, pedindo que apoiasse o convite que fazia

a Mr. e Mrs. Gardiner e a Miss Bennet para que fossem jantar em Pemberley

antes de partirem. Miss Darcy prontamente acedeu, embora com um ar tímido

que revelava o pouco hábito que tinha de fazer convites. Mrs. Gardiner olhou

para a sobrinha, desejosa de saber se Elizabeth, a quem o convite principalmente

se dirigia, estava disposta a aceitá-lo. Mas a sua sobrinha desviara a cabeça.

Presumindo portanto que esta atitude estudada exprimia mais um momento

embaraço do que qualquer desagrado da proposta, e vendo que o seu marido, que

apreciava a sociedade, estava disposto a aceitar, ela consentiu, e o jantar foi marcado para daí a dois dias.

Bingley disse então que o seu prazer em tornar a ver Elizabeth seria imenso, pois

tinha ainda muito o que lhe dizer e muitas perguntas a lhe fazer sobre os seus

amigos de Hertfordshire. Elizabeth, interpretando aquilo tudo com o um desejo de

ouvir falar em Jane, ficou satisfeita. Graças àquela e a outras coisas, depois que

os visitantes partiram, ela se pôs a pensar naquela última meia hora com alguma

satisfação, em bora tivesse sido pequeno o seu prazer durante todo o decurso da

visita. Desejava de ficar a sós e temerosa das perguntas e alusões dos seus tios,

permaneceu em companhia destes apenas o tempo necessário para ouvir as suas

opiniões favoráveis sobre Bingley. Em seguida deixou-os apressadamente, sob o

pretexto de se vestir.

Elizabeth não tinha razão de temer a curiosidade de Mr. e de Mrs. Gardiner. Eles

não desejavam forçar as suas confidências. Compreendiam que Elizabeth conhecia Mr. Darcy muito mais intimamente do que tinham suposto. Era evidente que estava muito apaixonado por ela. Viam naquilo um motivo de interesse porém nada que justificasse indagações.

Quanto a Mr. Darcy, ansiavam por imaginar as melhores coisas a seu respeito.

Até onde se estendiam as suas relações, não encontravam nele nenhum defeito.

Não podiam deixar de se sentir tocados pela sua polidez. Se tivesse imaginado o

caráter de Darcy pelas suas próprias impressões e pelas informações da sua

criada, a sociedade do Hertfordshire, onde ele tinha residido, não o teria reconhecido. Havia agora, entretanto, interesse em acreditar nas palavras de Mrs. Reynolds. E em pouco chegaram à conclusão de que a opinião de uma

criada que o conhecera desde os quatro anos de idade, e cujas maneiras eram as

de uma pessoa respeitável, não poderia ser rejeitada sumariamente. Os seus

amigos de Lambton, por outro lado, não sabiam de nenhum fato que pudesse

diminuir o valor daquele testemunho. De nada o acusavam senão de orgulho. E

orgulho ele tinha certamente. E mesmo se não o tivesse, esse defeito lhe seria

imputado pelos habitantes de uma pequena cidade provincial, onde a família não

possuía relações. Todos reconheciam no entanto que era um homem generoso, e

fazia bem aos pobres.

Quanto a Wickham, os visitantes logo descobriram que não era muito estimado

no lugar, pois em boa hora nada de preciso se soubesse sobre as suas relações com o

filho do seu protetor, no entanto era sabido que ao sair do Derby shire deixara

muitas dívidas e que Mr. Darcy mais tarde as tivera saldado.

Elizabeth pensou mais em Pemberley naquela noite do que na precedente. E

embora as horas lhe parecessem difíceis de passar, não foram suficientes para

que chegasse a uma conclusão acerca dos seus sentimentos. E ficou duas horas

acordada, tentando ler em seu coração. Certamente não o odiava. Não, o ódio há

muito se dissipara e há muito também se envergonhava de ter antipatizado com

ele. O respeito que as suas valiosas qualidades lhe inspiravam, embora a princípio

admitido com relutância, já há longo tempo cessara de ser repugnante para os

seus sentimentos. Ele agora se transformava num sentimento mais cordial,

graças aos testemunhos tão altamente a seu favor, e à impressão favorável que

Darcy lhe produzira na véspera. Mas acima de tudo, acima do respeito e da

estima, encontrava em si mesma um motivo de boa vontade que seria impossível

desprezar: era a gratidão. Gratidão não somente porque agora, mas porque

ainda a amava bastante para esquecer toda a acrimônia e petulância com que ela

o rejeitara e todas as acusações injustas com que apanhara essa rejeição.

Estivera persuadida de que Darcy a evitaria com o a sua maior inimiga. E, no

entanto, durante aquele encontro accidental, ele se mostrara ansioso por restabelecer as suas relações, sem qualquer exibição indelicada de sentimentos

ou qualquer excentricidade de maneiras, no seu modo de tratá-la a sós.

Procurava também a boa opinião dos amigos de Elizabeth, e insistira para apresentá-la à sua irmã. Um a tal mudança num homem em tão orgulhoso produzia

não somente espanto, mas gratidão. Pois só podia ser atribuída ao amor, e a um

amor ardente. E a impressão que sobre ela esse amor produzia não era de modo

algum desagradável, em bora não pudesse ser exatamente definível. Ela o respeitava e estimava; era-lhe grata, sentia um interesse real pelo seu bem-estar.

E queria apenas saber até que ponto desejava que aquele bem-estar dependesse

dela, e para felicidade de ambos, até que ponto deveriam empregar o poder que

imaginava ainda possuir de fazer com que ele renovasse as suas atenções.

Ficara decidido naquela noite entre a tia e a sobrinha que uma cortesia tão decisiva com o a que manifestara Miss Darcy , vindo visitá-los no mesmo dia da

sua chegada em Pemberley , deveria ser retribuída por um esforço de polidez da

sua parte. Acharam , portanto, que seria altamente conveniente fazer uma visita a

Pemberley na manhã seguinte. Elizabeth ficou contente. No entanto, quando

perguntou a si mesma o motivo desse contentamento, não encontrou resposta.

Mr. Gardiner saiu logo depois da primeira refeição. O plano da pescaria fora

renovado no dia anterior e um encontro marcado com alguns dos cavalheiros em

Pemberley , ao meio-dia.

45

Convencida com o que estava agora Elizabeth de que a antipatia de Miss Bingley era

devido ao ciúme e, não podia deixar de sentir que a sua presença em Pemberley

seria muito desagradável para aquela moça. E estava curiosa para saber em que

grau de habilidade da parte de Miss Bingley as suas relações seriam agora

renovadas.

Ao alcançarem a casa, foram conduzidas através do hall para o salão, que, dando

para o lado norte, era muito agradável no verão. Das suas janelas, abrindo-se

para o pátio, descortinava-se uma vista encantadora das altas colinas recobertas

de árvores e dos belos carvalhos e castanheiros, espalhados sobre o gramado

próximo.

Nesse aposento foram recebidas por Miss Darcy e pela senhora com quem ela

morava em Londres; Mrs. Hurst e Miss Bingley também estavam presentes.

Georgiana as recebeu com toda a habilidade, embora na sua atitude

transparecesse aquele embaraço que provinha da sua timidez e do seu medo de

errar e que poderia facilmente ser tomado por orgulho e reserva pelas pessoas

que se sentissem inferiores. Mrs. Gardiner e sua sobrinha, no entanto, lhe faziam

justiça e tinham pena dela.

Mrs. Hurst e Miss Bingley se limitaram a cumprimentá-las de longe com a

cabeça. E depois que se sentaram , seguiu-se um a pausa em barçosa durante

alguns segundos. A pausa foi quebrada por Mrs. Annesly , um a senhora m uito

gentil e agradável. A tentativa que fez para introduzir um assunto qualquer de

conversação provava que ela era m ais bem -educada do que as duas outras.

Estabeleceu-se um a conversação entre essa senhora e Mrs. Gardiner, com o

apoio ocasional de Elizabeth. Miss Darcy parecia desej ar apenas um certo

encoraj am ento para entrar na palestra. E às vezes arriscava um a frase curta,

quando parecia não haver m uito perigo de ser ouvida.

Elizabeth percebeu desde logo que estava sendo atentam ente observada por Miss

Bingley e que não podia dizer um a só palavra, especialm ente para Miss Darcy ,

sem que a outra não se pusesse a escutar. Esta observação não teria im pedido

Elizabeth de procurar estabelecer um a conversação com Miss Darcy , se não

estivesse sentada a um a distância tão inconveniente desta. Ela esperava a cada

m om ento a entrada dos cavalheiros. Desej ava e ao m esm o tem po tem ia que o

dono da casa estivesse entre eles. E não sabia qual dos seus sentimentos era o

mais forte, se o seu desejo ou o seu temor. Depois de permanecer desta maneira

durante um quarto de hora, sem ouvir a voz de Miss Bingley, Elizabeth teve a sua

atenção despertada por uma fria pergunta que aquela lhe dirigia sobre a sua família. Respondeu com igual indiferença e concisão e a outra nada mais disse.

O acontecimento seguinte foi a entrada de criados que traziam travessas de carne

fria, bolos e uma grande variedade das melhores frutas da estação. Mas isto não

ocorreu senão depois de muitos olhares significativos e sorrisos de Mrs. Annesly,

dirigidos a Miss Darcy para lhe lembrar as suas obrigações com o dono da casa.

Havia agora ocupação suficiente para o grupo inteiro, pois em breve nem todos

pudessem conversar, no entanto, todos podiam comer. E as pessoas presentes se

reuniram em volta da mesa, diante das belas pirâmides de uvas, ameixas e pêssegos.

Assim ocupada, Elizabeth teve uma boa oportunidade para refletir se temia

realmente o aparecimento de Mr. Darcy ou se o desejava. E então, embora no

momento anterior o seu desejo tivesse predominado, pôs-se agora a rejeitar que

ele viesse.

Mr. Darcy estivera durante algum tempo com Mr. Gardiner, que pescava em

companhia de outros dois cavalheiros da casa. Mas ao saber que Elizabeth e sua

tia tinham resolvido fazer uma visita a Georgiana naquela manhã, ele os deixou

para voltar à casa. Assim que apareceu, Elizabeth resolveu imediatamente se

mostrar perfeitamente desinteressada. Era uma resolução mais fácil de ser

tomada do que de ser cumprida, pois percebeu que as atenções de todo o grupo

se dirigiam para eles. Todos os olhos se voltavam para observar a atitude de Mr.

Darcy, desde o momento em que entrou na sala. Mas em nenhuma fisionomia se

refletia uma curiosidade tão forte quanto na de Miss Bingley, apesar dos seus

sorrisos derramados, cada vez que se dirigia a Darcy, pois o ciúme e ainda não a

tornara desesperada, e de forma alguma desistira de conquistar Mr. Darcy de

atenções. Depois da chegada do irmão, Miss Darcy começou a fazer esforços

ainda maiores para conversar. E Elizabeth percebeu que ele estava desejoso de

que a sua irmã a conhecesse melhor, encorajando todas as tentativas de conversação entre elas. Miss Bingley também observou aquilo e na imprudência

da sua cólera, aproveitou a primeira oportunidade para dizer, com um sarcasmo

mal-encoberto:

— É verdade, Miss Eliza, que o regimento da irmã foi removido de Meryton?

Deve ter sido uma grande perda para a sua família.

Em presença de Darcy ela não ousava mencionar o nome de Wickham. Mas

Elizabeth compreendeu imediatamente que era nisto que ela estava pensando. E

por um instante as suas tristes recordações lhe produziram uma confusão passageira. Mas esforçando-se para repelir vigorosamente aquele malévolo ataque, respondeu à pergunta num tom bastante indiferente. Enquanto falava,

lançando um olhar involuntário para Darcy, percebeu que este, com o rosto alterado, olhava fixamente para ela e que Miss Darcy, cheia de confusão, tinha

os olhos baixos. Se Miss Bingley tivesse previsto que ia causar tanto desconforto à sua amiga, não teria feito aquela alusão. Mas a sua intenção fora apenas perturbar Elizabeth, aludindo a um homem por quem acreditava que Elizabeth nutria afeição, fazendo com que ela mostrasse uma susceptibilidade que a poderia prejudicar aos olhos de Darcy, lembrando-lhe talvez as loucuras e os absurdos de certas pessoas da família de Elizabeth. Miss Bingley nada sabia a respeito do planejado rapto de Miss Darcy. Nenhum a pessoa o sabia, além de Elizabeth. E Darcy desejava particularmente esconder este fato da família de Bingley, devido àquela esperança que Elizabeth há muito lhe atribuía de que um dia aquela família se tornasse a da sua irmã. Ele tinha certamente formado aquele plano. E embora não admitisse que tal intenção tivesse pesado na sua tentativa de separar o seu amigo de Miss Bennet, era provável que aumentasse o seu interesse pelo bem-estar do seu amigo.

No entanto, a atitude digna de Elizabeth em breve acalmou aquela emoção. E

com o Miss Bingley , contrariada e desapontada, não ousava fazer nenhum a

alusão m ais direta a Wickham , Georgiana tam bém voltou a si aos poucos, m as

não ousou m ais dizer um a só palavra. Darcy , cuj os olhos Elizabeth tem ia encontrar, j á tinha esquecido quase com pletam ente o interesse que esta tivera

por Wickham e aquele ataque, cuj o propósito fora afastar os seus pensam entos

de Elizabeth, pareceu ter um efeito exatam ente contrário.

Pouco depois term inou a visita. Enquanto Mr. Darcy acom panhava as senhoras à

carruagem , Miss Bingley dava expansão aos seus sentim entos, criticando a

pessoa de Elizabeth, suas m aneiras e seu vestido. Mas Georgiana não a

encoraj ava. A recom endação de seu irm ão lhe era suficiente. Aos seus olhos, o

j ulgam ento dele era infalível. E Darcy tinha falado em Elizabeth em term os tão

elogiosos que Georgiana se dispusera a encontrar nela todos os encantos e todas

as qualidades im agináveis. Quando Darcy voltou ao salão, Miss Bingley não pôde

se im pedir de repetir um a parte das coisas que dissera à sua irm ã.

— Achei Eliza Bennet m uito m aldisposta esta m anhã — exclam ou ela.

— Nunca

vi uma pessoa mudar tanto em tão pouco tempo. A sua pele está tão escura e tão

áspera! Louisa e eu estavam os dizendo que quase não a reconhecemos.

Por muito que estas palavras desagradassem a Mr. Darcy, ele se limitou a responder friamente que não percebera nela nenhuma alteração, a não ser que

estava um pouco queimada, fato que nada tinha de milagroso, quando uma

pessoa viaja no verão.

— Aliás — continuou Miss Bingley —, devo confessar que nunca encontrei nenhuma beleza nela. Seu rosto é fino demais. Sua pele não tem brilho. E os

traços dela não são nada bonitos. Ao nariz falta caráter, não há força nas suas

linhas, os dentes são passáveis, mas nada têm de extraordinário. Quanto aos

olhos, que eu ouvi algumas vezes dizer que são bonitos, não vejo neles nada de

excepcional. Seu modo de olhar é duro e falso. E nas suas maneiras, há uma

vaidade sem elegância que eu acho intolerável.

Miss Bingley estava persuadida de que Darcy admirava Elizabeth; aquela não

era portanto a melhor maneira de se recomendar aos seus olhos. Mas o ciúme e a

fazia perder a cabeça. Todo êxito que obteve foi de vê-lo afinal um pouco irritado. No entanto ele permaneceu resolutamente calado. Decidida a fazê-lo

falar, prosseguiu:

— Lembra-me, quando a vi pela primeira vez no Hertfordshire, com o

nós nos surpreendemos de que ela tivesse a fama de ser bonita. Lembra-me

especialmente de ouvi-lo dizer, certa noite, depois de um jantar a que

foram convidados em Netherfield: “se ela é bonita, então, a mãe é inteligente.” Mas

depois parece que mudou um pouco de opinião, pois já o ouvi dizer, uma vez, que

ela achava bastante bonita.

— Sim — replicou Darcy, incapaz de se conter por mais tempo —, mas isto foi

quando eu a vi pela primeira vez, pois há muito tempo já que a considero uma

das mais belas mulheres que conheço.

Ele então se afastou, e Miss Bingley ficou com a satisfação de o ter forçado a

dizer uma coisa que não lhe agostava a ninguém, a não ser a ela própria.

Mrs. Gardiner e Elizabeth, ao regressarem, conversaram a respeito de tudo o que

tinha acontecido durante essa visita, exceto sobre o que lhes interessava particularmente. Discutiram a atitude e a palavra de todos, menos da pessoa que

havia mais fortemente atraído a sua atenção. Falaram em sua irmã, seus amigos,

sua casa, suas frutas, em tudo a não ser nele próprio. No entanto Elizabeth ansiava por saber o que Mrs. Gardiner pensava dele. E Mrs. Gardiner teria ficado

muito satisfeita se Elizabeth tivesse introduzido o assunto.

46

Elizabeth ficara muito desapontada ao chegar em Lambton, por não encontrar

uma carta de Jane. E este desapontamento fora renovado cada manhã desde que

aí se encontrava. Mas no terceiro dia, a sua expectativa foi recom pensada, pois

recebeu duas cartas de Jane ao mesmo tempo, numa das quais estava escrito que

tinha sido enviada para outro lugar por engano. Elizabeth não ficou surpreendida,

pois Jane tinha escrito o endereço de maneira quase ilegível. Estavam se preparando para passear quando as cartas chegaram. Seu tio e sua tia, querendo

que ela ficasse à vontade para ler, partiram sozinhos. A carta extraviada devia

ser lida primeiro. Fora escrita cinco dias antes. O comêço continha um relato de

todas as pequenas reuniões e divertimentos da família com as últimas novidades

da região. Mas a segunda metade, que estava datada do dia subsequente e fora

evidentemente escrita em grande agitação, trazia notícias mais importantes. Dizia

assim :

Querida Lizzy , desde que comêcei esta carta, aconteceu um fato inesperado e

muito sério. Tenho medo de assustá-la. Pode ficar certa de que todos estão bem .

O que eu tenho a contar diz respeito a nossa pobre Lydia. Um mensageiro chegou ontem à noite, quando já estavam os todos deitados. Era do coronel

Forster e dizia que Lydia tinha partido para a Escócia com um dos seus oficiais.

Para falar a verdade, foi com Wickham ! Imagina a nossa surpresa. Para Kitty ,

entretanto, não parece uma coisa tão inesperada. Estou triste. Acho que é um

casamento muito imprudente para ambos. Mas quero esperar o melhor e fazer o

possível para acreditar que o caráter dele foi malcompreendido. Creio que ele

seja leviano e indiscreto. Mas este ato não me parece revelar um meu coração.

Sua escolha por Lydia é desinteressada; pois ele não deve ignorar que papai nada

pode dar à sua filha. Nossa pobre mãe está muito desgostosa, e eu pai suporta as

coisas melhor. Que sorte não terem os contado a Lydia nada do que sabíamos

contra ele. Precisamos também esquecer estas coisas. Partiram sábado mais ou

menos à meia-noite, ao que parece, mas a sua ausência não foi notada senão

ontem de manhã às oito. O mensageiro foi mandado imediatamente. Minha

querida Lizzy, eles devem ter passado a dez milhas de distância daqui. O coronel

Forster diz que tem motivos para esperar brevemente o regresso de Wickham.

Lydia deixou algumas linhas para Mrs. Forster, informando-a acerca da sua

resolução. E preciso concluir, pois não posso me afastar muito tempo da minha

pobre mãe. Espero que você compreenda esta carta, pois eu nem sei bem o que

escrevi.

Sem tempo para refletir, sem saber quais eram exatamente os seus

sentimentos, Elizabeth, ao acabar esta carta, abriu imediatamente a outra, com a

maior paciência, e leu o que se segue (a carta fora escrita um dia depois da

conclusão da primeira):

Ao receber esta, minha querida irmã, você já deve ter recebido a minha primeira carta. Faço votos para que a segunda seja mais inteligível, pois, embora

não esteja satisfeita pelo tempo, minha cabeça está tão confusa que não me

responsabilizo pela coerência das minhas palavras. Minha querida Lizzy, eu nem

sei o que vou escrever; tenho más notícias para você e não posso adiar esta comunicação. Por imprudente que seja o casamento de Mr. Wickham com a

nossa pobre Lydia, estão os pais agora ansiosos para obter a confirmação de que

tenha sido realmente realizado, pois existem bons motivos para acreditar que eles

não foram para a Escócia. O coronel Forster chegou aqui ontem, tendo saído de

Brighton no dia anterior, poucas horas depois de ter enviado o expresso. Embora

o bilhete de Lydia para Mrs. Forster desse a entender que eles tinham ido para

Gretna Green, correu que em Brighton Denny dissera que na sua opinião

Wickham não tencionava absolutam ente ir para a Escócia nem se casar com

Ly dia. Chegando isto aos ouvidos do coronel Forster, ele ficou alarm ado e saiu

im ediatam ente de Brighton, com o intuito de ir no encalço dos fugitivos.

Conseguiu descobrir facilm ente o cam inho que tinham tom ado até Clapham , m as

daí por diante não havia sinais da sua passagem , pois naquele lugar tinham tom ado um coche de aluguel e deixado o carro que os trouxera de Epsom . Tudo

o que se sabe deles depois disso é que foram vistos na estrada de Londres. Não

sei o que pensar. Depois de fazer todas as indagações possíveis daquele lado, o

coronel Forster voltou para o Hertfordshire, detendo-se em todas as encruzilhadas

e hospedarias, em Barnet e Hatfield, m as sem nenhum resultado. Ninguém os

tinha visto passar. Preocupado, por nossa causa, ele veio atenciosam ente a

Longbourn e nos revelou as suas apreensões de um a form a m uito honrosa para o

seu caráter. Estou sinceram ente penalizada por ele e por Mrs. Forster, m as

ninguém os poderá acusar de nada. A nossa aflição é grande, m inha querida

Lizzy ; papai e mãe acreditam no pior, mas eu não posso crer que ele seja

assim tão perverso. E muito possível que Lydia e ele tenham julgado mais

conveniente realizar o casamento em segredo em Londres e desistido do seu

primativo projeto; e mesmo o que ele tenha desígnios tão perversos contra uma

moça bem-relacionada com o Lydia, o que não é provável, não posso crer que

Lydia tenha perdido todo o juízo. Impossível! Mesmo no entanto dizer que o

coronel Forster não acredita no casamento. Ele sacudiu a cabeça quando eu lhe

expressei as minhas esperanças e disse que temia que Wickham não fosse um

homem de confiança. Nossa pobre mãe está realmente doente, e não pode sair

do quarto. Seria melhor se ela fizesse um esforço, mas isto não é muito provável;

quanto a papai, nunca na minha vida o vi tão perturbado. Ele se zangou muito

com a pobre Kitty porque escondeu aquele namorado, mas com o era um segredo,

acho essa atitude natural da sua parte. Estou contente, minha querida Lizzy, que

algum as dessas cenas penosas lhe tenham sido poupadas, mas as agora não posso

me pedir de dizer que espero com ansiedade o seu regresso. Não terei entretanto o egoísmo de pedir-me muita pressa, se não lhe for conveniente. Até

breve. Tomo o novame a minha pena para fazer o contrário do que acabo de

lhe dizer, mas as coisas estão de tal modo que não posso deixar de lhe suplicar

que vocês todos venham o mais cedo possível. Conheço o meu caro tio e a minha

tia tão bem, que não tenho medo de fazer este pedido. Ao primeiro, tenho outro

pedido para fazer. Meu pai vai partir para Londres com o coronel Forster

imediatamente, a fim de procurar os fugitivos. Num a circunstância com o esta, os

conselhos e o auxílio do meu tio seriam inestimáveis. Ele compreenderá

imediatamente o que eu sinto. Confio na sua bondade.

— Oh, onde está meu tio — exclamou Elizabeth, dando um salto da cadeira, na

sua ansiedade de ir ter com ele sem perda de um minuto; mas ao chegar à porta,

esta foi aberta por um criado e Mr. Darcy apareceu. A palidez do rosto de

Elizabeth e os seus gestos agitados o assustaram. E antes que ele pudesse voltar a

si e falar, ela, que tinha em mente acima de tudo a situação de Lydia, exclamou

apressadamente:

— Sinto muito mas tenho que deixá-lo. Preciso encontrar Mr. Gardiner imediatamente. O assunto é urgente, não tenho um instante a perder.

— Meu Deus, que terá acontecido — exclamou ele, com mais inquietude do que

polidez. Mas voltando a si, acrescentou:

— Não a deterei um só minuto. Mas deixe-me ir chamar Mr. e Mrs. Gardiner ou

mandar o criado. No estado em que está, não pode ir pessoalmente.

Elizabeth hesitou, mas os seus olhos tremiam tanto que ela compreendeu que

não poderia ir muito longe. Chamando o criado, ela o encarregou de ir

imediatamente chamar o seu patrão e a sua patroa, e dizer-lhes que voltassem

para casa.

Depois que o criado saiu, Elizabeth sentou-se, incapaz de se sustentar nas pernas. O

seu estado era tão lamentável que Darcy compreendeu que era impossível deixá-la. E não pôde se impedir de dizer, num tom de doçura e piedade:

— Deixe-me chamar a sua criada. Quer tomar alguma coisa? Posso lhe oferecer

um copo de vinho? Parece que está se sentindo mal.

— Não, obrigada — replicou ela, procurando dominar-se. — Eu não tenho nada.

Estou mal e sentindo bem. Apenas estou muito aflita por causa de más notícias que

acabo de receber de Longbourn.

Ao aludir àquele fato, ela começou a chorar e durante alguns minutos não pôde

falar. Mr. Darcy, penalizado e aflito, pôde apenas exprimir vagamente a sua

preocupação e observá-la num silêncio piedoso. Afinal ela tornou a falar.

— Acabo de receber uma carta de Jane, com terríveis notícias. Não é possível

escondê-las de ninguém. Minha irmã mais moça abandonou todos os seus amigos, fugiu, entregou-se a... Mr. Wickham. Partiram juntos de Brighton.

Conhece-o bem demais para ter dúvidas quanto ao resto da história. Ela não tem

dinheiro, relações, nada que o possa tentar. Está perdida para sempre!

Darcy ficou imobilizado de espanto.

— E quando penso — acrescentou ela, num tom mais agitado — que eu poderia

ter evitado isto, eu, que sabia quem ele era; se tivesse apenas revelado à minha

própria família uma parte do que vim a saber, se o seu caráter fosse conhecido,

nada disto teria acontecido. Mas agora é tarde, demasiado tarde.

— Estou imensamente penalizado — exclamou Darcy, aflito. — Mas isto é certo,

absolutamente certo?

— Oh, sim. Eles saíram de Brighton juntos sábado à noite e foram seguidos quase

até Londres. Certamente não foram para a Escócia.

— E que é que foi feito, que é que foi tentado para recuperá-la?

— Meu pai foi para Londres e Jane escreveu pedindo o auxílio imediato de mim eu

tio. Partirem os, assim o espero, dentro de meia hora. No entanto, nada mais pode

ser feito. Sei muito bem que não há nada a fazer. Com o obrigar um homem

com o aquele a proceder corretamente? Com o ao menos descobrir o seu paradeiro? Não tenho a menor esperança. É horrível.

Darcy sacudiu a cabeça, numa silenciosa aquiescência.

— Quando eu descobri qual era o caráter real daquele homem ... Oh, se eu soubesse o que deveria fazer! Mas eu não sabia... Tinha medo de ir demasiado

longe. Foi um desgraçado engano.

Darcy não respondeu. Ele mal parecia ouvi-la e caminhava de um lado para

outro na sala, em profunda meditação. Suas sobrancelhas estavam contraídas,

sua expressão sombria. Elizabeth compreendeu imediatamente que a sua ascendência sobre Darcy estava em declínio. Nada podia resistir a um a tal demonstração de fraqueza da parte de sua família a tão grande escândalo. Não

podia se surpreender nem condená-lo. Refletiu que ele exercia sobre si mesmo

um grande domínio, mas isto não lhe trouxe nenhuma consolação. E

Elizabeth sentira tão claramente com o coração naquele momento, quando todo o

era vão, que poderia tê-lo amado.

Mas as considerações pessoais, em caso ocorressem, não a absorviam. Lydia, a

humilhação, a desgraça que ela estava causando à família, dominaram logo

todos os pensamentos de ordem particular. E cobrindo o rosto com um lenço,

Elizabeth esqueceu tudo o mais. Depois de uma pausa de vários minutos, a voz do

seu companheiro fez-na voltar à realidade. E no tom daquela voz, em caso transparecesse piedade, havia também contenção.

— Creio que há muito está desejando a minha ausência — disse Darcy .
— E a

não ser a minha com preensão sincera, porém inútil, nada posso lhe
oferecer que

justifique a minha presença. Oxalá pudesse dizer ou fazer alguma coisa
que a

consolasse. Mas não a atormentei mais, exprimindo os meus vãos desejos,

como se solicitasse propositadamente a sua gratidão. Creio que este infeliz
acontecimento me pedirá minha irmã de vê-la hoje e à noite em Pemberley .

— Oh, sim , tenha a bondade de apresentar as nossas desculpas a Miss
Darcy .

Diga que negócios urgentes nos obrigam a voltar imediatamente. Esconda
a

infeliz verdade o mais tempo que puder. Sei que não pode ser por muito
tempo.

Ele lhe assegurou prontamente que poderia contar com a sua discrição.
Tornou a

exprimir os seus sentimentos pela aflição de Elizabeth. Desejou que o
caso

tivesse uma conclusão mais favorável do que no momento era possível
esperar,

deixando os seus parentes para Mr. e Mrs. Gardiner, e com um grave
olhar, apenas, de despedida, foi-se embora.

Depois que ele saiu da sala, Elizabeth sentiu que era muito pouco provável que

jamais tornassem a se encontrar em termos tão cordiais, com os que tinham

marcado os seus vários encontros no Derbyshire. E ao lançar um olhar retrospectivo sobre a história das suas relações com Darcy, história tão cheia de

contradições e surpresas, não pôde deixar de suspirar, ao refletir sobre a inconstância dos seus sentimentos e a perversidade das circunstâncias que a levavam agora a desejar prolongar aquelas mesmas relações, quando anteriormente se teria rejubilado com a sua cessação.

Se a gratidão e a estima são fundamentos suficientes para a afeição, a moderação dos sentimentos de Elizabeth seria bastante natural. Mas, ao contrário,

se a afeição oriunda de tais motivos é insensata e pouco natural, em comparação

com aquela que em geral dizem se originar no instante mesmo do encontro e

antes de qualquer palavra ser trocada, nada pode ser dito em defesa de Elizabeth,

a não ser que tenha experimentado este último método com Wickham e que o seu

fracasso talvez a autorizasse a procurar a outra espécie menos interessante de

afeição. Se já com o for, viu-o partir com tristeza. E ao refletir sobre aquele infeliz

aconteceu então, encontrou um motivo adicional de angústia no pensamento de

que aquilo era apenas um exemplo dos males que a levandade de Lydia poderia

causar. Nem por um momento, desde que lera a segunda carta de Jane, Elizabeth

tivera esperança de que Wickham tentasse realmente se casar com a sua irmã. Ninguém, a não ser Jane, pensou, poderia alimentar tais esperanças. A

surpresa fora o menos que sentira nessa ocasião. Ao ler a primeira carta, ela se

surpreendera enormemente de que Wickham quisesse se casar com aquela moça sem fortuna. Parecia-lhe tão bem incompreensível que Lydia estivesse

apaixonada por ele. Mas agora achava tudo natural. Para uma aventura daquelas

ela poderia ter encantos suficientes. E embora Elizabeth não supusesse que Lydia

consentisse deliberadamente numa fuga sem intenção de casar então, tinha razões

para acreditar que nem a virtude nem o entendimento a preservariam de se tornar uma presa fácil.

Enquanto o regimento estava no Hertfordshire, nunca percebera que Lydia

manifestasse qualquer preferência por Wickham . Mas Elizabeth estava convencida de que Lydia se apegaria a qualquer pessoa que a encorajasse. Entre

os oficiais ela mudava constantemente de favorito, segundo as atenções que eles

lhe concediam . Seus entusiasmos sofriam contínuas flutuações, mas nunca sem

motivo. Agora é que Elizabeth compreendia o mal que havia em confiar excessivamente numa menina com aquela.

Elizabeth estava cada vez mais ansiosa por regressar à sua casa, para ver, ouvir,

compartilhar com Jane os cuidados que agora deviam recair inteiramente sobre

ela, numa família tão desorganizada, com o pai ausente, a mãe incapaz de um

esforço e exigindo constantes cuidados. E embora quase persuadida de que nada

poderia ser feito por Lydia, a interferência do seu tio lhe parecia demasiado importuna e a sua impaciência foi grande enquanto não o viu entrar na sala.

Mr. e Mrs. Gardiner tinham voltado apressadamente, alarmados, supondo pelo

relato do criado que a sua sobrinha tinha adoecido repentinamente. Depois de

tranquilizá-los sobre este ponto, Elizabeth se apressou em lhes revelar a causa do

recado que enviara; leu as duas cartas em voz alta, e insistiu no postscriptum da

última carta com tremulства, em bora Lydia nunca tivesse sido a favorita dos seus tios. Mr. e Mrs. Gardiner ficaram profundamente aflitos. Não

era Lydia apenas, todos eles se achavam afetados com aquilo. E depois das primeiras exclamações de surpresa e de horror, Mr. Gardiner prontamente prometeu todo o auxílio de que fosse capaz. Elizabeth, em bora não esperasse

menos, agradeceu-lhe com lágrimas de gratidão. E com o todos três estavam

imbuídos pela mesma ideia, os detalhes relativos à viagem foram rapidamente

combinados. Resolveram partir o mais depressa possível.

— Mas que faremos com relação a Pemberley ? — exclamou Mrs. Gardiner. —

John nos contou que Mr. Darcy estava aqui quando você nos mandou chamar. É

verdade?

— Sim, e eu disse a ele que não poderiam os cumprir os nossos compromissos.

Ficou tudo combinado.

— Tudo o quê? — repetiu a outra para si mesma, enquanto corria para o quarto a

fim de se preparar. — Será que já estão em termos tais que ela lhe possa revelar

toda a verdade? É isto o que eu desejava saber.

Mas esses desejos eram todos vãos. No máximo poderiam servir para distraí-la

durante a confusão dos preparativos apressados. Se Elizabeth tivesse tido tempo

diante de si, na aflição em que se encontrava não poderia ter achado nenhum a

distração. Ela também tinha a sua parte a fazer nos preparativos. E entre outras

coisas, precisava escrever bilhetes para todos os seus amigos em Lambton, apresentando desculpas pela partida tão repentina. Dentro de uma hora tudo

estava pronto; e com o, entretanto, Mr. Gardiner tivesse pago a conta da hospedaria, nada lhes restava fazer senão partir. E Elizabeth, depois de todas as

aflições da manhã, encontrou-se, mais cedo do que esperava, instalada na carruagem, e a caminho de Longbourn.

47

— Estive refletindo novamente sobre o caso — disse Mr. Gardiner, enquanto a

carruagem saía da cidade. — E realmente, pensando bem, estou muito mais

inclinado do que estava a julgar as coisas com a sua irmã mais velha. Parece-

me muito pouco provável que um rapaz qualquer formasse um desígnio desses

contra uma moça que não é de forma alguma desprotegida nem carece de relações, e que além disso residia com a família do coronel do seu regimento.

Por isto estou fortemente inclinado a acreditar no melhor. Poderia ele supor que

os amigos dela não interviriam a seu favor? Poderia esperar ser novamente

aceito pelo regimento depois de uma tal afronta ao coronel Forster? O risco seria

maior do que a tentação.

— Pensa realmente assim? — exclamou Elizabeth, subitamente esperançosa.

— Dou-lhe a minha palavra que eu também com efeito a ser da opinião do seu tio

— disse Mrs. Gardiner. — Este ato é uma tão grande violação da decência, da

honra e do bom senso, que não acho que Wickham seja capaz de praticá-lo. E

você, Lizzy, será que mudou tanto a respeito de Wickham que agora o julgue

capaz disto?

— Não o julgo capaz talvez de se descuidar dos seus próprios interesses. Mas de

todos os demais descuidos eu o julgo capaz. Se ao menos eu pudesse acreditar no

que vocês acabam de dizer! Mas não ousei esperar. Se isto é verdade, por que não

foi para a Escócia?

— Em primeiro lugar — replicou Mr. Gardiner —, não há prova absoluta de que

não tenham ido para a Escócia.

— Oh, mas o fato de eles se terem mudado para um coche de aluguel é uma

indicação muito clara da sua intenção. E além disso não se achou nenhum sinal

da sua passagem na estrada de Barnett.

— Bem, suponhamos então que eles estejam em Londres. Podem ter ido para lá

apenas para se esconder. Não é provável que nenhum dos dois tenha muito

dinheiro. E é justo que tenham achado meios econômicos se casarem em Londres

do que na Escócia.

— Mas então por que todo esse mistério? Por que se escondem eles? Por que é

que desejam casar secretamente? Oh, não, isto não é provável. O meu amigo

de Wickham, com o qual li na carta de Jane, está persuadido de que

nunca teve intenção de se casar com ela. Wickham nunca se casará com uma

mulher que não tenha fortuna. Ele não poderá sustentá-la. E que grandes interesses tem Lydia, a não ser os encantos da mocidade, da saúde e um espírito

alegre para que ele renuncie por sua causa a um casamento rico? Quanto à ofensa aos brios do regimento que esse atentado contra a honra de uma moça

possa produzir, não sei até que ponto isto poderá levá-lo a hesitar, pois não sei

também os efeitos que um tal ato possa produzir. Mas quanto à sua outra objeção,

não creio que tenha muito peso. Lydia não tem irmãos que a possam defender. E

Wickham, que conhece meu pai, julga que, com a sua indolência e com a pouca

atenção que parece dar à família, ele pouco faria e pensaria o menos possível no

assunto.

— Mas você acha que Lydia está tão perdida e apaixonada por ele que consinta em viver com um homem sem serem casados?

— É o que parece, e é bem triste — respondeu Elizabeth, com lágrimas nos olhos. — Ter de pôr em dúvida o senso da decência e da virtude de um irmão!

Mas realmente eu não sei o que dizer. Talvez eu esteja sendo injusta. Mas Lydia

é muito moça, nunca lhe ensinaram a pensar em coisas sérias. E durante os últimos seis meses, ou melhor, durante todo o último ano, ela nada fez senão se

divertir e dar largas à sua vaidade. Deram-lhe a liberdade de dispor do seu tempo

de maneira mais frívola e inútil e de adotar as opiniões de todos os que encontrava. Desde que o regimento da irmã ficou aquartelado em Meryton,

ela não pensou em outra coisa senão em namoro, amor e oficiais. Fez tudo o que

estava em seu poder para aumentar, com o direi, a sua susceptibilidade aos seus

sentimentos, já por natureza facilmente inflamáveis. Pensou e conversou sobre

isto continuamente e todos sabem os que Wickham tem todas as qualidades pessoais para cativar uma mulher.

— Mas você vê — disse a sua tia — que Jane não o julga capaz de um tal atentado.

— De quem é que Jane já mais pensou mais? E qual a pessoa que ela já julgaria

capaz de um tal atentado, quaisquer que fossem os seus antecedentes, até que o

fato tivesse ficado provado? Mas Jane sabe tanto quanto eu o que esse Wickham

realmente é. Ambas sabem os que se trata de um dissoluto em todos os sentidos

da palavra. Que ele não tem integridade nem honra. Que é tão falso e perigoso

com o insinuante.

— E você sabe realmente disto tudo? — exclamou Mrs. Gardiner, curiosa.

— Sei realmente — replicou Elizabeth, corando. — Eu já lhes contei no outro dia

a sua conduta infame para com Mr. Darcy. E a senhora mesmo, quando esteve

em Longbourn na última vez, ouviu mesmo que termos falou de um homem que se

mostrou tão generoso para com ele. Existem outras circunstâncias que não vale a

pena mencioná-las. Mas as suas mentiras a respeito da família de Pemberley são

inúmeras. Pelo que ele disse de Miss Darcy, eu já julgava que ia encontrar um a

moça orgulhosa, fechada, desagradável. No entanto, ele sabia a verdade.

Wickham deve saber que ela é amável e modesta.

— Mas Lydia nada sabe de tudo isto? Será que ignora tudo o que você e Jane

parecem compreender tão bem?

— Oh, sim, isto é que é o pior de tudo. Até eu estar no Kent, e entrar em

contato com Mr. Darcy e seu primo, o coronel Fitzwilliam, eu

mesmo ignorava a verdade. E quando voltei para casa, soube que o regimento

deixaria Maryton dentro de 15 dias. Por isso, nem eu nem Jane, a quem contei

o caso, julgamos necessário tornar pública a nossa descoberta, pois pensamos

que não aproveitaríamos a ninguém destruir a boa reputação que ele gozava em

totalidade. E mesmo quando ficou decidido que Lydia ia com Mrs. Forster,

nunca me ocorreu a necessidade de abrir os meus olhos quanto ao caráter de

Wickham. Nunca julguei que ela corresse o risco de ser iludida. E

nem de longe imaginava que pudesse sobrevir esta consequência.

— Quando eles partiram para Brighton, você não tinha motivos para supor

que gostassem um do outro?

— Nem o mais leve motivo. Não me lembro do menor sintoma de afeição de

nenhum dos lados. E se alguma coisa fosse perceptível, a senhora bem sabe que

a nossa família não deixaria passar o fato sem reparar nele. Quando Wickham

entrou no regimento, Lydia estava disposta a admitir-lo, mas todas as moças de

Meryton e das redondezas perderam a cabeça por sua causa durante uns dois

meses. Mas Wickham nunca distinguiu Lydia com qualquer atenção particular. E

por conseguinte, depois de um curto período de extravagante entusiasmo, esqueceu-se dele, e outros oficiais do regimento que a tratavam com mais atenção voltaram a ser os seus favoritos.

* * *

É fácil compreender que durante toda a viagem, conquanto nenhum fato novo os

viesse esclarecer acerca dos seus temores, esperanças e conjecturas, nenhum

outro tópico os poderia desviar muito tempo daquele importante assunto.

Elizabeth pensava nele continuamente. A mais aguda de todas as angústias, o

remorso, a impedia de encontrar um só minuto de descanso.

Viajaram o mais rapidamente possível. E dormindo uma noite na estrada, alcançaram Longbourn no dia seguinte, à hora do jantar. Foi um consolo para

Elizabeth saber que, pelo menos, Jane não tinha esperado muito tempo. Quando a

carruagem entrou no jardim e se aproximou da porta da casa, todos os pequenos

Gardiner, atraídos pelo rumor, vieram se colocar nos degraus da escada. E quando o carro parou, manifestaram a sua alegria com muitos pulos e piruetas.

Elizabeth saltou. E depois de dar a cada um deles um rápido beijo, correu para o

vestíbulo, onde se encontrou com Jane que estava no quarto da sua mãe e que

tinha descido apressadamente a escada. Abraçaram-se afetuosamente, com

lágrimas nos olhos. Elizabeth, sem perder um só instante, perguntou se tinham

sabido alguma coisa dos fugitivos.

— Ainda não — replicou Jane. — Mas agora que o nosso caro tio chegou, espero

que tudo irá melhor.

— Papai está em Londres?

— Está, ele foi na terça-feira, conforme escrevi.

— Já tiveram notícias suas?

— Sim , escreveu um a vez. Escreveu-m e um as linhas na quarta-feira, dizendo

que tinha chegado bem e dando o seu endereço, coisa que eu tinha pedido a ele

particularm ente. Acrescentou tam bém que não escreveria m ais até que tivesse

um a coisa im portante a com unicar.

— E m am ãe, com o está ela? Com o vão todos?

— Mam ãe vai regularm ente, em bora estej a m uito deprim ida. Ela está lá em

cim a e teria m uito prazer em vê-los todos. Não sai ainda do quarto. Mary e Kitty ,

graças a Deus, vão m uito bem .

— E você, com o vai você? — exclam ou Elizabeth. — Parece pálida! Por quanta

aflição não deve ter passado!

Jane, entretanto, perseverou na afirm ação de que estava perfeitam ente bem . A

conversa foi interrom pida pela entrada de Mr. e Mrs. Gardiner, que até aquele

m om ento tinham estado com as crianças. Jane correu para os seus tios e os

abraçou, agradecendo a am bos com sorrisos e lágrim as. Depois entraram todos

na sala. As perguntas que Elizabeth já tinha feito foram naturalmente repetidas

pelos outros. Porém, ficaram logo sabendo que Jane não tinha nenhuma notícia a

dar.

No entanto, devido ao seu caráter indulgente, Jane ainda não perdera todas as

esperanças. Ainda acreditava que tudo acabasse bem, e que um dia chegaria

uma carta, de Lydia ou de seu pai, explicando o procedimento dos

fugitivos e anunciando talvez o seu casamento. Em seguida foram todos ao quarto

de Mrs. Bennet, que os recebeu exatamente como ela era de esperar. Com lágrimas,

lamentações, invectivas contra a conduta infame de Wickham, queixas pelos

padecimentos que lhe infligiam, acusava a todo o mundo, esquecendo-se de que

fora ela própria, com a sua insensata indulgência, a causadora principal do que

acontecera à filha.

— Se eu e tivessem feito a vontade — disse ela —, se eu tivesse ido também para

Brighton, com toda a família, isto não teria acontecido. Mas a minha pobre Lydia

não tinha ninguém para tomar conta dela. Por que é que os Forster a deixaram

fora das suas vistas? Estou certa de que houve um grave descuido da parte deles,

pois Lydia não seria capaz de fazer isto se alguém tivesse olhado por ela. Sem pre

pensei que eles não serviam para tomar conta de minha filha. Mas com o sem pre,

ninguém ouviu a minha opinião. Minha pobre filhinha... E agora lá se foi Mr.

Bennet. Eu sei que ele vai se bater em duelo com Wickham, quando o encontrar,

e na certa será morto. Que é que vai ser de nós depois? Os Collins vão nos expulsar daqui antes do corpo ficar frio. E se você não for bom para nós, meu

irmão, não sei o que será.

Todos protestaram contra ideias tão sinistras. E Mr. Gardiner, depois de tranquilizá-la quanto à afeição que sentia por ela e pela sua família, disse que

tencionava partir para Londres no dia seguinte, a fim de auxiliar Mr. Bennet nas

suas tentativas para encontrar Lydia.

— Não se entregue a receios exagerados. É preciso estar preparada para o pior,

mas não há motivo para acreditar que isto seja certo. Ainda não faz um mês que

saíram de Brighton. Daqui a poucos dias devem os ter notícias deles. E até

que saibam os positivos que não estão casados e que não têm intenção de

casar, ainda não podem os considerar tudo perdido. Assim que eu chegar a

Londres, irei ver o seu marido e o trarei comigo para Gracechurch Street e aí

combinarem os o que deve ser feito.

— Oh, meu caro irmão — replicou Mrs. Bennet —, isto é exatamente o que eu

mais desejo. E quando chegar a Londres, faça tudo para encontrar minha filha,

onde quer que esteja. E se eles não estiverem casados, faça com que se casem.

Quanto ao enxoval, diga que não precisam esperar. Diga a Lydia que ela terá

todo o dinheiro que quiser para comprar o que quiser depois que se casar. E sobretudo não

deixe Mr. Bennet brigar com Mr. Wickham. Conte a ele o estado em que estou.

Fale que me acho horrivelmente assustada, e tenho tremores por todo o corpo,

horríveis dores no lado, na cabeça, e tantas palpitações que não posso descansar

nem de dia nem de noite. E diga à minha querida Lydia que não tome providências a respeito das roupas até que me tenha visto, pois ela não sabe quais

são as melhores lojas. Oh, meu irmão, com o você é bonzinho, bem sei que vai

arranjar tudo!

Mr. Gardiner, em bora lhe assegurasse que faria todos os esforços possíveis, não

pôde deixar de lhe recomendar a moderação, tanto para as suas esperanças com o

para os seus receios. E conversou com ela neste tom até a hora do jantar. Em

seguida deixaram-na aos cuidados da criada, que tratava dela na ausência das

filhas.

Em bora Mr. e Mrs. Gardiner estivessem persuadidos de que não havia motivo

para uma tal reclusão, acharam melhor não se opor, pois sabiam que ela não

tinha prudência suficiente para calar a boca diante dos criados. Era preferível

que uma das criadas apenas, aquela em quem mais confiavam, ficasse sabendo

de todas as suas mágoas e temores.

Na sala de jantar, Mary e Kitty , que tinham estado ocupadas nos seus respectivos

quartos e não tinham aparecido mais cedo, se reuniram afinal aos outros. Uma

vinha dos seus livros e a outra da sua toalete. Os rostos de ambas, no entanto,

estavam bastante calmos. Apenas Kitty se mostrava mais irritada do que de

costume, mas não se sabia se era por causa da perda da sua irmã favorita ou da

raiva que sentia por estar envolvida no acontecimento. Quanto à Mary , seu domínio sobre si mesma era perfeito. E com o rosto muito grave ela sussurrou

para Elizabeth, pouco depois de se sentar à mesa:

— Isto é um acontecimento bem desagradável. E provavelmente será muito

comentado. Mas nós devemos nos opor à maré de maledicência, e derramar

sobre os nossos corações feridos o bálsamo dos consolos fraternais.

Em seguida, vendo que Elizabeth não estava disposta a responder, acrescentou:

— Por infeliz que tenha sido Lydia, podem os tirar disto uma lição útil. Que a

perda da virtude numa mulher é irreversível. Que um só passo falso acarreta

um a série de desgraças sem fim e que a sua reputação não é menos frágil do que

a sua beleza. Que uma mulher nunca pode ser cautelosa demais para com as

pessoas do outro sexo, especialmente as que não merecem a sua confiança.

Elizabeth levantou os olhos atônitos. Sentia-se oprimida demais para responder.

Mary, porém, continuou a se consolar extraindo o máximo das orais da infelicidade

de sua irmã.

De tarde as duas mães velhas conseguiram ficar meia hora sozinhas; e Elizabeth

imediatamente aproveitou esta oportunidade para pedir que Jane lhe contasse

outros detalhes do acontecimento. Jane estava igualmente ansiosa para conversar

sobre o assunto. Primeiro, as duas lamentaram as terríveis consequências

daquele fato. Consequências que Elizabeth considerava muito graves. Jane não

podia afirmar que os prognósticos de sua irmã fossem de todo impossíveis. Em

seguida Elizabeth prosseguiu no assunto, dizendo:

— Conte-me tudo o que eu ainda não sei. Dê-me outros detalhes. Que foi que o

coronel Forster disse? Eles desconfiavam de alguma coisa antes da fuga?
Devem

ter visto os dois frequentemente juntos.

— O coronel Forster confessou que muitas vezes desconfiava que havia
alguma

coisa. Especialmente do lado de Lydia. Mas nunca se passou nada que
inspirasse

alarme. Eu sinto muito por ele. Mostrou-se extremamente atencioso e
bom.

Resolvera vir até cá para nos comunicar as suas preocupações, mesmo
antes de

saber que eles não tinham ido para a Escócia. Os rumores que começaram
a

circular apressaram a sua partida.

— E Denny estava convencido que Wickham não ia se casar? Sabia que
eles

pretendiam fugir? O coronel Forster falou com Denny pessoalmente?

— Falou. Mas, interrogado pelo coronel, Denny negou que soubesse alguma
a

coisa a respeito do plano. E não quis dar a sua verdadeira opinião. Ele não
repetiu

que estava convencido de que não se casaria. E por isto tenho esperanças de
que

tenham entendido mal as suas palavras anteriormente.

— E até o coronel Forster chegar, nenhum a de vocês teve algum a suspeita de

que não estivessem realmente casados?

— Com o é que um a tal ideia nos poderia passar pela cabeça? Eu m e senti um

pouco temerosa quanto à felicidade de minha irmã com aquele casamento, pois

sabia que a conduta dele não fora sem precedentes. Papai e mamãe nada

sabiam a respeito dos antecedentes do rapaz, e sentiam apenas que aquele casamento era imprudente.

Kitty então confessou, triunfante, que sabia mais do que nós. Que Lydia, na sua

última carta, lhe deixara entrever as suas intenções. Parece que há muitas semanas ela já sabia que os dois estavam apaixonados.

— Mas sabia disto antes de partirem para Brighton?

— Não, creio que não.

— E o coronel Forster mostrou que desconfiava de Wickham? Ele conhece o seu

verdadeiro caráter?

— Devo confessar que não falou tão bem de Wickham como antigamente o

fazia. Disse que o achava imprudente e extravagante. E depois desta triste

história, soube-se que ele saiu de Meryton muito endividado. Mas espero que isto

seja falso.

— Oh, Jane, se nós não tivéssemos sido tão discretas, se tivéssemos dito o que

sabíamos a respeito dele, isto não teria acontecido!

— Talvez tivesse sido melhor — replicou Jane. — Mas não parecia justo denunciar os erros passados de uma pessoa, sem saber quais eram os seus sentimentos naquele momento. Agimos com o melhor das intenções.

— E o coronel Forster sabia os termos da carta de Lydia para a sua mulher?

— Ele a trouxe consigo.

Jane então tirou a carta da bolsa e deu-a a Elizabeth. A carta era a seguinte:

Minha cara Harriet: você há de rir bastante quando souber que eu fugi, e eu não

posso deixar de rir também, com a surpresa que você terá amanhã de manhã

quando der pela minha falta. Vou para Gretna Green. E se você não adivinhar

com quem, é uma grande tola. Só existe um homem no mundo que eu amo e ele

é um anjo. Nunca poderia ser feliz sem ele, por isso acho que não faço mal em

partir. Não precisa escrever para Longbourn com unicando a m inha partida se

você não quiser, pois isto tornará apenas m aior a surpresa quando eu escrever

para casa e assinar o m eu nom e: Ly dia Wickham . Há de ser um a boa piada.

Quase não posso escrever de tanto rir. Transm ita as m inhas escusas a Pratt por

não poder cum prir a m inha palavra e dançar com ele hoj e à noite. Diga-lhe que

eu espero que m e perdoe quando souber o m otivo e que eu terei o m aior prazer

em dançar com ele no próxim o baile em que nos encontrarm os. Mandarei buscar as m inhas roupas quando chegar a Longbourn; m as queria que você dissesse a Sally para costurar um rasgão no m eu vestido de m ouseline usado,

antes de pôr as coisas na m ala. Até breve. Minhas lem branças para o coronel

Forster. Espero que bebam à nossa saúde, desej ando que façam os um a boa

viagem . Sua am iga afetuosa.

Ly dia Bennet.

— Oh, que desm iolada! — exclam ou Elizabeth, depois de ler a carta. —

Escrever um a carta destas num tal m om ento... Pelo m enos m ostra que tinha

intenções sérias. Não sei se depois ele a persuadiu a fazer outra coisa, mas pelo

menos, da sua parte, a infâmia não foi premeditada. Pobre papai, com o

ter sofrido!

— Nunca vi ninguém ficar tão abalado. Durante bem uns dez minutos ele não

pôde dizer nenhuma palavra. Mãe caiu doente imediatamente e a casa toda

ficou na maior confusão.

— Oh, Jane — exclamou Elizabeth —, você acha que um só criado nesta casa

não tenha ficado sabendo da história, naquele mesmo dia?

— Não sei, espero que sim. Mas é muito difícil ser discreta numa ocasião destas.

Mãe ficou transtornada. E embora eu procurasse auxiliá-la da melhor

maneira, julgo que não fiz tanto quanto devia ter feito. Mas o horror do que

poderia acontecer quase me privou do uso das minhas faculdades.

— Os seus cuidados foram bem asiados. Você não me parece estar muito bem de

saúde. Antes eu tivesse ficado ao seu lado. Você teve de suportar tudo sozinha...

— Mary e Kitty foram muito prestativas. E estou certa de que teriam

com partilhado das minhas fadigas de boa vontade, mas as achei que não convinha a

nenhum a das duas. Kitty é muito sensível e Mary estuda tanto que as suas horas

de repouso não devem ser interrompidas. Minha tia Philips veio na terça-feira,

depois que papai foi em bora. E teve a bondade de ficar até quinta comigo. O seu

auxílio nos foi precioso. E Lady Lucas também tem sido muito delicada. Ela veio

até aqui, a pé, na quarta-feira de manhã, para exprimir os seus sentimentos e

oferecer os seus serviços e os de qualquer um a das suas filhas, caso tivessem os

necessidade.

— Seria melhor que ela tivesse ficado em casa — exclamou Elizabeth —; talvez

a intenção tenha sido boa, mas numa situação como esta deve-se ver os vizinhos

o menos possível. Qualquer auxílio é impossível. Tais manifestações são insuportáveis. Que elas triunfem à distância e se deem por satisfeitas.

Elizabeth perguntou então quais eram os planos do seu pai para a descoberta de

Lydia.

— Creio que tencionava ir a Epsom , lugar onde os fugitivos trocaram os cavalos,

falar com os postilhões e ver se poderia obter deles alguma informação. O seu

objetivo principal era descobrir o número do coche de aluguel que os trouxe de

Clapham . Ele tinha trazido um freguês de Londres. É possível que ao trocarem de

carro alguém os tivesse visto, por isso papai tencionava fazer indagações em

Clapham . Se ele conseguisse descobrir a casa onde o cocheiro foi levar o freguês, faria indagações lá e talvez não fosse impossível descobrir o posto e

número do coche. Não sei se papai tem outros projetos em mente. Ele estava

com tanta pressa de partir, tão inquieto e deprimido, que tive grande dificuldade

em arrancar-lhe o que eu estou agora lhe dizendo.

48

A família tinha esperança de receber uma carta de Mr. Bennet no dia seguinte.

Mas o correio chegou sem trazer sequer uma simples linha da sua parte. A

família sabia que normalmente ele era um péssimo correspondente. Mas num

momento daqueles, tinham tido esperança de que fizesse um esforço.
Foram

obrigados portanto a concluir que ele nada tinha de favorável a comunicar,
mas

mesmo quanto a isto, desejavam ter certeza. Mr. Gardiner tinha esperado
pela

carta. Com o não viesse nenhum a, partiu imediatamente.

Daí por diante, com a chegada de Mr. Gardiner a Londres, tinha pelo menos

certeza de receber informações constantes do que se estava passando. E ao
despedir-se, Mr. Gardiner prometeu que insistiria com Mr. Bennet para que
voltasse a Longbourn o mais cedo possível, coisa que muito consolou Mrs.

Bennet. Ela via neste regresso a única possibilidade do seu marido escapar
de ser

partido em duelo. Mrs. Gardiner e as crianças deveriam permanecer no

Hertfordshire mais alguns dias, pois Mrs. Gardiner achou que a sua
presença

poderia ser de alguma utilidade para as suas sobrinhas. Ela ajudou a
tomar

conta de Mrs. Bennet e foi um grande consolo para as moças nas suas
horas de

liberdade. Sua outra tia também veio frequentemente, e sempre, com o
dizia,

com o propósito de lhes infundir coragem e confiança, em bora nunca
chegasse

sem trazer um novo exemplo da extravagância e da leviandade de Wickham . E

raram ente partia sem as deixar mais desanimadas do que quando chegara.

Meryton inteira parecia se esforçar por denegrir o homem que três meses antes

fora quase como um anjo de bondade. Diziam que ele devia dinheiro a todos os

merciantes do lugar e que as suas aventuras, que receberam todas o título de

“seduções”, se tinham estendido às famílias de vários merciantes. Todo mundo

declarou que ele era o rapaz mais perverso do mundo e todos começaram a

descobrir que sem perceber haviam desconfiado dele, apesar da sua aparência de distinção.

Elizabeth, embora só acreditasse em metade do que diziam , achava aquilo suficiente para tornar ainda mais certos os seus antigos prognósticos quanto à

desgraça de sua irmã. E até Jane, que acreditava ainda menos do que Elizabeth

nas coisas de que falavam , perdeu quase todas as esperanças, sobretudo porque

chegara agora o momento de receber notícias ou cartas deles, caso tivessem ido

para a Escócia, coisa de que nunca deseperara inteiramente.

Mr. Gardiner saiu de Longbourn no domingo. Na terça-feira, a sua mulher recebeu uma carta dele. Dizia que tinha encontrado imediatamente Mr. Bennet e

o tinha convencido a ir para Gracechurch Street.

Mr. Bennet já estivera em Epsom e Clapham, mas não tinha conseguido nenhum a informação satisfatória, Estava decidido agora a fazer indagações em

todos os principais hotéis da cidade, pois achava possível que eles se houvessem

instalado num daqueles lugares logo depois da sua chegada a Londres, antes de

procurar novas acomodações. Mr. Gardiner, pessoalmente, não esperava que

este plano obtivesse êxito. Mas com o Mr. Bennet insistia naquilo, estava resolvido

a ajudá-lo. Acrescentava que Mr. Bennet não se encontrava agora nada disposto

a sair de Londres, e prometia escrever de novo muito breve. Havia também um

postscriptum que dizia o seguinte:

Escrevi igualmente para o coronel Forster pedindo que ele indagasse, se possível,

entre os amigos mais íntimos de Wickham, no momento, se este tinha quaisquer

parentes ou relações que pudessem saber em que parte da cidade ele se

escondera. E se entre essas pessoas houvesse algum a de quem se pudesse com

algum a probabilidade obter um a tal inform ação, isto seria de um a im portância

talvez essencial. Até o m om ento nada tem os para nos guiar. Estou certo de que o

coronel Forster fará tudo o que estiver em seu poder para nos aj udar, m as em

últim a análise, talvez Lizzy , m elhor do que qualquer outra pessoa, saiba se ele

tem parentes vivos.

Elizabeth com preendeu im ediatam ente de onde provinha aquela deferência pela

sua autoridade. Infelizm ente não possuía inform ações que a j ustificassem .

Nunca ouvira dizer que tivesse parentes, exceto o pai e a m ãe, e am bos j á

falecidos há m uitos anos. Era possível, entretanto, que alguns dos seus

com panheiros do regim ento pudessem dar inform ações m ais substanciais. E

em bora não tivesse grandes esperanças a esse respeito, aquela m edida não era

para se desdenhar.

Cada dia em Longbourn era agora um dia de ansiedade. Mas o m ais angustioso

dos momentos era o da chegada do correio. As cartas eram esperadas todas as

manhãs, com a maior impaciência. E cada dia aguardavam notícias de importância.

Antes de receberem nova carta de Mr. Gardiner, chegou uma para Mr. Bennet

da parte de Mr. Collins. E como Jane tinha recebido instruções para que abrisse

toda a correspondência dirigida ao pai na sua ausência, ela leu a carta. E

Elizabeth, que sabia como as cartas de Mr. Collins eram curiosas, se debruçou

sobre a sua irmã e leu também.

Dizia o seguinte:

Meu caro senhor: sinto-me obrigado pelo nosso parentesco e pela minha situação

na vida a apresentar-lhe as minhas condolências pela grande aflição que agora

está sofrendo e da qual fomos informados ontem por uma carta do Hertfordshire.

Fique certo, meu caro senhor, que Mrs. Collins e eu próprio nos solidarizamos os

sinceramente com o senhor e toda a sua respeitável família no seu atual

sofrimento, que deve ser dos mais agudos, porque provém de uma causa que o

tem po não pode rem over. Para lhe aliviar tão grande infelicidade, não
faltarão

argum entos da m inha parte. Desej o consolá-lo nesse transe, que deve ser
de

todos o m ais duro para o coração de um pai. A m orte da sua filha seria um
a

bênção em com paração com o que sucede agora. E isto é ainda m ais para
lam entar quando sabem os que existem razões de supor, com o a m inha
cara

Charlotte m e inform ou, que esta licenciosidade de conduta da parte de sua
filha

foi devida a um a excessiva e culposa indulgência; ao m esm o tem po, para
o seu

próprio consolo e o de Mrs. Bennet, estou inclinado a acreditar que as
tendências

da sua filha devem ser naturalm ente perversas. Sem o que, ela j am ais
seria

capaz de com eter tão grande crim e com tão pouca idade. Sej a com o for, o
senhor nos m erece a m aior com paixão, e nisto sou acom panhado não só
por Mrs.

Collins, com o igualm ente por Lady Catherine e sua filha, a quem eu contei
a

história e que são da m esm a opinião. Elas concordam com igo quanto às
apreensões que sinto, que este m au passo de um a das suas filhas será prej
udicial

para o futuro de todas as outras; na verdade, quem, com o Lady Catherine
pessoalmente condescende em dizer, quem quererá se relacionar com um a
tal

família? E esta consideração me conduz além disso a refletir com a maior
satisfação num certo acontecimento do mês de novembro passado, pois de
outro

modo eu estaria envolvido em todas estas tristezas e desgraças. Permita
que o

aconselhe, pois, meu caro senhor, a se consolar a si próprio o mais que
puder, a

expulsar para sempre a sua filha indigna da sua afeição, e deixá-la colher
os

frutos do seu odioso crime. Seu, caro senhor, etc.

Mr. Gardiner não tornou a escrever senão depois que recebeu uma resposta
do

coronel Forster; e quando o fez, nada tinha de agradável a comunicar. Não
se

sabia de um só parente com quem ele mantivesse relações e era certo que

Wickham não tinha nenhum parente próximo o que estivesse vivo. Seus

conhecimentos antigos eram poucos, mas desde que entrara na família

parecia que já não mantinha relações com nenhum deles. Não havia
ninguém

portanto a quem se pudesse dirigir e obter notícias a seu respeito. No estado

precário das suas finanças, o casal tinha um motivo poderoso para a sua reclusão,

além do medo que Wickham tinha de ser descoberto pelos parentes de Lydia.

Haviam sabido que ele tinha deixado grandes dívidas no jogo; o coronel Forster

acreditava que seria preciso mais de mil libras para cobrir todas as despesas que

o oficial deixara em Brighton. Ele devia muito na cidade, mas as suas dívidas de

honra ainda eram muito maiores. Mr. Gardiner não procurou esconder esses

detalhes da família de Longbourn. Jane os ouviu com horror.

— Um jogador! — exclamou ela. — Isto eu não esperava...

Mr. Gardiner acrescentava na sua carta que eles podiam contar com o regresso

de seu pai no dia seguinte, que era um sábado. Abatido pelos insucessos dos seus

esforços, ele se rendera às persuasões do cunhado, para que voltasse para junto

da família e deixasse a seu cargo tudo o que parecesse aconselhável para

continuação das pesquisas. Ao ser informada do fato, Mrs. Bennet não exprimiu

toda a satisfação que as suas filhas esperavam, dada a ansiedade que manifestara

pela vida do marido.

— O quê? — exclamou. — Então ele vai voltar sem trazer a nossa Lydia?

Decerto Mr. Bennet não vai sair de Londres antes de ter encontrado os fugitivos...

Quem vai brigar com Wickham e forçá-lo a se casar com ela?

Mrs. Gardiner começou a ter saudades de casa. Ficou com o binado que ela e as

crianças voltariam para Londres enquanto Mr. Bennet viria para Longbourn. A

carruagem levou-as portanto até metade da jornada, e trouxe de volta Mr.

Bennet a Longbourn. Mrs. Gardiner partiu, tão perplexa a respeito do caso de

Elizabeth e de Mr. Darcy , com o viera desde o Derbyshire. O nome dele não fora

menção voluntária nem uma vez pela sobrinha. E a vaga esperança

que tinha Mrs. Gardiner de que Elizabeth receberia logo uma carta de Darcy não

fora correspondida. Desde o seu regresso, Elizabeth não tinha recebido nenhum a

carta que parecesse vir de Pemberley . Os atuais dissabores da família tornavam

desnecessária outra escusa para a depressão de Elizabeth. Ninguém podia

portanto desconfiar de coisa alguma. Mas Elizabeth, que conhecia regularmente

os seus sentimentos, sabia bem que se não tivesse renovado as suas relações com

Darcy teria suportado a mágoa pela infâmia de Lydia com muito maior facilidade. E não perderia uma noite de sono em cada dois dias.

Mr. Bennet chegou e todos repararam que aparentemente conservava toda a sua

serenidade filosófica. Falou muito pouco, como era seu hábito. Não mencionou o

assunto que o levava a Londres e só muito tempo depois as suas filhas tiveram

coragem de se referir a isto.

Foi só à tarde, à hora do chá, que Elizabeth se aventurou a falar sobre o assunto.

Com eçou exprim indo os seus sentim entos pelas aflições que o pai deveria ter

passado. Ele respondeu:

— Não fale m ais nisto. Quem deveria sofrer senão eu m esm o? Foi tudo por

m inha culpa, sou obrigado a reconhecê-lo.

— Não deve ser severo dem ais para consigo próprio — replicou Elizabeth.

— É bom que você m e previna contra este erro. A natureza hum ana tem tendência a cair nele. Não, Lizzy , deixe que por um a vez na vida eu sinta o peso

da m inha responsabilidade. Não tenho m edo de ser esm agado pela im pressão.

Tudo isto não tardará a passar.

— Acha que eles estão em Londres?

— Sim , em que outro lugar poderiam se esconder?

— E Ly dia sem pre desej ou ir para Londres — acrescentou Kitty .

— Então ela deve estar contente — acrescentou o pai, secam ente.

— Provavelm ente residirá lá m uito tem po.

Em seguida, depois de curto silêncio, continuou:

— Lizzy , eu não lhe guardo rancor pelo conselho que você m e deu no m ês de

meio passado; considerando o que aconteceu, isto mostra a largueza da sua visão.

Foram interrompidos por Jane, que vinha buscar o chá da sua mãe.

— Isto é uma demonstração que conforta a gente — exclamou ele. — Dá um ar

elegante ao infortúnio. Um dia desses eu farei o mesmo. Ficarei sentado na

minha biblioteca, de camisola e touca de dormir, e darei aos outros o maior

trabalho possível. Ou melhor, vou deixar isto até que Kitty também se resolva a

fugir.

— Eu não vou fugir, papai — disse Kitty, inquieta. — Se me deixassem ir a

Brighton, eu me com portaria melhor do que Lydia.

— Você ir a Brighton? Eu não a deixarei ir nem a Eastborn aqui ao lado. Nem

por cinquenta libras. Não, Kitty, pelo menos aprendi a ser prudente e você há de

sentir os efeitos disso. Nenhum oficial tornará jamais a entrar na minha casa,

nem mesmo para atravessar a aldeia. Os bailes serão absolutamente proibidos a

não ser que você fique de pé o tempo todo, com uma das suas irmãs. E nunca

sairá por esta porta até me provar, todos os dias, que passou dez minutos de

maneira sensata.

Kitty, que levava todas aquelas maneiras a sério, começou a chorar.

— Deixe disso — ralhou ele —, não fique triste. Se for uma boa menina nesses

próximos dez anos, levarei você para ver uma parada.

49

Dois dias depois da chegada de Mr. Bennet, Jane e Elizabeth estavam passeando

juntas no pequeno bosque atrás da casa quando viram a criada que se aproximava em direção a elas. E concluindo que vinha mandado de Mrs.

Bennet a fim de chamá-las, foram ao seu encontro.

— Desculpe interrompê-las, mas creio que chegaram boas notícias da cidade e

por isso tomei a liberdade de vir chamá-las.

— Que é que você quer dizer, Hill? Não recebem nenhuma carta da cidade...

— Minha querida senhora — exclamou Mrs. Hill, espantada —, então não sabe

que chegou um expresso da parte de Mr. Gardiner para o patrão? Ele está aqui há

uma hora e trouxe uma carta para Mr. Bennet.

As meninas não perderam tempo em responder e saíram correndo.

Atravessaram o vestibulo, a sala de almoço e foram desse modo até a biblioteca.

Mas não encontraram o pai. Estavam a ponto de subir para procurá-lo no quarto

de Mrs. Bennet, quando o mordomo se dirigiu a elas e disse:

— Se estão procurando o patrão, ele está caminhando em direção ao pequeno

bosque.

Tendo recebido esta informação, as meninas tornaram a passar pelo hall e atravessaram o gramado em busca do pai, que se dirigia para um dos pequenos

bosques que havia de um dos lados do jardim .

Jane, que não era tão leve nem tinha tanta prática de correr, ficou para trás, enquanto sua irmã alcançava Mr. Bennet e exclamava, quase sem fôlego:

— Oh, papai, que foi que aconteceu, recebeu uma carta do tio?

— Sim , recebi uma carta dele pelo expresso.

— E que notícias traz, boas ou más?

— Que é que se pode esperar de bom ? — disse ele, tirando a carta do bolso. —

Mas talvez você queira ler.

Elizabeth tomou a carta, impaciente, enquanto Jane se aproximava.

— Leia em voz alta — disse Mr. Bennet. — Pois eu mesmo não sei de que se

trata.

Gracechurch Street, segunda-feira, 2 de agosto.

Meu caro irmão:

Afinal posso lhe enviar notícias da minha sobrinha. Notícias que, em suma, acho

que lhe agradarão. Pouco depois de sua partida no sábado, tive a boa sorte de

descobrir em que parte de Londres o casal estava. Quanto aos detalhes, deixo

para quando nos encontrarmos. Basta que saiba agora que eles estão descobertos.

Já estive com ambos.

— Então tudo se passou como eu esperava — exclamou Jane —: eles estão

casados!

Elizabeth continuou:

Estive com ambos. Eles não estão casados e não encontrei neles a menor intenção de fazê-lo. Mas se estiver disposto a cumprir o compromisso que eu

tomarei a liberdade de aceitar por você, espero que se casarão muito breve. Tudo o

que é exigido da sua parte é assegurar à sua filha, por acordo, parte das cinco mil

libras destinadas a serem repartidas entre as suas filhas depois da sua morte e da

da sua mulher. E além disso, com prometer-se a dar à sua filha, enquanto viver, a

quantia de cem libras por ano. Estas são as condições que, pensando bem, não

hesitei em aceitar, sentindo-me autorizado a fazê-lo. Enviarei esta carta por expresso para que a sua resposta me chegue sem perda de tempo. Você

compreenderá facilmente por estes detalhes que a situação de Mr. Wickham não

é tão má quanto se supunha. Quanto a isto, os rumores que corriam eram falsos.

E alegro-me dizer que sobrará ainda um pouco de dinheiro, mesmo depois de

pagas todas as dívidas do marido para instalação do casal, sem falar no dinheiro

de Lydia. Se você me delegar plenos poderes para agir em seu nome, coisa da

qual não tenho a menor dúvida, darei instruções imediatamente a Haggerston

para preparar um contrato. Não há a menor necessidade de você tornar a vir a

Londres. Portanto, fique sossegado em Longbourn e conte com os meus cuidados

e diligências. Mande a sua resposta o mais breve possível e tenha o cuidado de

escrever claramente. Nós achamos o melhor que a minha sobrinha se casasse em

minha casa, coisa que espero você aprovará. Ela virá hoje. Tornarei a lhe escrever assim que houver novas decisões. Seu, etc.

Edw. Gardiner.

— Será possível? — exclamou Elizabeth, assim que terminou a carta. — Será

possível que se case com ela?

— Wickham não é tão mau então como nós pensávamos — disse Jane. — Meu

pai, eu lhe dou os parabéns.

— E o senhor já respondeu à carta? — perguntou Elizabeth.

— Não, mas é coisa que precisa ser feita imediatamente.

Elizabeth suplicou então que não perdesse mais tempo.

— Oh, papai — exclamou ela —, volte e escreva sem demora! Pense na importância que cada momento tem num caso desses...

— Deixe-me escrevê-la para o senhor — disse Jane —, este trabalho lhe desagrada.

— Desagrada-me muito — replicou ele —, mas precisa ser feito.

E dizendo isto virou-se e voltou com as mãos em direção à casa.

— E posso saber qual é a resposta? — perguntou Elizabeth. — Suponho que os

termos os devem ser aceitos.

— Aceitos? Só tenho vergonha que ele peça tão pouco.

— E é preciso que eles se casem. No entanto Wickham é um homem tão ordinário...

— Sim, sim, é preciso que se casem. Não há outra alternativa. Mas há duas

coisas que eu desejaria muito saber: uma delas é quanto dinheiro o seu tio deve

pagar para arranjar isto. E a segunda é com o poderei reembolsá-lo.

— Dinheiro? Meu tio? — exclamou Jane. — Que é que quer dizer com isto?

— Quero dizer que nenhum homem, no seu juízo perfeito, se casaria com Lydia

recebendo em troca uma com pensação tão pequena. Cem libras por ano durante

a minha vida e cinquenta depois que eu morrer!

— É verdade — disse Elizabeth. — Não me tinha ocorrido antes. Havia as suas

dívidas a serem pagas e devia ainda sobrar dinheiro. Deve ter sido meu tio quem

arranjou isto. É um homem generoso e bom. Mas tenho medo que ele se tenha posto

em situação difícil. O dinheiro que gastou não deve ter sido pouco.

— Não — disse Mr. Bennet. — Wickham seria um idiota se a aceitasse com menos de dez mil libras. De outro modo, sentiria ter de pensar mal dele logo no comêço das nossas relações.

— Dez mil libras? Deus não permitia tal. Com o poderiam os pagar um a tal soma?

Mr. Bennet não respondeu. E todos, mergulhados nas suas reflexões, continuaram

em silêncio até chegarem em casa. Mr. Bennet foi então até à biblioteca para

escrever e as moças entraram na sala de almoço.

— Então eles vão se casar? — exclamou Elizabeth, assim que se viu sozinha com

Jane. — Com o isto é estranho! Ainda por cima, tem os de nos considerar muito

felizes! Tem os de dar graças a Deus que tal aconteça, em bora sejam tão

diminutas as possibilidades de Lydia ser feliz, e Wickham tenha um caráter tão

ruim ... Oh, Lydia!

— Eu me consolo pensando que decerto ele não se casaria com Lydia se não

tivesse afeição por ela — replicou Jane. — Em bora acredite que nosso tio tenha

feito algum a coisa por ele, não posso crer que tenha gasto dez mil libras nem

coisa parecida. Ele tem os seus próprios filhos e ainda pode ter outras preocupações. Com o poderia gastar dez mil libras?

— Se pudessem os saber quais eram as dívidas de Wickham ... E com quanto ele

dotou nossa irmã... Saberá exatamente o que Mr. Gardiner fez, pois Wickham

não tem um tostão de seu. A bondade dos nossos tios é uma coisa que nunca

poderá ser paga. Eles a levaram para casa e lhe deram toda a sua proteção e apoio moral. Isto é um sacrifício que anos de gratidão não podem compensar.

Nesse momento, ela está em casa deles. Se uma tão grande bondade não lhe der

a consciência da falta que praticou, é que ela não merece nunca ser feliz.

Imagine a sua cara quando chegar diante da minha tia!

— Devem os nossos esforços para esquecer tudo o que se passou — disse Jane. —

Confio e espero que serão felizes. Creio que o fato dele consentir em se casar

com ela é uma prova de que tomou o devido cuidado. A afeição que têm um pelo outro lhes

dará estabilidade. E eu tenho a esperança de que se estabeleçam tranquilamente

na sua nova vida, e vivam de um a maneira tão aj uizada que com o tem po
a

im prudência que fizeram sej a esquecida.

— A conduta deles foi de tal ordem — replicou Elizabeth — que nem você,
nem

eu e nem ninguém poderá j am ais esquecê-la. É inútil falar nisto.

As m eninas então se lem braram que sua m ãe provavelm ente ainda
ignorava

tudo o que se passava. Dirigiram -se, pois, à biblioteca e perguntaram a seu
pai se

não desej ava que elas lhe fossem transm itir a notícia. Ele estava
escrevendo. E

sem levantar a cabeça respondeu, friam ente:

— Com o quiserem .

— Podem os levar a carta do m eu tio e ler para ela?

— Levem o que vocês quiserem e vão em bora.

Elizabeth tom ou a carta de cim a da m esa e as irm ãs subiram j untas.
Mary e

Kitty estavam am bas com Mrs. Bennet. A m esm a com unicação serviria
portanto

para todas. Depois de um a ligeira preparação para as notícias que traziam ,
a

carta foi lida em voz alta. Mrs. Bennet não pôde conter os seus sentim
entos.

Assim que Jane leu o trecho em que Mr. Gardiner exprim ia a esperança de que

Ly dia em breve se casasse, Mrs. Bennet com eçou a manifestar a sua alegria, e

cada frase subsequente a tornava ainda mais expansiva. A sua alegria era tão

ruidosa e violenta com o anteriormente os seus receios e o seu desespero. Bastava

saber que a sua filha se casaria. Nenhum receio quanto à felicidade de Ly dia,

nenhum a lembrança da sua falta a perturbava.

— Oh, minha querida Ly dia — exclamou ela. — Isto é realmente estupendo! Ela

se casará! Eu tornarei a vê-la! Ela se casa com 16 anos! Que bom irmão eu

tenho! Bem sabia que ele ia arranjar tudo! Que vontade de vê-la! E o meu

querido Wickham também ! Mas as roupas, o enxoval! Vou escrever para minha

irmã Gardiner imediatamente! Lizzy , meu bem , corra lá em baixo e pergunte a

seu pai quanto ele dará à Ly dia para o enxoval. Não, fique, fique, irei eu mesma!

Toque a campainha, Kitty , chame Hill, eu mesma vestirei num instante. Oh, minha

querida Ly dia! Com o nos sentirem os felizes quando estivermos todos juntos!

Jane procurou abrandar a violência das suas expansões, lembrou-lhe quantas

obrigações deviam a Mr. Gardiner pelo que ele tinha feito.

— Devem os atribuir a feliz conclusão desta história em grande parte à bondade

do nosso tio — acrescentou Jane. — Estão os convencidas de que ele se empenhou para auxiliar Mr. Wickham com dinheiro.

— Bem — exclamou Mrs. Bennet —, está certo, quem o faria se não fosse o seu

tio? Se ele não tivesse família, nós é que seríamos os seus herdeiros. E é a primeira vez que recebem qualquer coisa dele, a não ser alguns presentes.

Sinto-me tão feliz, em breve terei uma filha casada! Mrs. Wickham! Com o seu

bem ... E ela fez apenas 16 anos em junho! Jane, estou tão nervosa que não posso

escrever. Vou ditar e você escreve por mim. Mais tarde com binários os com seu

pai a respeito do dinheiro. Mas é preciso encomendar as coisas imediatamente.

Mrs. Bennet começou então a fazer uma lista de todas as peças de tecidos estampados, mousseline e cambraia, e teria feito dentro em pouco uma grande

comenda, se Jane não a tivesse persuadido, com alguma dificuldade, que

esperasse até poder consultar o seu pai. Um dia de atraso, observou ela, seria de

pouca importância. E Mrs. Bennet sentia-se feliz demais para ser obstinada com o

de costume. Outros planos vieram ocupar os seus pensamentos.

— Assim que estiver vestida, irei a Meryton e darei as boas novas a minha irmã

Philips. E na volta irei à casa de Lady Lucas e de Mrs. Long. Kitty, corra lá

em baixo e peça a carruagem. Um pouco de ar me faria muito bem.

Meninas,

querem que eu traga alguma coisa para vocês de Meryton? Oh, aí vem Hill.

Minha cara Hill, você já ouviu as boas novidades? Miss Lydia vai se casar. Você

terá que preparar um jarro de punch para o casamento.

Mrs. Hill começou imediatamente a exprimir a sua alegria. Elizabeth, com as

outras, recebeu os seus parabéns. Em seguida, cansada de tanta loucura, foi se

refugiar no seu quarto para poder refletir à vontade.

Coitada da Lydia, a sua situação, mesmo assim, era bastante ruim. Mas ainda

tinha de dar graças a Deus por não ser pior. E embora pensando no futuro, não

via para a sua irmã grandes possibilidades de felicidade nem de prosperidade; e

ao se lembrar do passado, dos seus tempos há duas horas apenas, Elizabeth

sentiu, entretanto, todas as vantagens que tinham adquirido.

50

Mr. Bennet muitas vezes se arrependera de nunca ter posto de lado um a

anual para garantia do futuro das suas filhas e da sua mulher, em vez de gastar

toda a sua renda. Agora se arrependia mais do que nunca. Se tivesse feito o dever

nesse ponto, Lydia não estaria devendo agora tanto ao seu tio, um a soma

grande em dinheiro, honra e bom nome. E a satisfação de obrigar um dos piores

rapazes da Grã-Bretanha a se casar com ela lhe teria cabido com o de direito.

Ele estava seriamente preocupado que uma coisa de tão poucas vantagens para

qualquer pessoa tivesse sido conseguida unicamente a expensas do seu cunhado e

resolvera, caso fosse possível, averiguar a importância exata do seu auxílio e lhe

pagar o mais depressa possível.

Quando Mr. Bennet se casou, julgara que era perfeitamente inútil fazer economia, pois naturalmente ele haveria de ter um filho. Este filho entraria no

direito de herdar a propriedade e desse modo a viúva e as crianças menores

ficariam garantidas. Cinco filhas sucessivamente vieram ao mundo, mas o filho

ainda estava para vir. Muitos anos depois do nascimento de Lydia, Mrs. Bennet

acreditava que o filho viesse a nascer. Mas afinal tivera que renunciar a essa esperança. Mrs. Bennet não tinha jeito para economia e os gastos originados do

marido foram a única coisa que os impediu de gastarem além da renda que possuíam.

Pelo contrato de casamento, cinco mil libras deviam ser deixadas para Mrs.

Bennet e seus filhos. Mas a partilha devia ser feita de acordo com a vontade dos

pais. Em relação a Lydia, este era um ponto que agora devia ser decidido. E Mr.

Bennet não podia hesitar em aceitar os termos da proposta que lhe tinha sido

feita. Em termos precisos, porém cordiais, ele exprimiu a sua gratidão pela bondade do cunhado. Em seguida declarou a sua plena aprovação a tudo o que

tinha sido feito, e a sua aceitação aos compromissos que Mr. Gardiner tomara

em seu nome. Nunca tinha suposto que fosse possível convencer Wickham a se

casar com a sua filha em termos tão convenientes. As cem libras que deveria

pagar anualmente não representavam um déficit real de mais de dez libras; pois

as despesas com o sustento de Lydia, o dinheiro que lhe dava para as suas

despesas e os presentes que lhe chegavam continuavam entre as despesas por

intermédio de Mrs. Bennet não somavam ao todo mais de trinta e dois libras do que aquelas

cem libras.

Outra surpresa agradável fora a facilidade com que tudo se arranjava sem lhe

dar quase trabalho. Seu desejo agora era preocupar-se com aquilo o mais

possível. O afã com que se lançara à procura da sua filha tinha sido apenas um

efeito da cólera. Cessada esta, Mr. Bennet recaiu na sua habitual indolência. A

carta foi logo despachada, pois em bom tempo na elaboração dos seus projetos, ele

era rápido na sua execução. Pedia a Mr. Gardiner que detalhasse as despesas que

tinha feito, porém não enviou nenhum recado para Ly dia, porque ainda estava

ressentido com ela.

As boas notícias espalharam -se rapidamente pela casa e pelas redondezas. A

vizinhança as acolheu filosoficamente. Decerto teria sido mais interessante se

Miss Ly dia tivesse regressado. Ou então se ela se encontrasse em reclusão
em alguma fazenda distante. Mas o casamento era um tópico suficiente para a

conversação.

As velhas invejosas de Meryton continuaram a enviar os seus votos de
felicidade

com o mesmo segredo contentamento com que anteriormente exprimiam
as suas

condolências, pois com um tal martírio, a desgraça de Ly dia era
considerada

certa.

Mrs. Bennet passara 15 dias sem sair do quarto. Naquela grande data,
tornou a

assumir o seu lugar à cabeceira da mesa. Sua satisfação era extrema.
Nenhum

sentimento de vergonha atenuava o seu triunfo. Desde que Jane com-
pletara 15

anos, o seu maior desejo fora ver uma das suas filhas casadas. E agora este

desejo estava a ponto de se realizar. Todos os seus pensamentos giravam em

torno dos acessórios de um casamento elegante, tais como o musselina fina,

novas carruagens e criados. Procurava lembrar-se de uma casa das redondezas

que servisse para a sua filha e, sem saber qual seria a renda do casal, recusava

multidões das que lhe sugeriam porque seriam demasiado modestas e acanhadas.

— Hay e Park talvez sirva, se os Gouldings consentirem em sair. Aquela casa

espaçosa em Stoke também não é má. Mas a sala de estar é muito pequena.

Ashworth é muito distante. Não quero que ela more a mais de dez milhas de

distância daqui, no máximo. Quanto a Pulvis Lodge, as mansardas são horríveis.

Mr. Bennet deixou que ela falasse sem interrupção, enquanto havia criados na

sala. Mas depois que eles saíram, disse:

— Mrs. Bennet, antes que você tome uma destas casas ou todas elas para a sua

filha, é bom chegar já a um acordo quanto a este ponto. Num a determinada casa

desta redondeza eles nunca serão admitidos. Eu não encorajarei a imprudência

daqueles dois, recebendo-os em Longbourn.

A esta declaração seguiu-se uma longa disputa. Mas Mr. Bennet se mostrou

firme. E o assunto logo os conduziu a outro. Mrs. Bennet descobriu com espanto e

horror que o seu marido não adiantaria uma só libra para as despesas do enxoval.

Ele declarou que ela não receberia o menor sinal da sua estima por ocasião do

casamento. Mrs. Bennet não podia compreender aquela atitude. Parecia-lhe

impossível que ele levasse o ressentimento ao ponto de recusar à sua filha um dos

privilégios sem o qual o casamento não pareceria válido. Mrs. Bennet era muito

mais sensível à vergonha de ter casado a sua filha sem roupas novas do que à

desonra causada pela sua fuga e pelo fato dela ter vivido 15 dias com Wickham

sem ser casada.

Elizabeth se arrependeu mais do que nunca por se ter deixado levar pela aflição

do momento e revelado a Mr. Darcy os seus temores quanto ao futuro da sua

irmã; pois com o casamento se realizaria em breve, poderiam talvez esconder o

fato vergonhoso a todos aqueles que não estavam diretamente relacionados com

a família.

Ela não tinha receio de que o caso se espalhasse por intermédio de Mr. Darcy ;

havia poucas pessoas atualmente em cuja descrição tivesse mais confiança. Por

outro lado não havia ninguém cujo conhecimento da levandade da sua irmã a

mortificasse tanto. No entanto não se sentia mortificada porque temesse qualquer

desvantagem para si própria, pois de qualquer modo parecia haver um abismo

intransponível entre eles. Mesmo que o casamento de Lydia tivesse sido

concluído da forma mais respeitável, não era crível que Mr. Darcy quisesse se

relacionar com uma família contra a qual tinha tantas objeções; agora, a estas

objeções se acrescentava outra. Uma aliança que ele, com tanta razão, considerava desprezível.

Não era pois de estranhar que hesitasse. O desejo de obter a consideração de

Elizabeth, desejo que ele lhe havia manifestado no Derby shire, não poderia

sobreviver a um tal golpe. Elizabeth se sentiu humilhada e ferida. Tinha

sem saber bem de quê. Invejava a estima dele quando não tinha mais

de que essa estima a beneficiasse. Queria saber notícias suas e não tinha a

esperança que ele lhe escrevesse. E agora, que não havia mais

encontrá-lo, estava convencida de que poderia ter sido feliz com ele.

Que triunfo para Mr. Darcy se pudesse saber que as propostas que ela tinha

rejeitado tão orgulhosamente há quatro meses seriam recebidas agora com

alegria e gratidão. Ele era generoso, disto Elizabeth não tinha a menor

dúvida.

Havia poucos homens mais generosos. Para não triunfar agora, entretanto,

era

preciso que não fosse humilhado.

Elizabeth começou a compreender então que Mr. Darcy era o homem que

mais

lhe convinha, tanto pelo seu temperamento como pelas suas qualidades. O

seu

gênio, em bora diverso do seu, correspondia a todos os seus desejos. Essa união

teria sido vantajosa para ambos. A espontaneidade e a naturalidade de Elizabeth

contribuiriam para suavizar o seu espírito, e melhorar também as suas maneiras.

Ela, por sua vez, receberia um benefício ainda maior com a segurança do seu

julgamento e a sua experiência do mundo.

Porém, esse modelo dos casamentos felizes não mais se realizaria. Mas em

breve, uma união de caráter diferente e que excluía a possibilidade do outro seria

formada na sua família.

Não sabia com o Lydia e Wickham conseguiriam viver em relativo conforto.

Aliás, um casal que se tinha unido por paixões mais fortes do que a sua virtude

tinha dimensões possibilidades de felicidade duradoura.

* * *

Em breve Mr. Gardiner tornou a escrever para o cunhado. Aos pedidos de Mr.

Bennet, respondeu apenas que estava sempre disposto a fazer o máximo do seu

esforço para o bem de qualquer pessoa da família, e concluiu pedindo que nunca

meus se mencionasse o assunto. A finalidade principal da carta era anunciar que

Mr. Wickham tinha resolvido sair da família.

Eu desejava muito que ele o fizesse assim que o casamento fosse marcado. E

acho que você pensará, com o eu, que esse passo é muito vantajoso, tanto para

ele com o para minha sobrinha. Mr. Wickham tenciona entrar no Exército

Regular; e alguns dos seus antigos amigos estão dispostos a apoiá-lo.

Prometeram-lhe um posto de tenente no regimento do general ***,
aquartelado

agora no Norte. Há vantagem em que ele fique longe daqui. Promete algum
a

coisa e espero que, entre pessoas estranhas, onde poderão fazer nova
reputação,

ambos se mostrarão muito prudentes. Escrevi para o coronel Forster, a fim
de

informá-lo da nossa atual situação e pedindo que tranquilize os vários
credores de

Mr. Wickham em Brighton e redondezas, com promessas de rápido pagamento,

pois assumi o com promisso de pagá-las. Peço que faça o mesmo com os
seus

credores em Meryton, dos quais lhe envio a lista, de acordo com as informações

de Mr. Wickham. Ele confessou todas as suas dívidas. Espero ao menos que não

nos tenha enganado. Haggerton já recebeu as nossas instruções e tudo ficará

pronto dentro de uma semana. Eles partirão em seguida para a sede do regimento, a não ser que você os convide primeiro a ir a Longbourn. Mrs.

Gardiner me disse que minha sobrinha está muito desejosa de vê-los a todos,

antes de partir para o Norte. Ela está bem e pede que eu lhe transmita os seus

respeitos, bem como a Mrs. Bennet. Seu, etc.

E. Gardiner.

Mr. Bennet e suas filhas compreenderam logo as vantagens da saída de Mr.

Wickham do regimento da milícia, não menos claramente do que Mr. Gardiner.

Mas Mrs. Bennet, de modo algum ficou tão satisfeita. Lydia ia orar no Norte,

exatamente quando teria maior prazer e orgulho na sua companhia, pois ela não

tinha absolutamente desistido do seu plano de instalar a sua filha no Hertfordshire.

Seu desapontamento foi grande. Além disso era uma pena que Lydia fosse

afastada de um lugar onde tinha tantas relações.

— Ly dia gosta tanto de Mrs. Forster! — disse ela. — É um a pena m andá-la

em bora. E além disso há m uitos rapazes lá que ela aprecia. Os oficiais do regim ento do general *** podem não ser tão am áveis.

A insinuação de Mr. Gardiner podia ser tom ada com o um pedido form al para

Ly dia tornar a ser adm itida entre os seus antes da sua partida para o Norte; a

princípio Mr. Bennet recusou term inantem ente este pedido. Mas Jane e Elizabeth,

que eram da m esm a opinião, desej avam am bas, para bem da sua irm ã, que ela

recebesse o apoio de seus pais. Pediram -lhe de um m odo tão insistente, e ao

m esm o tem po com tanta doçura, que os recebesse em Longbourn assim que

estivessem casados, que conseguiram dem over o pai da sua intenção prim itiva. E

Mrs. Bennet teve a satisfação de saber que ela poderia exhibir nas redondezas a

sua filha casada, antes dela ser banida para o Norte. Quando Mr. Bennet tornou a

escrever para o seu cunhado, transm itiu afinal a sua perm issão. Elizabeth,

entretanto, ficou surpreendida por Wickham ter concordado com este plano. E se

ela tivesse consultado apenas as suas preferências, um encontro com ele seria a

última coisa no mundo que ela própria desejaria.

51

Afinal o dia do casamento chegou. Jane e Elizabeth ficaram mais comovidas do

que a própria Lydia. A carruagem foi enviada ao encontro do casal, que era esperado à hora do jantar. Jane e Elizabeth viam com crescente apreensão se

aproximar a hora da chegada. Jane especialmente, que atribuía a Lydia os sentimentos que sentiria se estivesse no seu lugar, se entristecia com a ideia do

que a irmã iria sofrer.

Chegaram. A família estava reunida na sala de almoço para recebê-los. Mrs.

Bennet se desmanchou em sorrisos assim que a carruagem parou à porta; Mr.

Bennet tinha um olhar grave e impenetrável, e suas filhas estavam alarmadas,

ansiosas e inquietas.

Ouviram a voz de Lydia no vestíbulo. A porta foi aberta com força e ela entrou

correndo na sala. Sua mãe adiantou-se, abraçou-a, com grandes demonstrações

de alegria. Sorrindo afetuosamente ela estendeu a mão para Wickham ,

desejando felicidade a ambos com uma alacridade que demonstrava bem que

não duvidara nem um minuto da realização do seu desejo.

Mr. Bennet os recebeu muito menos cordalmente. Seu rosto se tornou ainda mais

grave e mal abriu a boca. A atitude despreocupada do jovem casal era

realmente uma provocação. Elizabeth ficou irritada e mesmo Jane ficou

consternada. Lydia continuava a mesmo assim. Imprudente, indomável, louca, ruidosa,

temerária. Cumprimentou cada um das suas irmãs exigindo os seus parabéns, e

depois que todos se sentaram começou a olhar em torno de si com curiosidade,

notando as pequenas alterações que tinha havido na sala; depois observou com

uma risada que há muito tempo ela não via aquele lugar. Wickham ficou mais

perturbado do que ela. Mas as suas maneiras eram sempre agradáveis e se o seu

caráter fosse perfeito e o casamento tivesse se realizado segundo as regras, seus

sorrisos e suas palavras teriam conquistado toda a família. Elizabeth nunca
o

supusera capaz de um tal cinismo. Mas ela sentou-se, resolvendo consigo
mesma

que para o futuro nunca mais traçaria limites à imprudência de um homem
sem

escrúpulos. Ela corou e Jane também, mas os rostos que lhes causavam
essa

perturbação não se alteraram.

A conversação era incessante. A noiva e a mãe competiam em
exuberância. E

Wickham, que estava sentado perto de Elizabeth, começou a perguntar
pelos seus

conhecidos nas redondezas, com uma tranquilidade bem-humorada, que
ela

sentiu já mais poder limitar nas suas respostas. Tanto Wickham como a
esposa só

pareciam ter apenas lembranças agradáveis na sua vida. Nenhum fato do

passado era lembrado com amargura. Ela própria mencionava assuntos a
que as

suas irmãs por coisa alguma no mundo aludiriam.

— Imagina, já faz três meses que eu fui em bora — exclamou Lydia. —
Não me

parecem mais do que 15 dias. E no entanto, aconteceram tantas coisas...
Quando

fui em bora, nem sequer imaginei que um dia voltaria casada! Mas pensei que

seria engraçado se o fizesse...

Mr. Bennet levantou os olhos. Jane ficou aflita e Elizabeth olhou

significativamente para Lydia; esta, porém, continuou, com o se nada tivesse

visto:

— Oh, mãe, o pessoal daqui das redondezas sabe que eu me casei hoje? Tive

receio de que eles não soubessem. No caminho encontram os William Goulding

na sua charrete. E para que ficasse sabendo, abaixei a vidraça, tirei a minha luva

e apoiei a mão no rebordo da janela para que ele visse a minha aliança. Depois,

então, eu o cumprimentei e me desmancelei em sorrisos.

Elizabeth achou que aquilo passava dos limites. Levantou-se, saiu, e só voltou

quando os ouviu passar através do hall para ir à sala de jantar. Ao entrar, viu

Lydia com sinais de ansiedade no rosto aproximar-se do lugar à direita da mãe,

dizendo para a irmã mais velha:

— Ah, Jane, eu fico agora no seu lugar, você fica mais para baixo, pois agora sou

um a m ulher casada...

Não era crível que a solenidade do jantar desse a Lydia o constrangimento que

até aquele instante não demonstrara. Ao contrário, o seu desembaraço e a sua

alegria aumentaram. Estava louca de vontade de ver Mrs. Philips, os Lucas e

todos os outros vizinhos, e ouvi-los chamá-la de Mrs. Wickham. Enquanto essas

pessoas não apareciam, logo depois ela foi mostrar a aliança para Mrs. Hill e as

duas criadas.

— Bem, meu amor — disse ela, quando voltou para a sala —, que é que você acha

do meu marido? Não é mesmo o um homem encantador? Estou certa de que todas

as minhas irmãs me invejam. Desejo só é que elas tenham metade da minha

sorte. Precisam todas de ir a Brighton. Lá é que é bom lugar para se arranjar

meu marido. Que pena, meu amor, não termos ido todas!

— É verdade, se me tivessem escutado, teríamos ido. Mas minha querida Lydia,

não gosto nada dessa ideia de você ir para tão longe. Será mesmo necessário?

— Oh, sim , não vej o nenhum m al nisto. Tenho m uita vontade de ir. A senhora,

papai e m inhas irm ãs precisam ir nos visitar. Estarem os em Newcastle todo o

inverno. E vai haver m uitos bailes e eu arranj arei bons pares para todas as que

forem .

— Eu bem que gostaria de ir — disse Mrs. Bennet.

— E depois, quando regressar, poderão deixar com igo um a ou duas das m inhas

irm ãs. Garanto que arranj arei m aridos para elas antes do fim do inverno.

— Agradeço pela parte que m e toca — disse Elizabeth. — Mas eu não aprecio

m uito a sua m aneira de arranj ar m aridos.

Os visitantes não poderiam dem orar m ais de dez dias. Mr. Wickham tinha sido

nom eado antes de sair de Londres e haviam lhe concedido apenas 15 dias para se

reunir ao seu regim ento.

A não ser Mrs. Bennet, ninguém m ais lam entou que eles dem orassem tão pouco.

Mrs. Bennet aproveitou o tem po da m elhor form a possível, fazendo visitas com

sua filha e recebendo frequentem ente. Essas reuniões foram agradáveis para

todos. Escapar ao círculo da família era mais agradável para os que pensavam

do que para aqueles que não o faziam . A afeição de Wickham por Lydia era

exatamente com o Elizabeth tinha esperado: inferior à que Lydia tinha por ele.

Mesmo se não tivesse tido oportunidade de observá-los, chegaria à conclusão

lógica de que a fuga tinha sido devido mais à paixão dela do que ao interesse

dele. E se não fosse a certeza de que ele tinha fugido porque a sua situação no

lugar era insuportável, Elizabeth se surpreenderia pelo fato de Wickham ter raptado a sua irmã, sem possuir uma paixão violenta. Sendo este o caso, ele não

resistira à oportunidade de ter uma companheira para a sua viagem .

Lydia gostava imensamente de Wickham . Ele continuava a ser o seu querido

Wickham . Ninguém podia competir com ele no seu coração. Fazia as coisas,

segundo ela, melhor do que todo o mundo. Certa manhã, pouco depois da sua

chegada, estando sentada com as suas duas irmãs mais velhas, Lydia disse para

Elizabeth:

— Lizzy , creio que nunca lhe contei com o foi o m eu casam ento. Você não

estava presente quando descrevi tudo para m am ãe e as outras. Não está curiosa

por saber com o tudo isto se passou?

— Não, para falar a verdade — replicou Elizabeth —, penso que quanto m enos

se falar neste assunto, m elhor.

— Ora, você é tão esquisita! Mas vou contar com o aconteceu tudo... Nós nos

casam os na igrej a de São Clem ente, porque a residência de Wickham era naquela paróquia. Com binam os nos encontrar lá às onze horas. Meus tios e eu

devíam os ir j untos. E os outros nos encontrariam na igrej a. Bem , chegou segunda-feira de m anhã, e eu estava num a aflição que você nem im agina! Tinha

m edo que acontecesse qualquer coisa e que a gente tivesse de adiar o casam ento.

Eu teria ficado desesperada! Enquanto m e vestia, m inha tia continuou falando

todo o tem po, tal qual se estivesse fazendo um serm ão. Mal entendi um a palavra,

pois com o você deve supor estava pensando no m eu querido Wickham . Estava

doida para saber se ele ia se casar com seu casaco azul. Bem , alm oçam os às dez,

com o de costum e. Pensei que o alm oço nunca m ais ia acabar. Entre parênteses,

m eu tio e m inha tia foram horrivelm ente severos com igo durante todo o tem po

que estive lá. Im agina que não m e deixaram botar os pés fora de casa nem um a

só vez, durante os 15 dias que passei em casa deles. Nem um a festa, nem um a

reunião, nada. Naturalm ente Londres estava bastante deserta. Mas o Pequeno

Teatro estava aberto. Bem , na hora em que a carruagem parou à porta, m eu tio

foi cham ado a negócios por um suj eito horrível cham ado Mr. Stone. E você sabe

que, quando ele com eça a falar de negócios, não acaba m ais. Eu estava tão assustada que não sabia o que fazer, pois era m eu tio quem m e serviria de padrinho. E se a gente perdesse a hora, teria que deixar o casam ento para o dia

seguinte. Mas, felizm ente, ele voltou dentro de dez m inutos, e então saím os todos.

Mas depois eu m e lem brei que m esm o se ele fosse im pedido de ir, o casam ento

poderia ter se realizado, porque Mr. Darcy o poderia ter substituído.

— Mr. Darcy ? — repetiu Elizabeth, com imenso espanto.

— Sim , ele tinha ficado de vir com Wickham . Mas que é que eu estou dizendo!

Eu me esqueci! Não devia ter dito nada! Prometi que não diria! Que é que Wickham vai dizer? Era segredo!

— Se era segredo — disse Jane —, então não diga mais nada. Pode ficar certa de

que não farem os outras indagações.

— Decerto — disse Elizabeth, ardendo de curiosidade. — Nada perguntarem os a

você.

— Obrigada — disse Lydia —, pois se vocês perguntassem , eu certamente diria

tudo. E depois Wickham ficaria muito zangado comigo.

Para resistir àquele encorajamento, Elizabeth foi obrigada a fugir.

Mas era impossível viver na ignorância daquele detalhe. Ou pelo menos era

impossível não tentar se informar. Mr. Darcy assistira ao casamento da sua irmã.

Não poderia haver no mundo coisa mais capaz de atrair o seu interesse. As conjecturas mais loucas atravessaram o seu espírito, sem que nenhum a o satisfizesse. As explicações que mais lhe agradavam , justificavam as que colocavam a conduta dele sob uma luz mais nobre, pareciam as menos

prováveis. Ela não poderia suportar essa incerteza. E tomando uma folha de

papel escreveu apressadamente uma curta mensagem para a sua tia, pedindo-lhe a

explicação do fato a que Lydia aludira, caso não fosse segredo.

A senhora bem pode compreender que estou curiosa para saber com o que uma pessoa que não tem relações com qualquer um de nós e é com paratimamente

um estranho para a nossa família pudesse estar presente ao casamento. Peço que

escreva imediatamente e me explique tudo, a não ser que haja motivos muito

fortes para guardar o segredo que Lydia parece achar necessário. Neste caso,

terei de me resignar à minha ignorância.

“Não, já me resignarei a isto”, disse Elizabeth para si mesma. Em seguida

terminou a carta: “Minha querida tia, se a senhora não me disser isto por bem,

serei obrigada a lançar mão de estratégias para descobri-lo.”

A delicadeza de Jane não lhe permitia que falasse em particular com Elizabeth

sobre o que Lydia tinha dito. Aliás, isto era agradável para Elizabeth. Ela preferia

não ter um confidente até saber se a sua curiosidade seria satisfeita.

Elizabeth teve a satisfação de receber uma resposta da sua carta e verificou que

não era possível obtê-la mais prontamente. Assim que a carta chegou, correu

para o pequeno bosque e, sentando-se num banco, preparou-se para ler

tranquilamente, sentindo-se feliz porque, pelo número de folhas, era fácil

verificar que não continha uma simples negativa.

Gracechurch Street, 6 de setembro.

Minha querida sobrinha: Acabo de receber a sua carta e devotarei toda esta

manhã a lhe escrever a minha resposta, pois prevejo o que em poucas linhas não

poderei transmitir tudo o que tenho a dizer. Devo confessar que o seu interesse

me surpreende. Não o esperava da sua parte. Não pense que eu esteja zangada,

no entanto, pois o que desejo exprimir é que não esperava que estas informações

lhe fossem necessárias. Se prefere não compreender o que digo, perdoe a minha

impertinência. Seu tio ficou tão espantado com o eu. E nada, a não ser que você

seja a uma parte interessada, o teria levado a agir da maneira que fez. Mas se você

é realmente inocente e ignorante, preciso ser mais explícita. No mesmo dia em

que cheguei aqui de Longbourn, seu tio recebeu uma visita inesperada. Mr.

Darcy veio à nossa casa e ficou em conferência com ele durante várias horas.

Quando cheguei, tudo isso já tinha acabado e portanto a minha curiosidade não

foi tão intensamente despertada como a sua parece ter sido. Ele veio para dizer a

seu tio que tinha descoberto o paradeiro de Mr. Wickham e da sua irmã e que já

os tinha visto e conversado com ambos, com Wickham várias vezes e com Lydia

apenas uma. Ao que parece, ele saiu do Derbyshire um dia depois da nossa

partida. E veio a Londres resolvido a procurar os fugitivos. O motivo alegado era

sua convicção de que fora por sua causa que o caráter de Wickham não tinha

sido bem conhecido, de maneira que tornasse impossível que uma moça decente

o amasse e confiasse nele. Generosamente atribuiu tudo isto ao seu orgulho mal-

entendido, pois julgava estar acima da necessidade de expor aos outros os seus

atos particulares. O seu caráter falava por si mesmo. Ele achava portanto que era

o seu dever vir a público e tentar reparar o mal que já julgava ter causado. Se tinha

outro motivo, estou certa que não era um motivo inconfessado. Passara alguns

dias em Londres antes de descobrir os fugitivos. Mas ele possui um elemento

para dirigir a sua busca que nós não possuímos: e este era o outro motivo para

justificar a sua vinda. Existe uma senhora, ao que parece uma certa Mrs.

Younge, que foi durante algum tempo a governanta de Miss Darcy, tendo sido

despedida por motivos que ele não nos contou. Depois disto ela alugou uma

grande casa em Edward Street e aí abriu uma pensão. Mr. Darcy sabia que esta

Mrs. Younge era intimamente ligada a Wickham. E se dirigiu a ela em busca de

informações, assim que chegou em Londres. Mas, levou dois dias para obter dela

o que desejava. Suponho que essa mulher não queria trair o segredo que lhe fora

confiado sem receber um suborno, pois de fato ela conhecia o paradeiro do seu

amigo. Wickham realmente a tinha procurado, logo depois de chegar a Londres,

e se tivesse tido com todos disponíveis, seria na sua casa que teria se instalado.

Afinal o nosso bom amigo conseguiu obter o endereço desejado. Estavam na rua

X. Mr. Darcy esteve com Wickham e posteriormente insistiu para ver Lydia. O

seu primeiro objetivo para com ela, reconheceu ele, fora persuadi-la a abandonar a sua desonrosa situação atual e voltar para os seus amigos assim que

consentissem em recebê-la, oferecendo o seu auxílio nesse sentido. Mas encontrou Lydia absolutamente resolvida a permanecer onde estava. Ela não

queria saber dos amigos, não queria o seu auxílio e por coisa alguma deste mundo deixaria Wickham. Estava certa de que eles se casariam mais cedo ou

mais tarde e que a data não tinha importância. Já que os seus sentimentos eram

estes, pensou ele, restava apenas fazer com que se casassem o mais rapidamente

possível. Logo na primeira conversação que teve com Wickham, ele compreendeu imediatamente que tal coisa nunca fora sua intenção. Aquele

confessou que tinha deixado o regimento devido a algumas dívidas de honra

muito urgentes. E não hesitava em atribuir unicamente à sua própria levandade

todas as más consequências da fuga de Lydia. Tinha também a intenção de

resignar o seu posto imediatamente. E quanto à sua futura situação, não sabia

absolutamente o que fazer. Ele precisava ir para algum lugar mas não sabia para

onde. Sabia apenas que não tinha nenhum dinheiro para viver. Darcy perguntou

por que ele não se tinha casado com Lydia imediatamente. Em bora não

constasse que Mr. Bennet fosse muito rico, ainda assim poderia fazer algum a

coisa por ele e a sua situação melhoraria com o casamento. Mas em resposta a

esta pergunta, Mr. Darcy descobriu que Wickham ainda alimentava esperanças

de fazer a sua fortuna pelo casamento, nalgum outro país. Assim sendo, não seria

prudente oferecer-lhe um auxílio imediato. Eles se encontraram várias vezes,

pois havia muito que discutir. Wickham, naturalmente, queria mais do que

poderia obter. Mas afinal, rendeu-se à evidência e tudo foi combinado entre eles.

Mr. Darcy em seguida procurou o seu tio para lhe comunicar o que tinha feito. E

ele esteve em Gracechurch Street na noite anterior à minha chegada. Mas não

conseguiu encontrar Mr. Gardiner e descobriu então que seu pai ainda estava

com ele, pois que somente sairia de Londres na manhã seguinte. Julgou então que

era melhor entender-se com o seu tio do que com o seu pai. Resolveu, assim ,

adiar a entrevista que teria com Mr. Gardiner para depois da partida daquele. Ele

não deixou o nome e até voltar no dia seguinte sabia-se apenas que um

cavalheiro tinha procurado Mr. Gardiner a negócios. No sábado reapareceu. Seu

pai tinha partido, seu tio estava em casa e, como eu disse antes, tiveram uma

longa entrevista. Tornaram a se encontrar no domingo, e nesse dia eu o vi
também . Só na segunda-feira ficou tudo combinado. E imediatamente um

expresso foi despachado para Longbourn. Mas o nosso visitante se mostrou
muito

obstinado: creio, Lizzy , que afinal de contas a obstinação é o defeito real
do seu

caráter. Ele já foi acusado de muitas faltas, mas esta é a única verdadeira.

Queria fazer tudo pessoalm ente; em bora eu estej a certa (e não falo nisto para

receber agradecim entos e portanto não diga para ninguém) de que seu tio arran j aria tudo rapidam ente. Discutiram j untos durante m uito tem po. Mais do

que as duas pessoas em questão m ereciam . Mas, afinal, seu tio foi forçado a

ceder. Em vez de ser útil realm ente à sua sobrinha, teve de se contentar com a

fam a, coisa que não lhe agradou de m aneira algum a. E eu creio que a sua carta

de hoj e de m anhã lhe deu um grande prazer, porque exigia um a explicação que

o despoj aria das suas falsas plum agens, restituindo a glória a quem de direito.

Mas, Lizzy , isto não deve passar de você e de Jane no m áxim o. Suponho que

você deve saber m uito bem o que foi feito para o j ovem casal. As dívidas de

Wickham , que sobem , creio eu, a m uito m ais de m il libras, precisam ser pagas.

Outras m il são necessárias para o dote de Ly dia. E a sua fiança ao posto que

pretende tem de ser paga tam bém . O m otivo alegado para fazer tudo isto foi o

que eu citei acima. Fora devido a ele, aos seus escrúpulos excessivos, que os

outros se tinham enganado a respeito do caráter de Wickham. E daí a confiança

que tinham depositado nele. Talvez haja uma certa verdade nisso, mas eu duvido

que o seu silêncio ou o silêncio de qualquer outra pessoa possa ter sido a causa

deste acontecimento. Mas apesar de todas essas belas palavras, minha querida

Lizzy, você pode ficar inteiramente certa de que o seu tio nunca teria cedido se

não tivesse julgado que Mr. Darcy tinha um outro interesse no assunto. Quando

tudo isto ficou resolvido, ele voltou novamente para a companhia dos seus amigos

que ainda estavam em Pemberley, mas ficou combinado que voltaria a Londres

novamente, no dia do casamento, para dar a última mão aos negócios de

dinheiro. Creio que agora já lhe contei tudo. É um relato que, segundo vejo pela

sua carta, lhe dará uma grande surpresa. Espero pelo menos que não lhe causará

nenhum descontentamento. Lydia ficou morando conosco e Wickham esteve

constantemente lá em casa. Achei que ele era exatamente o mesmo rapaz que

eu conheci no Hertfordshire. Mas eu não lhe contaria com o mesmo e desagradou a

conduta de Lydia, enquanto esteve conosco, se eu não tivesse percebido, pela

carta de Jane que recebi na segunda-feira passada, que o seu procedimento em

Longbourn foi exatamente equivalente. E portanto o que eu lhe confesso agora

não pode lhe causar novo desgosto. Conversei com ela várias vezes da maneira

mais séria, mostrando-lhe o mal que tinha feito e toda a infelicidade que causara

à sua família. Se ela mesmo ouviu foi por acaso. Estou certa de que não me prestou a

menor atenção. Várias vezes fiquei muito irritada. Nestes momentos eu me

lembrava das minhas queridas Elizabeth e Jane e por causa de vocês me arrependia

da maior paciência possível. Mr. Darcy voltou pontualmente e, com o Lydia já

lhe contou, assistiu ao casamento. Jantou conosco no dia seguinte e tentava

partir na quarta ou na quinta-feira. Espero que não se zangará comigo, minha

querida Lizzy , por eu m e aproveitar desta oportunidade para lhe dizer um a coisa

que antes nunca tinha ousado dizer: é que eu gosto m uito dele. Seu procedim ento

para conosco foi sob todos os aspectos tão agradável com o quando estivem os no

Derby shire. Sua m aneira de ver as coisas, suas opiniões, tudo m e agrada m uito.

Só lhe falta um pouco m ais de vivacidade. E isto, se se casar acertadam ente, a

sua m ulher lhe poderá ensinar. Achei-o m uito astuto. Quase nunca m encionou o

seu nom e. Mas a astúcia parece que está em m oda. Peço-lhe que m e perdoe se

fui m uito ousada ou pelo m enos não m e castigue a ponto de m e excluir de P.

Nunca m e sentirei inteiram ente feliz enquanto não tiver percorrido todo o parque.

Com um faéton baixo e um a boa parelha de pôneis, seria o ideal. Não posso

escrever m ais, as crianças j á m e esperam há m eia hora. Sua tia m uito afetuosa.

M. Gardiner.

O conteúdo desta carta lançou o espírito de Elizabeth num a agitação em que era

difícil determ inar se o prazer ou a dor predom inavam .

As vagas suspeitas acerca do que Mr. Darcy poderia ter feito para auxiliar o casamento da sua irmã, suspeitas que tivera receios de encorajar, pois demonstravam uma grandeza de alma que dificilmente encontraria em alguém,

suspeitas cuja confirmação ao mesmo tempo temia por causa da obrigação que

acarretariam, se tinham convertido em realidade além das suas expectativas. Ele

os seguira deliberadamente a Londres. Assumira todos os incômodos e mortificações inerentes a uma tal pesquisa. Tivera que suplicar a uma mulher

que devia abominar e desprezar. Fora obrigado a se encontrar frequentemente,

discutir, persuadir e finalmente subornar o homem que sempre mais desejaria

evitar e cujo simples nome lhe era detestável. Tudo isso tinha feito por uma

moção que ele não podia nem admitir nem estimar. Seu coração lhe dizia que

fora unicamente por sua causa. Mas esta esperança era logo sufocada por outras

reflexões e ela sentiu que não era vaidosa a ponto de julgar que Darcy tinha afeição por uma mulher que já o rejeitara, e que ele seria capaz de vencer um

sentim ento tão natural quanto a repugnância em se relacionar novam ente com

Wickham . Cunhado de Wickham ! O orgulho m ais elem entrar se revoltaria contra

isto. Decerto ele j á tinha feito m uito. Elizabeth até se envergonhava de pensar em

tudo o que lhe devia. Mas Darcy tinha apresentado um m otivo para a sua interferência, um m otivo que não exigia sutilezas de interpretação. Não era natural que ele sentisse que agira erradam ente. Era generoso e tinha m eios de

exercer a sua generosidade. E em bora não se considerasse com o a causa principal dessa conduta, poderia talvez supor que um resto de afeição por ela

tivesse contribuído para os seus esforços num a causa de que dependia diretam ente a sua paz de espírito. Era doloroso, m uito doloroso, saber que deviam

um a tal obrigação a um a pessoa a quem nunca poderiam pagar. Eles deviam a

reabilitação de Ly dia, sua restituição ao seio da fam ília exclusivam ente a Mr.

Darcy . Elizabeth se arrependeu am argam ente de todos os desprazeres que lhe

causara, de todas as palavras duras que lhe havia dirigido. Sentia-se hum ilhada

consigo me esmaltava estava orgulhosa dele. E isto porque numa causa de honra,

me ovidio pela com paixão, ele conseguira sedominar. E ao pensar na certeza que

tanto ela com o seu tio sentiam de que a afeição de Mr. Darcy por ela continuava

a subsistir, sentia até um certo prazer, em bora de me istura a me ágoa.

Elizabeth foi arrancada das suas reflexões pela aproximação de uma pessoa.

Levantou-se, mas antes de fugir pelo outro caminho foi abordada por Wickham .

— Acha que estou interrompendo o seu passeio solitário, minha cara irmã? —

indagou ele, aproximando-se.

— Sentiria muito se o fosse. Sem preformos bons amigos. E agora meus aisdó que

nunca.

— É verdade. Os outros não vêm passear?

— Não sei. Mrs. Bennet e Lydia vão de carro a Meryton.

— Então, minha cara irmã, soube pelos meus tios que você já esteve em Pemberley .

Elizabeth respondeu afirmativamente.

— Eu quase lhe invejo o prazer. No entanto acho que seria demasiado para mim .

Sem o quê, iria até lá a caminho de Newcastle. Naturalmente estive com a velha

caseira... Pobre Mrs. Reynolds, ela gostava muito de mim ! Mas suponho que ela

não tenha falado em meu nome e...

— Falou sim .

— E o que foi que disse?

— Que tinha entrado no exército e parecia que não tinha dado boa coisa. Mas

compreende, a uma tal distância as coisas chegam bem deformadas...

— Certamente — replicou ele, mordendo os lábios.

Elizabeth supôs que o silenciara, mas pouco depois ele disse:

— Fiquei espantado de ver Darcy em Londres, da vez anterior. Eu o avistei várias vezes na rua. Que será que ele anda fazendo lá?

— Talvez preparando o seu casamento com Miss de Bourgh — disse Elizabeth.

— Ele deve ter um motivo muito especial para vir a Londres nesta época do ano.

— Sem dúvida. Viu Mr. Darcy alguma vez quando estive em Lambton? Se não

me engano, os Gardiner disseram-me isto.

— Sim , ele me apresentou à irmã.

— E que achou dela?

— Gostei im ensam ente.

— É verdade, ouvi dizer que ela m elhorou extraordinariam ente nesses últim os

dois anos. Da últim a vez que a vi não prom etia m uito. Espero que ela acabe bem .

— Tenho certeza disto, pois j á passou a idade m ais perigosa.

— Passaram pela aldeia de Ky m pton?

— Não m e lem bro.

— Falo nisto porque é a sede da reitoria que devia ter sido m inha. Um lugar

encantador. A casa é excelente. Teria sido extrem am ente conveniente para m im .

— Você teria gostado de fazer serm ões lá?

— Muito. Eu teria considerado isto parte do m eu dever e o esforço, afinal, não

seria tão grande assim . A gente não deve se queixar. Teria sido um lugar

esplêndido para m im . A tranquilidade daquela vida teria correspondido a todas as

m inhas ideias de felicidade. Mas não tinha que ser. Darcy lhe falou algum a coisa

sobre o caso, enquanto estive no Kent?

— Ouvi de um a pessoa, que considero tão bem -inform ada quanto ele, que a

reitoria lhe foi deixada apenas condicionalmente, ao arbítrio do atual proprietário.

— Ah, sim ? Realmente, existe alguma verdade nisso. Aliás, foi o que eu lhe disse

desde o princípio, não se lembre?

— Ouvi dizer também que numa certa época da sua vida, a necessidade de fazer

serviços não lhe era tão agradável quanto atualmente. Ouvi dizer também o que

tinha resolvido não se ordenar. E que neste sentido chegou a haver um acordo.

— Ah, ouviu dizer isto? E não foi sem fundamento. Deve se lembrar do que eu

lhe falei a este respeito, quando falamos pela primeira vez neste assunto.

Estavam quase à porta da casa, pois Elizabeth tinha andado depressa para se ver

livre dele.

Não querendo mais provocá-lo, por causa da sua irmã, ela respondeu apenas

com um sorriso cordial:

— Vamos acabar com isto, Mr. Wickham, somos agora irmãos. Não devemos os

brigar por causa do passado. Para o futuro, espero que estejamos sempre

de acordo.

Elizabeth estendeu a mão e ele a beijou com galante cordialidade, em bora não

soubesse que expressão tomara ao entrar em casa.

53

Mr. Wickham ficou tão satisfeito com a conversação que nunca mais mencionou

aquele assunto em presença de Elizabeth. Esta, por sua vez, ficou satisfeita de ter

dito o suficiente para silenciá-lo.

Breve chegou o dia da partida de Lydia. E Mrs. Bennet foi obrigada a se submeter à separação, que provavelmente duraria pelo menos um ano, pois Mr.

Bennet se recusou term inantemente a aderir ao plano de irem todos a Newcastle.

— Oh, minha querida Lydia — exclamou ela —, quando nos tornarem os a ver?

— Não sei. Daqui a dois ou três anos talvez.

— Não deixe de me escrever sempre, meu bem.

— Escreverei sempre que puder. Mas a senhora deve saber que as mulheres

casadas não têm muito tempo para escrever. Minhas irmãs podem, pois não têm

nada que fazer.

As despedidas de Mr. Wickham foram muito mais afetuosas do que as de sua

mulher. Ele sorriu, fez pose, disse muitas coisas bonitas.

— É um ótimo rapaz — disse Mr. Bennet assim que o viu fora de casa. —

Distribui sorrisinhos, gatimônhas e faz a corte a todo mundo. Estou muito orgulhoso dele. Desafio o próprio Sir William Lucas a apresentar um genro melhor do que o meu.

A perda da sua filha fez Mrs. Bennet ficar triste vários dias.

— Muitas vezes penso — disse ela — que não há nada mais doloroso do que o

fato de se separar dos amigos. A gente se sente tão abandonada...

— A senhora deve compreender, minha mãe, que isto é a consequência de casar

uma filha — disse Elizabeth. — Deve ficar contente, já que as suas outras quatro

filhas continuam solteiras.

— Não é nada disto. Eu tenho de me separar de Lydia não porque ela esteja

casada, mas porque o regime do marido dela fica tão longe. Se estivesse mais

próximo, não seria obrigada a partir tão cedo.

Mas o desânimo em que este acontecimento precipitou Mrs. Bennet foi em breve

atenuado por um a notícia que com eçou a circular. A caseira de Netherfield tinha

recebido ordem de preparar a casa para a chegada do patrão que viria daí a um

ou dois dias, e se demoraria lá várias semanas para caçar. Mrs. Bennet ficou

muito agitada. Olhava para Jane, sorria e movia a cabeça de vez em quando.

Fora Mrs. Philips quem trouxera a notícia.

— Bem , bem , então Mr. Bingley está para chegar? Melhor. Não que eu faça

muito caso disto, nós o conhecemos muito pouco, com o que sabe, e eu por mim não

quero mais vê-lo. No entanto, acho que faz muito bem de vir para Netherfield.

Quem sabe o que pode acontecer? Mas você bem sabe que há muito tem por resolverem os não falar mais nisto. Então é mesmo certa a chegada dele?

— Pode contar com isto — replicou a outra. — Pois Mrs. Nichols esteve em

Meryton ontem à noite. Eu a vi passando e saí de propósito para perguntar o que

estava fazendo. E ela me disse que era verdade. Deve chegar na quinta-feira o

mais tardar ou talvez mesmo na quarta. Ela estava a caminho do açougue, disse-

me, justificam-se para encomendar carne para quarta-feira. E ela tem três casais

de patos prontos para serem mortos.

Jane, ao ouvir a notícia, não pôde deixar de em palidecer. Havia muitos meses

que ela não mencionava o nome de Bingley a Elizabeth. Agora, estando as duas

juntas, ela disse:

— Reparei que você olhou hoje para mim, Lizzy, quando minha tia nos trouxe

essa notícia. E eu sei que fiquei perturbada. Mas não creio que tenha sido por

uma causa à toa. Só me senti assim porque vi que iam olhar para mim. Juro a

você que essa notícia não me causa alegria nem sentimento algum. Só me alegro

de uma coisa, é que ele não vem acompanhado; assim o verem os meus. Não

que eu sinta medo de mim mesma, mas tenho horror às observações das outras

pessoas.

Elizabeth não sabia o que pensar. Se ela não o tivesse visto no Derbyshire, podia

aceitar o motivo que alegavam para a sua vinda. Mas achava que Bingley ainda

gostava de Jane. E hesitava diante de duas outras explicações, que achava muito

mais prováveis: se ele vinha porque o seu amigo o permitira ou se ousara espontaneamente tomar esta resolução.

Mas às vezes Elizabeth pensava: “não vejo o porque este pobre rapaz não possa vir

à casa que alugou e é dele sem despertar tanta minha curiosidade. Não pensarei

mais nele, vou abandoná-lo à sua sorte.”

Apesar do que a sua irmã lhe tinha declarado, e acreditava que ela tivesse falado

sinceramente, Elizabeth percebia facilmente que a perspectiva da chegada de

Bingley a tinha afetado profundamente. Jane estava perturbada, agitada com o

poucas vezes a vira.

O assunto, que fora discutido tão calorosamente pelos seus pais, há um ano aproximadamente, tornava agora a apresentar-se.

— Mr. Bingley está para vir, meu caro — disse Mrs. Bennet. — Você, naturalmente, irá visitá-lo...

— Não, não, você me obrigou a visitá-lo no ano passado e disse que, se eu o fosse

ver, ele se casaria com uma das minhas filhas. Mas isto deu em nada e não vou

tornar a fazer papel de tolo.

Sua mulher procurou convencê-lo de que isto era uma obrigação que incumbia a

todos os cavalheiros que residiam na região.

— É uma etiqueta que eu desprezo — disse Mr. Bennet. — Se ele deseja a nossa

companhia, que a procure. Sabe onde nós moramos. Não vou perder o tempo

correndo atrás dos meus vizinhos cada vez que eles vão embora e tornam a voltar.

— Bem, tudo o que eu sei é que será uma abominável grosseria se você não for

visitá-lo. No entanto, isto não impedirá que eu o convide a vir jantar conosco.

Precisamos convidar Mrs. Long e os Goulding em breve. Contando conosco,

serão os treze à mesa. E portanto haverá justamente um lugar para Mr. Bingley.

Consolada com esta resolução, Mrs. Bennet se sentiu com maior força para suportar a falta de cortesia do seu marido, embora fosse muito mortificante saber

que por causa disto todos os vizinhos poderiam ver Mr. Bingley antes dos Bennet.

Poucos dias antes da sua chegada, Jane disse para a irmã:

— Estou com vontade de preferir que ele não venha. Não que eu dê importância ao

fato, sou capaz de vê-lo com perfeita indiferença. Mas não suporto ouvir falar

constantemente nesse assunto. A intenção da minha mãe é boa. Porém ela não

sabe, ninguém sabe quanto eu sofro com o que dizem. Vou dar graças a Deus

quando Mr. Bingley for embora de novo.

— Eu poderia dizer alguma coisa que consolasse você — replicou Elizabeth. —

Mas nada tenho realmente a dizer. Você deve saber disso. E a satisfação usual de

recomendar paciência aos sofredores lhe seria negada porque você já a tem de

sobra.

Mr. Bingley chegou. Mrs. Bennet, por intermédio dos criados, arranhou um meio

de saber do fato o mais cedo possível, o que aumentava o período de ansiedade e

agitação, prolongando a expectativa do jantar. Ela contou os dias que deviam

decorrer antes do convite ser enviado, pois durante esse tempo não havia esperança de vê-lo. Mas de manhã, três dias depois da sua chegada no

Hertfordshire, Mrs. Bennet, que estava à janela do seu quarto de vestir, viu Mr.

Bingley entrar a cavalo pelo portão e se aproximar da casa.

Contentíssima, ela chamou as filhas para participarem da sua alegria. Jane continuou sentada no seu lugar, resolutamente. Mas Elizabeth, para contentar a

sua mãe, foi até a janela, olhou, e vendo que Mr. Darcy vinha em companhia de

Bingley, voltou a sentar-se ao lado da sua irmã.

— Vem outro cavalheiro com ele, mãe — disse Kitty. — Quem será?

— Deve ser um conhecido dele, meu bem, mas não sei quem é.

— Ora, parece aquele homem que já estive aqui com ele uma vez. Mr..., com o

é que ele se chama? Aquele homem alto, orgulhoso...

— Quem, Mr. Darcy? É mesmo... Bem, qualquer amigo de Mr. Bingley será

sempre bem-recebido. Mas devo confessar que odeio aquele homem.

Jane olhou para Elizabeth com surpresa e inquietação. Jane pouco sabia a respeito dos encontros que a sua irmã tivera com Mr. Darcy no Derbyshire.

Supunha portanto que sua irmã se sentiria muito embaraçada ao vê-lo depois da

carta explicativa que recebera da sua parte. As duas irmãs se sentiam bastante

em baraçadas. Cada um a delas sentia pela outra e naturalmente por si própria.

Mrs. Bennet continuou a falar sobre a antipatia que tinha por Mr. Darcy . E

repetiu que estava disposta a tratá-lo amavelmente apenas porque era um amigo

de Mr. Bingley . Mas as suas palavras não foram ouvidas por nenhuma das suas

filhas. Elizabeth tinha motivos de inquietação de que a sua irmã não suspeitava,

pois nunca tivera a coragem de mostrar a Jane a carta de Mrs. Gardiner nem de

lhe revelar a mudança dos seus sentimentos para com Mr. Darcy . Para Jane ele

continuava a ser o homem cujas propostas ela tinha recusado, e cujas qualidades

ela subestimava. Mas para Elizabeth, que possuía outras informações, ele era a

pessoa a quem toda a família devia o maior dos benefícios, e a quem ela própria

votava uma afeição, se não tão terna quanto a que Jane dedicava a Bingley , pelo

menos tão razoável e tão justa. A surpresa que a vinda dele a Netherfield e a sua

visita a Longbourn, aonde vinha espontaneamente para vê-la, era quase tão forte

quanto a que sentira ao perceber a transformação que se tinha operado nele no

Derby shire.

As cores que tinham desaparecido do seu rosto tornaram a voltar com maior

intensidade e um sorriso de prazer deu maior fulgor ao brilho dos seus olhos,

durante alguns minutos; e disse a si mesma a que provavelmente os sentimentos de

Darcy continuavam inalterados. No entanto não queria se precipitar.

“Vam os ver primeiro com o ele e trata”, disse ela para si mesma.

“Antes disso

não convém ter esperanças.”

Continuou atenta ao seu trabalho, procurando se acalmar, e sem ousar levantar os

olhos, até que uma curiosidade ansiosa a levou a fitar o rosto da sua irmã,

enquanto o criado se aproximava da porta. Jane parecia um pouco mais pálida do

que de costume, porém mais calma do que Elizabeth esperava. Quando os

cavalheiros entraram, ela enrubescou ligeiramente. No entanto recebeu-os com

tranquilidade e maneiras igualmente livres de qualquer sintoma de ressentimento,

com o de qualquer desejo exagerado de agradar.

Sem ser descortês, Elizabeth falou o menos possível. E voltou ao seu trabalho

com um afinco que poucas vezes lhe dedicava. Ela arriscara apenas um olhar

para Darcy . A expressão dele era tão grave com o de costum e. Mais talvez do

que no Hertfordshire e em Pemberley . Talvez ele não se sentisse tão à vontade

na presença da sua mãe quanto na dos seus tios. Era uma história dolorosa, porém não de todo improvável.

Bingley , também , ela só vira de relance. E naquele instante a sua expressão era

ao mesmo tempo alegre e embaraçada. Mrs. Bennet o recebeu com uma tal

cortesia, uma tão grande habilidade, que as suas filhas se sentiram

envergonhadas. Especialmente quando viram a fria polidez com que ela

cumprim entou o seu compromisso.

Elizabeth, sobretudo, que sabia quanto a sua mãe devia a este último, cuja

iniciativa salvara a sua filha favorita de uma irreparável desonra, sentiu-se

ferida e aflita com aquela distinção tão mal-aplicada.

Darcy , depois de perguntar por Mr. e Mrs. Gardiner, pergunta que Elizabeth não

pôde responder sem um certo embaraço, quase mais nada falou. Ele não estava

sentado perto de Elizabeth; talvez fosse este o motivo do seu silêncio. Porém no

Derbyshire ele não procedera daquele modo. Lá, ele tinha palestrado com os

amigos de Elizabeth, quando não podia fazer com ela própria. Agora decorriam

vários minutos sem que se ouvisse o som da sua voz. E quando, às vezes, incapaz

de resistir a um impulso de curiosidade, Elizabeth levantava os olhos e procurava

o seu rosto, via que ele olhava tanto para Jane como para ela própria, e frequentemente olhava apenas para o chão. Aquela atitude exprimia

evidentemente maior despreocupação, menos ansiedade de agradar do que da

última vez que tinham estado juntos. Ela ficou desapontada e depois zangada

consigo mesma por ter cedido àquele sentimento.

“Podia eu esperar que fosse de outro modo?”, exclamou para si própria. “Mas se

é assim, para que então ele veio?”

Ela não se sentia disposta a conversar com ninguém, a não ser consigo mesma.

Faltava-lhe quase completamente a coragem para falar com Mr. Darcy.

Perguntou pela irmã dele. Foi o máximo o que conseguiu de si mesma.

— Faz muito tempo, Mr. Bingley, que o senhor foi embora — disse Mrs. Bennet.

Ele concordou prontamente.

— Eu tinha medo que o senhor não viesse mais — continuou ela. —
Andaram

dizendo que tencionava abandonar Netherfield completamente, por
ocasião da

festa de São Miguel. Espero que não seja verdade. Tem acontecido muitas
coisas

aqui nasimediações desde que o senhor partiu. Miss Lucas está casada e
uma das

minhas filhas também.

“Acho que já deve ter ouvido falar nisto. Aliás o senhor deve ter lido nos
jornais.

Saiu no Times e no Courier. Não sei como o devia, mas enfim ... Dizia
apenas:

‘Casamentos: Jorge Wickham, Esquire, com Miss Lydia Bennet’, sem
acrescentar nem uma sílaba a respeito do pai dela, do lugar onde vivia,
nada. O

contrato foi feito por meu irmão Gardiner e a notícia também foi dada por
ele.

Não sei como fez uma coisa tão sem graça assim. O senhor leu?”

Bingley respondeu que tinha lido e lhe deu os parabéns. Elizabeth não
ousou

levantar os olhos. Não sabia portanto qual a expressão do rosto de Mr. Darcy .

— É uma coisa muito agradável ter uma filha bem -casada — continuou Mrs.

Bennet —, mas ao mesmo tempo, Mr. Bingley , é muito duro a gente se separar

de uma filha. Eles foram para Newcastle. Um lugar situado muito para o norte,

ao que parece. E eles têm que permanecer lá durante não sei quanto tempo. E lá

que é a sede do regimento. O senhor deve ter ouvido dizer que ele saiu da milícia

e entrou no exército regular. Graças a Deus ele tem alguns amigos, embora talvez não tantos quanto mereça.

Elizabeth, que sabia que isto era dirigido a Mr. Darcy , sentiu uma tal vergonha e

confusão que por pouco não se levantou e fugiu. Estas palavras, no entanto,

conseguiram arrancá-la ao seu silêncio. E ela perguntou a Bingley se tentava

ficar algum tempo na região. Ele disse que ficaria algumas semanas.

— Depois que tiver matado todos os seus pássaros, Mr. Bingley — continuou Mrs.

Bennet —, venha caçar aqui, matar tantos quanto queira. Estou certa que Mr.

Bennet se sentirá muito feliz com isto. E guardarem os todos as melhores caças

para o senhor.

Essas atenções desnecessárias e exageradas faziam crescer o mal-estar de

Elizabeth. Se agora surgissem para Jane as mesmas possibilidades que no ano

anterior, tudo se precipitaria para a mesma desastrosa confusão. Naquele instante

ela sentiu que muitos anos de felicidade não poderiam compensar os momentos

desagradáveis que ela e Jane estavam passando.

“O maior desejo do meu coração”, disse ela a si mesma, “é nunca mais estar

em companhia de nenhum desses dois, por mais agradáveis que sejam ; nada

pode compensar esta miséria. Que eu nunca mais os veja, nem a um nem a

outro.” No entanto a miséria, que anos de felicidade não poderiam compensar,

pouco depois se atenuou de maneira muito sensível. Elizabeth observou que a

beleza da sua irmã tornava a inflamar rapidamente a admiração do seu antigo

namorado. A princípio ele lhe falava pouco, mas cada minuto que passava

parecia aum entar a adm iração que lhe dedicava. Ele a achava tão bela quanto no

ano passado, tão sim ples e natural, em bora m enos com unicativa. Jane se esforçava por não deixar perceber nenhum a diferença na sua atitude, e estava

realm ente convencida que conversara tão anim adam ente com o sem pre. Seus

pensam entos a absorviam tanto que não reparava nos m om entos em que ficava

calada.

Quando os cavalheiros se levantaram para partir, Mrs. Bennet se lem brou do

convite que tencionava fazer, e eles ficaram com prom etidos para j antar em

Longbourn daí a poucos dias.

— O senhor m e deve um a visita, Mr. Bingley — acrescentou ela —, pois quando

partiu para Londres no inverno passado prom eteu que tom aria parte num j antar

de fam ília assim que regressasse. Com o o senhor está vendo, eu não m e esqueci.

Eu lhe asseguro que fiquei m uito desapontada porque o senhor não voltou com o

tinha prom etido.

Bingley pareceu um pouco em baraçado e falou vagam ente que negócios

urgentes o tinham im pedido de vir e que sentia m uito. Em seguida partiram .

Mrs. Bennet estivera fortem ente inclinada a convidar os dois para j antar naquele

m esm o dia. No entanto, em bora tivesse sem pre um a m esa m uito boa, j ulgou que

um j antar de m enos de dois serviços não seria digno de um hom em no qual tinha

tantas esperanças, nem suficiente para satisfazer o apetite e o orgulho do outro

que possuía dez m il libras de renda por ano.

54

Assim que as visitas partiram , Elizabeth saiu para readquirir a sua tranquilidade.

Ou, em outras palavras, para refletir sem interrupção nesses assuntos, que na

realidade só a perturbariam ainda m ais. A atitude de Mr. Darcy a surpreendia e

penalizava.

Para que teria ele vindo, perguntava a si m esm a, se era para perm anecer silencioso, grave e indiferente? Ela não encontrava um a resposta que a satisfizesse.

Ele continuou a se m ostrar am ável para com os m eus tios, quando esteve em

Londres. Por que não o é para com igo? Se tem medo de mim, por que veio aqui?

Se ele não gosta mais de mim, por que é que fica silencioso? Que homem misterioso! Não pensarei mais nele.

Sua resolução foi cumprida involuntariamente por pouco tempo, devido à aproximação da sua irmã, que se juntara a ela com um ar alegre, que mostrava

ter ficado muito mais satisfeita com a visita do que Elizabeth.

— Agora que o primeiro encontro está passado — disse ela —, eu me sinto

perfeitamente à vontade. Conheço as minhas forças e nunca mais me sentirei

embaraçada quando ele vier. Estou contente que ele venha jantar aqui na terça-

feira. Todos terão ocasião de ver que nos encontramos apenas com o conhecidos

com uns e indiferentes.

— Oh, realmente muito indiferentes — disse Elizabeth, sorrindo. — Tome

cuidado, Jane.

— Minha querida Lizzy, você não há de pensar que eu seja tão fraca que esteja

agora em perigo.

— Acho que mais do que nunca você está em perigo de fazer com que ele se

apaixone por você.

* * *

Não tornaram a ver Mr. Bingley e o seu amigo senão na terça-feira. E durante

esse tempo Mrs. Bennet se entregara a todos os planos felizes que o bom humor e

a polidez habitual de Bingley em meia hora de visita haviam reavivado.

Na terça-feira reuniu-se um grupo numeroso em Longbourn. E as duas pessoas

mais ansiosamente esperadas chegaram pontualmente. No momento de entrar

na sala de jantar, Elizabeth observou Bingley avidamente, para ver se ele tomava

lugar com o antigo, ao lado da sua irmã. Sua mãe, que era uma pessoa

prudente e ocupada com as mesmas ideias, não o convidou para sentar-se ao seu

lado. Ao entrar na sala ele pareceu hesitar. Mas por acaso Jane olhou em torno

de si e, igualmente por acaso, sorriu. Foi suficiente para que ele se decidisse e

fosse sentar ao lado dela.

Elizabeth, triunfante, olhou para Mr. Darcy. Ele recebeu o fato com nobre

indiferença e Elizabeth teria imaginado que Bingley tinha recebido afinal licença

para ser feliz se não tivesse visto que este olhava, tão bem, para Mr. Darcy com

um ar entre sorridente e alarmado.

Durante o jantar a atitude de Bingley para com a sua irmã persuadiu Elizabeth

que a sua admiração por Jane, embora mais reservada, levaria o caso rapidamente a uma solução feliz, caso não houvesse interferências alheias. E

embora não pudesse confiar no resultado de olhos fechados, no entanto aquilo lhe

dava um grande prazer, despertando nela toda a animação que era possível sentir, pois não estava de humor muito alegre. Mr. Darcy estava sentado quase

na outra extremidade da mesa. Estava ao lado da sua mãe. Ela sabia que essa

situação daria muito pouco prazer a qualquer um dos dois. Com a distância a que

se encontrava, não podia ouvir o que eles diziam, mas via que raramente falavam um com o outro e que o faziam cerimoniosamente e friamente. A hostilidade

de sua mãe lhe parecia dolorosamente a Elizabeth tudo o que deviam a Mr. Darcy.

E às vezes ela sentia que teria feito qualquer sacrifício para poder lhe dizer que

sua bondade não era nem ignorada nem desdenhada pela totalidade da família.

Elizabeth tinha esperanças de que, à noite, eles tivessem oportunidade de ficar

juntos. E que a visita toda não se passaria sem lhes dar ocasião de trocar palavras

mais significativas do que as simples saudações de cortesia. Ansiosa e inquieta, o

período que decorreu na sala, antes da entrada dos cavalheiros, foi aborrecido a

um ponto que quase a tornou impolida. Ela concentrara todas as suas esperanças

no momento em que eles entrassem na sala.

“Se não se dirigir a mim”, pensou ela, “renunciarei a esse homem para sempre.”

Os cavalheiros entraram. Por um momento Elizabeth pensou que as suas esperanças se iam realizar, mas infelizmente as senhoras se tinham reunido todas

em volta da mesa, onde Jane estava fazendo chá e Elizabeth servindo café e não

havia lugar ao seu lado nem para uma cadeira. E quando os cavalheiros se aproximaram, uma delas aproximou-se ainda mais dela e lhe disse ao ouvido:

— Nós não querem os um hom em aqui entre nós, não é?

Darcy se tinha dirigido para o outro lado da sala. Elizabeth o acompanhou com os

olhos, invejando todas as pessoas com quem ele falava. Serviu o café com
im paciência e depois ficou irritada consigo mesma por ser tão idiota.

Um homem que foi recusado uma vez! Com o qual podia ter esperanças de que
ele

tornasse a se declarar? Existiria um homem só pessoa do seu sexo que não se
revoltasse

contra um homem tão grande fraqueza? Não existe nada tão incompatível com o
sentimento dos homens.

Elizabeth ficou mais animada, no entanto, quando ele veio pessoalmente
trazer a

sua xícara de café. E aproveitou a oportunidade para dizer:

— A sua irmã está ainda em Pemberley ?

— Sim , ficará lá até o Natal.

— E ela está sozinha? Todos os seus amigos já partiram ?

— Miss Annesley está com ela. Os outros foram para Scarborough para
passar

três semanas.

Elizabeth não encontrou mais nada para dizer; mas se ele quisesse
conversar,

talvez fosse mais bem-sucedido. No entanto, ficou ao seu lado, em silêncio,

durante alguns minutos. E afinal, quando as moças vieram sussurrar novamente

ao ouvido de Elizabeth, ele tornou a se afastar.

Quando o serviço de chá foi retirado e as mesas de jogo colocadas, todas as

senhoras se levantaram. E Elizabeth teve outra vez esperança de vê-lo se

aproximar. Todos os seus planos, porém, foram novamente destruídos; viu sua

maneira se apoderar dele, para parceiro de whist. Todo o prazer estava agora

acabado para ela. Seriam obrigados a passar a noite sentados em mesas

diferentes e a única esperança que lhe restava era de que Darcy voltasse

frequentemente os olhos na sua direção e jogasse portanto tão mais quanto ela.

Mrs. Bennet tinha resolvido convidar os dois cavalheiros de Netherfield para

cear, mas infelizmente a carruagem deles foi chamada antes de qualquer uma

das outras. E ela não teve outra oportunidade de vê-los.

— Então, meninas — disse Mrs. Bennet, assim que ficaram sós —, que é que

vocês acharam da festa? Penso que tudo correu da melhor forma possível. O

jantar estava excelente. O assado de cabrito estava realmente bom. Todos disseram que nunca viram uma perna tão gorda. A sopa estava incomparavelmente melhor do que a que serviram em casa dos Lucas na semana passada. E até Mr. Darcy reconheceu que as perdizes estavam notavelmente bem-feitas. E eu calculo que ele tenha dois cozinheiros franceses,

pelo menos. Você, minha querida Jane, estava tão bonita como nunca vi. Mrs.

Long foi da mesma opinião. E sabe o que ela disse também? “Ah, Mrs. Bennet,

acho que afinal a verem os instalada em Netherfield.” Disse isto realmente. Acho

Mrs. Long uma esplêndida criatura. E as sobrinhas dela são muito com portadas.

E não são nada bonitas. Gosto delas imensamente.

Mrs. Bennet, em suma, estava de excelente humor. O que observava, na atitude

de Bingley para com Jane, fora suficiente para convencê-la de que ele estava

mesmo o conquistado. E quando Mrs. Bennet estava de bom humor, as suas esperanças matrimoniais eram tão ilimitadas, que no dia seguinte ficava desapontada de não ver o rapaz aparecer para fazer o pedido.

— Foi um dia muito agradável — disse Jane para Elizabeth. — Os convidados

foram bem -escolhidos e pareciam se dar todos admiravelmente entre. Espero que

tornem os a nos reunir frequentemente entre.

Elizabeth sorriu.

— Lizzy , não faça isso. Você não deve suspeitar de mim . Isto me mortifica. Eu

lhe asseguro que aprendi a gostar da conversa dele; trata-se de um rapaz agradável e sensato. Garanto a você que não tenho outras intenções. Vejo o perfeito entre, pela maneira com o ele me trata, que nunca desejou realmente a

minha afeição. Só que é dotado de maneiras muito mais agradáveis, e de um

desejo de agradar muito mais forte do que qualquer outro homem .

— Você está sendo cruel — disse Elizabeth. — Você me provoca e depois não

quer que eu sorria.

— Com o é difícil às vezes fazer com que os outros acreditem em nós!

— E com o é impossível às vezes, para os outros, acreditar!

— Mas, então, por que é que você quer me persuadir que os meus sentimentos

são mais complexos do que eu confessei?

— Isto é uma pergunta a que eu não sei como responder. Todos gostam os de

instruir os outros, em bora só possam os transmitir o que não é digno de ser ensinado. Perdoe, se você insistir na sua indiferença, não me tome por confidente.

55

Poucos dias depois daquela visita, Mr. Bingley tornou a aparecer e desta vez veio

sozinho. Seu amigo tinha partido naquela manhã para Londres, ficando de voltar,

porém, daí a dez dias. Mr. Bingley se demorou mais de uma hora. Estava de

excelente humor. Mrs. Bennet o convidou para jantar. Ele respondeu que sentia

incomodidade, declarando que estava comprometido.

— Da próxima vez que vier — disse Mrs. Bennet —, espero que tenham os mais

sorte.

Ele teria imenso prazer em vir em qualquer outra ocasião, etc. etc. E se Mrs.

Bennet lhe desse permissão, viria muito breve.

— Pode vir amanhã?

— Sim .

Ele não tinha compromisso para o dia seguinte. E o convite foi aceito com entusiasmo.

Mr. Bingley veio — e tão pontualmente que as moças ainda não estavam vestidas

quando chegou. Mrs. Bennet correu para o quarto das meninas, enrolada num

robe de chambre, o cabelo ainda por fazer, e exclamou:

— Jane, anda depressa! Corra lá para baixo! Ele chegou! Mr. Bingley chegou,

chegou mesmo! Vá ligeiro, depressa! Sarah, venha ajudar Miss Bennet

imediatamente a pôr o vestido. Deixe o cabelo de Miss Lizzy para depois.

— Nós desceremos assim que pudermos — disse Jane. — Mas, entre nós, Kitty é

mais ligeira do que todas. Já desceu há meia hora.

— Oh, não se importe com Kitty, que tem ela a ver com isto? Vamos, vá ligeiro.

Depressa! Onde está a sua écharpe?

Mas depois que a sua mãe saiu, Jane se recusou a descer sem uma das suas irmãs.

Durante a visita Mrs. Bennet mostrou a mesma ansiedade que de costume para

deixar Mr. Bingley e Jane a sós. Depois do chá, Mr. Bennet se retirou para a biblioteca, como sempre o fazia. E Mary subiu para estudar piano. Dos cinco

obstáculos dois estavam suprimidos. Mrs. Bennet ficou olhando e piscando para

Kitty e para Elizabeth durante um espaço de tempo considerável, sem que nenhum a das duas se impressionasse com isto. Elizabeth fez que não via e Kitty

disse inocentemente:

— Que é, meu amor? Por que é que a senhora está piscando para mim? O que é

que a senhora quer que eu faça?

— Nada, meu bem, nada, eu não pisquei para você!

Ela então continuou sentada durante mais cinco minutos. Mas, incapaz de perder

uma ocasião tão preciosa, levantou-se e disse para Kitty :

— Meu bem, quero falar com você!

E levou-a para fora da sala. Jane imediatamente lançou um olhar para Elizabeth

em que exprimia a contrariedade que aquela premeditação lhe causava e o seu

desejo de que pelo menos sua irmã não se prestasse àquela comédia. Poucos

minutos depois, Mrs. Bennet entreabriu a porta e chamou:

— Lizzy, meu bem, eu quero falar com você.

Elizabeth foi forçada a ir.

— É melhor deixá-los a sós — disse Mrs. Bennet, assim que ela entrou no hall. —

Kitty e eu vamos lá para cima a fim de conversarmos no meu quarto de vestir.

Elizabeth resolveu não discutir com a sua mãe, porém permaneceu

tranquila enquanto no hall e assim que sua mãe e Kitty tinham partido, voltou para a

sala.

Naquele dia os planos de Mrs. Bennet foram inúteis. Bingley se mostrou

encantador com o sempre, mas a sua atitude não foi a de um pretendente. Seu

bom humor e a sua simplicidade o tornaram um companheiro dos mais

agradáveis. E ele suportou as inoportunas cortesias com que o cumprava Mrs.

Bennet, e ouviu todas as suas observações disparatadas com uma paciência e

uma seriedade que encantaram a Jane.

Ele ficou para jantar sem que fosse preciso insistir. E antes de ir embora, graças à

intervenção de Mrs. Bennet, ele assumiu o compromisso de vir na manhã

seguinte para caçar com Mr. Bennet.

Depois daquele dia Jane não falou mais na sua indiferença. Nem uma palavra foi

trocada pelas irmãs acerca de Bingley. Mas Elizabeth foi para a cama contente

com a certeza de que tudo chegaria breve a uma conclusão feliz, a não ser que

Mr. Darcy voltasse tão breve quanto havia prometido. No entanto, ela estava até

certo ponto persuadida de que tudo isto acontecia com a aquiescência dele.

No dia seguinte Bingley chegou pontualmente. Mr. Bennet e ele passaram a

manhã juntos, conforme tinham combinado. Mr. Bennet encontrou no outro um

companheiro muito mais agradável do que esperava; não havia em Bingley

nenhuma pretensão que o tornasse ridículo nem nenhuma insensatez que fizesse

Mr. Bennet se refugiar irritadamente no silêncio. Naquele dia ele estava mais

comunicativo e menos excêntrico do que nunca. Bingley, naturalmente, voltou

com ele para jantar, e à noite Mrs. Bennet lançou mão de todos os seus recursos

para deixá-lo a sós com a sua filha. Elizabeth, que tinha uma carta para escrever,

se retirou para a sala de almoço pouco depois do chá. Pois já que os outros iam

jogar cartas, a sua presença não seria necessária para contrabalançar os planos

da sua mãe.

Mas ao voltar para a sala, depois de acabar a carta, viu com infinita surpresa que

havia vários motivos para temer que sua mãe tivesse sido mais engenhosa do que

ela. Ao abrir a porta, viu que sua irmã e Bingley estavam juntos, ao pé da lareira,

como se conversassem sobre um assunto de extrema gravidade. E se este fato

não bastasse para despertar suspeitas, a expressão de ambos, ao se virarem rapidamente e se afastarem, teria revelado tudo. A situação deles era bastante

embaraçosa. Mas a sua própria, pensou Elizabeth, era pior ainda. Ninguém disse

uma só palavra. E Elizabeth estava a ponto de se retirar novamente, quando

Bingley, que imitando o exemplo de Jane se tinha sentado, de súbito se levantou

novamente, e sussurrando algumas palavras para Jane, saiu apressadamente da

sala.

Jane não teria reserva para com a sua irmã. O assunto da confidência era

agradável demais para que Jane se mostrasse reservada. E, abraçando a sua

irmã, imediatamente confessou com a mais viva emoção que ela era a criatura

mais feliz do mundo.

— É demasiado para mim — acrescentou ela. — Eu não o mereço. Por que é

que todos não estão felizes com o eu?

Elizabeth deu os parabéns com uma sinceridade, um calor, um entusiasmo que as

palavras não poderiam exprimir. Cada uma das suas palavras era uma nova

fonte de felicidade para Jane. Porém, esta não poderia sequer orar mais junto da

sua irmã, nem tinha tempo para lhe dizer metade do que ainda lhe restava para

contar.

— Preciso imediatamente ir ver minha mãe — exclamou ela. — Não quero deixá-la

por mais tempo em suspense; sua solicitude por mim é tão carinhosa! Nem quero

que ela saiba de tudo senão por meu intermédio. Ele já foi falar com papai. Oh,

Lizzy, que prazer vai dar a toda a família o que eu tenho para dizer! Com o poderei suportar tamanha felicidade?

Jane correu então para junto da sua mãe, que tinha interrompido o jogo de cartas

propositadamente, e estava no alto da escada com Kitty.

Elizabeth, que tinha ficado sozinha, sorriu da rapidez e da facilidade com que se

tinha resolvido um caso que lhes causara ansiedade e incerteza durante tantos

meses.

— E este — disse ela para si mesma — é o fim de todos os cuidados e precauções do seu amigo, das mentiras e ardis da sua irmã, o fim mais feliz,

mais justo e mais razoável!

Poucos minutos depois, Bingley, cuja conferência com Mr. Bennet fora curta e

decisiva, veio se reunir a Elizabeth.

— Onde está Jane? — disse ele, ao abrir a porta.

— Lá em cima com minha mãe. Ela descerá já.

Bingley então fechou a porta e, aproximando-se, reclamou os seus parabéns e a

sua afeição de irmã. Elizabeth, sincera e cordalmente, exprimiu a sua alegria.

Eles se apertaram a mão com grande cordialidade. Em seguida, até a sua irmã

voltar, ela teve que ouvir tudo o que ele dizia sobre a sua própria felicidade e

sobre as perfeições de Jane.

E apesar de serem, aquelas, expressões de namorados, Elizabeth acreditava

realmente no bem-fundado de suas esperanças, porque elas tinham com o base a

excelente compreensão, o gênio esplêndido de Jane e uma semelhança geral de

sentimentos e gostos.

Aquela foi uma noite de grande alegria para todos. A felicidade de Jane dava ao

seu rosto um brilho e uma doçura que o tornava mais belo do que nunca. Kitty

dava risinhos e sorria, com a esperança de que a sua vez chegaria breve. Mrs.

Bennet não encontrava termos bastante calorosos para exprimir o seu

consentimento e a sua aprovação. E falou só nisto, durante meia hora. E quando

Mr. Bennet apareceu, à hora da ceia, sua voz e suas maneiras mostravam claramente o contentamento que o possuía.

Nem uma só vez, no entanto, ele aludiu ao fato enquanto o visitante estava presente. Mas assim que ele partiu, Mr. Bennet se virou para a sua filha e disse:

— Jane, eu lhe dou os meus parabéns. Você será muito feliz.

Jane se aproximou dele imediatamente, beijou-o e agradeceu a sua bondade.

— Você é uma boa menina — respondeu ele. — E tenho prazer em vê-la bem -

casada. Não tenho a menor dúvida de que vocês se darão muito bem. Seus gênios

são bastante semelhantes. Ambos são tão tolerantes que nunca tomam grandes decisões definitivas. Tão fáceis de levar, que todos os criados os enganarão. E

são generosos que sempre têm de gastar mais do que têm.

— Espero que não. Imprudência ou imprevidência em matéria de dinheiro seriam imperdoáveis da minha parte.

— Gastar mais do que têm! Meu caro Mr. Bennet! — exclamou a sua mulher. —

Que é que você está dizendo? Ora, ele tem quatro ou cinco mil libras por ano e

provavelmente ainda mais...

Em seguida, virando-se para a sua filha:

— Oh, minha querida Jane! Estou tão feliz! Estou certa de que não dormirei nem

um só instante esta noite! Eu sabia que tudo ia acabar assim, eu sempre disse que

isto se realizaria finalmente! Tinha certeza de que a sua beleza acabaria triunfante! Eu me lembro que quando ele chegou aqui no Hertfordshire, no ano

passado, logo vi que era provável que vocês se dessem bem. Ele é o mais belo

rapaz que já me vi.

Wickham , Ly dia, tudo o m ais estava esquecido. Jane era, sem com
petição, a sua

filha favorita. Naquele instante ela não pensava em nenhum a outra. Suas
irm ãs

m ais m oças com eçaram logo a im aginar os proveitos e os prazeres que
retirariam do casam ento da sua irm ã.

Mary pediu para usar a biblioteca de Netherfield e Kitty insistiu m uito para
que

Jane desse alguns bailes lá durante o inverno.

De então em diante, naturalm ente Bingley veio todos os dias a Longbourn.
E

m uitas vezes chegava antes da prim eira refeição e ficava até depois do j
antar, a

não ser quando algum cruel vizinho lhe tinha enviado um convite para j
antar,

convite este a que ele não se podia furtar.

Elizabeth dispunha agora de m uito pouco tem po para conversar com a sua
irm ã,

pois enquanto Bingley estava presente Jane não podia dar atenção a m ais

ninguém . No entanto Elizabeth verificou que era de utilidade considerável
para

am bos, durante aquelas separações que necessariam ente ocorriam às
vezes. Na

ausência de Jane ele sem pre se aproxim ava de Elizabeth para conversar. E

depois que Bingley tinha partido, Jane procurava idêntico alívio na conversa com

sua irmã.

— Ele me deu um grande prazer — disse Jane, certa noite. — Ele me disse que

ignorava totalmente que eu estivesse em Londres na primavera passada. Eu não

acreditava que isto fosse possível.

— Eu já suspeitava disso — replicou Elizabeth. — Mas com o que ele explicou o

fato?

— Deve ter sido coisa feita pelas suas irmãs. Decerto não viam com bons olhos

as suas relações comigo, coisa aliás que eu acho muito natural, pois ele poderia

ter feito uma escolha muito mais vantajosa sob todos os pontos de vista. Mas

quando virem que o irmão é feliz comigo, espero que se resignarão e voltarem os

a ficar de bem novamente, em bora nunca mais possam os ter a mesma intimidade de antes.

— Essas são as palavras mais severas que já me ouviu dizer — exclamou

Elizabeth. — Ainda bem, eu ficaria realmente penalizada se a visse tornar a ser

enganada pela falsa amizade de Miss Bingley .

— Imagina, Lizzy , quando ele foi para Londres em novembro já gostava de

minha irmã . E só não voltou porque o convenceram de que eu lhe era totalmente indiferente.

— Ele cometeu um pequeno engano, decerto. Isto mostra pelo menos que é

modesto.

Isto conduziu Jane naturalmente a fazer um panegírico da descrição de Bingley e

do pouco valor que ele atribuía às suas boas qualidades.

Elizabeth ficou satisfeita por descobrir que ele não tinha revelado a interferência

do seu amigo, pois em bora Jane tivesse o coração mais generoso do mundo, ela

sabia que aquilo dificilmente seria perdoável.

— Sou decerto a criatura mais feliz que já jamais existiu — exclamou Jane.

— Oh,

Lizzy , por que é que fui eu a escolhida na minha família para receber tão grande

graça? Se ao menos eu pudesse vê-la tão feliz quanto eu... Se existisse outro

homem igual àquele para você!

— Mesmo se você me desse quarenta homens iguais para escolher, eu nunca

seria tão feliz quanto você! Seria preciso que eu possuísse o seu gênio e a sua

bondade. Não, não, deixe-me e entregue ao meu próprio destino; talvez, se tiver

boa sorte, eu encontre um dia um outro Mr. Collins.

A nova situação na família de Longbourn não podia permanecer muito tempo

em segredo. Mrs. Bennet sussurrou a novidade ao ouvido de Mrs. Philips e esta,

embora sem nenhuma autorização, fez o mesmo para todos os vizinhos de

Meryton.

Todos declararam que os Bennet eram a família mais afortunada do mundo,

embora poucas semanas antes, quando Lydia tinha fugido, fossem considerados

como pessoas marcadas pelo infortúnio.

56

Certa manhã, uma semana depois do noivado de Jane, Mr. Bingley e o resto da

família estavam sentados na sala de jantar, quando a sua atenção foi despertada

de súbito pelo ruído de um carruagem . E chegando à janela, viram que era um

coche puxado por quatro cavalos que se aproximava da casa. Era demasiado

cedo para uma visita e além disso aquela equipagem não era de nenhum dos

vizinhos. A carruagem era puxada por cavalos de posta; tanto a carruagem com o

alibré do criado que a precedia lhes eram desconhecidas. Com o fosse certo no

entanto que alguém estava chegando, Bingley propôs a Miss Bennet,

imediatamente, que evitassem o intruso e fossem dar uma volta pelo bosque.

Eles saíram e as pessoas restantes continuaram a fazer as suas conjecturas, até

que a porta se abriu e a visita entrou. Era Lady Catherine de Bourgh.

Todos estavam naturalmente preparados para uma surpresa. Mas o espanto foi

muito maior do que esperavam . E o de Elizabeth foi ainda maior do que o de

Mrs. Bennet e o de Kitty , embora Lady Catherine lhes fosse completamente

desconhecida.

Ela entrou na sala com um ar ainda menos gracioso do que de costume. Limitou-

se a responder à saudação de Elizabeth com um a ligeira inclinação da cabeça e

sentou-se sem dizer um a palavra. Elizabeth m encionara o nom e da visitante à sua

m ãe, em bora Lady Catherine não tivesse solicitado um a apresentação.

Mrs. Bennet ficou espantadíssim a e ao m esm o tem po envaidecida por receber

um a visita tão im portante, e acolheu-a com a m aior polidez. Depois de perm anecerem sentadas durante algum tem po em silêncio, Lady Catherine disse, m uito secam ente, para Elizabeth:

— Espero que estej a passando bem , Miss Bennet. Suponho que aquela senhora

sej a sua m ãe.

Elizabeth replicou de m aneira concisa pela afirm ativa.

— E aquela deve ser um a das suas irm ãs.

— Sim , m inha senhora — disse Mrs. Bennet, deliciada de poder falar com Lady

Catherine em pessoa. — É a m inha penúltim a filha. A m ais m oça se casou

ultim am ente. E a m ais velha está passeando aí pelo parque com um rapaz que

em breve se tornará m em bro da fam ília.

— A senhora tem um parque m uito pequeno aqui — disse Lady Catherine,

depois de um curto silêncio.

— Não é nada em comparação com Rosings, mas é muito maior do que o de Sir

William Lucas.

— Esta sala deve ser muito inconveniente de tarde, no verão. As janelas dão

todas para o oeste.

Mrs. Bennet acrescentou que nunca ficava ali depois do jantar, e em seguida

disse:

— Vossa Senhoria me permite a liberdade de perguntar se deixou Mr. e Mrs.

Collins bem ?

— Sim , muito bem . Estive com eles a noite atrasada.

Naquele momento Elizabeth supôs que Lady Catherine ia tirar da bolsa uma

carta de Charlotte, pois tal lhe parecia o motivo mais provável da sua visita. No

entanto a carta não apareceu e Elizabeth ficou ainda mais intrigada.

Mrs. Bennet, com grande habilidade, perguntou se Lady Catherine desejava

tomar algum a coisa. Mas Lady Catherine, com grande resolução e pouca polidez, recusou. Em seguida, levantando-se, disse para Elizabeth:

— Miss Bennet, parece que há um pequeno bosque bastante agradável atrás da

sua casa. Eu gostaria de dar uma volta por lá, se quiser me conceder o favor da

sua companhia.

— Vá, meu bem — exclamou Mrs. Bennet. — E mostre a Lady Catherine os

vários caminhos. Acho que ela gostará de ver o caramanchão.

Elizabeth obedeceu e foi correndo para o seu quarto buscar a sua brinca, e em

seguida acompanhou a ilustre visitante. Ao atravessarem o hall, Lady Catherine

abriu as portas que davam para a sala de jantar e para a sala de estar. Achou que

eram salas bastante agradáveis e em seguida continuou o seu caminho.

A carruagem permanecia parada à porta e Elizabeth viu que a dama de

companhia estava lá dentro. Caminharam em silêncio pela ala ensaiada até o

bosque. Elizabeth estava resolvida a não fazer nenhum esforço para entrar em

conversação com uma mulher que naquele momento ainda se mostrava mais

insolente e desagradável do que de costume.

“Não sei como achei já mais que ela se parecesse com seu sobrinho”, disse

Elizabeth para si mesma, depois de olhar para o rosto de Lady Catherine. Logo

que entraram no bosque, Lady Catherine começou a falar da seguinte maneira:

— Sei que compreende, Miss Bennet, a razão da minha viagem até aqui. Seu

coração, sua consciência, devem lhe revelar por que foi que eu vim !

Elizabeth olhou para ela com sincero espanto.

— Realmente, está enganada, minha senhora. Não consigo absolutamente adivinhar o motivo da sua presença aqui.

— Miss Bennet — replicou Lady Catherine num tom irritado —, deve compreender que eu não sou de brincadeiras. Se preferir ser pouco sincera, fique

certa de que eu não farei o mesmo. Meu caráter é célebre pela sua sinceridade e

franqueza. E num assunto de tamanha importância, com o presente, eu não me

mostrarei diferente do que sou. Uma notícia da natureza mais alarmante chegou

aos meus ouvidos, há dois dias. Disseram-me e não somente que a sua irmã estava

às vésperas de realizar um casamento dos mais vantajosos, mas também que a

senhora, Miss Elizabeth, estaria provavelmente muito em breve unida ao meu

sobrinho, ao meu próprio sobrinho, Mr. Darcy ! E embora eu esteja certa de que

isto é uma escandalosa falsidade, embora eu nunca fizesse ao meu sobrinho a

injúria de supor que esta notícia seja a verdadeira, resolvi imediatamente vir a este

lugar a fim de lhe revelar claramente o que eu penso disto.

— Se a senhora acha impossível que a notícia seja a verdadeira — disse Elizabeth,

corando de espanto e desdém —, não compreendo por que se deu ao trabalho de

vir tão longe. Que pretende Lady Catherine com isto?

— Insistir exatamente para que tal notícia seja universalmente desmentida.

— Se esta notícia realmente existe — respondeu Elizabeth —, friamente, o fato

da senhora vir a Longbourn para me visitar, e à minha família, constituiria antes

uma confirmação.

— Sim ! Pretende então ignorar a notícia? Não foi ela posta astutamente em

circulação pela sua própria família? Não sabe que este boato corre por aí?

— Nunca ouvi falar em tal coisa.

— E pode declarar igualmente que não existe fundamento para ele?

— Não tenho a pretensão de ter a mesma franqueza, Lady Catherine. A senhora

pode fazer perguntas que eu prefiro não responder.

— Isto é insuportável. Miss Bennet, eu exijo o que me responda. Meu sobrinho lhe

fez alguma proposta de casamento?

— Vossa Senhoria me declarou que isto era impossível.

— Deve ser. É evidente, a menos que ele não esteja ao uso da sua razão. Mas os

seus artifícios e astúcias o podem ter levado a esquecer, num momento de

fraqueza, o que ele deve a si próprio e a toda a sua família. É possível que o tenha

seduzido.

— Se o fiz, serei a última pessoa a confessá-lo.

— Miss Bennet, sabe quem eu sou? Não estou acostumada a que me falem nesse

tom. Sou quase o parente mais próximo o que Mr. Darcy tem no mundo. E tenho

direito de estar a par dos seus negócios mais íntimos.

— Mas não tem esse direito quanto aos meus. E com a sua atitude jamais conseguirei que me torne mais explícita.

— Permita que eu fale mais claramente: esse casamento que tem a pretensão de

am bicionar nunca se realizará. Mr. Darcy está noivo da minha filha. E agora,

que tem a dizer?

— Apenas isto: que sendo este o caso, não precisa temer que ele me venha fazer

um a proposta.

Lady Catherine hesitou por um momento, e depois respondeu:

— O noivado deles é de natureza especial. Desde a infância foram destinados um

para o outro. Era o maior desejo da mãe dele, bem como o meu. Planejam os

esta união enquanto ainda estavam no berço.

“E agora, quando o desejo de ambas as irmãs poderia ser realizado, uma a

de classe inferior, sem nenhuma importância na sociedade e totalmente estranha

à família, ousaria se interpor entre eles, sem nenhuma consideração para com os

amigos dele e o seu compromisso tácito para com Miss de Bourgh. Terá perdido

todos os sentimentos de delicadeza e de equilíbrio? Não ouviu dizer que desde o

seu nascimento ele foi destinado à sua prima?”

— Sim, eu já ouvi dizer isto antes. Mas que tenho a ver com isto? Se não existe

outra objeção ao meu casamento com o seu sobrinho, o simples fato de saber

que sua mãe e a sua tia queriam que ele se casasse com Miss de Bourgh não me

faria renunciar a ele. Planejando o meu casamento, fizeram tudo o que lhes

dado fazer. A sua realização depende de outras pessoas. Se Mr. Darcy não está

ligado a esse casamento nem pela honra nem pela inclinação, por que motivo

não poderá ele escolher outra pessoa? E se esta escolha recair sobre mim, por

que não hei de aceitá-la?

— Porque a honra, a decência, a prudência e até o interesse o impedem. Sim,

Miss Bennet, o interesse. Pois não espere ser recebida pela família dele e pelos

seus amigos se agir propositadamente contra a vontade de todos. Será censurada,

humilhada e desprezada por todos os parentes de Mr. Darcy. Seu casamento será

a sua infelicidade. Seu nome nunca será mencionado por qualquer um de nós.

— Estes são graves infortúnios — replicou Elizabeth. — Mas a mulher de Mr.

Darcy ficará numa posição tão privilegiada e terá tantos motivos de felicidade

que, em última análise, ela não terá motivo de se arrepender.

— Menina teimosa e obstinada! Envergonho-me de você! E esta é a gratidão

com que me paga as atenções com que acumulei quando estive em casa de Mr.

Collins? Acha que não me deve nada por isto? Vamos nos sentar. Deve

compreender, Miss Bennet, que eu vim decidida a resolver tudo isto. Nada me

poderá dissuadir da minha resolução. Não fui habituada a me submeter aos

caprichos dos outros. Não estou habituada a que resistam aos meus desejos.

— Isto apenas tornará a sua situação presente mais lamentável, mais desagradável. Mas não terá nenhum efeito sobre a minha pessoa.

— Não me interrompa. Ouça-me em silêncio. Minha filha e meu sobrinho são

feitos um para o outro. Ambos descendem pelo lado materno de uma nobre

linhagem. E do lado paterno, de famílias respeitáveis, honradas e antigas, em bora

sem título. As fortunas de ambos são excelentes. É voz unânime nas respectivas

fam ílias que eles estão destinados um para o outro. E quem pretende separá-los?

Um a m oça am biciosa, que não possui nem fam ília, nem relações ou fortuna. Isto

pode ser tolerado? Não deve ser e não o será. Se pesasse os seus próprios interesses, não desej aria sair da esfera em que foi criada.

— Não acho que se m e casar com seu sobrinho, sairei da m inha esfera. Ele é um

gentlem an. Eu sou a filha de um gentlem an. Portanto, som os iguais.

— De fato é a filha de um gentlem an. Mas quem era a sua m ãe? Quem são seus

tios e tias? Não pense que eu ignoro a situação deles.

— Qualquer que sej a a situação deles — respondeu Elizabeth —, se o seu sobrinho não faz obj eção a isto, não sei em que isto lhe pode interessar.

— Diga-m e francam ente: está noiva dele?

Em bora Elizabeth não quisesse responder a esta pergunta, com o único fito de

fazer a vontade de Lady Catherine, ela não pôde se im pedir de dizer, depois de

pensar alguns instantes:

— Não estou.

Lady Catherine pareceu ficar satisfeita.

— E prom ete nunca aceitar um tal com prom isso?

— Não farei nenhum a prom essa dessa espécie.

— Miss Bennet, estou ofendida e atônita. Esperava encontrar um a m oça m ais

razoável. Mas não se iluda pensando que eu j am ais recuarei. Não irei em bora

antes de receber a garantia que exig o.

— E pode estar certa de que nunca a darei. A senhora não poderá m e intim idar

nem m e obrigar a fazer um a coisa tão pouco razoável. A senhora quer que Mr.

Darcy se case com a sua filha. Mas se eu lhe fizesse a prom essa que desej a, isto

tornaria o casam ento deles m ais provável? Suponha que ele tenha afeição por

m im . Seria a m inha recusa suficiente para que ele transferisse essa afeição para

a sua filha? Perm ita-m e dizer-lhe, Lady Catherine, que os argum entos com que

procurou j ustificar este extraordinário pedido foram tão frívolos quanto o pedido,

ele m esm o, foi insensato. A senhora se engana redondam ente acerca do m eu

caráter se pensa que possa ser influída por persuasões desta natureza. Não sei até

que ponto o seu sobrinho perm ite que a senhora se im iscua nos negócios dele,

mas a senhora não tem o menor direito de interferir nos meus. Peço-lhe portanto

que não me importune mais a respeito deste assunto.

— Mais devagar, faça o favor. Eu ainda não acabei. A todas as objeções que já

apresentei, acrescentarei ainda uma outra: sei tudo a respeito da infame e conduta

da sua irmã mais moça. Sei todos os detalhes. Sei que o casamento foi uma coisa

arranjada, às pressas, a expensas do seu pai e do seu tio. E é possível que essa

moça se torne a irmã do meu sobrinho? E que o marido dela, que é o filho do

intendente do seu pai, se torne também um parente dele? Deus do céu, em que

está pensando? Serão as sombras de Pemberley poluídas desse modo?

— Agora já nada mais terá a dizer — replicou Elizabeth, ressentida. — Já me

insultou de todas as maneiras. Com sua licença vou voltar para casa.

E dizendo isto ela se levantou. Lady Catherine se levantou também, e elas regressaram. Sua Senhoria estava furiosa.

— Então não tem a menor consideração pela honra e bom nome do meu sobrinho? Menina egoísta, não vê que o casamento dele com você o desonrará

aos olhos de todo o mundo?

— Lady Catherine, nada mais tenho a dizer! Já conhece a minha opinião.

— Então está resolvida a obtê-lo?

— Eu não disse tal coisa. Mas estou resolvida a agir de maneira a conquistar o

que eu considero a felicidade, sem pedir os seus conselhos e nem os de qualquer

outra pessoa estranha à minha família.

— Está bem . Então recusa atender ao meu pedido? Recusa-se a reconhecer os

direitos do dever, da honra e da gratidão? Está decidida a destruir o bom nome do

meu sobrinho na opinião de todos os seus amigos? E torná-lo assim um objeto de

desprezo para todo o mundo?

— No presente caso, nem o dever, nem a honra, nem a gratidão têm quaisquer

direitos sobre mim . Nenhum desses princípios será violado pelo meu casamento

com Mr. Darcy . E quanto à consideração ou ressentimento da sua família, ou a

indignação do mundo, admitindo que eu a merecesse por este casamento, nada

disto me daria a menor preocupação. E além disso as pessoas em geral têm

bastante bom senso para desprezar os outros por motivo tão fútil.

— Então esta é a sua verdadeira opinião. Esta é a sua decisão final. Muito bem ,

saberei agora com o agir. Não imagine, Miss Bennet, que a sua ambição já
ameaça

será satisfeita. Eu vim aqui para experimentar a sua. Esperei encontrar uma
moça

razoável. Pode ficar certa, entretanto, que farei valer a minha vontade.

E Lady Catherine continuou falando deste modo até que chegaram à porta
da

carruagem . Aí ela se virou de súbito e acrescentou:

— Não me despeço de você, Miss Bennet. Nem envio cumprimentos à
sua mãe.

Não merecem uma tal atenção. Estou seriamente ofendida.

Elizabeth nada respondeu. E sem procurar persuadir a Lady Catherine que
entrasse novamente, virou as costas e se dirigiu calmamente para casa.
Enquanto

subia as escadas, ouviu a carruagem partir. Sua mãe, que estava im-
paciente, veio

encontrá-la à porta da sala para indagar se Lady Catherine não tornaria a
entrar

a fim de descansar um pouco.

— Ela não quis — respondeu Elizabeth. — Preferiu partir.

— É uma senhora muito elegante. E a sua visita foi uma grande amabilidade,

pois suponho que ela tenha vindo apenas para dizer que os Collins vão passando

bem. Ela passou casualmente e se lembrou que podia fazer uma visita. Suponho

que ela não tivesse nada de particular para lhe dizer, Lizzy?

Elizabeth foi obrigada a inventar uma pequena história. Mas era impossível

revelar o que se tinha passado.

57

A agitação que essa extraordinária visita provocou no espírito de Elizabeth durou

muito tempo. E durante várias horas ela não pôde deixar de pensar

incessantemente naquilo. Lady Catherine, ao que parecia, tinha se dado ao

trabalho de sair de Rosings com o único fim de desmantelar o seu suposto noivado

com Mr. Darcy. O plano não era mau. Mas de onde se originava a notícia do

noivado? Isto é que Elizabeth não podia determinar. Mas afinal ela refletiu que o

fato de Mr. Darcy ser um amigo íntimo de Bingley e ela ser a irmã de Jane era

suficiente para sugerir a ideia de outro casamento. Elizabeth já com preendera

naturalmente que o casamento da sua irmã deveria aproximá-la mais de Darcy.

Provavelmente, os seus vizinhos de Lucas Lodge (e por seu intermédio, através

dos Collins a notícia chegara aos ouvidos de Lady Catherine) tinham apresentado

com a coisa quase certa e imediata aquilo que ela mesma encarava com o

uma remota possibilidade.

Refletindo sobre as expressões de Lady Catherine, Elizabeth não podia deixar

entretanto de sentir uma certa inquietude quanto às possíveis consequências da

sua interferência. Pelo que dissera da sua resolução de lhe pedir o casamento,

Elizabeth concluía que ela devia ter em mente uma entrevista com o seu sobrinho. E com o receberia ele a descrição que Lady Catherine lhe faria das

funestas consequências de um tal casamento? Elizabeth não sabia até que ponto ia

a afeição de Mr. Darcy por sua tia, nem a confiança que ele depositava nos seus

juízos. Porém era natural supor que ele tivesse maior consideração por

Lady Catherine do que ela, Elizabeth. Por outro lado, enquanto as mães

consequências de um casamento com uma pessoa cujos parentes eram tão inferiores aos seus, sua tia o atacaria pelo lado mais fraco. Com os seus preconceitos de classe, ele sentiria provavelmente que os argumentos que a

Elizabeth tinham parecido fracos e ridículos continham bom senso e um raciocínio sólido.

Se antes ele hesitara algumas vezes quanto ao que devia fazer, os conselhos e as

exortações de uma pessoa que era sua parente próxima poderiam destruir todas

as suas dúvidas e convencê-lo de uma vez para sempre a procurar a sua felicidade sem ofender os seus braços de família. Neste caso ele não voltaria

mais. Lady Catherine o encontraria em Londres e a promessa que fizera a Bingley de voltar para Netherfield seria esquecida.

“Se portanto ele enviar qualquer desculpa ao seu amigo dentro desses próximos os

dias, dizendo que está impossibilitado de vir, eu saberei o que pensar”, disse

Elizabeth para si mesma. “Então desistirei de tudo. E se ele se limitar a lamentar

a minha perda, quando está nas suas mãos obter a minha afeição, renunciarei a

ele, sem mágoa.”

* * *

A surpresa das demais pessoas da família quando souberam quem tinha sido a

visitante foi muito grande. Contentaram-se no entanto com as mesmas suposições

que haviam aplacado a curiosidade de Mrs. Bennet. E Elizabeth não foi incomodada por causa disso.

No dia seguinte, de manhã, Elizabeth estava descendo as escadas quando seu pai,

saindo da biblioteca, veio ao seu encontro com uma carta na mão.

— Lizzy — disse ele —, eu ia à sua procura. Venha à biblioteca. Elizabeth acomodou-o. E a suposição de que o assunto que seu pai queria lhe comunicar

se relacionava com a carta que ele tinha na mão aumentava a sua curiosidade.

Ocorreu-lhe de súbito que a carta pudesse ser de Lady Catherine. Já se sentia

desanimada, diante de todas as explicações que teria que dar.

Sentaram-se diante da lareira. Então Mr. Bennet falou:

— Recebi esta manhã uma carta que me surpreendeu extraordinariamente.

Com o assunto mais importante da carta se refere a você, é preciso que seja

informada do seu conteúdo. Eu não sabia que tinha duas filhas próximas do

casamento. Deixe que eu lide com o primo pela sua conquista. É muito importante.

O sangue afluiu ao rosto de Elizabeth e ela por um momento supôs que a carta

viesses do sobrinho e não da tia. E hesitava se devia se sentir contente porque ele

se tinha explicado afinal, ou ofendida porque a carta não lhe fora dirigida, quando

seu pai prosseguiu:

— Você parece que compreendeu. As coisas mostram grande penetração em

assuntos desta natureza. No entanto, acho que posso desafiar mesmo a sua sagacidade. Não imagine quem seja o seu admirador. Esta carta é de Mr. Collins.

— De Mr. Collins! E que é que ele tem a dizer?

— O que ele tem a dizer vem muito a propósito, naturalmente. Com efeito, congratulando-se pelo próximo casamento da minha filha mais velha. Coisa

naturalmente que uma daquelas espreitadas da família Lucas lhe comunicou.

Não vou ler o que ele diz sobre isto, para não provocar a sua impaciência. A

parte que se refere à sua pessoa diz o seguinte:

Tendo desse modo oferecido as sinceras congratulações de Mrs. Collins, bem

como as minhas, pelo feliz acontecimento, permitia que eu me referia agora

sumariam entre a outro assunto que chegou ao nosso conhecimento através da

mesma fonte. Sua filha Elizabeth, ao que parece, não usará por mais muito

tempo o nome de Bennet, depois que a sua irmã mais velha tiver renunciado ao

mesmo. E o seu escolhido pode razoavelmente ser considerado um das pessoas

mais ilustres deste país.

— Pode imaginar, Lizzy, quem seja esta pessoa?

Este rapaz foi aquinhado com tudo o que um coração mortal pode desejar:

esplêndidas propriedades, nobres parentes, considerável influência. No entanto,

apesar de todas estas vantagens, permitia que eu previna a minha prima Elizabeth

e ao senhor mesmo acerca dos males que poderão advir de um consentimento

precipitado às propostas daquele cavalheiro; propostas de que naturalmente se

sentirão inclinados a tirar imediato proveito.

— Você tem alguma ideia, Lizzy, de quem seja este cavalheiro? Mas agora

surge a revelação: “O motivo que tenho para preveni-la é o seguinte: tem os

razões para acreditar que sua tia, Lady Catherine de Bourgh, não olha com bons

olhos este casamento.” — Está vendo, portanto, que se trata de Mr. Darcy. Está

aí, Lizzy, creio que lhe dei uma grande surpresa. Poderia Mr. Collins ou os Lucas

terem feito uma suposição mais absurda? Mr. Darcy, que nunca olha para uma

mulher senão para criticar, e que provavelmente nunca olhou para você em toda

a sua vida! E espantoso!

Elizabeth tentou achar graça, mas pôde apenas sorrir com relutância. Nunca o

espírito de seu pai lhe parecera menos agradável.

— Você não está achando graça?

— Estou, sim, continue a ler.

Tendo eu mencionado a possibilidade deste casamento a Lady Catherine ontem à

noite, ela imediatamente exprimiu o que sentia acerca desse assunto, com a sua

usual condescendência. Ela então proclamou que devido a certas objeções de

família, jamais daria o seu consentimento para o que, segundo a sua expressão,

era um péssimo casamento. Achei que era do meu dever comunicar isto à minha

prima para que ela e seu nobre administrador saibam o que estão fazendo e não se

precipitem num casamento que não foi convenientemente sancionado.

“E Mr. Collins acrescenta o seguinte:”

Causa-me muita alegria saber que o triste caso da minha prima Lydia conseguiu

ser abafado tão depressa! E o que me preocupa apenas é que outros tenham ficado sabendo que eles tenham vivido juntos antes de se casarem. Não posso,

entretanto, esquecer os deveres do meu estado, nem deixar de manifestar o espanto que senti ao ouvir dizer que o senhor recebeu o jovem casal na sua casa

logo após o matrimônio. Considero isto um encorajamento ao vício e se fosse o

reitor de Longbourn teria-me oposto a isto imediatamente. É certo que com o

cristão os devia ter perdoado, porém jamais devia admiti-los em sua presença

nem permitir que os seus nomes lhe fossem mencionados.

— Esta é a noção que ele tem do perdão cristão das ofensas. O resto da carta

trata apenas da situação da sua querida Charlotte e das esperanças que ele tem de

um herdeiro. Mas, Lizzy , você parece que não está gostando. Espero que não

leve a sério e nem vá ficar ofendida por causa deste boato tolo. Não vej o por que

não possam os rir, de nosso lado, com o ridículo dos nossos vizinhos...

— Oh — exclam ou Elizabeth —, estou achando m uita graça. Mas tudo isto é tão

estranho!

— Sim , m as aí é que está a graça. Se eles tivessem escolhido outro hom em

qualquer, não haveria nada de estranho. Mas a perfeita indiferença de Mr. Darcy

e a sua m anifesta antipatia tornam essa suposição tão absurda! Abom ino escrever, m as por coisa algum a deste m undo desistiria da m inha

correspondência com Mr. Collins! Quando m e chega um a carta dele, não posso

deixar até de preferi-lo a Wickham . E eu prezo im ensam ente a im pudência e a

hipocrisia do m eu genro... Conte-m e, Lizzy , que disse Lady Catherine acerca

deste boato? Ela veio vê-la para recusar o seu consentim ento?

A esta pergunta, sua filha respondeu apenas com um a risada. E com o ele de

nada suspeitasse, Elizabeth não ficou embaraçada, mas mesmo quando ele repetiu a

pergunta. Jamais ela sentira tanta dificuldade em esconder os seus sentimentos. Era necessário rir e ela teria preferido chorar. Seu pai a tinha mortificado cruelmente pelo que dissera a respeito da indiferença de Mr. Darcy .

Aquela falta de penetração e espantava. Por outro lado ela temia que em vez do

seu pai ter visto pouco, ela é que tivesse esperado demais.

58

Mr. Bingley não recebeu nenhum a carta de desculpas do seu amigo, com o Elizabeth receava. Em vez disso, trouxe o seu amigo Darcy em visita a Longbourn, poucos dias depois do aparecimento de Lady Catherine. Os cavalheiros chegaram cedo. Elizabeth, por um momento, teve medo de que Mrs.

Bennet lhes contasse que tinham recebido a visita da sua tia. No entanto, antes

que Mrs. Bennet pudesse falar, Bingley , que queria ficar a sós com Jane, propôs

que todos saíssem a passear. Assim foi combinado. Mrs. Bennet não tinha o

hábito de caminhar. Mary não podia perder tempo. E os cinco restantes partiram .

Bingley e Jane, entretanto, deixaram os outros se distanciarem . Elizabeth, Kitty e

Darcy foram na frente. Os três conversaram muito pouco. Kitty tinha medo de

Darcy . Elizabeth tomava em segredo uma resolução desesperada. E ele talvez

fizesse o mesmo.

Caminharam em direção à casa dos Lucas, pois Kitty queria fazer uma visita a

Maria. E depois que Kitty os deixou, Elizabeth continuou resolutamente com

Darcy . Chegara agora o momento de executar o seu plano. E antes que a sua

coragem fraquejasse, ela falou:

— Mr. Darcy , sou uma criatura muito egoísta. E a fim de aliviar as incertezas

dos meus sentimentos vou talvez ferir os seus. Não posso adiar por mais tempo a

obrigação de lhe agradecer a sua inestimável intervenção a favor de minha irmã.

Desde que soube o que o senhor tinha feito, fiquei ansiosa por uma ocasião de lhe

manifestar a minha gratidão. E se as outras pessoas da minha família o

soubessem , não lhe falaria apenas em meu nome.

— Sinto imensamente — replicou Darcy , num tom de surpresa e emoção — que

tenha sido informada de um fato que, mal-interpretado, poderia causar-lhe contrariedade. Julguei que podia confiar na discrição de Mrs. Gardiner.

— Não deve culpar a minha tia. Foi por uma levandade de Lydia que eu soube

que o senhor se tinha envolvido no caso; e naturalmente não descansei até conhecer todos os detalhes. Deixe-me agradecer novamente, em meu nome e no

da minha família, pela generosidade com que agiu, sofrendo toda a sorte de

incômodos e mortificações.

— Se quiser me agradecer — respondeu ele —, faça-o apenas em seu próprio

nome. Não nego que o desejo de lhe causar prazer tenha contribuído também

para o que fiz. Mas a sua família não me deve nada. Respeito-a muito, mas creio

que foi só em você que pensei.

Elizabeth ficou tão embaraçada que não soube o que responder. Depois de um a

curta pausa, seu com panheiro acrescentou:

— Tenho certeza de que é generosa demais para fazer pouco caso dos meus

sentimentos. Se os seus são ainda os mesmos os que me manifestou em abril passado,

diga-o imediatamente. Minha afeição permanece inalterada; basta porém um a

única palavra sua para fazer com que me cale para sempre.

Elizabeth, sentindo a difícil e aflitiva situação em que Darcy se encontrava, se

esforçou para falar. E em forma hesitante, deu-lhe a entender

imediatamente que os seus sentimentos tinham passado por tão grande

transformação, desde o período a que ele aludira, que agora podia aceitar as suas

declarações com prazer e gratidão. A felicidade que essa resposta causou a

Darcy foi a maior que até então conhecera. E ele a exprimiu nos termos mais

calorosos que o seu coração de apaixonado pôde encontrar. Se Elizabeth tivesse

podido levantar os olhos, teria visto que a felicidade de Darcy se refletia no seu

rosto, infundindo-lhe uma animação que o tornava belo. Se não podia ver,

Elizabeth, no entanto, podia ouvir. E Darcy lhe revelou a importância que o afeto

de Elizabeth tinha para ele. E a cada momento o seu amor crescia de

im portância aos olhos de Elizabeth.

Continuaram a caminhar sem uma direção precisa. Seus pensamentos os absorviam, e além disso tinham muito a sentir e a dizer. Elizabeth ficou sabendo

que deviam o seu atual entendimento aos esforços da tia de Darcy. Lady Catherine, com efeito, de passagem por Londres fora visitar o sobrinho e lhe

relatara a sua viagem a Longbourn, suas causas e a conversa que tivera com Elizabeth, repetindo enfaticamente cada uma das expressões desta última, expressões que aos olhos de Lady Catherine denotavam a perversidade e o cinismo da moça, com o intuito de desacreditá-la perante o seu sobrinho. Infelizmente para Sua Senhoria o efeito tinha sido exatamente o oposto.

— Eu, que não tinha mais esperanças, voltei a tê-las — acrescentou Darcy.

Conhecendo seu caráter, sabia que, se estivesse absoluta e irrevogavelmente

decidida a não recusar, tê-lo-ia dito a Lady Catherine com toda a franqueza.

Elizabeth enrubesceu e sorriu.

— Sim, conhecia suficientemente a minha franqueza para saber que se eu tinha

sido capaz de tratá-lo de maneira tão abominável pessoalmente, não hesitaria em

fazê-lo perante toda a sua família.

— Não acho que m e tenha tratado m al. Não disse nada que eu não m erecesse.

Em bora suas acusações repousassem sobre prem issas falsas, m inha atitude

naquele tem po m erecia as m ais severas censuras. Era im perdoável. Não posso

lem brar dela sem horror.

— Não discutirem os a quem cabe a m aior culpa na desavença daquela noite —

disse Elizabeth. — A conduta de nenhum a das partes foi irrepreensível. Mas

desde então creio que progredim os em cortesia. Pelo m enos espero.

— Não posso m e reconciliar tão facilm ente com igo m esm o. A recordação de

tudo o que eu disse, da m inha conduta, das m inhas m aneiras e expressões tem

sido durante m uitos m eses e continua a ser indizivelm ente dolorosa. Nunca m e

esqueci da sua adm oestação, que considero tão j usta: “se tivesse agido de form a

m ais cavalheiresca...” Foram estas as suas palavras. Não sabe, não pode nem de

longe im aginar com o essas suas palavras m e torturaram . Custei a lhes reconhecer a j ustiça.

— E eu estava muito longe de supor que elas lhe produziriam uma impressão tão

forte.

— Acredito. Naquele tempo pensava que eu era destituído de todos os sentimentos humanos. Disso tenho certeza. Nunca me esquecerei da expressão

do seu rosto quando me disse que nada a poderia ter persuadido a aceitar a minha

maneira.

— Oh, não repita o que eu disse. Essas coisas não devem ser lembradas. Juro-lhe

que há muito tempo que penso nelas com imensa vergonha.

Darcy mencionou a sua carta.

— Queria saber — perguntou ele — se a carta me justificou aos seus olhos.

Acreditou no que eu dizia?

Elizabeth lhe explicou os efeitos que a sua carta tinham produzido e com o, aos

poucos, a sua vontade se dissipara.

— Eu sabia — continuou ele — que o que estava lhe escrevendo ia me agolando,

mas era necessário. Espero que tenha destruído a carta. Não descansarei enquanto não tiver a certeza de que não a poderei mais ler, especialmente o

com eco da carta. Lembra-me de certas expressões que provocariam o seu ódio

contra mim.

— A carta será queimada se acredita que isto seja essencial para a preservação

da minha estima. Mas em boa hora tenham os amigos razões para pensar que as

minhas opiniões não são inteiramente inalteráveis, não creio por outro lado que

sejam tão facilmente influenciáveis como o parece supor.

— Quando escrevi aquela carta — replicou Darcy — pensava que me

encontrava num estado de espírito perfeitamente calmo e frio. Mas depois vi que

estava extremamente angustiado e triste.

— Talvez no princípio a carta fosse amarga, mas ao final era uma caridosa

despedida. Mas não pense mais na carta. Os sentimentos da pessoa que a recebeu

e da pessoa que a escreveu são agora tão diferentes do que eram, que todas as

circunstâncias dolorosas relativas a ela devem ser esquecidas. E é preciso que

aprenda um pouco da minha filosofia. Lembra-se apenas daquilo que lhe causa

prazer.

— Não creio que encontre dificuldade em aplicar esta filosofia à sua própria

vida. As suas lem branças devem ser tão desprovidas de toda a m ácula que não é

preciso nenhum a filosofia para sentir o contentam ento que se origina delas. Mas

com igo não é assim : quando penso no passado intervêm m uitas recordações

dolorosas que não podem e não devem ser repelidas. Toda a m inha vida fui um

ser egoísta, se não na prática, pelo m enos nos m eus princípios. Em criança m e

ensinaram o que era direito, m as não m e ensinaram a corrigir o m eu gênio.

Deram -m e bons princípios. Mas deixaram -m e praticá-los orgulhosam ente.

Infelizm ente, sendo durante m uito tem po único filho, e m ais tarde único

hom em , fui m im ado pelos m eus pais e, em bora eles fossem bons, m eu pai

sobretudo, que era a benevolência em pessoa, perm itiram , encoraj aram e quase

m e ensinaram a ser egoísta e tirânico, a pensar apenas nas pessoas da m inha

fam ília e desprezar todos os outros e a pensar com desprezo no bom senso e valor

das outras pessoas, com parados com os meus. Assim fui eu dos oito aos vinte

anos. E se não fosse a minha querida e adorável Elizabeth, talvez ainda não me

tivesse mudado. Que é que não lhe devo? A lição que me deu foi certamente a

princípio muito dura, mas muito vantajosa. Por suas mãos recebi a humilhação

que devia. Aproximem-se de você sem duvidar de que seria aceito. Revelou-me

com o eram insuficientes as minhas pretensões de agradar uma mulher digna de

ser amada.

— Estava mesmo persuadido de que realmente me sentiria lesado?

— Confesso que estava. Que acha da minha vaidade? Eu acreditava que estava

mesmo desejando e esperando as minhas propostas.

— A culpa talvez caiba às minhas manias, mas não agi intencionalmente.

Posso lhe jurar, já me intencionei enganá-lo. Com o que deve ter me odiado depois

daquela noite!

— Odiá-la? Talvez a princípio eu estivesse encolerizado. Mas logo dirigi esta

cólera contra quem a merecia.

— Tenho quase medo de lhe perguntar o que pensou de mim quando nos encontramos em Pemberley . Achou que eu tinha feito mal em vir?

— Não, de modo algum , senti apenas surpresa.

— A sua surpresa não foi menor do que a minha ao verificar que ainda se interessava por mim . Minha consciência me dizia que eu não merecia grandes

cortesias e confesso que não contava receber mais do que me era devido.

— Meu fim naquela ocasião — replicou Darcy — era lhe mostrar, por todos os

meios, que não guardava um rancor mesmo do passado. Eu esperava obter o

seu perdão e apagar o mau conceito que tinha de mim , dando-lhe a perceber que

eu tinha levado em conta as suas censuras. Não posso lhe dizer exatamente em

que momento outros desejos nasceram em mim , mas creio que foi nessa hora

depois de tê-la visto.

Darcy contou-lhe então o prazer que Georgiana tivera em conhecê-la e o

desapontamento que sentira com a súbita interrupção da sua visita. Isto o levou

naturalmente a falar nas causas desta interrupção. E Elizabeth ficou sabendo que

ele tomara a resolução de segui-la e de partir em busca da sua irmã, antes

meu modo de sair da hospedaria.

E que se naquela ocasião se mostrava grave e pensativo, era porque debatia consigo meu respeito desta ideia. Ela tornou a exprimir a sua gratidão, mas o

assunto era demasiado penoso para ambos para que insistissem nele.

Depois de caminharem várias milhas sem destino, sem repararem para onde se

dirigiam, viram nos seus relógios que era hora de ir para casa.

— Que teria sido feito de Mr. Bingley e Jane?

Esta observação os levou naturalmente a discutir este caso. Darcy estava encantado com o noivado. Seu amigo lhe dissera tudo imediatamente.

— Ficou surpreendido? — perguntou Elizabeth.

— De modo algum. Quando parti, já sabia que isto devia acontecer.

— Quer dizer que deu o seu consentimento? Desconfiava disto também.

Embora ele protestasse contra a expressão, Elizabeth compreendeu que a sua

suposição não estava muito longe da verdade.

— Na noite anterior à minha partida para Londres — disse Darcy —, eu fiz a

Bingley uma confissão que, acredito, já devia ter feito há muito tempo. Contei-

lhe tudo o que tinha ocorrido e disse que esses fatos me tinham feito

com prender que a minha interferência no caso dele e de Jane tinha sido desastrosa. A sua surpresa foi grande. Ele não suspeitava de nada. Disse, ainda

meus, que tinha razões para acreditar que me tinha enganado quando dissera que

a sua irmã lhe era indiferente. E com o visivelmente que a sua afeição por

ela continuava inalterada, não tinha dúvida de que viessem a ser muito felizes

juntos.

Elizabeth não pôde deixar de sorrir da facilidade com que ele conduzia o seu

amigo.

— Foi a sua própria observação que lhe convenceu que a minha irmã amava

Bingley ou se baseou apenas na minha informação?

— Foi a minha observação. Durante as duas últimas visitas que fiz aqui ultimamente, observei-a com atenção. Fiquei convencido de que ela o ama

sinceramente.

— E Bingley acreditou de imediato na sua afirmação?

— Acreditou. Bingley é de uma extraordinária modestia. Foi o que o impediu de

confiar no seu próprio julgamento então, mas a confiança que ele tem em mim tornou

tudo fácil. Fui obrigado a confessar uma coisa que o fez ficar ofendido comigo

durante alguns dias. Não pude deixar de dizer que eu sabia que a sua irmã tinha

estado em Londres durante três meses no inverno passado e que eu

propositadamente escondera este fato dele. Ficou zangado, mas estou persuadido

de que a sua cólera durou apenas enquanto tinha dúvidas acerca dos sentimentos

da sua irmã. Ele agora me perdoou de todo o coração.

Elizabeth teve vontade de observar que Mr. Bingley tinha sido um amigo

encantador. Sendo ele, como era, tão fácil de conduzir, possuía como amigo um

valor inestimável. No entanto ela se conteve porque lembrou que Darcy ainda

não aprendera a ser menos susceptível. Era ainda cedo para com ele. Darcy

continuou a falar sobre a felicidade que antecipava para Bingley, e que seria

apenas menor do que a sua, até que chegaram em casa. No hall eles se separaram.

— Querida Lizzy , onde é que você tem andado? — Tal foi a pergunta que Elizabeth recebeu de Jane, assim que entrou na sala. E a mesma pergunta lhe foi dirigida por todas as pessoas, antes de se sentarem à mesa. Ela disse apenas que tinha se distraído e caminhado mais longe do que esperava. E embora ela corresse ao dizer estas palavras, ninguém suspeitou da verdade.

A tarde passou calma e sem que nada de extraordinário ocorresse. Os noivos oficiais falaram e riram . Os não oficiais ficaram calados. Darcy não era dessas pessoas em que a felicidade transborda em alegria; Elizabeth, agitada e confusa, tinha consciência da sua felicidade mas não a sentia propriamente. Além dos obstáculos imediatos ainda existiam outros à sua frente. Ela antecipava as reações da sua família quando soubesse da sua decisão. Temia mesmo que a antipatia dos outros fosse de tal ordem que nem toda a fortuna e importância de Darcy a poderiam dissipar.

À noite ela abriu o seu coração para Jane. Embora Jane fosse uma pessoa muito pouco desconfiada, dessa vez Elizabeth esbarrou com a sua incredulidade.

— Você está brincando, Lizzy . Não pode ser! Noiva de Mr. Darcy ! Não, não,

você não me engana! Eu sei que é impossível!

— Este com quem não é de fato muito animador. A única pessoa com quem eu

contava era você. E se você não acreditar, sei que ninguém mais o fará! Sim, de

fato eu falo seriamente. Digo apenas a verdade. Ele ainda me ama e estão

noivos.

Jane olhou para ela, incredulamente.

— Oh, Lizzy , não pode ser! Bem sei com o que você o detesta...

— Você não sabe coisa alguma. Aquilo está tudo esquecido. Talvez eu não o

amasse antigamente tanto como agora, mas em casos como este a boa memória

é um fato imperdoável. Esta é a última vez que recordo estas coisas.

Jane continuava atônita. Elizabeth tornou a lhe assegurar com a maior seriedade

que estava falando a verdade.

— Será possível?! Mas agora tenho de acreditar no que diz! — exclamou Jane. —

Minha querida, querida Lizzy ! Eu a felicito. Mas você tem certeza? Perdoe a

minha pergunta, você tem certeza de que pode ser feliz com ele?

— Quanto a isto não pode haver a menor dúvida. Ficou decidido entre nós que

serem os o casal mais feliz do mundo. Mas você está contente, Jane? Você gostará de tê-lo com o irmão?

— Muito mesmo. Nada poderia causar mais prazer a Bingley e a mim. Nós até

já conversamos sobre isto e achamos que era impossível. E você realmente gosta

dele? Oh, Lizzy, prefira tudo a se casar sem afeição. Você tem certeza de que o

amamos com o deve?

— Oh, sim. Quando eu lhe contar tudo você até achará que a minha afeição

excede os limites.

— Que é que você quer dizer?

— Ora, eu tenho que confessar que amo mais do que a Bingley. Você vai ficar

zangada?

— Minha querida irmã, fale seriamente: quero conversar com você muito a

sério. Conte-me imediatamente tudo o que você acha que eu devo saber. Há

quanto tempo você gosta dele?

— Isto aconteceu tão gradualmente que eu nem sei como aconteceu. Mas acredito que a minha afeição data da primeira vez em que vi o belo parque de

Pemberley .

Seguiu-se outra súplica para que ela falasse seriamente. Desta vez o pedido obteve o efeito desejado. E Elizabeth deu à sua irmã as mais solenes garantias da

sua afeição por Darcy . Tranquilizada quanto a este ponto, Jane ficou satisfeita.

— Agora sinto-me contente — disse ela. — Pois você será tão feliz quanto eu.

Sempre o apreciei muito. Bastava aliás o amor dele por você para fazer com que

eu o estimasse para sempre, mas agora, com o amor de Bingley e seu marido,

só Bingley e você me têm a terão precedência na minha afeição. Mas Lizzy , você

foi muito sonsa, muito reservada comigo. Você não me contou quase nada do

que aconteceu em Pemberley e em Lambton. Devo tudo o que sei a outra pessoa.

Elizabeth lhe explicou por que tinha guardado segredo. Não quisera falar no nome de Bingley . E a incerteza dos seus próprios sentimentos fazia com que ela

evitasse falar no nome de Darcy . Mas agora Elizabeth não podia esconder por

mais tempo da sua irmã a participação de Darcy no caso de Lydia.
Contou tudo.

Passaram mais metade da noite em conversa.

* * *

— Arre — exclamou Mrs. Bennet ao se aproximar da janela na manhã seguinte.

— Não é que aquele homem desagradável já vem aí com o nosso querido Bingley ? Que deseja ele, com essas visitas contínuas? Não vê que nos importuna?

Por que não vai caçar ou fazer outra coisa em vez de nos importunar a sua com panhcia? Que farão os com ele? Lizzy , é melhor você ir passear novamente

com ele, para que não se meta no caminho de Bingley .

Elizabeth não pôde deixar de rir diante de proposta tão conveniente. No entanto

ela estava realmente contrariada com aquelas manifestações de sua mãe.

Assim que entrou, Bingley olhou para Elizabeth tão significativamente e lhe

apertou as mãos com tanto calor que não podia haver dúvida de que estivesse

bem -informado. E pouco depois ele disse, em voz alta:

— Mrs. Bennet, a senhora não tem no seu parque outros cam inhos em que Lizzy

possa se perder?

— Aconselho Mr. Darcy , Lizzy e Kitty — disse Mrs. Bennet — a darem um

passeio até Oakham Mount. É um belo e longo passeio e Mr. Darcy nunca apreciou a vista.

— Está m uito bem para os outros — replicou Mr. Bingley —, m as estou certo

que é longe dem ais para Kitty . Não é, Kitty ?

Kitty confessou que preferia ficar em casa. Darcy declarou que estava m uito

curioso para ver o lugar, e Elizabeth consentiu, em silêncio. Enquanto subia as

escadas para ir se aprontar, Mrs. Bennet a acom panhou, dizendo:

— Sinto m uito, Lizzy , que você tenha de fazer com panhia àquele hom em tão

desagradável. Mas espero que você não faça caso. É para o bem de Jane, você

sabe... E depois, não precisa conversar m uito com ele. Só de vez em quando.

Portanto, não se dê m uito trabalho.

Durante o passeio ficou resolvido que o consentim ento de Mr. Bennet seria

solicitado naquela mesma noite. Elizabeth se encarregou de falar com a sua mãe.

Não sabia com o Mrs. Bennet receberia aquela com unificação. E às vezes ela duvidava de que toda a fortuna e importância de Darcy fossem suficientes para

vencer a antipatia que sua mãe tinha por ele. Mas quer Mrs. Bennet se declarasse

violentamente contra o casamento, ou violentamente a favor, Elizabeth estava

certa de que a sua atitude seria pouco conveniente e sensata. E Elizabeth não

poderia tolerar que Mr. Darcy ouvisse as primeiras manifestações da sua alegria

ou a primeira vez da sua desaprovação.

* * *

À noite, pouco depois de Mr. Bennet se levantar da mesa e entrar na sua biblioteca, Elizabeth viu Mr. Darcy se levantar igualmente e acompanhá-lo.

Naquele momento a sua agitação foi extrema. Ela não receava a oposição de seu

pai. Mas tinha certeza de que isto ia desgostá-lo. E a ideia de que ela, a sua filha

favorita, lhe causaria uma grande decepção com a sua escolha, enchendo-o de

preocupação quanto ao seu futuro, fez com que ela ficasse angustiada e aflita até

que Mr. Darcy tornou a aparecer. O sorriso que ele teve, ao vê-la, aliviou-a um

pouco. Poucos minutos depois ele se aproximou da mesa onde Elizabeth estava

sentada com Kitty e, fingindo admirar o trabalho que ela fazia, sussurrou ao seu

ouvido:

— Vá à biblioteca. Seu pai quer falar com você.

Elizabeth partiu imediatamente.

Mr. Bennet caminhava de um lado para outro na biblioteca, e sua expressão era

grave e ansiosa.

— Lizzy — disse ele —, que é que você está fazendo? Você está no seu juízo

perfeito aceitando este homem? Você não o odiava?

Naquele momento Elizabeth desejou ardentemente que seu pai tivesse exprimido

as suas opiniões mais moderadamente. Isto lhe teria poupado explicações

embaraçosas. Mas agora era preciso falar. E Elizabeth lhe assegurou, um tanto

confusa, que tinha afeição por Mr. Darcy.

— Ou, em outras palavras, você está decidida a se casar com ele. Ele é rico,

certamente, e você pode ter roupas e carruagens ainda mais belas do que as de

Jane. Mas você será feliz?

— O senhor tem outra objeção a não ser a sua suposição de que eu lhe seja indiferente?

— Nenhum a. Todos sabem que ele é um homem orgulhoso e desagradável.

Mas isto não teria importância se você realmente o amasse.

— Eu o amo — replicou Elizabeth, com lágrimas nos olhos —, eu o amo sinceramente. Asseguro-lhe que ele não tem nenhum orgulho injustificado. É um

homem muito bom. O senhor, na realidade, não o conhece. Portanto, não me

me agoe falando nestes termos a seu respeito.

— Lizzy — respondeu Mr. Bennet —, eu já dei o meu consentimento. Ele é

realmente um desses homens a quem eu nunca recusaria alguma coisa que ele

condescendesse em pedir. E agora torno a lhe dar o meu consentimento, se a isto

está decidida. Mas eu a aconselho a pensar melhor. Conheço o seu gênio, Lizzy,

penso que já mais você seria feliz e equilibrada a não ser que estivesse realmente o

seu marido, a não ser que possa considerá-lo como o seu superior. Sua vivacidade e inteligência a colocariam numa situação de grande perigo

num casamento desigual. Ser-lhe-ia difícil salvar a sua reputação e a sua felicidade.

Minha filha, não me dê o desgosto de vê-la impossibilitada de respeitar o seu

compromisso de vida. Você não sabe a seriedade do passo que está dando.

Elizabeth, ainda mais emocionada, respondeu solene e gravemente. E afinal,

afirmando repetidamente que Mr. Darcy era realmente o homem em que ela tinha

escolhido, explicando-lhe a mudança gradual por que tinha passado a sua estima

por ele, relatando a absoluta certeza que tinha da sua afeição, que não era uma

coisa de momento, mas que tinha resistido à experiência de muitos meses de incerteza, enumerando com energia todas as qualidades do seu futuro marido, ela

acabou convencendo o pai e reconciliando-o com a ideia do casamento.

— Bem, minha querida — disse ele quando Elizabeth acabou de falar. — Nada

mais tenho a dizer. Se este é o caso, ele a merece. Eu não me poderia separar de

você, minha querida Lizzy, entregando-a a alguém que fosse menos digno da sua

estima.

Para com a pressão favorável do seu pai, ela então lhe relatou o que Mr.

Darcy tinha feito voluntariamente por Lydia. Ele a ouviu com grande espanto.

— Realmente, esta é uma noite de surpresas. Então Darcy fez tudo! arranjou o

casamento, deu dinheiro, pagou as dívidas do rapaz e lhe arranjou um posto?

Tanto melhor. Poupa-me inúmeros incômodos e grande soma de dinheiro. Se

tudo tivesse sido feito por seu tio, ficaria na obrigação de lhe pagar e de fato lhe

pagaria. Mas estes jovens violentamente apaixonados fazem tudo de acordo com

a sua vontade. Amanhã lhe proporei pagamento. Ele protestará furiosamente,

alegando o seu amor por você e assim acabará a história.

Mr. Bennet se lembrou então do embaraço com que Elizabeth ouvira poucos dias

antes a leitura da carta de Mr. Collins; e depois de caçoar com ela durante algum

tempo, deixou-a partir, dizendo, ao vê-la sair da sala:

— Se chegarem rapazes para Mary ou Kitty , pode m andar entrar, pois não tenho

nada que fazer.

Elizabeth se sentiu aliviada de um grande peso. E depois de refletir calmamente

no seu quarto durante m eia hora, voltou para j unto dos outros com o rosto tranquilo. Tudo aquilo ainda era m uito recente para que a sua alegria

transbordasse. A noite passou tranquilamente. Não havia m ais nada a temer e a

calm a voltaria aos poucos.

Quando a sua m ãe subiu para o quarto, Elizabeth a acom panhou e fez a

im portante com unicação. O efeito foi extraordinário, pois ao ouvi-la Mrs. Bennet

permaneceu com pletamente im óvel, incapaz de dizer um a só palavra. Só depois

de m uitos e m uitos m inutos ela pôde com preender o que tinha ouvido, em bora

estivesse sem pre atenta a tudo o que redundasse em proveito para a família, ou

que se apresentasse sob o aspecto de um noivo para qualquer um a das suas filhas.

Finalmente ela com eçou a voltar a si, a se m exer na cadeira; levantou-se, tornou

a sentar, abriu a boca, persignou-se:

— Meu Deus do céu! Deus me abençoe! Imagine! Ora essa! Mr. Darcy !
Quem

poderia supor? É verdade mesmo? Oh, minha querida Lizzy ! Com o você
será

rica e importante! Que mesadas, que jóias, que carruagens você terá! O

casamento de Jane não é nada em comparação com o seu! Estou tão feliz,
tão

contente! Um homem em tão encantador! Tão bonito! Tão alto! Oh, minha
querida

Lizzy ! Perdoe-me por ter antipatizado com ele no princípio! Espero que
ele me

perdoará. Minha querida Lizzy ... Uma casa em Londres! Tudo o que há de
melhor! Três filhas casadas! Dez mil libras por ano! Meu Deus do céu, que
será

de mim ? Vou ficar louca...

Essas exclamações eram suficientes para mostrar a Elizabeth que não
precisava

duvidar da aprovação de sua mãe. E congratulando-se por ser a única

testemunha daquela efusão, Elizabeth se retirou para o seu próprio quarto.
Três

minutos depois Mrs. Bennet apareceu.

— Minha querida filha — exclamou ela —, não posso pensar noutra coisa.
Dez

mil libras por ano e provavelmente mais! É como se fosse um lord! E
vocês se

casarão com uma licença especial. Faço questão de uma licença especial. Mas,

meu bem, diga-me qual é o prato que Mr. Darcy prefere. Eu o farei amanhã.

Isto era um triste prenúncio do que poderia ser o comportamento da sua mãe

para com o seu noivo. E Elizabeth descobriu que, em boca de posse do mais

caloroso dos afetos e tranquila quanto ao consentimento dos pais, havia ainda

alguma coisa a desejar. Mas o dia seguinte passou muito melhor do que tinha

esperado. Mrs. Bennet, por sorte, tinha tanto respeito por seu futuro genro, que só

se atreveu a lhe dirigir a palavra para lhe dizer alguma coisa ou manifestar a deferência que sentia pelas suas opiniões.

Elizabeth teve a satisfação de ver seu pai fazer esforços para entrar em comunicação com Darcy. Mr. Bennet lhe assegurou que a sua estima por ele

crescia a cada momento.

— Admiro altamente todos os meus três genros. Wickham, talvez, seja o meu

favorito, mas acho que acabarei gostando do seu marido tanto quanto do de Jane.

Sentindo-se tranquila, Elizabeth com efeito logo a agradecer. Pediu a Mr. Darcy que

explicasse com o que se tinha apaixonado por ela.

— Com o quê com efeito? — perguntou ela. — Posso compreender perfeitamente

que tenha continuado uma vez feito o primeiro passo, mas as que foi que o impulsionou?

— Não posso fixar a hora ou o lugar. Isto já foi há muito tempo. Eu já estava no

meio e ainda não sabia que tinha começado.

— Minha beleza você a tinha negado desde o princípio. E quanto às minhas

maneiras, meu comportamento para com você sempre beirou a falta de educação. E quase sempre, quando me dirigia a você, era com o intuito de feri-

lo. Agora seja sincero: foi por causa da minha impertinência que me admirei?

— Pela vivacidade da sua inteligência, sim.

— É melhor chamar logo de impertinência. Era pouco menos. O fato é que

estava farto de habilidades, deferências e atenções. Sentia-se enojado com as

mulheres que falavam, agiam e pensavam com o único fim de conquistá-lo.

Despertei a sua atenção porque era tão diferente delas. Se você não fosse
realmente bom, teria-me odiado. Mas apesar do trabalho que teve para
disfarçar

os seus sentimentos, estes sempre foram nobres e justos. E no seu coração
sempre desprezou as pessoas que o cortejavam tão assiduamente. Aí está:
já lhe

poupei o trabalho de uma explicação; e realmente, pensando bem, acho a
minha

hipótese muito razoável. Para falar a verdade, não conhecia nenhum a boa
qualidade em mim. Mas ninguém pensa nisto quando se apaixona.

— Então não havia bondade no que fez por Jane quando ela esteve doente
em

Netherfield?

— Jane é uma pessoa querida. Quem não teria feito outro tanto por ela?
Mas faça

disso uma virtude, se quiser; minhas boas qualidades estão sob a sua
proteção.

Pode exagerá-las quando quiser. Em troca cabe-me o direito de provocá-lo
e

discutir com você todas as vezes que me apetecer. E eu com certeza

imediatamente, perguntando por que é que à última hora se mostrou tão
indeciso.

Por que se mostrou tão tímido comigo por ocasião da sua primeira visita
e depois

quando j antou aqui? E especialm ente, por que a sua atitude era tão distante e fria?

— Porque você estava grave, silenciosa e não m e deu nenhum encoraj am ento.

— Mas eu estava em baraçada.

— E eu tam bém .

— Podia ter conversado com igo quando veio j antar.

— Um hom em m enos apaixonado o teria feito.

— É pena que encontre para tudo um a resposta razoável e que eu tenha o bom

senso de aceitá-la. Mas eu pergunto a m im m esm a quanto tem po teria levado

para se declarar se eu nada lhe tivesse perguntado. Minha resolução de lhe

agradecer a sua bondade para com Ly dia teve certam ente um grande efeito.

Receio que até m esm o dem asiado. Que será da m oral se o nosso entendim ento

for devido a um a quebra de prom essa? Já que eu não deveria ter m encionado o

assunto. Isto assim não está bem .

— Não precisa ficar preocupada. A m oral está salva. As inj ustificáveis tentativas

de Lady Catherine para nos separar foram um m eio de rem over todas as m inhas

dúvidas. Não é ao seu ávido desejo de exprimir a sua gratidão que devo a minha

atual felicidade. Eu não teria esperado. A comunhão de minha tia renovara as

minhas esperanças. Eu estava decidido a saber de tudo imediatamente.

— Lady Catherine nos foi de imensa utilidade. E isto devia torná-la feliz, pois ela

gosta de ser útil. Mas diga-me, por que veio a Netherfield? Foi apenas para passear em Longbourn e ficar em barbaço? Ou tinha intenções mais sérias?

— Meu fim real foi vê-la e verificar se eu poderia um dia ter a esperança de fazer com que me amasse. O motivo declarado ou pelo menos aquele que confessei a mim mesmo foi verificar se a sua irmã ainda gostava de Bingley e,

caso ainda gostasse, fazer ao meu amigo a confissão que mais tarde eu realmente lhe fiz.

— Você já mais terá coragem de anunciar a Lady Catherine o que nos espera?

— É mais fácil falar-me o tempo do que a coragem. Mas já que tem de ser

feito, dê-me uma folha de papel e escreverei imediatamente.

— E se eu não tivesse tempo para escrever, sentaria ao seu lado e admiraria a regularidade da sua caligrafia com o certo modo, um dia, já fez. Mas

eu tenho tam bém um a tia e estou em falta com ela.

Para não responder que seus tios tinham exagerado o seu interesse por Mr.

Darcy , Elizabeth ainda não respondera a carta de Mrs. Gardiner. Agora, porém ,

sabendo que ela receberia da m elhor m aneira possível a com unicação que tinha

a fazer, Elizabeth se sentia quase envergonhada ao refletir que seu tio e sua tia j á

tinham perdido três dias de felicidade, e im ediatam ente respondeu o seguinte:

Eu j á teria escrito antes, m inha querida tia, para lhe agradecer, com o devia, a

sua longa e boa carta, cheia de detalhes satisfatórios, se, para falar a verdade,

não estivesse aborrecida dem ais para escrever. A senhora supôs m ais do que

realm ente existia, m as agora suponha tanto quanto quiser. Solte as rédeas da sua

fantasia e entregue-se à sua im aginação, para os voos m ais arroj ados. E a não

ser que suponha que j á estou realm ente casada, não poderá errar m uito.

Escreva-m e novam ente m uito breve e faça a ele m uito m ais elogios do que na

sua últim a carta. Não m e canso de lhe agradecer por não m e ter levado aos

Lagos. Não sei como pude ter a tolice de desejar esse passeio. A sua ideia dos

pôneis é encantadora. Faremos a volta do parque todos os dias. Sou a criatura

mais feliz do mundo. Talvez outras pessoas já o tenham dito antes mas não com

tanta justiça. Sou mais feliz até do que Jane. Ela apenas sorri e eu rio. Mr. Darcy

lhe envia todo o amor que ainda lhe resta. Estão todos convidados para vir a

Pemberley pelo Natal. Sua, etc.

A carta de Mr. Darcy para Lady Catherine foi escrita em estilo diferente.

Diferente também de ambas foi a carta que Mr. Bennet escreveu para Mr.

Collins, em resposta à última daquele cavalheiro.

Caro senhor:

Venho incomodá-lo mais uma vez com participações. Elizabeth será em breve a

esposa de Mr. Darcy. Console Lady Catherine como puder. Mas se estivesse em

seu lugar, ficaria do lado do sobrinho. Ele tem mais a dar. Seu, sinceramente, etc.

Os parabéns que Miss Bingley mandou para o seu irmão pelo seu próximo o

casamento foram tudo o que havia de mais afetuoso e insincero. Ela escreveu até

para Jane, nesta ocasião, a fim de exprimir o seu contentamento e repetir todas

as suas anteriores declarações de estima. Jane não se iludiu, mas ficou tocada. E

em bora não tendo confiança nela, não pôde deixar de lhe escrever uma carta

muito mais amável e carinhosa do que ela sabia que a outra merecia.

A alegria que Miss Darcy exprimiu ao receber uma informação semelhante foi

tão sincera quanto a do seu irmão ao enviá-la. Quatro páginas de papel foram

insuficientes para conter toda a alegria que ela queria exprimir e o seu sincero

desejo de ser estimada pela sua futura irmã.

Antes de chegar qualquer resposta de Mr. Collins, ou parabéns de Charlotte para

Elizabeth, a família de Longbourn soube que os Collins em pessoa tinham chegado a Lucas Lodge. O motivo dessa súbita viagem tornou-se logo evidente.

Lady Catherine se tinha enfurecido de tal modo com a carta do seu sobrinho, que

Charlotte, que na realidade se alegrava com o casamento, ficou ansiosa para ir

em bora até que a tempestade passasse. Naquele momento a chegada da sua

am iga causou um sincero prazer a Elizabeth, m uito em bora, todas as vezes que

estivessem j untas, esse prazer tivesse de ser pago a alto preço, quando veria Mr.

Darcy exposto a todas as cortesias obsequiosas e pom posas de Mr. Collins. Darcy

no entanto suportou tudo aquilo com um a calm a adm irável. Ouviu até com

serenidade as palavras de Sir William Lucas, que o cum prim entou por ter conquistado a m ais bela j oia do país e exprim iu a esperança de que se encontrassem todos frequentem ente em St. Jam es. Se ele chegou a erguer os

om bros, foi só depois que Sir William Lucas lhe tinha voltado as costas.

A vulgaridade de Mrs. Philips foi outra sobrecarga para a sua paciência, talvez

ainda m aior do que as outras. Em bora Mrs. Philips, com o a sua irm ã, Mrs.

Bennet, se sentisse atem orizada diante de Darcy , que não tinha o bom hum or de

Bingley , todas as vezes que abria a boca, era só para dizer coisas vulgares.

Elizabeth fez tudo o que pôde para protegê-lo das frequentes atenções de am bas,

procurando guardá-lo para si m esm a e para as pessoas da sua fam ília com quem

ele podia conversar sem se sentir m ortificado. E em bora as contrariedades

resultantes de tudo isso estragassem muito o prazer do seu noivado, faziam Elizabeth pensar com maior satisfação no futuro, antecipando a vida confortável que teriam em Pemberley, longe daquela sociedade tão pouco agradável para ambos.

61

Grato para os seus sentimentos mais aternais foi o dia em que Mrs. Bennet se viu

livre de duas das suas mais queridas filhas. É fácil imaginar com que orgulho ela

visitava, mais tarde, Mrs. Bingley, e conversava com Mrs. Darcy. Eu desejaria

poder acrescentar, para bem da família, que a realização dos seus mais caros

desejos tivera o feliz efeito de torná-la uma mulher sensata, discreta e

interessante para o resto da sua vida. No entanto foi bom para o seu marido que

assim não acontecesse, pois talvez ele não tivesse apreciado uma felicidade doméstica tão excepcional. Mrs. Bennet continuou invariavelmente nervosa e

ocasionalmente tola.

Mr. Bennet sentiu grandemente a falta da sua segunda filha. A sua afeição por

ela foi um dos motivos que daí por diante mais o obrigaram a sair de casa. Ele

gostava muito de ir a Pemberley, principalmente quando não era esperado. Mr.

Bingley e Jane ficaram em Netherfield apenas mais um ano. Também

proximidade da sua mãe e dos seus conhecidos de Meryton não era desejável,

mesmo levando em conta o gênio fácil de Bingley e o coração afetuoso de Jane.

O grande desejo das irmãs de Bingley foi satisfeito: ele comprou uma

propriedade nas proximidades do Derbyshire. E em acréscimo a todas as suas

outras felicidades, Jane e Elizabeth tiveram a de residir a trinta milhas uma da

outra.

Kitty passava a maior parte do seu tempo com as duas irmãs mais velhas. E isto

foi de grande vantagem para ela. Num a sociedade tão superior à que ela tinha

conhecido, fez grandes progressos. Kitty não tinha um gênio tão rebelde quanto

Lydia. E longe da influência e do exemplo da irmã, graças a certos cuidados e

atenções, ela se tornou menos irritável, menos ignorante e menos insípida. A sua

família julgou dever preservá-la de qualquer nova influência da parte de Lydia.

E embora Mrs. Wickham frequentemente a convidasse para vir passar tempos

em sua casa, com promessas de bailes e de rapazes, seu pai já mais consentia que

ela fosse.

Mary foi a única filha que permaneceu em casa. E com o Mrs. Bennet não suportasse a solidão, ela foi de qualquer modo impedida de prosseguir no aperfeiçoamento dos seus talentos. Obrigada a frequentar mais assiduamente a

sociedade, continuou no entanto a tirar conclusões mais de cada visita que

fazia. E com o Mary não se mortificasse mais com as comparações entre a beleza das suas irmãs e a sua própria, seu pai desconfiou que ela aceitava sem

muita relutância essa alteração dos seus hábitos.

Quanto a Wickham e Lydia, o casamento pouco os alterou. Wickham se resignou

filosoficamente à convicção de que Elizabeth sabia agora de todas as suas ingratidões e mentiras. E, apesar de tudo isto, continuava a alimentar a esperança

de que ela um dia pudesse convencer Darcy a fazer a sua fortuna. A carta que

Elizabeth recebeu de Lydia por ocasião do seu casamento, lhe revelou que tal

esperança era acalentada pela mãe, senão pelo próprio marido. A carta dizia o

seguinte:

Minha querida Lizzy : desej o-lhe todas as felicidades possíveis. Se o seu amor por

Mr. Darcy é apenas metade do que o que eu sinto pelo meu marido Wickham ,

você deve ser muito feliz. É um grande consolo saber que você é tão rica. E

quando não tiver mais nada a fazer, espero que pensará em nós. Wickham

gostaria muito de ter uma situação na Justiça. Não creio que tenham os bastante

dinheiro para viver sem algum auxílio. Qualquer lugar de trezentas ou

quatrocentas libras por ano serviria. No entanto não fale sobre isto a Mr. Darcy ,

se prefere ficar calada. Sua, etc.

Como Elizabeth preferia muito ficar calada, procurou, na sua resposta, pôr um

termo a todos os pedidos desta natureza. No entanto ela lhes enviava tudo o que

podia economizar das suas despesas particulares. Sem pre lhe parecera evidente

que a renda que eles tinham , dirigida por pessoas tão extravagantes nos seus

desejos e tão descuidadas do futuro, seria insuficiente para o seu sustento. E

quando o casal mudava de residência, Jane ou Elizabeth podiam estar certas de

receber um pedido de auxílio, pois havia sempre contas a pagar. Sua maneira de

viver, mesmo quando possuíam uma casa, era a mais irregular possível. Estavam

continuamente mudando de lugar para lugar, em busca de uma situação

barata e gastavam sempre mais do que possuíam. A afeição de Wickham por

Lydia em breve se transformou em indiferença. A Lydia resistiu por mais

algum tempo. Apesar da sua mocidade e das suas maneiras ela conservou intacta

a reputação que o casamento lhe havia assegurado.

Embora Darcy nunca se pudesse resignar com a ideia de receber Wickham em

Pembury, no entanto, graças à interferência de Elizabeth, ele o ajudou na sua

carreira. Lydia os visitava, ocasionalmente, quando o seu marido tinha ido a

Londres ou a Bath, para se divertir.

Em casa dos Bingley, no entanto, eles se demoravam muito mais tempo, a ponto

de esgotar o bom humor de Bingley . Uma vez ele chegou a dizer que ia lançar

uma indireta para que eles fossem embora.

Miss Bingley ficou profundamente mortificada com o casamento de Darcy ; mas

com o qual julgava aconselhável conservar o direito de frequentar Pemberley , sufocou todos os seus ressentimentos. Continuou a gostar de Georgiana, com o

antes, mostrou-se quase tão atenciosa para com Darcy como antigamente, e

pagou com juros todas as cortesias que devia a Elizabeth.

Georgiana foi residir em Pemberley . A afeição das duas novas irmãs correspondeu a todas as expectativas de Darcy , e até mesmo às intenções das

duas moças. Georgiana tinha uma grande admiração por Elizabeth. A princípio

ouvira com assombro e um pouco de terror os gracejos e brincadeiras de

Elizabeth. O irmão sem pre lhe inspirara um respeito que quase sufocava a sua

afeição. Começou a saber de coisas que ignorava. Elizabeth lhe explicou que

uma esposa pode se permitir liberdades com o marido que um irmão nem sem pre poderia tolerar na sua irmã de dez anos mais moça do que ele.

Lady Catherine ficou extremamente indignada com o casamento do seu

sobrinho. Dando largas à franqueza que a caracterizava, ela enviou um a resposta

em termos tão violentos, especialmente contra Elizabeth, à carta de participação

do seu sobrinho, que durante algum tempo todas as relações foram cortadas. Mas

afinal, Elizabeth conseguiu que o marido perdoasse a ofensa e procurasse um a

reconciliação. Depois de alguma resistência, o ressentimento de Lady Catherine

cedeu, talvez diante da afeição que tinha pelo seu sobrinho ou da curiosidade de

ver com o a sua esposa se conduzia; e ela consentiu em ir visitá-los em

Pembury, apesar da ofensa que seus ilustres antepassados tinham recebido, não

somente pela presença de um a esposa de tão baixa extração, com o pelas visitas

dos seus tios de Londres.

Com os Gardiners eles ficaram sem tempo muito íntimos. Darcy, a

exemplo de Elizabeth, tinha a maior afeição por eles. E além disso nunca se

esqueceram da gratidão que deviam às pessoas por cujo intermédio eles tinham

reatado as suas relações, durante aquele passeio pelo Derbyshire.

Conheça outros títulos da Coleção Saraiva de Bolso

1. *Dom Casmurro*, Machado de Assis
2. *O príncipe*, Nicolau Maquiavel
3. *A arte da guerra*, Sun Tzu
4. *A república*, Platão
5. *Assassinato no Expresso do Oriente*, Agatha Christie
6. *Memórias de um sargento de milícias*, Manuel Antônio de Almeida
7. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis
8. *Discurso do método*, René Descartes
9. *O contrato social*, Jean-Jacques Rousseau
10. *Orgulho e preconceito*, Jane Austen
11. *Cai o pano*, Agatha Christie
12. *Seus trinta melhores contos*, Machado de Assis
13. *A náusea*, Jean-Paul Sartre
14. *Hamlet*, William Shakespeare
15. *O manifesto comunista*, Karl Marx
16. *Morte em Veneza*, Thomas Mann
17. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
18. *Orlando*, Virginia Woolf
19. *Ilíada*, Homero

20. *Odisseia*, Homero
21. *Os sertões*, Euclides da Cunha
22. *Antologia poética*, Fernando Pessoa
23. *A política*, Aristóteles
24. *Poliana*, Eleanor H. Porter
25. *Romeu e Julieta*, William Shakespeare
26. *Iracema*, José de Alencar
27. *Apologia de Sócrates*, Platão
28. *Como vejo o mundo*, Albert Einstein
29. *A consciência de Zeno*, Italo Svevo
30. *A vida como ela é*, Nelson Rodrigues
31. *Madame Bovary*, Gustave Flaubert
32. *O anticristo*, Friedrich Nietzsche
33. *Razão e sentimento*, Jane Austen
34. *Senhora*, José de Alencar
35. *O primeiro homem*, Albert Camus
36. *Kama Sutra*, Mallanaga Vatsyayana
37. *Esaú e Jacó*, Machado de Assis
38. *O profeta*, Khalil Gibran
39. *Dos delitos e das penas*, Cesare Beccaria

40. *Elogio da loucura*, Erasmo de Roterdã

Sumário

1

3

2

5

3

7

4

11

5

14

6

17

7

23

8

28

9

33

10

37

11

42

12

46

13

48

14

52

15

55

16

59

17

66

18

69

19

80

20

84

21

88

22

92

23

96

24

100

25

105

26

109

27

114

28

117

29

120

30

126

31

129

32

133

33

137

34

141

35

146

36

152

37

156

38

159

39

162

40

166

41

170

42

175

43

179

44

189

45

194

46

198

47

205

48

213

49

218

50

223

51

228

52

232

53

238

54

244

55

248

56

254

57

260

58

264

59

270

60

276

61

280

Conheça outros títulos

da Coleção Saraiva de 283

Bolso

Document Outline

- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)
- [7](#)
- [8](#)
- [9](#)
- [10](#)
- [11](#)
- [12](#)
- [13](#)
- [14](#)
- [15](#)
- [16](#)
- [17](#)
- [18](#)
- [19](#)
- [20](#)
- [21](#)
- [22](#)
- [23](#)
- [24](#)
- [25](#)
- [26](#)
- [27](#)
- [28](#)
- [29](#)
- [30](#)
- [31](#)
- [32](#)
- [33](#)

- [34](#)
- [35](#)
- [36](#)
- [37](#)
- [38](#)
- [39](#)
- [40](#)
- [41](#)
- [42](#)
- [43](#)
- [44](#)
- [45](#)
- [46](#)
- [47](#)
- [48](#)
- [49](#)
- [50](#)
- [51](#)
- [52](#)
- [53](#)
- [54](#)
- [55](#)
- [56](#)
- [57](#)
- [58](#)
- [59](#)
- [60](#)
- [61](#)
- [Conheça outros títulos da Coleção Saraiva de Bolso](#)